

MESTRADO EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIO  
RAMO A: ESTUDOS LOCAIS E REGIONAIS – CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS

# **Vilarinho das Cambas: História e Memória de uma Comunidade Paroquial**

Diogo Fernando Cardoso Queirós

**M**

2023



Diogo Fernando Cardoso Queirós

**Vilarinho das Cambas:  
História e Memória de uma Comunidade Paroquial**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património, orientada pelo  
Professor Doutor Hugo Ribeiro da Silva e pelo Professor Doutor João Carlos Garcia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2023

*para honra, glória e louvor do Divino Salvador.*

# Sumário

Declaração de honra .....	7
Agradecimentos .....	8
Resumo.....	10
Abstract .....	11
Índice de Figuras .....	12
Lista de abreviaturas e siglas.....	13
<b>Introdução</b> .....	14
<b>Capítulo 1 – A Freguesia de Vilarinho das Cambas</b> .....	19
1.1. As Primeiras Referências a Vilarinho das Cambas.....	21
1.2. A Organização do Espaço da Alta Idade Média ao século XVI.....	22
1.3. A Influência Monástica na Área em Estudo.....	25
1.4. O Topónimo Vilarinho das Cambas .....	28
<b>Capítulo 2 – O(s) Espaço(s) de Culto de Vilarinho das Cambas</b> .....	31
2.1. Uma Igreja Românica em Vilarinho das Cambas? .....	31
2.2. A Igreja Paroquial e o Tombo de 1547 .....	35
2.3. A Igreja Paroquial até aos Anos 1950.....	37
<b>Capítulo 3 – As Devoções da Paróquia de Vilarinho das Cambas</b> .....	46
3.1. O Orago e as Devoções Locais .....	46
3.2. Os Cercos de São Sebastião.....	54
3.3. Vilarinho das Cambas como Sede de Clamor ou Festividade?.....	56
3.4. O Culto Local às Almas.....	59
<b>Capítulo 4 – A Nova Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas</b> .....	61
4.1. As Obras Paroquiais da Área em Estudo no Século XX.....	61
4.2. O Primeiro Projeto da Nova Igreja Paroquial .....	69
4.3. Resistências à Demolição da Igreja .....	71
4.4. O Decorrer das Obras e a Mudança de Pároco .....	79
4.5. A Inauguração da Igreja.....	95
4.6. A Classificação da Igreja, já depois de demolida .....	96
<b>Capítulo 5 – Vilarinho das Cambas entre História e Memória</b> .....	100
<b>Considerações Finais</b> .....	111
Referências Bibliográficas .....	117

<b>Anexos</b> .....	136
Anexo 1 – <i>Sancto Salvator de Vilarino</i>   Censual do Bispo D. Pedro .....	137
Anexo 2 – <i>Sancti Salvatoris de Vilarino das Cambas</i>   Inquirições de 1258 .....	138
Anexo 3 – <i>S. Salvatore de Vilarino</i>   Inquirições de D. Dinis .....	139
Anexo 4 – <i>Sam Salvador de Vilarinho</i>   Inquirições de D. Afonso IV .....	140
Anexo 5 – <i>Estampa n.º 57</i>   Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.....	142
Anexo 6 – Planta da Antiga Residência Paroquial de Vilarinho das Cambas .....	143
Anexo 7 – Alçado nascente da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas .....	144
Anexo 8 – Alçado sul da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas .....	145
Anexo 9 – Planta da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas.....	146
Anexo 10 – Alçado norte da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas .....	147
Anexo 11 – Pormenor do teto da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas.....	148
Anexo 12 – Interior da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas.....	149
Anexo 13 – Fachada da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas.....	150
Anexo 14 – Auto de São João de Vilarinho das Cambas .....	151
Anexo 15 – Textos do Auto de São João de Vilarinho das Cambas.....	152
Anexo 16 – Programa Festivo do SS. Sacramento de Vilarinho das Cambas (1967) .....	166
Anexo 17 – Antiga Igreja Paroquial de Santa Marinha de Lousado (1917).....	167
Anexo 18 – Antiga Capela de Santo António, Vila Nova de Famalicão .....	168
Anexo 19 – Antiga Igreja do Divino Salvador de Delães (1955) .....	169
Anexo 20 – Antiga Igreja de São Félix e Santa Marinha de Gondifelos .....	170
Anexo 21 – Pormenor da Antiga Igreja de São Miguel de Jesufrei .....	171
Anexo 22 – Antiga Igreja do Divino Salvador de Joane.....	172
Anexo 23 – Antiga Capela de São Miguel, Calendário (1957).....	173
Anexo 24 – Antiga Igreja do Divino Salvador de Minhotães.....	174
Anexo 25 – Primeiro Projeto para a Igreja de Vilarinho das Cambas .....	175
Anexo 26 – Igreja de Vilarinho das Cambas (1956).....	180
Anexo 27 – Altar-Mor da Igreja de Vilarinho das Cambas, pré Concílio Vaticano II .....	181
Anexo 28 – Altar-Mor da Igreja de Vilarinho das Cambas (anos 1960) .....	182
Anexo 29 – Altar Lateral de Nossa Senhora da Paz (1998) .....	183
Anexo 30 – Altar Lateral de Nossa Senhora de Fátima (1998).....	184
Anexo 31 – Procissão da Sra. do Perpétuo Socorro, na sua chegada à Paróquia (1962) .....	185

Anexo 32 – Panorama do Interior da Igreja de Vilarinho das Cambas (1963) .....	186
Anexo 33 – Igreja de Vilarinho das Cambas na altura da sua inauguração .....	187
<b>Apêndices</b> .....	188
Apêndice 1 – População da freguesia de Vilarinho das Cambas.....	189
Apêndice 2 – Estudo Toponímico de Vilarinho das Cambas .....	190
Apêndice 3 – Capela de Santa Catarina, Vila do Conde .....	194
Apêndice 4 – Pedra com inscrição   1713.....	195
Apêndice 5 – Estandarte da Confraria do Sagrado Coração de Jesus.....	196
Apêndice 6 – Capela do Santo do Monte, Louro .....	197
Apêndice 7 – São Marçal, Esmeriz .....	200
Apêndice 8 – Capela de Santa Ana, Ribeirão .....	201
Apêndice 9 – Mártir São Sebastião, Vilarinho das Cambas.....	203
Apêndice 10 – Obras Paroquias da área de Vila Nova de Famalicão e arredores .....	204
Apêndice 11 – As Obras Paroquias da área (anos 1970-1990) .....	223
Apêndice 12 – Orçamento do Altar-Mor com aproveitamento da talha (1959) .....	232
Apêndice 13 – Primitivo Projeto para o Altar-Mor (1959).....	233
Apêndice 14 – Projeto para o Altar-Mor (1959) .....	235
Apêndice 15 – Reportagens sobre os Peditórios (1959).....	236
Apêndice 16 – Reportagens sobre a Inauguração da Igreja (1963) .....	240
Apêndice 17 – Documento Paroquial sobre os Sinos .....	249
Apêndice 18 – Parecer do Pároco relativamente à Classificação da Igreja .....	252
Apêndice 19 – Questionário-Tipo que serviu de base às entrevistas .....	254

## **Declaração de honra**

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Vilarinho das Cambas, setembro de 2023

Diogo Fernando Cardoso Queirós

## **Agradecimentos**

Agradeço à minha mãe, pela ajuda constante, pela esperança que em mim deposita todos os dias, pela calma que me transmite, pelo apoio que me dá e, sobretudo, por ter sido a principal companheira desta viagem por entre a história desta freguesia.

Ao apoio da Carla que se fez presente durante todo este período, pelo companheirismo sincero e pelo mútuo bem-querer que nos une. Ao Tiago por me inspirar a dar sempre o melhor de mim, na esperança de podermos continuar – sempre – a ver-nos conquistar o mundo, passo a passo.

À minha família por ter sido o meu suporte, em especial ao avô que, desde sempre, me ensinou que não podemos partir à descoberta do mundo sem antes conhecermos a nossa própria casa. Muito do que aqui está é sinal de que as histórias que sempre me contou deram frutos, muitos deles aqui compilados e (re)contados na perspetiva histórica, patrimonial e até comunitária. A ti, avô, que certamente ficarás orgulho de ver que o teu «artista» ultrapassa esta etapa com a certeza de que foste a maior inspiração para que nesta narrativa possamos dar a conhecer este lindo vale a que chamamos de Vilarinho.

Aos professores orientadores, pela sua disponibilidade, pelo interesse, pelo auxílio, pela paciência e pelos incentivos prestados ao longo destes meses, principalmente na reta final. Ao pároco da freguesia de Vilarinho das Cambas, por se revelar sempre prestável e conselheiro em todos os momentos em que decorreu este estudo. Uma mensagem de agradecimento também aos restantes párocos e autarquias, com quem entrei em contacto no longo processo da busca de informação; e mesmo aqueles que nunca chegaram a responder-me, o meu obrigado. Permitam-me apenas destacar aqui aqueles que me souberam abrir a porta de forma incentivadora, em particular ao Arcipreste de Vila Nova de Famalicão e ao Deão da Sé de Braga.

Aos profissionais dos espaços de consulta – bibliotecas e arquivos – por me darem a conhecer monografias e enciclopédias, artigos e manuscritos, fotografias e jornais que tanto serviram de inspiração ao desenvolvimento deste projeto, em especial à funcionária do SIPA que tão bem me elucidou acerca da forma de como se processavam,

em meados do século XX, as classificações dos imóveis e ao geógrafo do Município de Famalicão por me esclarecer a evolução dos limites territoriais da freguesia em análise. Ao meu primo, Hélder Marques, pela elaboração dos alçados da antiga igreja de Vilarinho das Cambas e que tanto auxiliam à conceção da perceção deste espaço paroquial perdido.

Por fim, e um agradecimento muito especial em espécie de dedicatória, a todos os vilarinhenses, de um modo particular aos entrevistados e àqueles que contribuíram mais diretamente para que o contar das histórias, lendas e tradições da sua terra fosse aqui compilado. A vós, que contam e recontam aquilo que vivestes e que vos foi contado, o meu muito obrigado!

## **Resumo**

Vilarinho das Cambas, uma freguesia do concelho de Vila Nova de Famalicão, viu, no século passado, a sua antiga igreja paroquial ser demolida para no seu preciso lugar ser edificada uma nova. Foram nove anos de sacrifício comunitário em prol da concretização daquela obra, que terminou com a sua bênção solene no dia 11 de agosto de 1963; o que faz com que – este ano – este acontecimento complete 60 anos. Mas há uma história por detrás desta obra! Ao longo desta investigação será apresentada a evolução histórica, cultural e devocional desta freguesia, com tópicos que passam pela possível existência de um mosteiro e pela evolução dos edifícios paroquiais que serviram Vilarinho das Cambas. Será dado destaque à forma de como se procederam as obras paroquiais no século XX que culminaram, espante-se, com a classificação da antiga igreja – demolida pouco antes – como imóvel de interesse concelhio.

Este projeto, apesar de se focar na história de Vilarinho das Cambas, abre portas a investigações futuras, como haverá ocasião de expor, principalmente sobre algumas das freguesias do concelho de Vila Nova de Famalicão e arredores, uma vez que, ao longo deste estudo, vão sendo apresentados os troncos comuns das comunidades e respetiva troca de influências, seja a nível arquitetónico, cultural ou tradicional.

**Palavras-chave:** Paróquia; Tradição; Património; História; Memória.

## **Abstract**

Vilarinho das Cambas, a parish in the municipality of Vila Nova de Famalicão, saw, in the last century, its old parish church being demolished to build a new one in its place. There were nine years of community sacrifice for the accomplishment of that work that would end with its solemn blessing on August 11, 1963, which makes with that – this year – this church completes 60 years of existence. But there is a story behind this work! Throughout this research the historical, cultural, and devotional evolution of this parish will be presented, with topics that go through the possible existence of a monastery and the history of the old church(s) that served Vilarinho das Cambas. Emphasis will be given to how the parish works were done in the 20th century, who culminating, amazingly, with the classification of the old church, demolished a short time before, as property of local interest.

It is this project that, despite focusing on the history of Vilarinho das Cambas, opens doors to future researches, as will be exposed, mainly of the parishes of Vila Nova de Famalicão and its surroundings, since throughout the project, the common roots of the communities and their respective exchange of influences will be presented, whether at the architectural, cultural, or traditional level.

**Key-words:** Parish; Tradition; Heritage; History; Memory

## Índice de Figuras

FIGURA 1 – MAPA DO CONCELHO DE VILA NOVA DE FAMALICÃO, ANTES DA REFORMA ADMINISTRATIVA DE 2013.....	19
FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS.....	36
FIGURA 3 – ANTIGA IGREJA PAROQUIAL DO DIVINO SALVADOR DE VILARINHO DAS CAMBAS.....	38
FIGURA 4 – INTERIOR DA ANTIGA IGREJA PAROQUIAL DO DIVINO SALVADOR DE VILARINHO DAS CAMBAS.....	40
FIGURA 5 – ALÇADOS DA ANTIGA IGREJA PAROQUIAL DO DIVINO SALVADOR DE VILARINHO DAS CAMBAS.....	45
FIGURA 6 – FESTA DE SÃO JOÃO BAPTISTA, EM VILARINHO DAS CAMBAS.....	58
FIGURA 7 – IGREJA PAROQUIAL DO DIVINO SALVADOR DE VILARINHO DAS CAMBAS. ....	99

## Lista de abreviaturas e siglas

AAB.....	ARQUIVO ARQUIDIOCESANO DE BRAGA
ABDMF.....	ARQUIVO E BIBLIOTECA DIGITAL DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS
ADB.....	ARQUIVO DISTRITAL DE BRAGA
ANTT.....	ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO
APDSVC.....	ARQUIVO PAROQUIAL DO DIVINO SALVADOR DE VILARINHO DAS CAMBAS
ASGEC.....	ARQUIVO DA SECRETARIA-GERAL DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA
DGEMN.....	DIREÇÃO-GERAL DOS EDIFÍCIOS E MONUMENTOS NACIONAIS
DGPC.....	DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL
F.....	FÓLIO
FF.....	FÓLIOS
INE.....	INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
P.....	PÁGINA
PE.....	PADRE
PP.....	PÁGINAS
SIPA.....	SISTEMA DE INFORMAÇÃO PARA O PATRIMÓNIO ARQUITETÓNICO

## Introdução

Vilarinho das Cambas é uma das paróquias do arcebispo de Vila Nova de Famalicão, arquidiocese de Braga. Os montes e florestas que a envolvem e marcam grande parte da sua delimitação territorial, associados às atividades do setor primário que sempre a caracterizaram, induzem os motivos para que seja conhecida, localmente, como «o pulmão de Famalicão». É limitada a nascente por uma estrada nacional, e atravessada por uma outra, o que muito contribuiu para que a indústria nela se tenha desenvolvido. Trata-se, aliás, de uma das maiores áreas industriais consolidadas do concelho de Famalicão.

Situada na parte sul do município, esta localidade tem como ponto obrigatório de passagem a sua igreja paroquial, não só pelo facto de ser à sua volta e no seu adro que se desenvolvem as atividades culturais, festivas e, claro está, cultuais da freguesia, mas principalmente pela relação afetiva que com ela estabelece a comunidade que, há mais de meio século, uniu esforços para a sua edificação. Mas que história terá este edifício? Por que razão terá desaparecido a sua antiga igreja paroquial? Quais as tradições desta terra e de que forma têm perdurado no tempo? Estas são algumas das questões que serão debatidas ao longo deste trabalho, no sentido da análise histórica desta comunidade.

Este estudo é motivado por uma série de fatores, de entre os quais se destaca o facto de eu próprio ser residente nesta freguesia e, desde a infância, ter ouvido contar episódios, lendas e tradições que, passando geracionalmente, chegaram também a mim. Assim, tentei compilar o máximo de informação possível relativamente à freguesia de Vilarinho das Cambas, com especial enfoque nas obras paroquiais que a sede paroquial sofreu no século XX e que, por sua vez, resultaram na construção de um novo templo em meados da centúria passada. 2023 é um ano importante na freguesia, pois celebra-se o 60º aniversário da inauguração dessa nova igreja paroquial.

Para que toda esta investigação se desenvolvesse, foi necessária uma exaustiva pesquisa em diversos arquivos – municipais, distritais, diocesanos e paroquiais –, com enfoque não só na comunidade de Vilarinho das Cambas, como também nas suas envolventes,

em particular do concelho de Vila Nova de Famalicão, mas também da Trofa, Santo Tirso, Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Barcelos, Braga e Guimarães. Recorreu-se ainda ao que já foi publicado sobre a história de algumas das freguesias da região em estudo, desde artigos a monografias. O objetivo foi, desde logo, identificar outras fontes de informação (algumas delas primárias) que permitissem aprofundar os tópicos de análise. Assim, partiu-se de obras de referência como a *Corografia Portuguesa*, o *Santuário Mariano* ou o *Portugal Antigo e Moderno*, cruzando as informações aí recolhidas com outras que iam sendo encontradas, por exemplo, nas memórias paroquiais de 1758.

Quanto às memórias paroquiais, de sublinhar algumas limitações da que se refere a Vilarinho das Cambas. Por exemplo, quanto à toponímia local, o manuscrito garante que na paróquia só existiam, em 1758, dois lugares: o da Igreja e o do Barrinho. Mas se cruzarmos as informações com, por exemplo, os registos de batismo da mesma época, apercebemo-nos da existência de grande parte dos lugares que ainda sobrevivem na toponímia local, tais como Pena, Pombarinho, Bouça, Outeiro ou Espido. Outro elemento taxativo da memória paroquial é apontado no sentido da descrição dos cultos que na igreja se faziam sentir, uma vez que refere, meramente, os titulares dos altares-mor e laterais, não explorando se, efetivamente, existiam outras devoções.

Na referida memória paroquial não são mencionadas as festividades em honra de São João Baptista, nem tampouco o auto popular que lhe está associado. O semanário local *Notícias de Famalicão* garante, em 1956, que esta tradição está relacionada com Vilarinho das Cambas, desde 1726<sup>1</sup>. Contudo, apesar de ser uma data tão específica, não foi possível encontrar qualquer fonte que o ateste, nem quaisquer referências escritas para data tão recuada. Talvez futuros possam dar resposta quanto ao surgimento desta tradição e a forma de como poderá ter chegado a Vilarinho das Cambas.

Mas se parece que a memória paroquial de 1758 é parca em informações, o mesmo parece não ocorrer em 1886, aquando da publicação do volume XI do *Portugal Antigo e Moderno*. É certo que, aos olhos da investigação histórica, o trabalho de Pinho Leal levanta alguns problemas e apresenta, não raras vezes, várias imprecisões. No entanto,

---

<sup>1</sup> *Notícias de Famalicão*, 15 de junho de 1956, p. 2.

as informações relacionadas com a freguesia em análise estão atribuídas a Joaquim Azuaga “digníssimo director da estação de Villa Nova de Famalicão na linha férrea do Minho e redactor principal da *Alvorada*, interessante jornal litterario que se publica na mencionada villa, agradeço os apontamentos que se dignou enviar-me” (Pinho Leal, 1886, p. 1338), o que permite, pelo menos, conhecer em que se fundamentou para escrever sobre Vilarinho. Dada a menção ao jornal *Alvorada* e às informações que o seu diretor disponibilizou em prol da história da freguesia, foram analisados a totalidade dos números que compuseram o aludido jornal literário, no sentido de perceber se, em algum momento, existiu a publicação de alguma resenha histórica sobre a freguesia. Mas nada foi encontrado.

Merece também particular destaque o arquivo paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas. A análise do *Livro de Usos e Costumes*, manuscrito datado de 1707, e de outros documentos avulsos que aí foram encontrados, auxiliam à compreensão da evolução da comunidade em estudo. Destaque-se dois inventários, balizados entre os finais do século XIX e inícios do século XX, e as diversas faturas e orçamentos na aquisição de bens materiais para a edificação da nova igreja paroquial. No mesmo sentido, e para uma análise dos topónimos e a forma de como foram evoluindo, foram estudados os todos os róis da desobriga paroquial, balizados entre 1877 e 1950, bem como os assentos de batismo, desta feita entre os anos 1678 e 1911, e tombos paroquiais, disponíveis no Arquivo Distrital de Braga.

Porém, nem toda a investigação arquivística foi coroada de sucesso, pois o arquivo municipal de Vila Nova de Famalicão não dispõe de muita informação relativamente à freguesia que nos propusemos investigar, nem tampouco os arquivos do antigo Governo Civil de Braga revelaram dados sobre a paróquia e as suas obras. Outra limitação que condicionou a evolução desta investigação foi a parca documentação disponível em alguns dos arquivos paroquiais circundantes à comunidade de Vilarinho. Consequentemente, a possibilidade de estabelecer comparações históricas, culturais e devocionais entre as paróquias (até porque certamente influenciavam-se mutuamente) não aparecerá muito desenvolvida nesta dissertação.

Também a imprensa local foi fundamental para a elaboração deste trabalho. Para isso, realizou-se uma pesquisa exaustiva em todos os números dos semanários de Vila Nova de Famalicão, desde o início do século XX até ao ano de 1987, com destaque para o *Notícias de Famalicão* e *Jornal de Famalicão*, consultados na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco e, alguns dos números, na Biblioteca Pública Municipal do Porto. Muitas das reportagens possuem um cariz opinativo e pessoal, caracterizados por um discurso direto e até mesmo incentivador quando se trata de descrever a forma como iam decorrendo as obras na igreja paroquial de Vilarinho das Cambas e sua envolvente, com destaque também para o desenvolvimento das redes viárias. Mas não só, pois foram dezenas as freguesias que, ao longo do século XX, desenvolveram obras nas suas igrejas matrizes e capelas.

Também foi utilizada como fonte de informação o testemunho de alguns vilarinhenses, cujos depoimentos auxiliaram na perceção de como a comunidade foi vivendo o período das obras da igreja. Para salvaguarda dos mesmos, foram assinados termos de consentimento livre e esclarecido, o que perfaz com que a exposição dos seus testemunhos esteja presente, mas de forma anónima.

Chamar igualmente a atenção para as notas de rodapé que oferecem mais pormenores sobre alguns dos tópicos que vão sendo apresentados ao longo do texto, bem como uma ressalva para a leitura e análise dos respetivos apêndices, aos quais foram remetidas diversas informações sobre as comunidades vizinhas, cuja presença no corpo de texto poderia condicionar e/ou desviar-se do objetivo principal desta dissertação. Mas dada a importância destas informações que auxiliam na perceção de várias das questões levantadas, fica aqui a menção ao seu interesse.

Iniciar-se-á este trabalho com as informações mais recuadas que se conseguiram encontrar referentes à paróquia, procurando perceber de que forma a mesma foi evoluindo, descrevendo um pouco da sua toponímia local, a sua rede hidrográfica e, de forma breve, as primitivas referências cenobítico-monásticas da área de Vila Nova de Famalicão, onde se insere uma tradição local que defende que, em tempos recuados, terá existido um mosteiro em Vilarinho das Cambas, abandonado em prol de São Simão da Junqueira.

No segundo capítulo analisar-se-ão as informações relativamente a uma possível igreja românica que terá existido nas proximidades da atual, mas que da qual não restam vestígios e, de seguida, uma história da antiga igreja, demolida em meados do século passado e que deu lugar à atual.

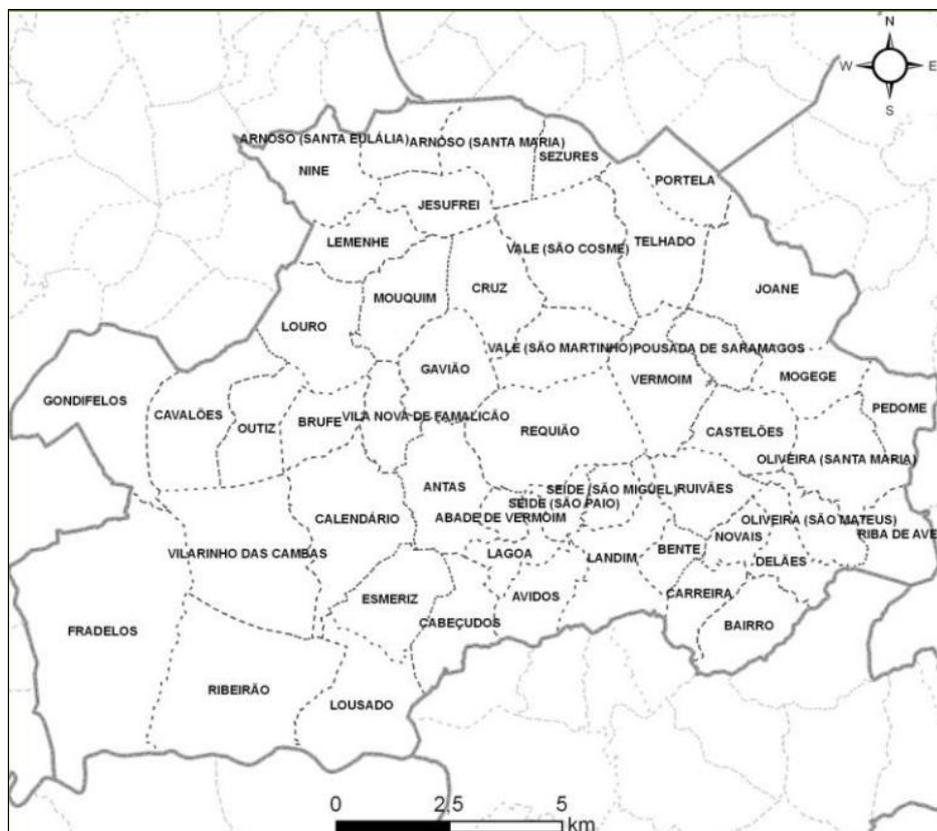
No terceiro capítulo serão apresentados os cultos que nesta comunidade se fizeram e fazem sentir, cujas marcas identitárias tanto se assemelham às paróquias circunvizinhas e até mesmo à região minhota e que, no fundo, estabeleceram a ponte entre a história da antiga igreja e da atual. Até porque, percebamos, os edifícios até podem ter sido alterados, destruídos e construídos, mas a essência devocional da comunidade foi, como noutras, permanecendo.

Segue-se depois, no quarto capítulo, a investigação histórica sobre construção da nova, e atual, igreja paroquial de Vilarinho das Cambas, cujo almejo de edificação datará – sensivelmente – de 1945, apesar de as obras só se terem iniciado em 1954, culminando em 1963, com a sua sagração no dia 11 de agosto. Antes das obras se iniciarem, houve tentativas de classificação do imóvel, no esforço de se preservar o antigo edifício paroquial numa espécie de rixa entre a autarquia local e o pároco confiado à comunidade. Procurar-se-á, assim, tentar perceber as motivações da obra, o processo classificativo e, claro está, a evolução da mesma que demorou mais de nove anos a ficar concluída.

O quinto capítulo deste trabalho recupera alguns dos temas tratados nos capítulos anteriores, mas desta vez através da memória de alguns habitantes locais. Apresentar-se-ão algumas das tradições, começando por aquela que é talvez a mais importante “memória coletiva”, e que recorda a possível existência de um mosteiro em Vilarinho das Cambas. De seguida, serão apresentadas as perspetivas de alguns paroquianos que, com memória-viva do período das obras do século XX, partilharam a sua opinião sobre a forma de como a comunidade de Vilarinho viveu este período de instabilidade social e económica com as atenções voltadas, na sua maioria, para o desejo de ver concluída a sua sede paroquial.

## Capítulo 1 – A Freguesia de Vilarinho das Cambas

A atual freguesia de Vilarinho das Cambas está localizada a cerca de 5 km da cidade de Vila Nova de Famalicão, sede do concelho, encontrando-se delimitada pelas freguesias de Gondifelos, Cavalões, Outiz, Brufe, Calendário, Ribeirão e Fradelos, e até 2002, também pelas de Esmeriz e Lousado, enquadrada na compacta malha administrativa do noroeste de Portugal, herança direta da densa rede paroquial existente desde a Idade Média (Figura 1).



**Figura 1** – Mapa do Concelho de Vila Nova de Famalicão, antes da reforma administrativa de 2013  
Fonte: Município de Vila Nova de Famalicão

Esta freguesia, que tinha 1485 habitantes em 2021<sup>2</sup>, possui cerca de 9,5 km<sup>2</sup>, o que a torna na terceira maior freguesia, em área, do município; porém, o seu povoamento é

---

<sup>2</sup> Veja-se uma tabela que sintetiza a evolução demográfica desta freguesia, remetida a Apêndice 1.

extremamente disperso e a sua densidade populacional de 156 hab./km<sup>2</sup>. Associa-se esta dispersão populacional à topografia acidentada, ao clima de forte influência atlântica e aos solos férteis, na bacia do rio Ave, e ao facto de existirem muitas explorações agrícolas de pequena dimensão espalhadas por toda a freguesia. Apesar dos pequenos lugares se repartirem pelo espaço, a população acaba por se concentrar em torno de alguns núcleos, principalmente em lugares como Barrinho, Barranhas ou Monte, assim como Pombarinho e Meães, espaços habitacionais mais recentes, ligados aos setores secundário e, sobretudo, terciário, e não tanto às atividades agrícolas tradicionais.

Relativamente à rede hidrográfica, destacam-se os pequenos cursos de água, Veirão e Ribeira de Beleco, seu afluente, que nascendo na freguesia, se cruzam nas proximidades do lugar da Junqueira, desaguando no rio Ave, já na vizinha freguesia de Ribeirão, topónimo que recorda o rio que atravessa essa freguesia de norte a sul. Diz-se na memória paroquial que lhe corresponde, em 1758:

“Tem hum ribeyro que nascendo na freguezia do Salvador de Villarinho de Cambas, que dista desta meya legoa corre de Norte a Sul, por entre dous Belecós, e meyo da freguezia se sepulta no rio Ave, pouco acima donde andam as barcas de passagem na estrada de Braga e Porto. Cria trutas, escallos e enguias<sup>3</sup>”.

Ao longo do curso do rio Veirão existem várias azenhas, no entanto, a maior parte delas encontram-se totalmente arruinadas, com os açudes, cambas e levadas destruídos. Acredita-se que seja a presença destes moinhos que dá nome à freguesia de Vilarinho, porque se denominavam «cambas» os antigos e pequenos moinhos que trituravam os cereais, cuja farinha era utilizada para o fabrico do pão. Paralelamente, há quem afirme que a origem do topónimo possa estar relacionada com as rodas dos carros agrícolas, dado que “camba” era também o nome atribuído a cada uma das peças curvas que, em união, formavam as rodas dos carros de bois.

---

<sup>3</sup> ANTT, Dicionário Geográfico, Ribeirão, Vermoim, vol. 32, n.º 106, f. 630.

## 1.1. As Primeiras Referências a Vilarinho das Cambas

No espaço que atualmente corresponde à freguesia de Vilarinho das Cambas, não são conhecidos vestígios arqueológicos que ajudem a balizar cronologicamente o período em que este espaço começou a ser habitado. No entanto, destaca-se o topónimo Pedra d’Anta, cuja localização atual não é segura, mas que aparece referido ao longo dos séculos nas corografias e tombos paroquiais, com particular destaque para o de 1547 – onde se encontra a mais antiga referência conhecida –, de onde se deduz que a sua presença marcava a fronteira entre as Paróquias de São Salvador de Vilarinho das Cambas, e a de São Miguel de Custóias, anexa (mais tarde) à de São Julião do Calendário.

“he parrochia e tem freiguisia limitada demarcada da maneira seguinte a saber começa ao Monte de Pedornello e dali a pedra danta e pellas travessas e dali vai ao outeiro de corvos per estes marcos e limites par com a freiguisia de sãmiguell De Costoias e dali bai limitando com Sam Giam desta maneira a saber pello dito outeiro de corvos per cima das fontainhas e dahi a fonte cova e dahi ao soveiro de gemundi e dahi por diante parte com samiguell de Gemunde e vai ter ao soveiro de Gemunde pollo carreiro das egoas por cima da fonte dos asnos e dali ao seixo branquo que estaa antre montesinhos e espidio e dali a vela do sisto de receme (sic) e dali pella comeeira ao fojo dagrela e dali pera cima de lestido (sic) e dali pera cima da comeeira de goteija e dali a Cruz que esta abaixo da vesada ancha e dali ao outeiro seixo branquo que parte com Ribeirão e dali polo sisto de beleco e dali torna ao dito pedornelo honde começou e isto tudo Auguoas Vertentes pera Sam Salvador de Villarinho” (ADB, *Tombo da Igreja do Salvador de Villarinho das Cambas*, 1547, f. 14).

Este topónimo terá sobrevivido até aos finais do século XIX, dado que alguns documentos do rol da desobriga paroquial, o elencam até 1895. No entanto, e pelo que foi apurado, é totalmente desconhecida a sua atual localização<sup>4</sup>. Esta pode deduzir-se pelas informações do Tombo do século XVI: seria nas proximidades do Castro de São Miguel-o-Anjo, sito no alto do Monte de Custóias, outrora sede paroquial independente e atualmente apenas reconhecido por Monte de São Miguel-o-Anjo, espaço que

---

<sup>4</sup> Há topónimos semelhantes em freguesias vizinhas. Por exemplo, na freguesia de Cavalões existe o lugar da Anta ou então na freguesia de São Tiago d’Antas, um nome herdado dos monumentos megalíticos que neste espaço existiam.

confrontava territorialmente com Vilarinho. E igualmente se alude ao facto do vale onde esta freguesia de Vilarinho das Cambas se encaixa, estar geograficamente delimitado não só pelo Castro de São Miguel, mas também pelo Castro do Facho e pelo de Penices, “cuja implantação terá obedecido prioritariamente a critérios estratégicos de defesa” (Silva, 2007, p. 15). Nas suas proximidades, podem ainda destacar-se pontos estratégicos como a Cidade de Bagunte ou os Castros de Ferreiró e Santagões, já no vizinho concelho de Vila do Conde, ou o Castro de Alvarelhos, no município da Trofa<sup>5</sup>. Por estas informações pode-se comprovar que a ocupação humana do território em estudo se iniciou nos últimos séculos antes de Cristo.

## **1.2. A Organização do Espaço da Alta Idade Média ao século XVI**

A Península Ibérica começou a ser cristianizada bastante cedo, talvez ainda no século I da Era Cristã; isto porque a primeira referência cristã a esse espaço é dada pelo próprio São Paulo que, numa das suas cartas, menciona a vontade de o visitar (Rom 15, 24-28). Porém, as tradições ibéricas atribuem a São Tiago a cristianização da então Hispânia, com factos de carácter lendário e onde entram, por exemplo, personagens como São Pedro de Rates, aquele que se acredita ter sido um discípulo do Apóstolo, eleito primitivo prelado bracarense pelas mãos do mesmo e mártir do primeiro século. Aqui não se procura analisar a veracidade das tradições jacobeanas e toda a envolvência miraculosa da ação missionária no território, nem tampouco o enraizamento evidente da devoção em seu torno, cujo núcleo se desenvolveu a partir do século IX, com a (re)descoberta do seu túmulo, em Compostela. O certo é que as primitivas referências, historicamente documentadas, que comprovam a existência de cristãos na Hispânia datam somente do século III, no período das perseguições do Imperador Décio (201-251).

---

<sup>5</sup> Dado que a freguesia de Vilarinho das Cambas se encontra no sul do concelho, elencaram-se aqueles castros que, embora não pertençam administrativamente ao município famalicense, possam estar mais próximos. No concelho de Famalicão existem mais castros, cujos estudos arqueológicos recentes têm posto à vista um sem-fim de elementos que ajudam a caracterizar as primitivas comunidades que viveram no território, destacando-se os de Santa Cristina (Requião), de Santa Tecla [Oliveira (Santa Maria)], das Ermidas (Jesufrei) ou o Campo Arqueológico de Perrelos (Delães).

“Primitivamente, antes do século IV, a única igreja era a igreja principal de cada cidade, aquela onde residia o bispo, que depois passou a chamar-se sé (*sedes*) ou catedral (*cathedralis*) (...). Nas grandes dioceses os progressos do cristianismo e a cristianização das massas populares fazem surgir centros secundários de apostolado com igrejas e clero, com um baptistério e um cemitério” (Soares, 1987, p. 17).

Mais tarde, sob a orientação de São Martinho de Dume, estruturou-se a rede paroquial do Reino Suevo da Galécia. Data deste período o *Parochiale Suevorum*, um documento de importância extrema, cuja análise feita por Almeida Fernandes localiza a distribuição populacional na Galécia do século VI, associando o nome de centenas de antigas *villas* romanas às atuais freguesias e paróquias de muitas das comunidades arquidiocesanas bracarenses. No entanto, e pelo que foi apurado, não identifica a existência de nenhuma *villa* romana em Vilarinho das Cambas, tal como o nome da freguesia poderia sugerir – “Vilarinho, reminiscência provável de uma «villa» romana” (Gomes, 1996, p. 235).

O certo é que para as circunvizinhas aparecem algumas informações. Desde logo: Lousado (*Anseti*); Ribeirão (*Berilani*); Fradelos (*Alpuini*); Calendário (*Magiti*); Gondifelos (*Raparati* e *Erme(ne)rodi*); Cavalões (*Cavallonis*); Outiz (*Optici*); Brufe (*Berulfi*), e Gemunde (*Gemundi*) (Almeida Fernandes, 1997, p. 154). Mas, o que eram as *villas* romanas? Seriam então propriedades agrícolas de dimensão considerável, compostas pelo paço do senhor – isto é, a sua residência – e as respetivas dependências e casais subordinados ao senhor da *villa* (Almeida, 2013, pp. 50-51).

Mas não terá mesmo existido em Vilarinho uma *villa* romana? É que para além do nome da freguesia levantar essa hipótese, também deve ser recordado que o lugar do Paço pode igualmente estar associado a essa primitiva administração local, cristianizada em datas ainda a apurar. Ou ainda o lugar de Valdemar, topónimo de origem germânica e que pode estar relacionado com alguma entidade que administrou o local em período de ocupação bárbara. Relativamente ao lugar do Paço, sabe-se que não sobreviveu, como outros, para lá do século XX: a última referência que a ele temos, data de 1907<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Informação obtida pela análise dos róis da desobriga da freguesia (APDSVC, *Cadastro ou Rol da Desobriga da freguesia de Vilarinho das Cambas – Anno de 1907*).

Composto apenas por um fogo foi, a partir de 1908, anexo ao da Vessadinha e, mais tarde, incluso no do Barrinho.

Assim, de momento, não é possível dar resposta, sobre a existência de uma *villa* romana em Vilarinho, e é igualmente difícil delimitar o período específico em que se deu a cristianização do local. No entanto, poderemos remeter a nossa análise para aquele que foi eleito por orago celeste da comunidade – o Divino Salvador. Através da leitura dos estudos do Pe. Miguel de Oliveira e do Pe. Avelino de Jesus da Costa, sabe-se que as primitivas comunidades cristãs não tinham um orago próprio.

“Por meados do século VII, todas as igrejas passaram a ter titular, e assim desapareceu uma das diferenças entre *ecclesia* e *basilica*. Deu-se então a algumas das catedrais e paroquiais a invocação do Salvador e, ainda com mais frequência, a de Santa Maria (...). Até ao fim do século XI, os outros padroeiros das igrejas da Península escolhiam entre os santos mártires, apenas com exceção para S. Martinho” (Oliveira, 1950, pp. 77-78).

Antes, apenas as *basílicas*<sup>7</sup> possuíam titular(es) próprio(s), em virtude das relíquias que naquele local sacralizado se veneravam; local esse muitas das vezes sediado sobre ruínas de velhos templos pagãos<sup>8</sup>. Sabe-se que as paróquias visigóticas – sitas em *villas* ou pequenos aglomerados populacionais – estendiam-se por longos territórios, o que resultava numa rede de núcleos extremamente isolados e dispersos. A cristianização das áreas mais rurais, que partiu de grandes polos urbanos, resultaria na edificação daqueles que seriam os primitivos “centros secundários de apostolado com igrejas e clero, com um baptistério e um cemitério” (Soares, 1987, p. 19).

Foi, certamente, o que aconteceu na freguesia em estudo e suas circunvizinhas, tal como comprova a listagem dos oragos das comunidades limítrofes<sup>9</sup> que são, e tal como afirma

---

<sup>7</sup> A respeito delas, escreveu Franquelim Neiva Soares que eram “fundadas por bispos e mosteiros, pelos proprietários das *villae* ou dos terrenos onde se constroem, ou ainda pelos fiéis, por sua devoção e par as necessidades espirituais dos camponeses e trabalhadores, sobre os túmulos dos santos ou à volta das suas relíquias (...). Muitas dessas basílicas ou oratórios darão, com o rodar dos séculos, igrejas paroquiais” (Soares, 1987, p. 19).

<sup>8</sup> Explica António Mattoso que “quando o Cristianismo deixa a cidade e parte à conquista do campo, encontra, por toda a parte (...), santuários dedicados aos génios das águas, das árvores, das pedras, das montanhas e de outras divindades pagãs (...). Iniciada a cristianização, os missionários modificam assim o ambiente: - Implantam a basílica sobre as ruínas do templo pagão” (Mattoso, 1964, p. 10).

<sup>9</sup> Circunvizinhas à Paróquia do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas estão as comunidades de Santa Marinha de Lousado, São Mamede de Ribeirão, Santa Leocádia de Fradelos (que primitivamente se chamou São Paio de Pedras Ruivas), São Félix de Gondifelos

o Pe. Miguel de Oliveira, os primeiros mártires do Cristianismo, aos quais estão igualmente associados São Martinho (de Tours) – aquele que foi o primeiro Santo não-mártir a ser canonizado – e São Miguel (Arcanjo), reconhecido “no Ocidente no séc. VII” (Costa, 1997, p. 501).

“Tal situação e organização terá persistido até à invasão árabe, em 711, desorganizando-se depois com a conquista, mas sem desaparecer completamente, uma vez que a noroeste o domínio islâmico foi muito passageiro e fugidio, sem marcar substancialmente a sociedade. Terá havido apenas um semi-ermamento e uma desorganização da vida sócio-religiosa, sem que se tenha verificado o abandono completo e total das igrejas das paróquias” (Soares, 1987, pp. 19-20).

No território em estudo seriam pelo menos duas as comunidades onde estiveram implementadas *basílicas*: em Joane<sup>10</sup> e em Areias<sup>11</sup>. Associadas a ambas e em seu redor viriam mais tarde a desenvolver-se mosteiros.

### 1.3. A Influência Monástica na Área em Estudo

Segundo os estudos do Pe. Avelino de Jesus da Costa, as tradições monásticas bracarenses iniciaram-se no primeiro quartel do século V<sup>12</sup>, cerca de um século antes do aparecimento das figuras de São Martinho de Dume (520-579) e de São Frutuoso (595-665), importantes prelados que tiveram uma grande influência na fundação e estruturação da rede monástica peninsular<sup>13</sup>. O Pe. Carvalho Correia, na sua investigação sobre a freguesia de São Tiago de Areias, que possui – como apresentado

---

(à qual de uniu Santa Marinha de Vicente), São Martinho de Cavalões (à qual se anexou a de São Veríssimo de Pedrafita), São Tiago de Outiz (à qual se anexou a de São Miguel de Gemunde) e São Julião do Calendário (à qual se anexou a de São Miguel de Custóias).

<sup>10</sup> Transcreveu Alexandre Herculano: “baseliga fundata est in villa ioannis suptus mons kastro vermui territorio portugalense prope ribulo pel in ore sanctorum santi salvatoris sancte marie semper virginis sanctorum apostolorum petri et pauli sancti iacobi apostoli sancti martini sancti migaeli arcangeli sancio iohannis baptiste sancti stefani et martirem primi et sanctorum multorum que ibi reconditos sunt” (Herculano, 1869, p. 277).

<sup>11</sup> Sobre esta basílica, esclarece-nos o Pe. Avelino Jesus da Costa que era dedicada a “Santi Jacobi apostoli Santi Tome apostolo Santi Vincenti et levite Sancti Clementi episcopi Sancti Pelagii et martiris Christi cujus baselice edificata est in villa Nandini” (Costa, 2000, p. 42).

<sup>12</sup> “Foi, com efeito, o monge Baquiário, que escreveu o tratado *De Fide* cerca de 415, o primeiro a mencionar a existência de um mosteiro na Península Hispânica, e Baquiário foi provavelmente (...) um presbítero da cidade de Braga, ou, pelo menos, da sua diocese ou província” (Costa, 1997, p. 358”).

<sup>13</sup> A propósito da antiga basílica sueva de Dume, escreveu Luís Fontes: “Durante os domínios suevo e visigodo (séculos V a VIII), destaca-se o contributo de São Martinho e de São Frutuoso, ambos bispos de Dume e de Braga, a quem se deve a fundação de dois dos mais antigos mosteiros documentados no actual território português, precisamente os mosteiros de São Martinho de Dume e de São Salvador de Montélios” (Fontes, 2006, p. 14).

acima – um passado ligado a um complexo monástico, aludiu que, em território arquidiocesano bracarense, eram numerosos os pequenos mosteiros, colocados muitas das vezes, e antes do florescimento de grandes ordens como a de São Bento (480-547) ou de Santo Agostinho (354-430), sob a *Regula Communis*, proposta, ao que se crê, por São Frutuoso.

Foi assim que muitas comunidades surgiram. Eram fundadas, maioritariamente, por iniciativa de um *presbyter* que, reunindo consigo alguns companheiros e recebendo apoio de familiares, dava início a comunidades religiosas. Sob influências poderosas das famílias fundadoras, as vivências comunitárias, perduravam no tempo<sup>14</sup>. José Marques, no seu estudo intitulado de *O monacato bracarense em fase de mudança (séculos XI-XII)*, procedeu a uma investigação sobre o *Monasticon Bracarense de 870 a 1272*. Através deste importante documento, chega-se a um exaustivo rol de mosteiros e cenóbios dispersos pelo vastíssimo território arquidiocesano, no qual um possível mosteiro em Vilarinho, que é transmitido geracionalmente, não aparece elencado<sup>15</sup>. Refira-se que, segundo a tradição local, terá existido, no lugar da Junqueira da freguesia de Vilarinho, um pequeno mosteiro beneditino, abandonado em data incerta por estar arruinado, em prol do de São Simão da Junqueira<sup>16</sup>.

Assim, procure-se agora avaliar aquele que era o panorama monacal da região. Geograficamente, Vilarinho das Cambas encontra-se próximo de sete mosteiros, todos eles de existência comprovada: Santo Tirso<sup>17</sup>, Santa Maria de Landim<sup>18</sup>, São Salvador da

---

<sup>14</sup> A este propósito escreveu Carvalho Correia: “se isolados ou dependentes de «poderosos», com visão ou possibilidades mais rasteiras e mesquinhas só a decadência os espera. E desaparecem! E, muitas vezes, transformaram-se em igrejas paroquiais” (Carvalho Correia, 2003, p. 112).

<sup>15</sup> Para o Arciprestado de Vila Nova de Famalicão, onde a freguesia em análise se insere, encontram-se sete referências. São elas: São Tiago de Landim (Areias), Santa Maria de Oliveira, São Salvador de Lemenhe, São Salvador de Arnosos, São Salvador da Lagoa, Santa Maria de Landim e São Cristóvão de Requião, cujo orago foi alterado para São Silvestre, no século XIII. Ora, pela análise do documento, em nenhum momento aparece elencada a freguesia de Vilarinho, nem tampouco aqueles cuja tradição os toma como dados adquiridos, sítos em territórios hoje pertença das freguesias de Delães, Cavalões ou então em São Cosme do Vale, São Tiago d’Antas ou Fradelos.

<sup>16</sup> Está escrito na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* que “a tradição é perfeitamente fundada, se bem que se não prove a realidade de tal mosteiro no local (...). O que não pode saber se é se o mosteiro existiu, primeiro, aqui e, depois (coisa possível e que, por vezes, se observa), se se mudou à freg. hoje chamada de S. Simão da Junqueira, que já parece existindo em 1084 no lug. que se lhe conhece (...). O aparecimento de muitas sepulturas no Campo da Junqueira pode bem dever-se a um antepassado deste cenóbio, depois daqui transferido” (Vilarinho de Cambas. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* – Volume XXXV, p. 903).

<sup>17</sup> Situado a cerca de 13 km para sudeste. Regia-se pela Regra de São Bento (ramo masculino).

<sup>18</sup> Situado a cerca de 10 km para nascente. Regia-se pela Regra dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (ramo masculino).

Lagoa<sup>19</sup>, São Silvestre de Requião<sup>20</sup>, São Salvador de Lemenhe<sup>21</sup>, São Pedro de Rates<sup>22</sup> e São Simão da Junqueira<sup>23</sup>. Mas devem também ser citados os possíveis mosteiros de São Veríssimo<sup>24</sup>, São Tiago d'Antas<sup>25</sup>, São Cosme do Vale<sup>26</sup>, Santa Maria de Perrelos<sup>27</sup> ou Fradelos<sup>28</sup>, cujas evoluções, menos seguras, há também que ter em consideração.

No caso de São Simão da Junqueira, com o qual se relacionaria um hipotético mosteiro existente em Vilarinho, as origens não estão, também, ainda totalmente esclarecidas, já que as mais aprofundadas investigações sobre o assunto principiam as suas análises no período da restauração e refundação do mosteiro, no século XI. Assim, e pelo que se conseguiu apurar, as primeiras informações sobre São Simão aparecem, primitivamente, no *Censual de entre Lima e Ave* sob a designação de “Sancto Simeon” (Costa, 2000, p. 34), e não elencam o seu mosteiro, nem tampouco indicam se tinha algum domínio noutra comunidade próxima, como mais tarde aparecerá registado.

Sérgio Lira, na sua dissertação de mestrado sobre os primórdios o mosteiro de São Simão, garante que este complexo foi reconstruído nos finais do século XI: “admitindo que D. Aires, arcediogo de Braga, por ordem de D. Pedro teria visitado o mosteiro em 1072 e que, por o encontrar destruído, o mandara reconstruir” (Lira, 2001, p. 66). Mas então surgem as questões: que datação teria o primitivo cenóbio de São Simão? Por qual regra monástica se regia? Porque estava destruído?

---

<sup>19</sup> Situado a cerca de 8km para Este. Desconhece-se a Ordem pela qual se regia. Compilou e transcreveu o Pe. Avelino os seguintes dados: “1109, «Et in teera de Vermui (...) ad Lagona monasterio vocabulo Sancti Salvatoris (...). 1220, «De monasterio de Lagoa” (Costa, 2000, p. 48).

<sup>20</sup> Situado a cerca de 9km para Nordeste. Regia-se pela Regra dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (ramo masculino).

<sup>21</sup> Situado a cerca de 11km para Norte. Desconhece-se a Ordem pela qual se regia. Compilou e transcreveu o Pe. Avelino os seguintes dados: “1059, «Et ripa Alister monasterio de Lemeni integro et villa Abrigosa integra. Isto monasterio et villa cum incommuniaciones et ecclesias» (Costa, 2000, p. 59).

<sup>22</sup> Situado a cerca de 14km para noroeste.

<sup>23</sup> Situado a cerca de 15km para poente. Regia-se pela Regra dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho (ramo masculino).

<sup>24</sup> Situado a cerca de 5km para noroeste. Segundo a tradição regia-se pela Regra de São Bento (ramo feminino). Recordar que a paróquia de São Veríssimo foi extinta e anexa à de São Martinho de Cavalões no século XVI, tal como comprova a memória paroquial de 1758: “O orago desta freguezia hé Sam Martinho de Cavaloens e S. Veríssimo de Outiz, porque algum dia heram separadamente duas igrejas e duas freguezias. O abade Cosme Gonçalvez, homem preto de naçam, as unio em huma só igreja e em huma só freguezia haverá duzentos annos *parum minusve*” (ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Cavalões, Vermoim, vol. 10, n.º 231, ff. 1549-1550).

<sup>25</sup> Situado a cerca de 5km para nascente. É tradição que era Mosteiro Templário.

<sup>26</sup> Situado a cerca de 12km para nordeste. Segundo a tradição regia-se pela Regra de São Bento (ramo masculino).

<sup>27</sup> Situado a cerca de 15km para nascente. Segundo a tradição terá sido neste local que terá surgido uma primeira comunidade monacal transferida, mais tarde, para a Oliveira (Santa Maria) (Martins Vieira, 2000, pp. 53-54). A antiga capela de Santa Maria de Perrelos está, atualmente, dedicada a São João Baptista.

<sup>28</sup> Situado a cerca de 5km para sudoeste. Desconhece-se a Ordem pela qual, segundo a tradição local, se regeria.

O Pe. Carvalho da Costa, na sua *Corografia Portuguesa*, dá conta de que o mosteiro foi “fundado no tempo da primitiva Igreja; mas ganhada Espanha pelos Mouros, ficou destruído” (Carvalho da Costa, 1706, p. 321). A partir desta afirmação poderíamos deduzir que São Simão terá sido fundado entre os séculos VI e VII, podendo ser contemporâneo dos mosteiros de Dume ou Montélios, por exemplo. Talvez deste período datasse também o possível mosteiro de Vilarinho e os, igualmente prováveis de São Veríssimo e Perrelos, provavelmente abandonados na época do domínio árabe. São hipóteses de trabalho, a desenvolver pelos especialistas da Alta Idade Média peninsular.

#### 1.4. O Topónimo Vilarinho das Cambas

Como temos visto, não é fácil estudar a freguesia de Vilarinho das Cambas ao longo da Idade Média, pois os poucos documentos que sobreviveram até à atualidade, acabam por não adiantar muito sobre a evolução do espaço analisado. Certa é a sua menção no *Censual do Entre Lima e Ave*, datado do século XI: “Sancto Salvator de Vilarino” (Costa, 2000, p. 53)<sup>29</sup>. Mais tarde, tanto as Inquirições de 1220, como as de 1258, que datam dos reinados de D. Afonso II (1185-1223) e de D. Afonso III (1210-1279), a elencam<sup>30</sup>. Damos aqui ênfase às informações inseridas nas Inquirições de 1258, atendendo à menção sobre a paróquia: “Sancti Salvatoris de Vilarino das Cambas<sup>31</sup>”, o que revela que o topónimo “Cambas” foi adicionado ao primitivo, ainda no século XIII.

Porém, nas Inquirições de D. Dinis (1261-1325), datadas de 1289, já só a mencionam sob a nomenclatura primitiva de “S. Salvatore de Vilarino<sup>32</sup>”. Também o *Catálogo das Igrejas de 1320*<sup>33</sup> refere a titularidade desta comunidade unicamente como “S. Salvador de

---

<sup>29</sup> Veja-se Anexo 1.

<sup>30</sup> Das Inquirições de 1220, transcreveu Alexandre Herculano: “De Sancto Salvatore de Vilarino” (Herculano, 1888, p. 64).

<sup>31</sup> Transcreveu Alexandre Herculano: “Item, in collatione Sancti Salvatoris de Vilarino das Cambas” (Herculano, 1871, p. 1451) (ANTT, Livro 9 de Inquirições de D. Afonso III, f. 19 – PT-TT-FC-2-12\_m0043) (Veja-se Anexo 2).

<sup>32</sup> ANTT, Livro 5 de Inquirições de D. Dinis, f. 70 – PT-TT-FC-2-17\_m0140 (Veja-se Anexo 3).

<sup>33</sup> Escreveu Franquelim Neiva Soares que, “por bula do papa João XXI, dada em Avinhão a 23 de Maio de 1320, D. Dinis foi autorizado, durante três anos, a receber a décima de todas as rendas eclesíásticas do reino, com excepção das igrejas, conventos e benefícios da Ordem de S. João do Hospital de Jerusalém ou de Malta, para ajuda na guerra contra os Mouros” (Soares, 1987, p. 44). Vilarinho deveria então pagar 50 libras, o que a coloca numa categoria de igreja de rendimento médio quando comparada com as freguesias vizinhas. Gemunde, uma das mais pobres das Terras de Vermoim, pagava 10 libras. Já Outiz pagava 20, ao passo que Cavalões já pagava 25 e Brufe, 30. Custóias 50, assim como São Julião. A São Veríssimo e Lousado, competia a entrega de 40 libras. Fradelos pagaria 100; Ribeirão, 200 e São Simão da Junqueira, 400 libras.

Villarinho<sup>34</sup>”, assim como as Inquirições de D. Afonso IV (1291-1357) que, em 1343, a nomeiam como “Sam Salvador de Vilarinho<sup>35</sup>”.

Ao longo dos séculos XIV e XV, são raros os documentos que dela fazem menção; no entanto, e pelas investigações do Pe. Avelino de Jesus da Costa, sabe-se que em 1400 e 1434 há referências a “Sam Salvador de Vilarinho das Cambas” (Costa, 2000, p. 53), embora não se revele a fonte consultada.

Apesar do Tombo Paroquial de 1547 se referir à freguesia como “Saõ Salvador de Vilarinho das Cambas”, voltará a ser mencionada no *Censual de D. Baltasar Limpo*<sup>36</sup> (1478-1558), datado de 1551, somente com a sua designação primitiva: “Vilarinho. S. Salvador<sup>37</sup>”. É importante ter em atenção o Tombo<sup>38</sup> do século XVI, pois este documento parece ser o mais antigo que nos dá conta dos limites e património da paróquia de Vilarinho das Cambas. A sua análise permite que conheçamos a toponímia local e, através do cruzar dessas informações com o Tombo de 1723, róis da desobriga e até mesmo os assentos de batismo da paróquia, podemos compreender de que forma os referidos limites e património foram evoluindo<sup>39</sup>.

A antiguidade de alguns dos nomes atribuídos a muitos dos lugares que se repartem no espaço, permitem-nos identificar recuados núcleos de ocupação humana, como o topónimo da Pedra d’Anta já aqui apresentado. Outros, porém, testemunham apenas aspetos do relevo ou da constituição dos solos, características da rede hidrográfica, mas também da evolução da ocupação humana. Contudo, muitos dos lugares que compõem a nossa comunidade em estudo, perderam-se com evolução do tempo e/ou da administração local. Por essa razão, a localização de muitos deles é, de momento, desconhecida.

---

<sup>34</sup> *Catalogo de todas as Igrejas, Commendas, e Mosteiros que havia nos Reinos de Portugal, e Algarves pelos annos 1320, e 1321, com a lotação de cada hu[m]a dellas. - Lisboa, 11 de Janeiro de 1746, f. 21.* Consultado a partir de: <https://purl.pt/38172>

<sup>35</sup> ANTT, Livro 1 de Inquirições de D. Afonso IV, ff. 291v e 292 – PT-TT-FC-2-23\_m0406 / PT-TT-FC-2-23\_m0407 (Veja-se Anexo 4).

<sup>36</sup> O Censual de D. Baltasar é um documento que procurou listar o valor da taxa que as comunidades paroquiais, por direito, pagavam ao Arcebispo de Braga.

<sup>37</sup> ADB, *Censual de Dom Frei Baltazar Limpo (1551)*, f. 44v. Disponível a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1312162>

<sup>38</sup> José Viriato Capela define «Tombo» nos seguintes termos: “constitui, pois, a mais antiga e desenvolvida *Cadastração* da propriedade rural das igrejas que pode ajudar a identificar indirectamente uma boa parte da propriedade da freguesia. Em paralelo com o atombamento dos bens da Igreja, estes Tombos procedem à fixação dos limites das freguesias, suas confrontações com freguesias vizinhas” (Capela, 2005, p. 739).

<sup>39</sup> Relativamente a este assunto, foi desenvolvido um levantamento exaustivo, estruturado e sistematizado numa tabela remetida a Apêndice 2.

Finalmente, refira-se que ao longo desta investigação, foram encontradas menções quanto a um possível foral atribuído a esta freguesia, em 1218<sup>40</sup>. No entanto, após leitura do foral, conclui-se que este não se refere a Vilarinho (das Cambas), mas sim a uma outra freguesia chamada de Vilarinho (da Castanheira), pertença ao município de Carrazeda de Ansiães. Isto porque está mencionado no documento foral a seguinte expressão: “Ista carta est de Villarino qui iacet prope ansianis” (Herculano, 1864, p. 583), que em tradução livre quer dizer: “esta carta é de Vilarinho que está próximo de Ansiães”.

---

<sup>40</sup> Escreveu o Pe. Benjamim Salgado numa das suas obras sobre a História de Vila Nova de Famalicão “em pleno séc. XIII foram concedidos forais a Vilarinho das Cambas (6/XII/1218), a Vermoim (6/VIII/1254), a Mouquim (16/V/1258) e a Cavalões (16/V/1258)” (Salgado, 2005, p. 67).

## Capítulo 2 – O(s) Espaço(s) de Culto de Vilarinho das Cambas

### 2.1. Uma Igreja Românica em Vilarinho das Cambas?

Não se sabe ao certo a localização exata da primitiva igreja paroquial de Vilarinho das Cambas. Se há menções à paróquia, pelo menos desde o século XI, pressupõe-se a existência de um centro de culto local, do qual parecem não restar muitos vestígios. Embora tradições orais apontem para a existência de uma igreja românica, as provas documentais e materiais não permitem chegar a conclusões definitivas.

Foram entregues pelo Pe. Alcino de Azevedo, em 1971, ao Museu Pio XII, em Braga, quatro fragmentos de duas colunas românicas. O SIPA, aquando da elaboração de uma ficha de inventário a respeito da igreja de Vilarinho das Cambas, datada de 1998, levanta a hipótese de estas colunas terem pertencido à *Ecclesia* de Vilarinho<sup>41</sup>, mencionada, por exemplo, no *Catálogo das Igrejas de 1320*<sup>42</sup>. Sabe-se que essas colunas sustentavam o alpendre da igreja paroquial de raízes quinhentistas, demolida a partir dos anos 50 do século XX, aspeto que trataremos adiante. Mas se esta igreja, que desapareceu no século XX, tinha raízes quinhentistas, onde se situaria a possível igreja de origens românicas? As primeiras referências escritas surgem apenas no século XX, mas pouco esclarecem sobre a edificação ou localização. Manuel Monteiro, um célebre monografista de São Pedro de Rates (concelho da Póvoa de Varzim), freguesia não muito distante de Vilarinho das Cambas, garante a existência de uma igreja nesta localidade, semelhante às de Serzedelo ou Sanfins de Friestas. Ao longo das páginas da sua investigação, vai tecendo honrosos elogios à referida igreja e à forma como as suas pedras eram aparelhadas:

“O românico português, porém, a não ser em algumas cathedraes e mosteiros, nunca attingiu uma alta expressão architectural. Foi modesto, singelo e tímido, manifestando-se em pequenas e fáceis edificações que não exigiam grandes recursos materiaes, nem demandavam engenhos

---

<sup>41</sup> Esta hipótese figura nos seguintes termos: “Deverão ser provenientes deste templo medieval os quatro fragmentos de colunas que integram o espólio do Museu Pio XII de Braga” (Santos & Dinis, 1998).

<sup>42</sup> Surge da seguinte forma: “A de S. Salvador de Villarinho”. *Catálogo de todas as Igrejas, Commendas, e Mosteiros que havia nos Reinos de Portugal, e Algarves pelos annos 1320, e 1321, com a lotação de cada hu[m]ja dellas*. - Lisboa, 11 de Janeiro de 1746, f. 21. Consultado a partir de: <https://purl.pt/38172>

esclarecidos e adestrados nas subtilezas da arte de construir – A technica, porém, é perfeita em algumas como Nossa Senhora da Ourada, Villarinho de Cambas, Ferreira, etc” (Monteiro, 1905, p. 8).

Mais à frente, descreve-a da seguinte forma:

“A começar pelos de mais clara simplicidade no traçado, compõem-se de uma unica nave com a absyde rectangular: (...) Outras, embora possuam uma só nave, teem a absyde semi-circular e com abobada em quarto de esfera, além do tramo de pleno cintro: (...) Cada um d'estes generos, porém, pode ser de mais complexo plano, quando ao frontispício se addita e incorpora um vestíbulo ou narthex: Cerzedello (Guimarães), Villarinho das Cambas (Famalicão), para o primeiro e S. Fins de Friestas (Valença) para o segundo” (Monteiro, 1905, pp. 16-18).

Mais tarde, esta mesma ideia acabou por ser novamente descrita, desta feita na obra de Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, cuja primeira publicação data de 1910<sup>43</sup>, seguindo-se a mesma menção na obra da *Arte Portuguesa*<sup>44</sup>, de João Barreira, em 1951, e também no livro *História da Arte em Portugal*<sup>45</sup> de Flório de Vasconcelos, datado de 1972. O certo é que não existem, como já referido, vestígios que comprovem as afirmações de Manuel Monteiro e que serviu de inspiração aos restantes autores. Como a supracitada obra não elenca as fontes nas quais se baseou para descrever as características da igreja de Vilarinho das Cambas, torna-se difícil comprovar a veracidade do exposto acima. É certo que os fragmentos de coluna existentes no Museu Pio XII se enquadram no período românico da arte, assim como a fonte batismal que ainda hoje serve a comunidade.

Dada a proximidade geográfica com São Pedro de Rates, terá o monografista visitado a freguesia de Vilarinho e, assim, testemunhado as características da sua igreja? Terá havido alguma confusão do topónimo e estar a referir-se à igreja de São Miguel de

---

<sup>43</sup> Escreveu Fortunato de Almeida: “cada um destes géneros, porém, pode ser de mais complexo plano, quando ao frontispício se adita e incorpora um vestíbulo ou *narthex*: Serzedello (Guimarães), Vilarinho das Cambas (Famalicão), para o primeiro e S. Fins de Friestas (Valença) para o segundo” (Almeida, 1967, p. 223).

<sup>44</sup> Escreveu João Barreira: “cada um destes géneros, porém, pode ser de mais complexo plano, quando ao frontispício se adita e incorpora um vestíbulo ou *narthex*: Vilarinho das Cambas (Famalicão), para o primeiro e S. Fins de Friestas (Valença) para o segundo” (Barreira, 1951, p. 46).

<sup>45</sup> Escreveu Flório de Vasconcelos: “Em Cerzedelo (Guimarães), Vilarinho das Cambas (Famalicão) e São Fins de Friestas, todas de uma só nave, existe um vestíbulo ou *nártex*” (Vasconcelos, 1972, p. 23).

Vilarinho, em Santo Tirso, que possui precisamente uma igreja românica com nártex adorado ao frontispício? Sublinhe-se que a obra de Manuel Monteiro é a primeira referência encontrada relativamente ao assunto, pois nem na Memória Paroquial de 1758, nem na listagem dos bens arrolados de 1911, nem tampouco os tombos paroquiais a mencionam.

Carlos Alberto Ferreira de Almeida que, nos anos setenta do século passado estudou a *Arquitectura Romanica de Entre-Douro-e-Minho* nada refere relativamente a Vilarinho. Na verdade, apenas surgem menções às igrejas de São Tiago d'Antas, Joane, Rates e Minhotães e os Mosteiros de Arnoso e Landim (Almeida, 1978, pp. 83-86). Algumas delas, antes da sua demolição no século XX, apenas possuíam apontamentos românicos, como são os casos Joane e Minhotães. Já relativamente à igreja de São Miguel de Vilarinho, no concelho de Santo Tirso, escreveu o seguinte:

“A antiga igreja de Vilarinho foi grandemente transformada e, a não ser o seu portal principal em românico muito tardio, o que aí encontramos é uma reposição pseudo-restauradora muito discutível. Mantém-se intacto o nártex funerário semelhante a muitos outros. Reparando nos elementos românicos, remanescentes, dataríamos a igreja, que os integrava, dos meados do século XIII aos finais desta centúria” (Almeida, 1978, p. 283).

Ou seja, aos olhos do Professor Ferreira de Almeida, a igreja de São Miguel de Vilarinho não seria um exemplar românico de renome. Procurando confirmar a eventual possibilidade de haver uma confusão entre as freguesias de São Miguel de Vilarinho e Vilarinho das Cambas, chegou-se ao *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, datado de 1888, que dá conta do seguinte:

“A remota egreja de Villarinho de S. Romão na provincia do Douro, districto de Santo Thyrso, é um dos poucos exemplares do typo da archilectura *Roman* que existem, em Portugal do seculo XII; pertencendo ao numero dos cem edificios religiosos que foram construidos durante o reinaclo do primeiro soberano de Portugal, D. Alfonso Henriques. Não sómente por esta circumstancia, mas pela origem de sua architectura, a mais remota que ha no reino, se faz recommendar, tanto para servir de estudo architectonico, como para a historia artistica e archeologica de Portugal” (Silva, 1888, p. 15).

Desde logo parece haver aqui um (novo) equívoco. Se realmente se trata da igreja de Vilarinho, em Santo Tirso, o seu orago não é São Romão, mas sim São Miguel. Da mesma forma, e se se proceder à análise da fotografia que ilustra o artigo, remetida a Anexo 5, percebe-se que a abside da capela-mor tem uma forma semicircular, o que contrasta totalmente com a igreja de São Miguel de Vilarinho. Pinho Leal, no seu *Portugal Antigo e Moderno*, elenca este artigo como referência à igreja de São Miguel, apesar da confusão do orago, tecendo elogios à arquitetura da igreja e ao artigo publicado por Joaquim Possidónio Narciso da Silva “nosso bom amigo e mestre, fundador e presidente d’aquella *Real Associação*” (Pinho Leal, 1886, p. 1321).

São Romão de Vilarinho, freguesia do concelho de Sabrosa, teve a sua igreja matriz edificada ao longo do século XVIII. Assim, trata-se de uma igreja tipicamente barroca e, pela análise desenvolvida, não existe na freguesia nenhum monumento de cariz românico. Sendo assim, e sabendo que a capela-mor de São Miguel de Vilarinho sempre foi retangular, não tendo por isso a planta sido modificada ao longo dos tempos, não parece crível que a fotografia publicada no referido *Boletim* corresponda à igreja de São Miguel, até porque, recorde-se, a principal característica que se observa na fotografia que figura no *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes* é a cabeceira semicircular de um templo.

Como se pode verificar, as informações disponíveis dificultam o seu cruzamento e esclarecimento sobre a existência, em tempos, de uma igreja românica em Vilarinho das Cambas. O *Boletim* referir-se-ia mesmo à igreja de São Miguel de Vilarinho? Ou a um outro Vilarinho? Corresponderá essa descrição à tal igreja românica de Vilarinho das Cambas, cujo Manuel Monteiro elogiará nos alvares do século XX? Mas, se sim, onde se localizaria? Seria essa a tal que existiria, segundo alguns pareceres locais, na Vinha da Igreja e cujo tombo de 1547, menciona a confrontação do adro da matriz paroquial com a tal vinha e que ainda vai sobrevivendo na memória coletiva dos vilarinhenses? Mas será plausível que, durante séculos, não tenham aparecido menções a uma igreja românica na freguesia? Por que razão somente no século XX se mencionou essa hipótese? Talvez este tópico não tenha, para já, uma conclusão final, até porque tudo o

que foi encontrado até ao momento foi aqui apresentado. Mas, talvez investigações futuras poderão ter aqui um ponto de partida.

Em suma, as informações que chegaram até à atualidade e que se referem a uma igreja românica em Vilarinho das Cambas, possuidora de uma cabeceira retangular e um nártex adoçado ao frontispício, tal como ocorre em São Miguel de Vilarinho, não permitem conclusões definitivas. O certo é que a fotografia do supracitado *Boletim* não corresponde à igreja de São Miguel de Vilarinho e, pela mesma ordem de ideias, também não pertencerá à hipotética de Vilarinho das Cambas, até porque a que aparece ilustrada tem uma cabeceira semicircular. Menções escritas anteriores ao século XX não existem e os escassos vestígios materiais – a fonte batismal que hoje está na igreja paroquial e os quatro fragmentos de coluna depositados no Museu Pio XII, em Braga – apenas permitem, de momento, levantar algumas hipóteses.

## 2.2. A Igreja Paroquial e o Tombo de 1547

O já apresentado *Tombo da Egreja do Salvador de Villarinho das Cambas*, datado de 1547, dá-nos algumas referências quanto à localização, à época, do edifício paroquial:

“tem mais um talho na seara onde chamam a vinha que entesta no adro da dita Igreja levara a de sementeira hum alqueire tem castinheiros (...) de rador” (ADB, *Tombo da Egreja do Salvador de Villarinho das Cambas*, 1547, f. 6v).

Ora, o mencionado lugar da Vinha da Igreja situa-se, precisamente, nas proximidades onde atualmente está o salão paroquial e onde esteve edificada a antiga residência paroquial<sup>46</sup>, situada junto à “casa dos vigairos” (vigários) e demolida quando do alargamento da rua António Vinhas (Figura 2). Segundo a tradição local, terá existido aí uma igreja. No entanto, não há vestígios arqueológicos conhecidos que atestem essa possibilidade, podendo assim levantar-se a hipótese de que o tal topónimo de “Vinha da Igreja” tenha abrangido, em tempos anteriores, uma área maior do que a atual. Ou

---

<sup>46</sup> Na *Relação dos bens arrolados na Igreja matriz d’esta freguezia de Villarinho das Cambas*, datada de 1911, pode ler-se na página 2: “o Edifício da Residencia parochial com casa, torre, com quintal fechado, composto de terra lavrada e ramadas, situada no logar da Igreja”. Veja-se em Anexo 6 a planta deste antigo edifício.

seja, não sendo possível confirmar a existência de um templo paroquial numa localização diferente da atual, tampouco conseguimos saber em que momento foi construído o edifício que acabaria por ser destruído em meados do século XX e substituído pelo que atualmente existe.



**Figura 2 – Localização dos Espaços**

Fonte: *Google Earth*

Nota: a vermelho está apontado o património imóvel edificado. A azul meramente as localizações aproximadas da tal primitiva igreja paroquial e da antiga residência do pároco.

### 2.3. A Igreja Paroquial até aos Anos 1950

“A igreja matriz é notável pela sua antiguidade e pelas suas riquíssimas decorações de obra de talha dourada e pinturas a óleo no tecto da capella-mór, representando a transfiguração e outros mysterios do Salvador, orago d'esta freguezia – e no tecto do corpo da igreja 15 painéis restaurados em 1733 e que também representam vários mysterios de Christo” (Pinho Leal, 1886, p. 1337).

Desconhece-se o ano de ereção da igreja paroquial de Vilarinho das Cambas (Figura 3) que foi destruído em meados do séc. XX e substituído pelo atual. No entanto, e analisando aquele que era o antigo portal, identificam-se características marcadamente quinhentistas, dado o arco em volta perfeita que se pronunciava à entrada. Portal esse que é semelhante, por exemplo, às igualmente quinhentistas capelas de Santa Catarina, em Vila do Conde (Veja-se Apêndice 3) e Viana do Castelo, ou ainda na igreja paroquial de São Salvador da Lagoa, no mesmo concelho de Vila Nova de Famalicão, e que dista da freguesia de Vilarinho das Cambas cerca de 8 quilómetros para Nascente<sup>47</sup>. O Engenheiro Joaquim Ribeiro dos Santos, a propósito do portal da igreja da Lagoa, aponta a possibilidade de que esse mesmo edifício, com sobreviventes elementos românicos, tenha tido – nos finais do século XIV – uma adaptação do seu portal de entrada atribuindo-lhe as tais características quinhentistas pelas quais o antigo portal vilarinhense também se regia (Santos, 1982, p. 37). A este portal estava associado um alpendre, sustentado pelas acima aludidas colunas românicas o que indicia ou o aproveitar de elementos oriundos de um anterior templo rural mais modesto, ou uma profunda reestruturação de um antigo local já sacralizado. Como já apresentado, o tombo do século XVI refere que o lugar da Vinha da Igreja confrontava com o adro da igreja paroquial da freguesia. Dado o facto de esse mesmo topónimo não estar – atualmente – atribuído aos terrenos fronteiriços à igreja paroquial e sim a alguns terrenos situados a cerca de 120 metros para sul poderá ser indicativo de tenha havido a transição de

---

<sup>47</sup> Escreveu o Eng.º Joaquim Ribeiro dos Santos: “Dois portais, um na frontaria e outro no muro lateral sul da nave, com arco de volta inteira, sem tímpano e com aresta chanfrada no contorno periférico do vão (...); Os portais denunciam os restos de uma solução arcaizante românica possivelmente dos fins do séc. XIV ou até mais tarde. Mas a cruz, e a forma e aparelho dos cachorros fazem pensar em data mais recuada” (Santos, 1982, p. 37).

localização da sede paroquial vilarinhense e, conseqüentemente, um aproveitar de alguns elementos de um edifício paroquial já existente; sejam as colunas românicas, a fonte batismal igualmente românica e o portal quinhentista.



**Figura 3** – Antiga Igreja Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas  
Fonte: SIPA | DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas | FOTO.00041343

A breve descrição do edifício que aqui faremos é resultado do cruzamento das informações dos inventários paroquiais com as fotografias que figuram o processo de classificação deste antigo imóvel e que foram remetidas a anexo. De nave única e capela-mor, esta mais baixa e estreita, tinha adossada ao lado norte uma sacristia cuja cobertura advinha da continuidade do telhado da mesma capela-mor (Veja-se Anexo 7). A fachada principal voltada a poente, terminava em empena, encimada por campanário de uma ventana em arco pleno, coroada por pináculos esféricos nas laterais e Cruz ao

centro (Figura 3). A fachada lateral sul era rasgada, na nave, por uma porta travessa e duas janelas (Veja-se Anexo 8); na capela-mor, uma outra porta, assim como uma janela, conforme análise da planta do edifício (Veja-se Anexo 9). Na sacristia, abria-se uma pequena janela, gradeada, voltada a nascente (Veja-se Anexo 7). Já a fachada lateral norte era cega, destacando-nela as escadas que conduziam até à sineira e entrada na igreja pelo coro-alto (Veja-se Anexo 10). A estrutura da sineira, quadrangular e adossada ao lado norte, não figuraria na matriz primitiva, tendo-lhe sido acrescentada em época cuja datação não é possível, de momento, apurar. O respetivo campanário, voltado a norte e poente, desenvolvia-se em arco de volta perfeita. Terminava em cornija coroadada por pináculos piramidais ladeando cruz latina de cantaria voltada a poente.

A antiguidade desta igreja era inegável, não só pelas características arquitetónicas já apresentadas, mas também pelo seu interior, cuja cabeceira da capela-mor era revestida por um único retábulo de talha renascentista como elucidarão, mais tarde, os peritos da DGMEN. Este, onde era venerado o Santíssimo Sacramento, moldava-se pelas características renascentistas dos retábulos, marcado – nas suas laterais – pelo pronúncia de colunas em madeira, moldadas ao estilo das colunas romanas, coroadas por capitéis coríntios. No espaço intercolúnio, eram veneradas as imagens do Divino Salvador e de São José. Ao centro, uma larga abertura onde figuravam os cinco degraus da tribuna e, a coroá-los, um grande baldaquino que servia para a colocação da Custódia aquando da exposição do Santíssimo Sacramento à veneração dos fiéis. Curioso é expor que – através da análise da planta da antiga igreja – o acesso à tribuna não era feito por nenhum acesso na capela-mor, como habitual. Ao invés, era pela sacristia que se subia ao topo da tribuna (Veja-se Anexo 9). Por último, referir que sacrário estava situado no centro do mesmo retábulo.

Já os retábulos colaterais foram talhados mais tarde, no século XVIII, dado serem possuidores de características da primeira fase do Barroco Nacional<sup>48</sup>, talvez colocados

---

<sup>48</sup> A primeira fase do Barroco em Portugal foi apelidada por Robert Smith, em 1962 como fase *Estilo Nacional Português* e balizou-se cronologicamente entre a segunda metade e o final do século XVII, antecedendo o *Barroco Joanino*. As suas principais características são pelo uso da talha dourada em grande densidade, ocupando grande parte das superfícies. Predominam motivos vegetalistas, com destaque para as ramagens de videira e acanto, por entre as quais são talhados anjos, *putti* e alguns animais, realçando-se a fénix. No entanto, toda esta magnitude não choca o espectador, dada a homogeneidade que esta fase possui e que irá contrariar com os ideais do barroco joanino – fase que se lhe seguiu.

em 1713, dedutível pela inscrição patente numa pedra granítica reservada em espólio e que se sabe ter sido pertença da antiga igreja paroquial (Veja-se Apêndice 4). É crível que, nesta altura, tenha havido obras na igreja que lhe terão dado grande parte do aspeto com que ficou até ao século XX (Figura 4).



**Figura 4** – Interior da antiga Igreja Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas  
Fonte: SIPA | DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas | FOTO.00041341

A grande densidade de talha dourada, que terá sido colocada na igreja no aludido ano de 1713, pela epigرافia acima apresentada, revestia a totalidade do arco cruzeiro, à semelhança do que acontece, por exemplo, no Mosteiro de Landim. As colunas torças e os múltiplos motivos vegetalistas, fitomórficos e geométricos predominavam na composição dos retábulos que figuravam junto das laterais do mencionado arco cruzeiro, onde figuravam também folhagens de videira e acanto, anjos, *putti* e fénixes. A encimá-lo, um nicho com o Crucificado e, sobre Ele, uma sanefa.

Quanto às imagens/esculturas existentes, no *Livro de Usos e Direitos do Salvador de Vilarinho*, datado de 1707, aparece elencado o retábulo de Nossa Senhora da Paz cuja lamparina era nutrida com algum do azeite pago anualmente por Domingas Gonçalves e Maria da Silva<sup>49</sup>. As memórias paroquiais de 1758 costumam ser ótimas fontes que auxiliam na perceção das características devocionais das matrizes paroquiais portuguesas. E, de facto, a de Vilarinho das Cambas refere a presença das devoções figurativas nos altares laterais do templo: Santíssimo Sacramento, no altar-mor e Senhora da Paz e São João, nos laterais<sup>50</sup>.

As mais antigas referências relativamente às devoções dos altares laterais, encontradas até ao momento, datam, portanto, dos alvares do século XVIII. Novas referências documentais surgem apenas já na segunda metade do séc. XIX e nos inícios do séc. XX, graças aos inventários encontrados no arquivo paroquial e que dão conta dos bens pertencentes à igreja de Vilarinho nos anos de 1878 e 1907<sup>51</sup>. Na capela-mor figuravam, nas laterais da tribuna, as imagens do Divino Salvador e São José. Não há menção, em ambos os inventários, da existência do Crucifixo que presidia a tribuna, pelo que, certamente, foi adquirido, ou ofertado, em altura póstuma ao ano de 1907. Com a construção da nova igreja, em meados do século passado, o mesmo foi igualmente remetido à tribuna, presidindo-a até aos dias de hoje.

O altar lateral do lado do Evangelho era o altar da Senhora da Paz e figuravam no mesmo, segundo os aludidos inventários, duas imagens do mesmo título de dimensões distintas<sup>52</sup>. No mesmo retábulo eram ainda veneradas as imagens do Menino Jesus, Nossa Senhora das Dores, Santo António e Santo Amaro.

Já no altar lateral do lado da Epístola, que se sabe ser dedicado a São João Baptista, para além de duas imagens do mesmo santo, que ainda hoje existem (uma grande e uma de

---

<sup>49</sup> Está escrito no *Livro dos Usos do Salvador de Vilarinho Cambas*: “Paga Domingas Gonçalves da Caza e honra cada anno por dia de S. Miguel de Setembro a esta Igreja hum quartilho e meio de azeite pera a lâmpada da Sr.ª da Paz desta Igreja. Paga Maria da Silva da Caza que peçue a esta Igreja por dia de Sam Miguel de Setembro hum cartilho de azeite pera a lâmpada da Sr.ª da Paz desta Igreja que por minha sanção aplico pera ella” (APDSVC, *Livro dos Usos do Salvador de Vilarinho Cambas*, 1707, f. 3v).

<sup>50</sup> A igreja de Vilarinho das Cambas é descrita na sua memória paroquial nos seguintes termos: “O orago desta freguesia he o Salvador. Tem tres altares, o mor he do Sacramento, outro de Nossa Senhora da Paz e o outro de S. João Batista, não tem Irmandade e he de huã nave so” (ANTT, *Dicionário Geográfico, Vilarinho de Cambas*, vol. 41, n.º 323, f. 1947).

<sup>51</sup> APDSVC, *Auto de revisão d’inventário*, 1878.

<sup>52</sup> Quanto à imagem grande, referir que ainda é venerada na igreja paroquial. Da imagem pequena, desconhece-se atual paradeiro.

menor dimensão), eram igualmente venerados São Bento e o Mártir São Sebastião. Segundo o inventário de 1878, figurava junto de um dos retábulos um quadro com a estampa do Coração de Maria. Já em 1907, para além do quadro do Coração de Maria – disposto na parede lateral junto do altar da Senhora da Paz – existia um quadro com a estampa do Coração de Jesus, junto do altar de São João Baptista.

O valor artístico das imagens devocionais é acrescido quando a elas se aditam coroas, resplendores e atributos em prata. E, de facto, Vilarinho tinha-os. Segundo os documentos analisados, eram várias as imagens possuidoras de atributos de ourivesaria. Ambas as imagens de Nossa Senhora da Paz eram coroadas com coroas de prata. A imagem do Mártir São Sebastião possuía um diadema em prata, assim como as imagens de São João Baptista. À pequena de São João estava igualmente atribuída uma pequena cruz, também ela em prata. A imagem do Divino Salvador era coroada por um esplendor de prata e, sobre o globo que carrega, uma Cruz no mesmo material. A imagem do Menino Jesus, na época apelidado de Menino de Deus, era também possuidora de um diadema em prata. Por fim, a imagem de Santo António, coroada por um resplendor e com uma cruz na mão<sup>53</sup>. Já o Menino Jesus que lhe estava nos braços, para além de um resplendor, era igualmente possuidor de uma cruz que, certamente, carregaria na mão<sup>54</sup>, tudo isto em prata.

Os registos fotográficos da DGMEN, datados da década de 50 do século XX, permitem-nos conhecer com maior detalhe o interior da igreja. Os tetos da capela-mor e nave eram totalmente decorados com pinturas a óleo, moldurados por caixilhos talhados. No teto da capela-mor, em abobada de berço, figurava o Mistério da Transfiguração no Monte Tabor, episódio recordado liturgicamente no dia 6 de agosto – o dia escolhido para a celebração deste acontecimento descrito nos Evangelhos sinóticos<sup>55</sup> e cuja memória litúrgica associa, desde tempos imemoriais, a celebração do Divino Salvador<sup>56</sup>, orago da

---

<sup>53</sup> Está escrito no inventário: “um resplendor e uma cruz de prata da imagem de Santo Antonio e um resplendor tambem de prata do Menino de Deos que esta nos braços do mesmo Santo” (APDSVC, *Auto de revisão d’inventário*, 1878, f. 6).

<sup>54</sup> Conforme informação do inventário: “dois resplendores e uma corôa de Santo Antonio; duas cruces uma grande e outra pequena; todas estas pratas estão bastante usadas e algumas já estão defeituosas” (APDSVC, *Auto de revisão d’inventário*, 1878, f. 11v e f. 12)

<sup>55</sup> Há menção a este episódio nos Evangelhos de São Mateus, São Marcos e São Lucas.

<sup>56</sup> O Pe. Avelino Jesus Costa defende que, “a festa patronal devia ser, a princípio, no dia de Natal ou de Páscoa, mas, desde o séc. XI ou XII, ficou-se a 6 de Agosto, por causa do evangelho da Transfiguração que neste dia se lê” (Costa, 1997, p. 512).

comunidade. Segundo o registo fotográfico da DGMEN percebe-se que também as paredes da capela-mor eram total e ricamente decoradas com diversos quadros cuja temática se acredita ser de mistérios relacionados com a vida e milagres do orago paroquial, mas talvez não os mesmos que figuravam o teto da nave. Esse, desenvolvido em caixotões, estava dividido em quinze painéis, onde figuravam os quinze mistérios do Rosário, divididos nas temáticas de mistérios gozosos<sup>57</sup> (pelo lado norte), mistérios dolorosos<sup>58</sup> (ao centro) e mistérios gloriosos<sup>59</sup> (pelo lado sul). Pinho Leal, no seu *Portugal Antigo e Moderno*, dá conta de que os mesmos haviam sido restaurados em 1733 (Pinho Leal, 1886, p. 1337), o que indicia a sua antiguidade, já no século XVIII (Veja-se Anexo 11). Porém, não foram identificados registos escritos que atestem a informação de Pinho Leal.

Também as laterais da nave eram, segundo as fotografias da DGEMN, decoradas com pinturas a óleo, igualmente molduradas (Figura 4). No entanto, e diferenciando da capela-mor, não preenchiam a totalidade das paredes, ficando reservada a sua disposição nas proximidades dos retábulos laterais. Não foi encontrada documentação que os descrevesse, nem tampouco que auxilie na perceção das figurações neles patentes. Acredita-se que seriam entre oito a doze, dispostos simetricamente pelas paredes laterais da igreja. Pela fotografia consegue perceber-se que a temática tratava a figuração de Santos (e talvez Santas) com alguma relevância litúrgica ou devocional popular. Pela análise do registo fotográfico consegue-se identificar a figura de São Francisco de Assis e um santo dominicano (fosse ele São Domingos de Gusmão – fundador da Ordem Dominicana; ou São Gonçalo de Amarante). Consegue ainda perceber-se uma outra silhueta, crê-se que de São Francisco Xavier, dado o chapéu tricórnio, estola, batina e sobrepeliz que alberga.

Pelo menos desde os anos de 1930, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus teria resultado na aquisição da primitiva imagem – talvez em 1933, uma das datas que figura

---

<sup>57</sup> Os Mistérios Gozosos são os seguintes: Anunciação do Anjo a Nossa Senhora; Visitação de Maria a Isabel; Nascimento do Menino Jesus; Apresentação do Menino no Templo; Perda e Encontro do Menino Jesus no Templo, entre os doutores.

<sup>58</sup> Os Mistérios Dolorosos são os seguintes: Agonia no Jardim das Oliveiras; Flagelação de Cristo; Coroação de Espinhos; Caminho do Calvário; Crucificação de Nosso Senhor.

<sup>59</sup> Os Mistérios Gloriosos são os seguintes: Ressurreição do Senhor; Ascensão do Senhor; Descida do Espírito Santo; Assunção da Virgem; Coroação de Maria como Rainha do Céu e da Terra.

no estandarte da Confraria homónima<sup>60</sup> – que passou a presidir o altar até então dedicado a São João Baptista. Terá sido também nessa mesma altura que o altar da Senhora da Paz veria mudanças em virtude da chegada da incomparável devoção à Senhora de Fátima que passou a presidir o retábulo lateral do lado do Evangelho. Segundo a fotografia que dá conta do interior do templo paroquial vilarinhense (Figura 4), algures entre os anos quarenta e inícios dos anos cinquenta do século XX, percebe-se, com clareza, a presença dessas mesmas devoções nos altares laterais. A imagem de São João Baptista estava, à época, numa mísula lateral do lado do Evangelho e, fronteiro a esta, uma outra com a de Nossa Senhora da Paz. Talvez o mesmo destino tenha tido a imagem o Mártir São Sebastião. No entanto, o ângulo em que a fotografia foi tirada não revela a totalidade da parede sul da igreja pelo que esta hipótese pode, na prática, não se ter feito sentir. Pela análise do mesmo registo fotográfico, percebe-se já a presença do harmónio, que se sabe ter sido adquirido no período em que o Pe. Augusto Veloso paroquiou a freguesia de Vilarinho das Cambas (1942-1958) e que, certamente, veio substituir os órgãos deteriorados que, em 1907, existiam no coro-alto da igreja<sup>61</sup>, um deles de realejo<sup>62</sup>.

Do mesmo modo, destaca-se a presença obrigatória da fonte batismal, disposta à entrada da igreja (Veja-se Anexo 12), pelo lado esquerdo, seguida de um confessionário móvel. As cruzes da Via Sacra figuravam nas laterais da nave. As mísulas e altares eram possuidores de castiçais, toalhas brancas e arranjos florais, bem como, naturalmente, as aludidas imagens. Na capela-mor, destacava-se ainda a presença de anjos tocheiros<sup>63</sup> e, pelo menos, um genuflexório.

O terreno da igreja era delimitado por um muro caiado de branco, que circunscrevia não só o templo, como o cemitério da paróquia. Em 1925 procedeu-se à construção do novo, e atual, cemitério, na então Horta das Cavadas, que pertencia ao passal da igreja. De

---

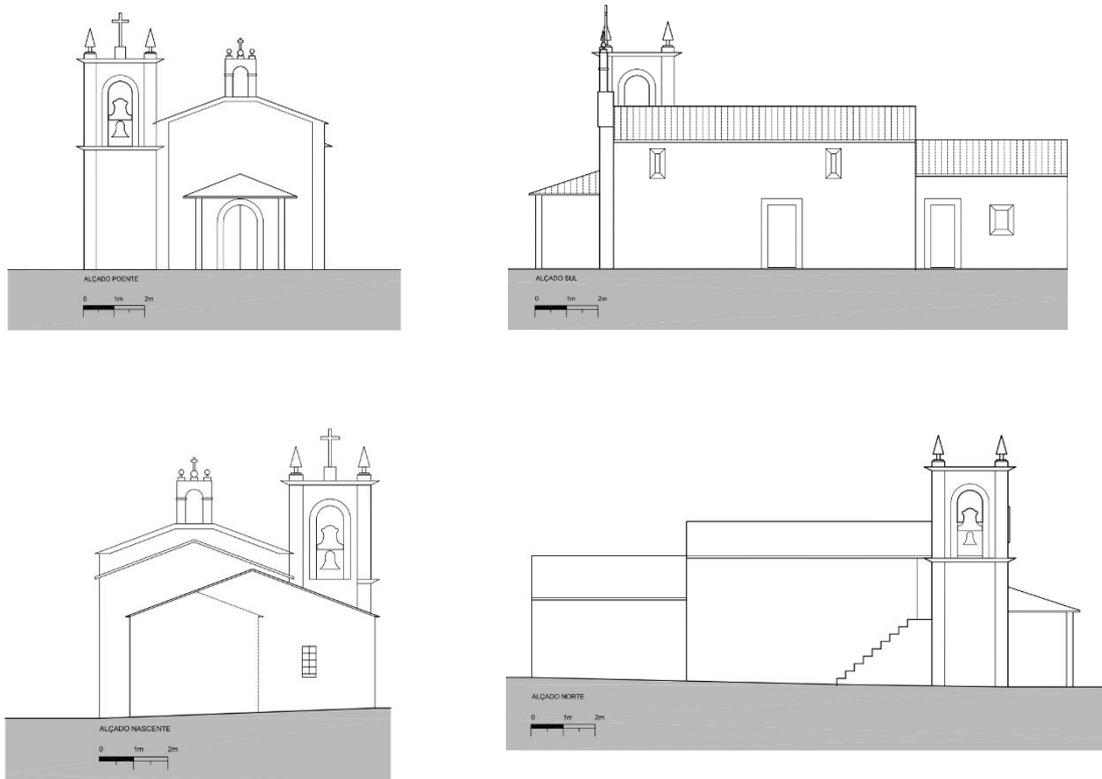
<sup>60</sup> Veja-se Apêndice 5.

<sup>61</sup> Conforme informação descrita no inventário: “uns órgãos bastante deteriorados no côro da Egreja” (APDSVC, *Auto de revisão d’inventário*, 1878, f. 10v).

<sup>62</sup> Tal como elucida o inventário: “no côro um orgam de realejo = uma caixa do archivo e um armário, tudo com muito uso” (APDSVC, *Auto de revisão d’inventário*, 1878, f. 6).

<sup>63</sup> Figura no inventário paroquial do século XIX: “quatro imagens de serafins com suas tocheiras, aos lados da capella mor, e mais dois tocheiros na mesma capella mor (...) Duas cruzes de pau na sacristia e duas imagens de serafins com duas tocheiras” (APDSVC, *Auto de revisão d’inventário*, 1878, f. 5v).

modo que se tenha uma melhor noção daquilo que era o edifício paroquial de Vilarinho das Cambas, atente-se na Figura 5 que procura ilustrar os seus alçados.



**Figura 5** – Alçados da antiga Igreja Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas  
Fonte: Hélder Marques

## Capítulo 3 – As Devoções da Paróquia de Vilarinho das Cambas

### 3.1. O Orago e as Devoções Locais

Desde os primeiros tempos de existência da paróquia que o Divino Salvador é venerado como o orago da comunidade de Vilarinho das Cambas. No entanto, e há semelhança de todas as outras paróquias, esta devoção não é única a fazer-se sentir no centro de culto local. No sentido de compreendermos de que forma as devoções locais se foram desenvolvendo, é necessário analisar as informações apresentadas nos *Estatutos da freg.ª do Salvador de Vilarinho das Cambas*, datados de 1688, e guardados em arquivo paroquial. Este documento expõe os princípios pelos quais se regia a extinta confraria do Santíssimo Nome de Deus, à qual parece estar anexa, a igualmente extinta confraria do Subsino<sup>64</sup>. Não se sabe quando foi fundada, nem tampouco quando terminou a sua atividade, apesar da memória paroquial de 1758 referente a esta freguesia garantir que a Paróquia “não tem Irmandade”<sup>65</sup>. Todavia, há documentos sobre a mesma, em cartório paroquial, pelo menos até ao século XIX<sup>66</sup>. Paralelamente e se forem analisadas algumas das memórias paroquiais do território de Vila Nova de Famalicão, cruzam-se dados que merecem ser aqui apresentados na tentativa de avaliar a realidade devocional vilarinhense.

Por um lado, a memória paroquial de São Silvestre de Requião garante que existia então, na comunidade, a confraria “do Subsino commum em todas as freguezias que comprehende a todos os moradores, a do Santissimo Nome de Deos que anda anexa à dicta por obrigação da Ordem e Constituições do Arcebispado”<sup>67</sup>. Da mesma forma, a de São Martinho do Vale garante que as Confrarias do Subsino e do Nome de Deus são anexas e comuns a todas as paróquias<sup>68</sup>. Ora, de facto, a memória paroquial de Vilarinho das Cambas menciona apenas a não existência de irmandades, não de confrarias... até

---

<sup>64</sup> Definiu o Pe. Carvalho Correia as confrarias do Subsino nos seguintes termos: “Numa palavra, a Confraria do Subsigno aglutinava responsabilidades, hoje repartidas pela Corporação Fabriqueira e pela Junta de Freguesia” (Carvalho Correia, 2010, p. 98).

<sup>65</sup> ANTT, Dicionário Geográfico, Vilarinho de Cambas, Vermoim, vol. 41, n.º 323, f. 1947.

<sup>66</sup> No livro dos estatutos há um acórdão datado de 1824 (APDSVC, *Treslado dos Estatutos...*, 1688, f. 13).

<sup>67</sup> ANTT, Dicionário Geográfico, Requião, Vermoim, vol. 31, n.º 70, ff. 390-391.

<sup>68</sup> A memória paroquial de São Martinho do Vale dá-nos a informação de que “as confrarias do Subcino e Santissimo Nome de Deus, anexas e comuas em todas as freguezias” (ANTT, Dicionário Geográfico, São Martinho, Vale, Vermoim, Barcelos, vol. 38, n.º 79, f. 426).

porque, apesar de elementos semelhantes, divergem no sentido da formalidade. Se, por um lado, as confrarias resultam da união de um grupo de leigos, as irmandades têm de ser constituídas formalmente e reguladas por determinados estatutos, aprovados pelo prelado local, neste caso, o Arcebispo de Braga. O tronco comum que ambas possuem é o facto da promoção do culto público ao(s) Santo(s) titular(es), associando-o à prática da caridade fraterna no socorro dos irmãos e na assistência nas cerimónias fúnebres (Capela, 2005, p. 575).

Mas voltemos aos estatutos da confraria do Subsino e Santíssimo Nome de Deus da freguesia de Vilarinho das Cambas. Para além dos dados estatutários relativamente às missas de sufrágio pelas Almas, toque dos sinos ou limpeza da igreja, trata daqueles que eram conhecidos pelos “clamores da freguesia”, ou seja, as romagens a determinados espaços sagrados em súplica de bênçãos, misericórdia e proteção.

“Tratava-se de procissões penitenciais a realizar todos os anos, num dia determinado, a uma ermida ou igreja da própria freguesia ou das vizinhas, por vezes a grande distância, cujo percurso, à medida que foi esfriando a devoção religiosa, se tornou ocasião de perversão e de imoralidade por causa da promiscuidade dos sexos na ida e/ou no regresso nocturno. Daí a intervenção da autoridade religiosa, que acabou por proibir esses votos para longas distâncias, comutando-os para a igreja ou uma capela da própria freguesia ou da limítrofe” (Soares, 1987, p. 341).

Assim, no século XVII, aquando da elaboração dos estatutos, foram definidos três atos de piedade fora dos limites da freguesia, o que parece contrastar com algumas das freguesias próximas que apresentavam um vasto rol de peregrinações obrigatórias, ao longo de todo o Calendário Litúrgico<sup>69</sup>.

O primeiro clamor era a romagem à ermida do Santo do Monte (Veja-se Apêndice 6), na freguesia do Louro, naquela que era a segunda-feira a seguir ao Domingo de Pascoela. Dedicada a São Pedro Gonçalves Telmo, desconhece-se o aparecimento desta devoção na localidade; nem tampouco é conhecida a data da fundação da primitiva ermida,

---

<sup>69</sup> Por exemplo, a freguesia de São Miguel da Lama, do mesmo Arciprestado de Vila Nova de Famalicão, tinha cerca de treze clamores às freguesias próximas, de onde se destacam, o de São Gonçalo, em Bente; o de Santo Amaro, na Carreira; o de São Brás, em Landim; o da Senhora da Oliveira, em Guimarães; o de São Frutuoso, em Rebordões; o de São João, em Avidos; o de São Paio, em Seide; o de Santa Ana, em Ribeirão ou o de São Martinho, em Sequeirô (Carvalho Correia, 2010, p. 132).

apesar de no lintel da porta principal estar gravada a data de 1648; contudo, os primeiros documentos encontrados que a mencionam datam somente do século XVIII<sup>70</sup>. Pelos estatutos vilarinhenses e epigrafia referida percebe-se então que, pelo menos desde o século XVII, existia a devoção em torno de São Telmo na freguesia do Louro. O que não deixa de ser interessante, uma vez que a devoção para com o também apelidado de Corpo Santo está intimamente ligada às comunidades piscatórias, dado que foi este o Santo eleito para protetor dos mareantes peninsulares. Ora, nem a freguesia do Louro, nem o concelho de Vila Nova de Famalicão se localizam na faixa costeira do território português, pelo que se desconhece o enraizamento devocional de um Santo vincadamente possuidor de características marítimas. De qualquer das formas, atualmente, e já – pelo menos – desde o século XIX, a maior devoção nesse local é em torno de Santo Ovídio, o atual titular da capela<sup>71</sup>. As anuais festividades em honra do Santo do Monte, que comemoram o patrocínio de Santo Ovídio e São Pedro Gonçalves Telmo, ocorrem ainda hoje na quadra pascal, com destaque para o domingo de Pascoela.

O dia 7 de julho era reservado ao clamor à capela de São Marçal (Veja-se Apêndice 7), na freguesia de Esmeriz. Franquelim Neiva Soares, a propósito da sua investigação sobre a citada freguesia, encontrou referências nas visitas à mesma relativamente a este espaço desde 1625, dado que nesse ano era necessário proceder-se ao restauro da primitiva ermida que, então, se situava no alto de um monte, afastado dos aglomerados populacionais<sup>72</sup>. A transladação do edifício iniciou-se em 1657, aquando da aprovação

---

<sup>70</sup> Escreveu o Pe. Carvalho da Costa, nos inícios do século XVIII que, na freguesia do Louro, havia já “huma Ermida de S. Frey Pedro Gonçalves Telmo, a q chamaõ Santo do Monte; festeja-se à segunda-feira da Pascoela, a que concorrem muitos clamores das Freguesias visinhas” (Carvalho da Costa, 1706, p. 325).

<sup>71</sup> No século XIX, Pinho Leal descreveu as devoções do Santo do Monte nos seguintes termos: “ha mais n'esta freguezia a ermida do Santo do Monte (S. Frei Pedro Gonçalves Telmo, ou Corpo Santo, ou Santelmo dos navegantes) e do Senhor dos Passos, filial da igreja matriz; e n'ella annualmente se faz, com grande concurso de povo, na dominga da Paschoella, grande festividade e romaria. Também n'esta capella se venera a milagrosa imagem de Santo Ovidio, a que os romeiros levam telhas (...) furtadas em logar de ofertadas” (Pinho Leal, 1874c, p. 465). Por curiosidade, expor que esta oferta das telhas a Santo Ovídio como paga das suas promessas já aparece mencionada na memória paroquial de São Martinho de Avidos (Vila Nova de Famalicão), datada de 1758: “Santo Ovidio Arcebispo de Braga. A este santo concorre bastante gente em todo o tempo do anno, implorando remedio, ou alivio nas dores de ouvidos e faltas desta faculdade. E entre algumas lemitadas offertas, que a piedade christã lhe oferece hé principalmente huma athé duas telhas, sem que se saiba o motivo de semelhante oferta; nem menos se pode alcançar com que fundamento dizem que a tal telha oferecida há de ser furtada do telhado da madrinha do enfermo” (ANTT, Dicionário Geográfico, Avidos, Vermoim, vol. 5, n.º 59, f. 904).

<sup>72</sup> Escreveu o autor: “Em Esmeriz há, desde tempos imemoriais, a capela de S. Marçal, que talvez remonte à Idade Média e se situava no monte deserto, muito distante das casas para todos os lados. É possível que o seu culto seja a cristianização de qualquer culto pagão nesse monte deserto” (Soares, 1987, p. 255).

de um pedido dos fregueses ao Cabido Bracarense, que procuravam cessar a vandalização e profanação do edifício, querendo, por isso, reconstruí-lo junto da povoação<sup>73</sup>. E é nesta altura que a história de Vilarinho se cruza com a figura de São Marçal.

No período subsequente à reconstrução da capela, era necessário benzê-la, para que no seu interior se pudessem desenvolver os ofícios litúrgicos. Para esse efeito, foi solicitado o parecer do então Abade de Vilarinho, Joaquim de Sá Tinoco, que se sabe ter parodiado esta freguesia entre os anos de 1648 e 1685. Acabou por ser ele a proceder à bênção do novo templo.

“Só cumprida a formalidade do registo, é que o Doutor Provisor despachou, no primeiro de Julho, que se passasse comissão para que o Rev.<sup>o</sup> Abade de Vilarinho benzesse essa igreja e que se passasse licença para se dizer missa (...). A segunda observação refere-se a mandar passar a comissão para a bênção não ao abade de Esmeriz, que era o pároco e doador à fábrica, mas sim o abade de Vilarinho das Cambas que se limitou a ir lá examinar o estado da capela e informar-se do seu rendimento. Como explicar a preterição do abade e do doador? Pelo valimento, pela cultura, pela santidade do abade de Vilarinho das Cambas? É possível, mas não disponho de elementos, neste momento, para estar por uma dessas qualidades em particular. Talvez todas elas até (...). A autorização acabou, afinal, por passar-se (...) a favor do P.<sup>e</sup> Joaquim de Saa Tinoco, abade de Vilarinho das Cambas, para que benzesse na forma do Ritual Romano, podendo, após a bênção, nela celebrar-se missa e os divinos ofícios, mas sem prejuízo dos direitos paroquiais” (Soares, 1987, pp. 261-262).

Talvez advenha deste acontecimento a antiga ligação devocional entre o povo de Vilarinho e São Marçal.

Por fim, era obrigatório novo clamor, desta feita à freguesia de Ribeirão, no dia de Santa Ana, a cada 26 de julho (Veja-se Apêndice 8). Os primitivos documentos que referem este edifício datam do século XVI, mais concretamente de 1560, quando é assinado o

---

<sup>73</sup> Neiva Soares descreve este acontecimento do seguinte modo: “estava situada no Monte despovoado e distante das casas para todas as partes quase meia légua, a qual por essa razão ficava exposta ou ocasionada a cometerem nela alguns desacatos, como já constara, por nelas terem achado peles de carneiros, que os ladrões iam matar dentro deixando depois as portas abertas aos animais que andavam pelo Monte; acrescentaram nele que os moradores, por essa razão, costumavam há alguns anos ter a imagem do santo na sua igreja paroquial, conduzindo-a à ermida só no dia da sua festa, mas que nesse momento queriam, por sua devoção, mudar à sua custa a ermida, trazendo-a para junto do povoado, a fim de nela ser venerado o santo com toda a perfeição” (Soares, 1987, p. 256).

documento da obrigação da sua fábrica<sup>74</sup>. Ao longo dos séculos seguintes, e em virtude das grandes peregrinações e clamores que em seu torno se realizavam, alguns deles de freguesias muito afastadas, foram necessários aumentos e alterações. A mais significativa, e mais recente, data já do século XIX, altura em que se procedeu à sua total reconstrução, em 1873<sup>75</sup>. A memória paroquial de Ribeirão, datada de 1758, revela já a importância devocional que o local assumia, no século XVIII:

“No dia de Santiago Mayor e no de Santa Anna, concorre muito povo à sua Ermida, pela especial devoção com que a reconhecem milagrosa em seus prodígios. E em muitos dias do anno visitam, não só a sua Imagem, mas também a sua Sagrada Reliquia que na Igreja esta colocada. E hé tal a fé que os seus devotos tem na Sagrada Reliquia e Imagem, que nos tempos de esterilidade de agoas ou demasiada abundancia dellas, sendo nocivas, havendo opressam de doenças, particulares ou contagiosas, logo se valem da sua protecção com fervorosos votos, circundando a freguesia com ellas em devotas procissoens. E sempre experimentam o alivio e favor do que necessitavam e não só hé esta devoção desta freguesia, mas hé de todas as circunvizinhas, que devotamente concorrem para os seus aplausos<sup>76</sup>”

Há que referir que se realizavam ainda, paralelamente, todas as sextas-feiras do período quaresmal, procissões em torno da igreja paroquial, sendo que uma delas era obrigatória dirigir-se até Ribeirão, presumivelmente até à igreja matriz da vizinha comunidade. Também a véspera do dia da Ascensão era sinal de rogações na freguesia, dado que, segundo os estatutos, era dever fazer uma procissão em redor do templo paroquial. Estes eram, no século XVII, os clamores de Vilarinho. Se, ao longo do século XVIII, estes continuaram a realizar-se, é provável que, aos primitivos, se tenham reunido novos clamores, em torno de algumas ermidas ou igrejas das proximidades ou mais longínquas<sup>77</sup>, como as apresentadas de seguida<sup>78</sup>.

---

<sup>74</sup> ADB, *Obrigação à Fábrica da Ermida de Santa Ana sita na freguesia de São Mamede de Ribeirão (1560)*. Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1311005>

<sup>75</sup> Sobre a porta da entrada principal da Capela, pode ler-se: “REEDIFICADA / A EXPENSAS / DOS MORADO/RES DESTA / FREGUEZIA / EM 1873”

<sup>76</sup> ANTT, *Dicionário Geográfico, Ribeirão, Vermoim*, vol. 32, n.º 106, ff. 628-629.

<sup>77</sup> Por exemplo, os estatutos da confraria de Ribeirão dão conta da obrigatoriedade de clamores à igreja de Santa Maria de Bagunte, bem como à ermida de São Marçal, em Esmeriz. Para além destes, seria então comum celebrarem-se, na comunidade, procissões em honra do *Corpus Christi*, Senhora do Rosário, Senhora da Graça ou São Sebastião, por exemplo (Soares, 1987, p. 342).

<sup>78</sup> Segundo o documento analisado e como referido, Vilarinho das Cambas tinha, no século XVII, três clamores que a obrigavam a ir em romagem a freguesias vizinhas. No entanto, pela informação que reunimos, é perceptível de que outras freguesias próximas eram

Desde logo, e pela análise das memórias paroquiais de 1758, das vizinhas freguesias, se levanta então a hipótese de romagem à capela do Espírito Santo, em Fradelos, cujas raízes do atual edifício datam de 1721<sup>79</sup>, não havendo certeza se, anteriormente, existiria no local um outro templo. Aliás, a memória paroquial de Fradelos, datada de 1758, indica a presença de fiéis em romagem, na solenidade litúrgica do Espírito Santo, isto é, no Pentecostes, e na sua primeira oitava<sup>80</sup>. Na mesma freguesia de Fradelos, existiam também as capelas de Santa Catarina<sup>81</sup>, no lugar de Pedras Ruivas, e a de Santa Bárbara<sup>82</sup>, no lugar da Povoação; no entanto, e como a memória paroquial não dá conta de romagens em seu torno, não se levanta a total hipótese de, a partir da freguesia de Vilarinho, sair a comunidade em procissão e clamores até às referidas capelas. No entanto, a antiguidade devocional nesses locais é notória pela análise de documentos, designadamente a referência ao reerguer da capela da Povoação, em 1678: “Capella de Sancta Barbara no mesmo lugar levantada de novo e (...) aperfeiçoada<sup>83</sup>”. Já no que toca à de Santa Catarina, edificada no lugar de Pedras Ruivas – que em 1897 e após a sua reconstrução passou a ser dedicada a Nossa Senhora das Neves – sabe-se que já existia em 1616<sup>84</sup>. Porém, levanta-se a hipótese de que a sacralidade daquele mesmo local seja já quase milenar em virtude do facto de a freguesia de Fradelos aparecer primitivamente referenciada, no *Censual de entre Lima e Ave*, datado do século XI, como “Sancto Pelagio de Paredes Ruvias<sup>85</sup>” (Costa, 2000, p. 53) e só aparecer tendo Santa Leocádia como

---

possuidoras de um vasto rol de rogações. Desde logo a freguesia da Lama, já apresentada, mas também a freguesia de Areias, cujo clamores passavam, por exemplo, pela igreja de Bente para a rogação a São Gonçalo; pela capela de Santo Amaro, na Carreira; pela capela de São Brás, em Landim; pela capela de Santa Catarina, em Cabeçudos; pela capela de São João, em Avidos; pelo igreja de São Paio, em Seide, pelo mosteiro de Santo Tirso para celebrarem São Bento ou pela já referida capela de Santa Ana, em Ribeirão, entre outros (Carvalho Correia, 2005, pp. 351-369).

<sup>79</sup> ADB, *Provisão da freguesia de Fradelos, onde esta situada a Capela do Espírito Santo, para que se possa benzer e nela se dizer missa (1721)*. Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1262280>

<sup>80</sup> Revela-nos a memória paroquial: “a sobredita ermida do Espírito Santo, vem alguma gente de romagem em dia do Espírito Santo e na primeira oitava” (ANTT, Dicionário Geográfico, Fradelos, Penafiel de Barcelos, vol. 16, n.º 141, f. 902).

<sup>81</sup> Atual capela de Nossa Senhora das Neves.

<sup>82</sup> Atual capela de São Bento.

<sup>83</sup> ADB, *Escritura à fábrica da Capela de Santa Bárbara, pelos moradores do lugar da Povoação, da freguesia de Santa Leocádia de Fradelos, termo da vila de Barcelos (1678)*, f. 202. Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1251799>

<sup>84</sup> ADB, *Papéis pertencentes à ermida de Santa Catarina, sita na freguesia de Fradelos, a favor de António Gonçalves e sua mulher, moradores na freguesia de Fradelos, termo de Barcelos (1616)*. Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1249356>

<sup>85</sup> Refere o Pe. Avelino Jesus da Costa: “a correspondência desta freguesia à de Fradelos está comprovada, em 1220 e 1258, pelo lugar de *Paredes Rubeas (Rubeis)*, hoje Pedras Ruivas” (Costa, 2000. 53).

orago desde 1220 (Costa, 2000, p. 53). A imagem de São Paio, aquele que foi o primitivo protetor do que viria a ser chamado Fradelos, ainda se venera no retábulo da dita capela. E por mencionar a figura de Santa Catarina, dizer que, também a memória paroquial da freguesia do Calendário não menciona, no século XVIII, nenhuma romagem à sua ermida<sup>86</sup>. Já em Cabeçudos, a situação é distinta, dada a menção dos seus clamores, por exemplo, nos estatutos da confraria do Subsino da freguesia de Areias (Carvalho da Costa, 2005, pp. 355-356), sendo também descritos na memória paroquial de Cabeçudos. Reconhece-se, assim, a importância devocional que o local já assumia no século XVIII, presumindo-se daí a possibilidade de ter também existido romagem por parte da população vilarinhense<sup>87</sup>, talvez no dia litúrgico da Virgem e Mártir, a 25 de novembro.

“A de Sancta Catharina costuma no seu dia, em que o juis e mordomos que se chegam cada anno, lhe fazem festa com missa cantada e sermão, concorre bastante povo e pella Quaresma nas Seistas Feiras vão ahi alguns clamores das freguezias vezinhas e desta<sup>88</sup>”

Da mesma forma, referir que a memória paroquial de Cavalões alude a presença de alguns romeiros que acorriam à capela de São Gonçalo, no dia litúrgico do Santo<sup>89</sup>. Dada a aprovação dos estatutos da confraria de Nossa Senhora da Guia, em 1735<sup>90</sup>, levanta-se igual hipótese de romagem do povo de Vilarinho rumo à antiga igreja de São Miguel de Gemunde. Apesar da vizinha freguesia de Outiz não possuir memória paroquial que elucide a respeito das suas particularidades no século XVIII, é crível a devoção em torno do seu orago, São Tiago, e alguma romagem por parte do povo das comunidades

---

<sup>86</sup> A antiguidade da devoção em torno de Santa Catarina, bastante enraizada no sul do concelho de Vila Nova de Famalicão está já documentada como antiquíssima, em 1633, nos livros de visita da Paróquia de São Julião do Calendário, analisados em 1936, pelo historiador famalicense, Vasco de Carvalho: “Vimos a capella de Santa Catharina (...). Não pudemos saber a origem de sua fundação: consta, porem, de documentos, que vimos, que já em 1633 se celebrava n’esta missa ha annos (...). Vimos mais o logar, onde, dizem, apparecera a Santa” (Carvalho, 1936, f. 4).

<sup>87</sup> O *Dicionário Geográfico* do Pe. Luiz Cardoso, datado de 1751, porém, não admite essa possibilidade: “S. Catharina Virgem, e Martyr, que se festeja no seu dia vinte e cinco de Novembro, em que concorrem algumas Procissoens das Freguezias de S. Eulália de Palmeira, S. Marinha de Louzado, Salvador da Lagoa, S. Maria de Abbade, e S. Payo de Seide” (Cardoso, 1751, p. 330). No entanto, também não elenca a freguesia de Areias e esta, no século XVIII, ia em clamor até à dita capela...

<sup>88</sup> ANTT, *Dicionário Geográfico*, Cabeçudos, Vermoim, vol. 8, n.º 15, f. 90.

<sup>89</sup> Descreve-nos a memória paroquial: “a esta cappella acode rumeiros em dia des de Janeiro de cada anno” (ANTT, *Dicionário Geográfico*, Cavalões, Vermoim, vol. 10, n.º 231, f. 1550).

<sup>90</sup> ADB, *Registo de confirmação de estatutos da Confraria das Almas, de que é padroeira Nossa Senhora da Guia, sita na freguesia de São Miguel de Gemunde, a favor dos officiais da dita confraria (1735)*. Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1286315>

vizinhas, no dia 25 de julho. Na freguesia de Brufe existiu, desde 1625 até ao século XX, uma capela dedicada a São João Evangelista<sup>91</sup>. No entanto, parece, pelo menos a partir de meados do século XVIII, não ter sido local de romagens, tal como indica a memória paroquial de 1758<sup>92</sup>. Atitude semelhante terá ocorrido em Gondifelos, em torno da ermida de Santa Maria Madalena, de origens seiscentistas, mas que não parece ter tido romagens de relevo (Martins Vieira, 2000, p. 77). Existia, no século XVIII, romagem no dia 10 de agosto em torno da ermida de São Lourenço, na vizinha freguesia de Lousado, pelo que é, igualmente, crível a presença de vilarinhenses nessas cerimónias<sup>93</sup>.

Sabe-se também, através de um quadro não datado que se reserva na antiga matriz de Vila Nova de Famalicão que os clamores desta paróquia passavam pela presença assídua dos crentes nas já aludidas festas do Santo do Monte, assim como nos clamores em torno da ermida de Santa Luzia<sup>94</sup>, em Requião, ou em torno da capela de Santo António, no centro da então Vila<sup>95</sup>. Não parece verosímil que a paróquia de Vilarinho tenha igualmente chegado a ir em clamor a Requião, até porque a povoação dista mais de 13 quilómetros. No entanto, é possível que tenham tido presença nos clamores até à capela de Santo António que, curiosamente e segundo o mesmo quadro, não se realizam no dia litúrgico do Santo, a 13 de junho, mas sim em dia de São Filipe e São Tiago (Menor), que ocorria anualmente no dia 1 de maio<sup>96</sup>. Apresenta-se também a possibilidade de romagem à freguesia de Ferreiró, no dia da Santíssima Trindade que, pelo menos desde o século XVIII, é venerada localmente com “Sermão e Missa cantada no seu dia<sup>97</sup>”.

---

<sup>91</sup> Em 1625 foi redigida uma obrigação que esclarece de que forma «nasceu» a capela: “os freguezes que elles todos unidos fizeram (...) huã ermida com suas (...) esmollas a honra (...) e invocação do milagroso São Joam Evangelista cuja imagem tem posta na dita ermida” (ADB, *Obrigação que fazem os fregueses da Igreja de São Martinho de Brufe, à fábrica da capela de São João Evangelista, sita na dita freguesia*, f. 33). Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1255865>

<sup>92</sup> Encontramos então referência a “huma capela do grande evangelista S. João de cuja antiguidade não consta, sem renda alguma nem romagem” (ANTT, Dicionário Geográfico, Brufe, Vermoim, vol. 7, n.º 80, f. 1279).

<sup>93</sup> A memória paroquial de Lousado dá-nos informação da existência de “huma ermida junto da ponte de Lagoncinha, que hé de Sam Lourenço martir (...). Acode em o dia do Santo somente romagem que dura té o meio dia” (ANTT, Dicionário Geográfico, Lousado, Vermoim, vol. 21, n.º 154, f. 1328).

<sup>94</sup> No século XVIII, eram três as celebrações que ocorriam nesta capela, sendo uma delas a 13 de dezembro, dia litúrgico da Santa; outra a 26 de dezembro e uma outra, desta feita na véspera do dia da Ascensão do Senhor, reconhecida por ser a maior das três (ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Requião, Vermoim, vol. 31, n.º 70, ff. 392-393).

<sup>95</sup> No quadro aludido, pode ler-se: “MISSAS DO SOBSINO / Missas pelos que morrem / em lugar das orasois / Missas pellas orasois dos mezes / Missas e precisois nas Sestas Feiras da Quaresma / Procicao ao Santo do Monte / Procicao a Santa Luzia / Procicao a Santo Antonio em dia de S. Felipe e S. Thiago / Missa mais por cada cabeceira que morrer”

<sup>96</sup> Desde 1969, após a revisão do Calendário Litúrgico, a celebração dos Apóstolos Filipe e Tiago (Menor) passou a ser celebrada no dia 3 de maio, aquele que era reconhecido como o dia da Santa Cruz, festa que foi suprimida dos Calendários. O dia 1 de maio passou a estar associado à celebração litúrgica de São José Operário.

<sup>97</sup> ANTT, Dicionário Geográfico, Ferreiró, Faria, vol. 15, n.º 55, f. 360.

Por fim, o culto local à Senhora da Basta, em Landim, cuja antiguidade devocional parece ter sido motivadora para que um mosteiro crúzio fosse instituído em torno da primitiva ermida mariana<sup>98</sup>. O *Santuário Mariano*, em 1712, dá-nos já conta da popularidade do seu culto, principalmente nos períodos de secas ou cheias; altura em que retiravam a imagem da Virgem do seu altar e traziam-na em procissão até Vila Nova de Famalicão “& sucede que logo nosso Senhor, ou dá serenidade, ou agua, segundo a necessidade o pede” (Santa Maria, 1712, p. 122). Ora, a particularidade desta celebração era que esta cerimónia tinha a participação ativa de todas as comunidades paroquiais do antigo Julgado de Vermoim, onde Vilarinho das Cambas figurava – “Nesta procissão se ajunta muyta gente, & todas as Freguesias com suas Cruzes, & guiões, & chegando perto de Villa Nova, se põem em ordem a procissão, & começaõ dalli as Ladainhas, & as vão entoando até à Igreja Matriz, & depois de feyta a sua rogativa, tornaõ a voltar (...) para o Convento de Landim” (Santa Maria, 1712, p. 122). Por curiosidade, referir que a mesma obra menciona igualmente outros cultos marianos de destaque no Julgado de Vermoim, embora não de tanta participação e ações rogativas como a da Senhora da Basta. São elas: Nossa Senhora da Oliveira (Santa Maria, 1712, pp. 208-210); Nossa Senhora de Pedra Leital, em Requião (Santa Maria, 1712, pp. 257-260); Nossa Senhora de Água Levada, em Lemenhe (Santa Maria, 1712, pp. 314-316).

### **3.2. Os Cercos de São Sebastião**

A devoção a São Sebastião, presente nas matrizes de todas as paróquias envolventes, teve, durante séculos, um enraizamento local tão forte que resultou em ritos processionais em volta das freguesias: os cercos. O culto ao Mártir iniciou-se na cidade de Roma, onde sofreu martírio, e terá chegado à Península Ibérica no fim do primeiro milénio da Era Cristã, em virtude de cedo se encontrar menção do seu nome nos calendários litúrgicos hispânicos. “E, em Braga, é certo o culto oficial no séc. XII”

---

<sup>98</sup> Publicou-se na obra *Santuário Mariano* que “a tradição dos principios, & origem desta milagrosa Imagem, he nesta maneyra. Junto ao referido Mosteyro de Landin havia antigamente huma Ermida, aonde era venerada de tempos bem antigos, huma Imagem de nossa Senhora, com o titulo de nossa Senhora da Basta (...). Esta Ermida como era antiquissima, que devia já estar alli antes da fundação do Mosteyro, veyo a arruinar-se, & os Religiosos do Mosteyro, que eraõ os administradores della, (...) tresladáraõ a Senhora à sua Igreja” (Santa Maria, 1712, p. 121).

(Carvalho Correia, 2005, p. 318), em virtude da referência ao seu patrocínio nas Ladainhas, conforme análise do *Missal de Mateus*, balizado cronologicamente entre 1130 e 1150. Dado ter sido associado o seu culto à cessação da peste, fome e guerra, é provável que a sua devoção tenha tido um forte incremento durante as pestes medievais, acentuando-se a partir do século XVI. A devoção em torno deste Santo, terá irradiado da metrópole bracarense após a instituição da confraria de São Sebastião e edificação da ermida homónima, nas Carvalheiras, cujas primitivas referências recuam a 1348 (Santos & Dinis, 1997).

Mais tarde, precisamente no século XVI, no tempo da Peste Grande, começa a haver notícias da ermida de São Sebastião, em Vila Nova de Famalicão, datadas de 1577<sup>99</sup>. Terá sido a partir daí também que a devoção ao Santo antipestífero se desenvolveu nas comunidades que hoje compõem o território famalicense e circunvizinho. Aliás, se forem analisadas minuciosamente as memórias paroquiais de 1758 do território que hoje compõe o concelho de Vila Nova de Famalicão, são raras as freguesias que não mencionam a presença de uma imagem de São Sebastião nas suas matrizes paroquiais ou até mesmo, e em alguns casos, com uma ermida ou capela ao Santo dedicada.

Em Vilarinho das Cambas, nenhuma da titularidade dos retábulos esteve, ao que se sabe, atribuída a São Sebastião, mas o facto de a imagem que, ainda hoje, se venera na comunidade datar, sensivelmente, dos finais do século XVII<sup>100</sup> (Veja-se Apêndice 9), pressupõe a sua presença na igreja matriz desde, pelo menos, essa altura. E consequentemente, é dedutível a realização dos cercos em torno da freguesia, com o andor do Mártir, pedindo o patrocínio do Santo em prol da salvaguarda das pestes, fome e guerras. Seriam, portanto, demoradas estas cerimónias que procuravam passar não só pelos lugares habitados, mas também pelos lugares meeiros, recordando assim os limites da freguesia através da passagem pelos antigos marcos divisórios que delimitavam os territórios (Carvalho Correia, 2001, p. 120). Deolinda Carneiro, na sua

---

<sup>99</sup> ADB, *Obrigação à Fábrica da Ermida de São Sebastião sita em Santa Maria Madalena de Vila Nova de Famalicão (1577)*. Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1311028>

<sup>100</sup> Numa imagem marcada por aqueles que foram os princípios da preocupação pelo enquadramento da peça escultórica, associada ao facto de poder ser vista de dois pontos de observação distintos, culminando com a teatralização do martírio do Santo, amarrado a uma árvore e cravado de setas.

dissertação de mestrado sobre *As Procissões na Póvoa de Varzim (1900-1950)*, estudou as questões relacionadas com o culto a São Sebastião e os cercos que em sua homenagem se realizam. Na elaboração da sua investigação, teve acesso ao *Livro de Visitas da Paróquia de Santa Eulália de Beiriz*, datado de 1872, que dá conta de uma Provisão Pastoral que proibiu, nessa altura os Cercos de São Sebastião:

“Provisão Pastoral (...) que proíbe as procissões dos cercos de S. Sebastião em volta das freguesias (...) ponderando que as procissões denominadas cercos, que se fazem em grande parte das paróquias deste Nosso Arcebispado, em honra do Glorioso Martyr S. Sebastião, nas quaes a sua e algumas outras sagradas Imagens são conduzidas em andôres em volta de toda a freguesia, se tem convertido em occasião de muitas irreverencias, desacatos e peccados, já por que atravessando montes e sitios escabrozos e caminhos defficeis não é possível guardar-se nellas a decencia e respeito que deve observar-se em todos os actos do culto divino; já porque esfriando a fé e devoção que aconselhou o estabelecimento destas solemnidades, e augmentada a immoralidade de que tudo abusa, têm-se tornado incentivo para ajuntamentos profanos, nos quaes nem a religião, nem a moral publica são respeitadas»” (Carneiro, 2006, p. 47).

É certo que, ao longo desta investigação, em nenhum momento foram encontrados documentos que descrevessem a realização deste tipo de cerimónia na freguesia; mas associando a presença da imagem na matriz paroquial com o facto de, segundo a investigação de Deolinda Carneiro, grande parte das paróquias da Arquidiocese de Braga celebrarem esta mesma efeméride, é crível que a mesma se tivesse feito sentir, em algum momento, na freguesia de Vilarinho das Cambas.

### **3.3. Vilarinho das Cambas como Sede de Clamor ou Festividade?**

Vilarinho das Cambas tinha assim, como referido, certas «obrigatoriedades devocionais». Mas será que, em algum momento da sua História foi palco de algum clamor das suas freguesias vizinhas? Na tentativa de justificar esta hipótese procurou-se a possibilidade de existirem nos cartórios de sedes paroquiais próximas, algum documento que pudesse dar conta dos estatutos das confrarias do Subsino ou Santíssimo Nome de Deus. Foram então desenvolvidas pesquisas nos arquivos paroquiais de São Martinho de Cavalões, São Martinho de Brufe, São Pedro de Esmeriz,

Santa Leocádia de Fradelos, Santa Lucrecia do Louro, São Tiago de Outiz e a extinta e sua anexa, São Miguel de Gemunde; mas sem sucesso<sup>101</sup>.

No entanto, e mesmo sem a presença de documentação que comprove essa hipótese, talvez o facto de a antiga igreja paroquial ser possuidora de um alpendre e púlpito exterior (Veja-se o ponto 2.3 e Anexo 13), possam ser indicativos de ajuntamento populacional em torno deste edifício, nalgum período festivo do calendário litúrgico. Até porque as presenças de púlpitos exteriores estão intimamente relacionadas com atos litúrgicos de romaria – portanto indicativo de uma grande afluência de fiéis – o que obrigava a que as celebrações e os sermões que lhes estão associados serem realizados ao ar livre, sobre o aludido púlpito. Também o alpendre frontal indica essa possibilidade, dado que a sua presença nas igrejas e capelas induz tratar-se de um local de peregrinação, com abrigo de romeiros, protegendo-os das chuvas e do sol, tal como ocorre, por exemplo, na já mencionada capela do Santo do Monte, no Louro; na capela de Pedra Leital, em Requião ou na capela de São Lourenço, em Lousado, esta última intimamente relacionada com o abrigo dos peregrinos de Santiago de Compostela que percorrem o Caminho Central Português.

A hipótese mais credível que se levanta é que fossem as festividades em honra de São João Baptista (Figura 6) que atraíam as multidões das freguesias ao redor. Isto por diversos fatores, designadamente por ser em torno desta figura que se realizam as mais populares celebrações em Vilarinho, às quais estão associadas características como o Auto de São João – representação teatral amadora dramatizada sobre um carro de bois<sup>102</sup> (Vejam-se Anexos 14 e 15).

---

<sup>101</sup> Relativamente a Santo Adrião de Famalicão, foi analisado o aludido quadro acima apresentado, mas não se procedeu a pesquisa documental sobre a temática. Já para São Mamede de Ribeirão, e dado o facto de estarem descritos na *Monografia de S. Pedro de Esmeriz*, optou-se por não visitar o cartório paroquial da aludida paróquia, sendo aproveitadas as informações compiladas da obra apresentada (Soares, 1987, p. 342). Já para São Julião do Calendário e extinta e sua anexa São Miguel de Custóias, não foi possível visitar o arquivo paroquial em tempo útil para o desenvolver deste tópico; porém, foi encontrada na biblioteca digital de Vila Nova de Famalicão, uma investigação feita por Vasco de Carvalho que elenca o rol dos clamores da freguesia. Os quaresmais estiveram direcionados às capelas de Santa Catarina e São Miguel – na freguesia do Calendário – bem como à igreja de Vila Nova de Famalicão e, claro, em torno da sua própria matriz, a igreja de São Julião. No resto do ano, dirigiam-se, no dia dos oragos ou titulares, aos seguintes locais: capela do Santo do Monte, no Louro; capela de Santa Luzia, em Requião; igreja de São Pedro de Esmeriz; capela de São Marçal, em Esmeriz; igreja de São Tiago d’Antas; capela de Santa Ana, em Ribeirão (Carvalho, 1936, f. 1).

<sup>102</sup> Para mais detalhes sobre o Auto de São João, veja-se o artigo “O Auto de São João de Vilarinho das Cambas”, publicado no Boletim Cultural do Município de Vila Nova de Famalicão (Cardoso, 2022).

Desconhece-se desde quando se realizam, apesar de, em 1956, um dos semanários locais de Famalicão garantir que, em 1726, esta tradição já embelezava as festas vilarinhenses<sup>103</sup>. No entanto, a memória paroquial de 1758 não as menciona; a bem dizer, não menciona a existência de nenhuma festividade na comunidade. Porém, deve ser apresentado o facto de a *Corografia Portuguesa* do Pe. Carvalho da Costa elencar a Paróquia como sendo “S. Joaõ de Villarinho das Cambas” (Carvalho da Costa, 1706, p. 323). Ora, é um erro atribuir a São João como orago desta comunidade pois, desde sempre, essa função está atribuída à figura do Salvador; e essa mesma invocação nunca foi alterada! Mas quererá esta informação atestar o enraizamento devocional sanjoanino que já se fazia sentir nos alvares do século XVIII<sup>104</sup>.



**Figura 6 – Festa de São João Baptista, em Villarinho das Cambas**

Fonte: Diogo Cardoso, 2023

---

<sup>103</sup> Revela-nos o *Notícias de Famalicão* (15 de junho de 1956, p. 2): “revivendo uma tradição secular, já em 1726 se realizava, conforme documentos que tenho à mão, o interessante «Auto de São João» com as melhores passagens da sua vida devidamente harmonizadas com os evangelhos, que a ela se referem pormenorizadamente. Será este número, sem dúvida, o que mais atrai a atenção dos milhares de romeiros que nunca faltam a esta festa tradicional e que tanto fala ao coração do povo”.

<sup>104</sup> Não se ache estranho o facto de, erradamente, São João figurar como orago de Villarinho das Cambas até porque, na mesma obra, outros desses «erros» figuram na hagioponímia paroquial e que, nesse sentido, induzem a antiguidade e forte enraizamento de certas devoções, suplantando então aqueles que são, de facto, os oragos paroquiais. Por exemplo, as Paróquia de Santa Eulália de Negreiros e São João de Chavão aparecem, na mesma obra, como tendo por oragos – erradamente – Santa Justa e São Brás, respetivamente; precisamente as devoções mais marcantes e enraizadas e em honra dos quais, ainda hoje, se celebram as maiores festividades das aludidas comunidades. “Santa Justa de Negreiros (...). S. Braz de Chavão” (Carvalho da Costa, 1706, p. 314).

Paralelamente, pode igualmente levantar-se a hipótese da presença de romeiros no dia da Assunção da Virgem, dia em que, na paróquia, se comemorava o título de Nossa Senhora da Paz, conforme elucidada, no século XIX, Pinho Leal (Pinho Leal, 1886, p. 1337). Uma terceira hipótese é a possibilidade de haver também as comemorações em honra do Salvador, a cada dia 6 de agosto. Atualmente, à celebração do dia do Orago está associado o culto ao Santíssimo Sacramento com a adoração eucarística no Lausperene Paroquial que marca o sábado mais próximo da solenidade litúrgica do padroeiro e, no domingo subsequente, a procissão eucarística (Veja-se Anexo 16). Estas cerimónias, segundo alguns testemunhos da imprensa local, chegaram a realizar-se na solenidade do Corpo de Deus<sup>105</sup>; porém, pelo menos desde 1952 já surgem associadas ao dia do padroeiro<sup>106</sup>.

### 3.4. O Culto Local às Almas

Apesar de não haver, na paróquia, nenhuma confraria de Almas, como ocorre, por exemplo, nas vizinhas freguesias de Lousado<sup>107</sup>, Gondifelos<sup>108</sup> e Ribeirão<sup>109</sup>, ou até Calendário<sup>110</sup>, Antas<sup>111</sup> ou Gemunde<sup>112</sup>, às quais está associado um culto mariano<sup>113</sup>, este culto está muito vincado na comunidade, dedutível pelas várias Alminhas que vão

---

<sup>105</sup> Noticiou o *Jornal de Famalicão* (10 de junho de 1950, p. 2): “segundo o costume louvável dos anos transactos, realizou-se com todo o esplendor a festa do Santíssimo em que tomaram parte numerosos fiéis sempre solícitos em honrar a presença real de Jesus na Hóstia consagrada”.

<sup>106</sup> Publicou o *Jornal de Famalicão* (26 de julho de 1952, p. 3): “vai realizar-se no dia 10 de Agosto, com toda a solenidade, a festa do SS.mo organizada pela confraria desta freguesia e embora de instituição recente, já vai alvoroçando o povo que a não pode dispensar”.

<sup>107</sup> O estandarte da Confraria das Almas de Lousado tem a informação de que foi fundada em 1674. A memória paroquial local descreve-a da seguinte forma: “tem huma irmandade de Almas, de que hé protectora a Senhora Sancta Marinha, padroeira desta freguezia” (ANTT, Dicionário Geográfico, Lousado, Vermoim, vol. 21, n.º 154, f. 1328).

<sup>108</sup> A memória paroquial de Gondifelos revela que, em 1758, a igreja tinha “o altar colateral (...) das Almas com confraria das mesmas” (ANTT, Dicionário Geográfico, Gondifelos, Faria, vol. 17, n.º 72a, f. 389). Há notas de que foi instituída em 1671.

<sup>109</sup> A irmandade do Coração de Jesus figura na memória paroquial de Ribeirão: “Tem uma devota Irmandade do Sagrado Coraçam de Jesus” (ANTT, Dicionário Geográfico, Ribeirão, Vermoim, vol. 32, n.º 106, f. 628). A esta irmandade, datada de 1745 foi unida, em 1787, a confraria das Almas.

<sup>110</sup> Conforme informação que figura nas pagelas que são distribuídas na festa de Nossa Senhora dos Remédios e Almas, em Calendário, a Confraria homónima foi fundada em 1580.

<sup>111</sup> A memória paroquial de Antas descreve que, à época, a paróquia tinha “tres confrarias, huma das Almas, outra do nome de Deos e outra do Subsino” (ANTT, Dicionário Geográfico, Antas, Neiva, vol. 13, n.º 5, f. 25). Desconhece-se desde quando, mas, atualmente, a confraria das Almas chama-se confraria de Nossa Senhora da Conceição e Almas e, segundo a data do estandarte devocional, foi fundada em 1572.

<sup>112</sup> A memória paroquial da extinta paróquia de Gemunde revela que “Nossa Senhora da Guia que hé protectora de huma irmandade das Almas” (ANTT, Dicionário Geográfico, Gemunde, Vermoim, vol. 17, n.º 32, f. 171).

<sup>113</sup> Existiram também confrarias de Almas nas freguesias do Louro e Cavalões. A do Louro, há menção da sua existência em 1763. Já para Cavalões, para além do facto de a capela de São Gonçalo ter-se já denominado capela das Almas, é facto de que, nesse mesmo local, esteve instituída uma confraria de Almas, fundada em 1758. Quanto a ambas, desconhece-se desde quando foram extintas.

povoando alguns dos cruzamentos viários da freguesia. Os painéis das mais antigas, recordam, precisamente, a salvação das Almas por parte do Crucificado, sendo este ladeado pelas figuras de São Miguel-o-Anjo e Santo António. Estão estas nos lugares da Igreja<sup>114</sup>, Barrinho<sup>115</sup> e Bouça<sup>116</sup>. Existe uma outra, junto do tanque público do Barrinho mas que, atualmente, está sem painel, embora se saiba que a figuração que nela estava presente ser, precisamente, o apresentado acima<sup>117</sup>.

Atualmente, na freguesia, existem oito nichos; embora alguns deles sejam de construção recente, nomeadamente, as de Santo António, no lugar do Barrinho (1985); São João Baptista, no lugar do Monte (1988); Santa Rita, no lugar de Felgueiras e Nossa Senhora de Fátima (≈2017), no lugar do Pombarinho. Estas duas últimas são privadas e todas as outras, ao que se apurou, semi-públicas.

Assim, e pela análise do exposto, consegue avaliar-se o enraizamento devocional vilarinhense em prol do sufrágio das Almas do Purgatório. Poderá, como referido, não haver menção a nenhuma confraria de Almas, nem tampouco nenhum dos antigos retábulos da antiga matriz serem devotados a esta invocação; porém, a presença desse mesmo culto – tão tipicamente português – fazia, e faz-se, sentir na comunidade. Aliás, era precisamente esse o objetivo quando, no século XVI, começaram a surgir em Portugal, estes pequenos monumentos como fruto das interpretações e indicações do Concílio de Trento (1545-1563), aquando da proclamação do dogma do Purgatório<sup>118</sup>. Neste tipo de espaços, habitualmente localizados no cruzar dos caminhos, ainda é habitual verem-se velas acesas ou flores e, à sua passagem, fazer uma vénia, tirar o chapéu em sinal de respeito ou até recitar-se alguma oração...

---

<sup>114</sup> As alminhas do lugar da Igreja estão dedicadas ao Crucificado, sob a designação de “Senhor dos Esquecidos”. Está a sua figura ladeada por São Miguel-o-Anjo e Santo António. No plano inferior, estão representadas as Almas.

<sup>115</sup> No lugar do Barrinho está o oratório do Senhor da Cruz que “já teve um painel dedicado às «Almas do Purgatório», mas em 1983 houve uma restauração e o mesmo foi retirado. No seu interior, há um Crucifixo, com a altura aproximada de 1,20m (...). Foi dito pelo proprietário do oratório que a via que se encontra junto, ligava antigamente, Famalicão à Póvoa de Varzim” (*Notícias de Famalicão*, 16 de janeiro de 1987, p. 5).

<sup>116</sup> As antigas Alminhas da Bouça foram demolidas em prol do alargamento da via. O seu painel era em chapa “com as seguintes figuras: Cristo Crucificado, S. Miguel e Santo António e em último lugar as «Almas do Purgatório»” (*Notícias de Famalicão*, 16 de janeiro de 1987, p. 5). Foi construída uma nova, depois o alargamento da via, algures entre os finais dos anos 80 e inícios dos anos 90, desta feita com um painel azulejar que representa o Crucificado e as Almas.

<sup>117</sup> Lê-se no *Notícias de Famalicão*, 16 de janeiro de 1987, p. 5: “A uns 200 metros da E. N. 309 estão umas alminhas (...). O painel é em chapa e com as seguintes figuras: Cristo Crucificado, Santo António, S. Miguel e por último as Almas do Purgatório”.

<sup>118</sup> Moisés Espírito Santo descreve que “cada encruzilhada possui um pequeno monumento incrustado na parede, como um nicho (...): são as alminhas (...). Não obstante, por influência do clero e nomeadamente como reacção à Reforma que negou a existência do Purgatório, esses monumentos desenvolveram-se a partir do século XVII” (*Espírito Santo*, 1990, p. 193).

## **Capítulo 4 – A Nova Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas**

### **4.1. As Obras Paroquiais da Área em Estudo no Século XX**

O século XX foi marcado, na região, pela demolição de dezenas de edifícios paroquiais para no seu lugar, ou imediações, serem edificados outros mais amplos e de maior volumetria, capazes de dar resposta ao aumento demográfico das comunidades de fiéis. No mesmo período, outras igrejas houve que, embora não sendo destruídas, sofreram obras de reestruturação profunda que lhes modificaram as estruturas, resultando em mudanças estéticas e arquitetónicas. Houve ainda casos, embora em menor número, de paróquias que, querendo preservar os edifícios antigos, construíram novas igrejas noutros lugares, para que o velho local de culto não desaparecesse. Ou seja, não só em Vilarinho, o caso aqui em estudo, como por quase todas as paróquias vizinhas dos concelhos de Vila Nova de Famalicão, Guimarães, Barcelos, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Trofa e Santo Tirso se assistiu, no século XX, a dezenas de obras, mutações, demolições e edificações de igrejas (Veja-se Apêndice 10).

Aquela que, no espaço em análise, foi a primeira grande edificação do século, resultou na inauguração da nova igreja de Santa Marinha de Lousado em 1903 (veja-se Anexo 17). Segundo descreveu Vasco de Carvalho, em 1955, a igreja de Lousado tinha no seu frontispício a seguinte informação: “Foi reedificada esta Igreja por beneméritos e parochianos desta freguesia em 1901 | Louzado” (Carvalho, 1955c, f. 3). Ora, associando esta data às notícias da imprensa local, apercebemo-nos que as obras paroquiais lousadenses ter-se-ão realizado em poucos meses, dado que a “nova” foi inaugurada a 15 de fevereiro de 1903:

“No dia 15 de fevereiro próximo realizar-se ha na freguesia de Louzado uma grandiosa festa que vae encher de alegria o seu digno parcho e nosso amigo P.<sup>e</sup> Alberto Adriano Pinto Basto, que vê coroados de pleno êxito os esforços que bizarramente desenvolveu para dotar a sua freguesia com uma nova igreja. Amplo e aceiado edificio, fica sendo dos melhores do concelho, quando ainda há pouco era um triste e acanhado pardieiro em ruínas. O digno abbade de Louzado teve a satisfação

de em dois annos dotar a sua freguezia com uma igreja, graças ao auxílio que soube encontrar de todos os seus parochianos e amigos<sup>119</sup>”

Não se encontraram muitos dados relativos ao edifício ou edifícios anteriores que, durante os séculos anteriores, serviram aquela comunidade. Apenas a memória paroquial de 1758 nos garante que a igreja se situava entre o Rio Ave e um dos seus afluentes<sup>120</sup>. Mais tarde, um inquérito ao Arciprestado de Vila Nova de Famalicão, datado de 1845, garante-nos que, à época, a igreja estava “segura e decente” (Cardoso, 2021, p. 315), o que contrasta com a imprensa local no início do século XX, que comentou o mau estado em que a antiga igreja de Lousado se encontrava, o que resultou na edificação da nova, entretanto demolida, como adiante se verá.

A paróquia de São Mamede de Ribeirão inaugurou a sua nova igreja em 1908<sup>121</sup>. Da antiga pouco se sabe, a não ser, à semelhança do que ocorreu em Lousado, algumas notas relativas às suas características devocionais, descritas na Memória Paroquial de 1758 e o facto de o mesmo Inquérito ao Arciprestado descrever que, em 1845, “a Igreja desta freguesia está segura e decente (...) mas precisa de grande reforma” (Cardoso, 2021, p. 330). Sobre a antiga, escreveu Vasco de Carvalho nos seus apontamentos que “a igreja velha ficava pela frente do actual cemitério onde começa a estrada para Belêco” (Carvalho, 1955d, f. 3). O modelo tradicional da arquitetura religiosa determina o edifício da atual igreja paroquial, dadas as características de nave única, capela-mor e torre sineira adoçada ao frontispício. Mas, fruto da grande evolução demográfica que a freguesia sofreu, elevada à categoria de vila em 1986, esta igreja sofreu obras de aumento nos anos noventa do século XX<sup>122</sup> (Santos, 2008), sendo aberta a parede do lado norte para, através dela, ser levantada uma nova estrutura resultando numa nova

---

<sup>119</sup> *Estrella do Minho*, 25 de janeiro de 1903, p. 1.

<sup>120</sup> O autor da memória paroquial diz-nos que “está esta freguezia digo Igreja entre dous rios hum grande e outro pequeno; o rio grande nace distante desta freguezia, nam sei onde nem o como; chama-se rio Ave. O pequeno dizem nacer em (...) Telhado tem varios nomes porque fora desta freguezia lhe chamam o rio de Villa Nova e nesta o da Ponte da Regedoura” (ANTT, Dicionário Geográfico, Lousado, Vermoim, vol. 21, n.º 154, p. 1329).

<sup>121</sup> Na fachada do edifício, está a seguinte inscrição: “RIBEIRÃO. TEMPLO EDIFICADO / A ESPENSAS DO BENEMERITO EX.MO SNR. / JOÃO JOSÉ DA SILVA. VILLA LIBÓRIO / E / DE PARTE DOS MORADORES DESTA FREGUEZIA / POR INICIATIVA DO CONEGO ABBADE MANOEL MARIA / TEIXEIRA, CAPELLÃO DA CASA REAL. / INAUGURADO EM 1908”.

<sup>122</sup> No interior do templo, há uma placa comemorativa onde se pode ler: “ESTA IGREJA DE S. MAMEDE DE RIBEIRÃO, / AMPLIADA E RESTAURADA COM A PARTICIPAÇÃO / GENEROSA DOS PAROQUIANOS, FOI DEDICADA POR / D. EURICO DIAS NOGUEIRA, ARCEBISPO PRIMAZ / EM 29 MARÇO DE 1998, SENDO O PÁROCO / O PADRE MANUEL JOAQUIM CARVALHO FERNANDES”.

nave, capaz de acolher cerca do triplo da assistência, comparada com a nave edificada nos alvares do século XX.

Nas décadas seguintes, foi tempo de se reedificar a capela de Santo António, em Vila Nova de Famalicão, até então ereta no antigo Campo da Feira. A capela existia desde pelo menos o século XVII<sup>123</sup> (Veja-se Anexo 18). Aparece referenciada na memória paroquial de 1758 e sabe-se que foi reedificada em 1775<sup>124</sup>. Acabou demolida nos anos 20 de século passado, a pedido dos moradores locais, que pretendiam “que as suas casas ficassem com algum espaço envolvente e recebessem, como é óbvio, mais luz solar” (Martins Vieira, 2000, p. 8). A contestação populacional, associada ao objetivo municipal de renovação daquela que era, à data, a praça principal do centro famalicense, resultou na sua demolição. Acabou por ser edificada uma nova, mais a norte, na rua Alves Roçadas, já pertença da freguesia de São Tiago d’Antas, tendo sido inaugurada em 1924 (Martins Vieira, 2000, p. 8). É o centro religioso das Festas Antoninas da cidade de Famalicão.

A paróquia de São Pedro de Bairro viveu, a 29 de junho de 1930, a inauguração da nova sede paroquial. No entanto, a construção deste templo veio contrariar o panorama constante que consistia, como temos visto, na demolição do antigo para a edificação do novo. Assim, esta foi a primeira comunidade dos arredores de Vilarinho a salvaguardar a sua antiga matriz, construção do século XVII, que ainda hoje se existe junto ao cemitério da freguesia. Ideia que parece não ter tido repercussão na vizinha freguesia de Pedome, que na mesma década iniciou as obras da sua nova igreja. Da anterior, pouco se sabe. O Inquérito de 1845 refere que, à época, a igreja não estava segura, nem decente e que “os fregueses (...) são bastantemente remissos em concorrer com o necessário para a decência e ornato da Igreja” (Cardoso, 2021, p. 324). Anos mais tarde, em 1883, um antigo pároco de Pedome procurou caracterizar a paróquia que lhe estava confiada, publicando uma breve resenha histórica no jornal *O Periódico*. Essas

---

<sup>123</sup> Escreveu-se sobre esta capela que, segundo a tradição local “esta capella erecta no lugar da Granja, em seu principio era de S. Ivo; mas é certo, que já em 1696 n’ella havia a imagem de St. Antonio que, desde então até hoje, tem sido festejada por muitos devotos” (Pereira, 1867, p. 235).

<sup>124</sup> ADB. *Registo de Provisão de licença a favor do juiz e mais devotos do Glorioso Santo António, de Vila Nova de Famalicão, para o Reverendo Pároco da mesma freguesia benzer a Capela de Santo António (1775)*. Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1283456>

informações foram, mais tarde, transcritas pelo historiador Vasco de Carvalho, de onde se destaca uma breve descrição da igreja paroquial<sup>125</sup>. Porém, relativamente às obras no edifício, no século XX, o pouco que se conseguiu reunir está descrito num pequeno trabalho feito por um aluno de Seminário, em 1994, que dá conta do seguinte:

“Até 1930, existiu uma pequena igreja da qual não se sabe se foi a primitiva igreja de Pedome de que falam os documentos ou se existiu outra, antes desta. O certo é que a que existia foi demolida, dando lugar a uma nova igreja. Da anterior, nada resta, tendo sido a sua demolição total apenas aproveitadas as pedras que serviram para a construção do muro que contorna o adro da igreja (...). Em 1971, a igreja de Pedome sofre novas alterações, devido à necessidade que o aumento demográfico exigiu. É então que o padre José Sampaio se lança na aventura de uma nova empreitada para levar avante notáveis acrescentos. As transformações limitam-se ao aumento do templo, na parte superior, passando duma só nave para nave e transepto” (Fernandes, 1994, pp. 9-10).

Nos anos 40 do século XX, procedeu-se ao desmantelamento da antiga igreja de Riba de Ave e edificação da atual, que se sabe ter sido inaugurada no dia 2 de julho de 1950<sup>126</sup>, naquele que foi o domingo subsequente à festa litúrgica do padroeiro, São Pedro<sup>127</sup>.

No ano de 1950 foi a vez da paróquia de Delães iniciar as obras de edificação da nova igreja, já depois da anterior, do século XVII (Veja-se Anexo 19), ter sido destruída. A conclusão das obras da nova igreja demorou cerca de treze anos, tendo sido inaugurada

---

<sup>125</sup> Escreveu o Pe. João Francisco da Cruz: “A igreja de Pedome é de condições extremamente acanhadas (...). É antiguíssima, como se conhece pelas portas ogivais e generalidade do estillo (...) Não tinha tribuna para exposição do SS. Sacramento: foi feita por cêrca de 1870, e por esta ocasião augmentou-se dous metros ao comprimento da capella-mór, e fez-se o côro, que tambem não tinha. Em 1878 fez-se um torreão para o pequeno sino, e augmentou-se a sacristia (...). A imagem do padroeiro – S. Pedro – é de granito (...). Chamam-lhe S. Pedro in cathedra (...). Há n’esta egreja dous altares latearaes, um dedicado á Senhora do Rozario, e outro a S. Sebastião” (Cruz, 1883, f. 2). Por curiosidade, referir o acesso à informação de que uma imagem de São Pedro, orago celeste de Pedome, datada do século XV em calcário policromado, pode ser vista no Museu Alberto Sampaio, em Guimarães.

<sup>126</sup> Na torre sineira da igreja de São Pedro de Riba d’Ave pode ler-se: “INAUGURADA EM 2 DE JULHO DE 1950 / POR SUAS EMINÊNCIAS CARDEAL PATRIARCA DE / LISBOA – CARDEAL ARCEBISPO DE LOURENÇO / MARQUES – ARCEBISPO PRIMAZ DE BRAGA / BISPO DE VILA REAL E BISPO DE BRAGANÇA / ANO SANTO 1950”.

<sup>127</sup> A esse respeito, escreveu Teresa Mesquita: “toda a sua construção foi conduzida a expensas do (...) filho desta terra, Comendador Narciso Ferreira. A história desta igreja confunde-se com a estória do seu principal benfeitor e o grau de religiosidade cristã que bafejou (...). Aquando da decisão de se erguer um novo e renovado templo em Riba d’Ave foi acordado que este deveria ficar localizado no mesmo solo sagrado onde desde há séculos se encontrava resistente a antiga igreja da paróquia. Contudo, exemplares no cumprimento dos sagrados votos que unia esta gente de fé ao velho templo de seus avós, tudo fizeram para que (...) não se destruisse superfluamente aquela, que ao longos dos anos se habituaram a chamar sua. Assim, cuidadosamente numerada cada uma das pedras foi derrubada para se transplantar, integralmente, a antiga igreja para os terrenos do Hospital da Santa Casa da Misericórdia onde, pedra a pedra, foi carinhosamente, reerguida” (Mesquita, 2007, p. 213).

a 8 de setembro de 1963<sup>128</sup>. De referir que os retábulos da antiga matriz de Delães<sup>129</sup> foram adquiridos pelo Museu de Lamas, em Santa Maria da Feira, onde podem ser admirados numa sala própria que toma o nome da localidade: “Sala da Capela de Delães” (Amorim, 2021).

Também a paróquia de Gondifelos procurou satisfazer as suas necessidades de ampliação do espaço litúrgico de modo a servir a sua comunidade e, por essa mesma razão, iniciou a edificação de um novo templo em 1950, com a particularidade de ver preservada o máximo possível a estrutura da antiga matriz seiscentista (Veja-se Anexo 20). Assim, a atual, foi edificada conforme as linhas arquitetónicas da anterior. As grandes alterações estão apenas relacionadas com as questões práticas de amplitude, altitude e, conseqüentemente, volumetria<sup>130</sup>. À semelhança do que aconteceu por exemplo em Riba de Ave ou Delães, foi edificada no mesmo espaço sagrado do edifício antecedente.

É então chegado o ano de 1954, que pela encíclica *Corona Fulgens*, foi categorizado como o primeiro Ano Mariano, numa comemoração do primeiro centenário da definição dogmática da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria. Três comunidades famalicenses quiseram iniciar obras nas suas igrejas paroquiais nesse ano: Jesufrei e Joane, além do nosso estudo de caso, Vilarinho das Cambas.

Quanto a São Miguel de Jesufrei (Veja-se Anexo 21), sabe-se que foram iniciadas as obras no dia 11 de setembro de 1954, com a bênção da primeira pedra, tal como noticiou o *Diário do Minho*: “Efectua-se hoje, nesta freguesia, o lançamento e benção da nova Igreja Paroquial, velha aspiração desta freguesia (...). Reina grande entusiasmo em toda a freguesia<sup>131</sup>”. Volvidos cerca de doze meses a obra ficou concluída. No

---

<sup>128</sup> Na fachada do edifício, pode ler: “INAUGURADA / POR SUA EX.ª RE.ª / D. FRANCISCO MARIA DA SILVA / ADMINISTRADOR APOSTOLICO / DA ARQUIDIOCESE / 8-9-1963”.

<sup>129</sup> Pela memória paroquial de 1758, sabemos que os altares da igreja de Delães eram dedicados ao Salvador, Nossa Senhora da Purificação e São Sebastião (ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Delães, Vermoim, vol. 13, n.º 11, f. 62).

<sup>130</sup> Segundo o *Estrela do Minho* (25 de abril de 1955, pp. 16-17), “foram quatro anos da maior actividade durante os quais foi posta à prova a tradicional generosidade da sua gente profundamente cristã que não faltou com o dinheiro necessário para que a obra se completasse. Muito desse dinheiro deve-se aos filhos desta freguesia dispersos pelo Brasil, embora o grande benemérito da nossa igreja (...) seja o Rev.º Padre David de Oliveira Martins (...). O formosíssimo Altar-Mor (...), ricamente ornamentado, é muito justamente considerado um dos melhores que se insinuam nas cinco dezenas de igrejas no nosso concelho. Deve-se a um homem que em terras de Santa Cruz, servindo o Brasil que o acolheu (...) – Manuel da Costa Eiró, importante industrial do Rio de Janeiro e filho muito querido de Gondifelos”.

<sup>131</sup> *Diário do Minho*, 11 de setembro de 1954, p. 3.

entanto, foi inaugurada solenemente apenas a 10 de junho de 1969, segundo nos informa a placa de mármore comemorativa, colocada sobre a porta principal deste templo<sup>132</sup>. A igreja<sup>133</sup>, apesar de recente quando comparada com algumas das envolventes<sup>134</sup>, segue a arquitetura tradicional das igrejas rurais dos séculos XVIII e XIX. A primitiva igreja do Divino Salvador de Joane foi edificada no século XI. Através de um documento transcrito no *Portugaliae Monumenta Historica*, conclui-se que a basílica fundada nesta *villa* era dedicada não só ao orago – São Salvador – mas também a Santa Maria, aos Apóstolos São Pedro, São Paulo e São Tiago, a São Martinho, São Miguel Arcanjo, São João Baptista e ao Protomártir Santo Estêvão (Herculano, 1869, p. 277). Envolta numa tradição de pertença à Ordem do Templo, foi esta igreja – de origens românicas – sendo preservada pelos joanenses e alvo de várias reformas ao longo dos séculos. De entre as muitas que se realizaram, destacam-se duas. A primeira grande obra, que se acredita ter sido desenvolvida no século XVI, está associada à anexação de uma nave paralela, adossada a norte. A segunda, data já dos finais do século XVIII<sup>135</sup>, quando foi construída, unida à nave sul, uma torre sineira – o único elemento que sobreviveu do antigo templo (Veja-se Anexo 22). Como referido, a edificação da nova igreja de Joane iniciou-se em 1954, mas estendeu-se pelas décadas seguintes. À semelhança do que aconteceu, e como adiante será descrito, com Vilarinho das Cambas, também aqui a DGEMN esteve envolvida e vários foram os avanços e os recuos nesta obra paroquial. Somente em 1966, as cerimónias religiosas foram transferidas para a

---

<sup>132</sup> Na fachada da igreja de Jesufrei está a seguinte inscrição: “ESTA IGREJA FOI CONSTRUÍDA / PELO POVO DESTA FREGUESIA / 1954-1955 / FOI INAUGURADA EM 10-06-1969 / POR / S. EX.ª REV.ª D. ANTÓNIO RIBEIRO / BISPO AUXILIAR DE BRAGA”

<sup>133</sup> Publicou o *Estrela do Minho* (06 de novembro de 1955, p. 3) a seguinte reportagem: “a poucos quilómetros de Famalicão, na estrada de Braga, está situada esta linda freguesia, que os montes escondem aos olhos dos que passam. É realmente pena que não fique à margem da estrada, porque a sua nova Igreja, obra cheia de simplicidade e sacrifícios, despertaria e espicaçaria a curiosidade de muitos e, quem sabe, talvez levasse alguns, que muito dizem e nada fazem, a imitar o seu belo exemplo (...). No mesmo lugar, onde há dois anos era difícil arranjar espaço para cumprir com o preceito dominical, hoje levanta-se, com orgulho e ufanía dos seus habitantes, uma das mais espaçosas e arejadas igrejas do nosso concelho. Dificuldades houve-as e não poucas, mas a vontade firme da valiosa Comissão da Igreja, a todas levou de vencida. Não ficou pedra sobre pedra, e todavia, desde os alicerces ao telhado, desde o soalho ao tecto, desde a sacristia ao elegante campanário que já tem os seus habitantes – os sinos – com os fatos domingueiros, nunca o desânimo invadiu as fileiras dos que meteram ombros a semelhante empresa. Com muitas raras exceções todos compreenderam o alcance da nova obra e cumpriram com o seu dever, contribuindo para ela, com o melhor do seu suor e do seu sangue (...). Por hoje limitamo-nos a dar esta breve notícia e a convidar os nossos leitores a visitar a pitoresca freguesia de Jesufrei, que sem fábricas, sem negócios, sem empresas, conseguiu o que a muitos parece impossível”.

<sup>134</sup> Quanto à antiga igreja de Jesufrei, foi encontrado um manuscrito no espólio de Vasco de Carvalho, na Biblioteca de Vila Nova de Famalicão, que a descreve nos seguintes termos: “a velha igreja, teve anteriormente um telheiro, a que chamavam «cabido», sobre a porta principal, para livrar da chuva” (Carvalho, 1955b, f. 2).

<sup>135</sup> Quanto à torre “fica a saber-se que foi construída entre 1780 e 1782” (Salgado, 2008, p. 66).

nova igreja, uma vez que grande parte da nave do novo templo estava já edificada. Acabou a antiga totalmente demolida no dia 11 de março de 1978. Muita da talha dourada, preservada aquando das obras, foi aproveitada para a composição do sumptuoso retábulo-mor da nova igreja de Joane. O outrora espaço sagrado, onde esteve edificada a antiga matriz de Joane é, atualmente, o adro da igreja paroquial.

No final dos anos 50 a paróquia do Calendário desenvolveu a edificação da nova capela de São Miguel-o-Anjo, no monte homónimo. Reconhece-se a antiguidade cultural em torno do Arcanjo naquele lugar. O *Censual do Bispo D. Pedro*, datado do século XI, elenca aquele local como paróquia, dando-lhe o nome de “Sancto Micahel de Monte” (Costa, 2000, p. 52). Desconhece-se a datação da anexação desta comunidade, mas, no século XVI, era já anexa da paróquia de São Julião do Calendário, numa informação comprovada pelo Tombo, datado de 1540<sup>136</sup>. A esse respeito, o Pe. Avelino Jesus da Costa garante que “a freguesia de S. Miguel passou de anexante a anexada e, finalmente, a lugar da do Calendário” (Costa, 2000, p. 52). Já relativamente à primitiva sede paroquial, nada se conhece, a não ser a certeza de que se localizava próximo do Castelo de Custóias, no Castro de São Miguel-o-Anjo, no topo do monte homónimo, e que terá sido transferida para um local de mais fácil acesso – na encosta sudeste do monte – talvez em meados do século XVII. Esta data é apontada por conta da análise arquitetónica da ermida que sobreviveu até ao século XX (Veja-se Anexo 23), mas também pelo cruzeiro que serve a capela e que tem gravada a data de 1673. Mas também este templo foi destruído, em 1969, já depois de estarem terminadas as obras de uma nova, e terceira, obra paroquial dedicada ao Arcanjo. Mais uma vez, esta obra foi justificada pela necessidade paroquial de servir a comunidade com os seus preceitos dominicais, fruto da evolução demográfica da freguesia do Calendário, situada “à porta” da cidade de Famalicão, que vinha conhecendo uma crescente e constante evolução<sup>137</sup>. A necessidade de um espaço

---

<sup>136</sup> ADB, *Tombo da igreja de São Miguel de Custóias e sua anexa São Julião de Calendário*. Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1310655>

<sup>137</sup> Segundo o *Estrela do Minho* (11 de agosto de 1957, p. 4) “a necessidade desta obra há muito tempo que se fazia sentir, pois há muito tempo, também se reconheceu a necessidade de uma missa paroquial, na zona sul da freguesia de Calendário, com lugares hoje muito populosos e a grande distância da igreja de S. Julião (...). Impunha-se, pois, uma nova Capela com amplitude para albergar 800 a 1.000 pessoas, tantas são as que naquela zona da freguesia acorrem a cumprir o preceito dominical (...). A nova Capela será levantada dentro do lugar de S. Miguel, junto do cruzeiro antigo e em terrenos cedidos”.

de culto, na área sul da freguesia, ficaria então, com a edificação da nova capela, satisfeita. No entanto, rapidamente se mostrou novamente exígua<sup>138</sup>, o que levou a que uma nova igreja fosse edificada no local, desta feita entre os anos de 1999 e 2003. Igreja essa que ainda hoje serve a comunidade e, a par da Igreja de São Julião e da Capela de Nossa Senhora de Fátima, formam a tríade dos locais de culto e catequético da Paróquia do Calendário.

Voltando novamente o foco para as obras paroquiais do século XX, temos – por exemplo – as obras da igreja de **Minhotães**, já pertença administrativa do vizinho concelho de Barcelos, mas por estar situada no extremo sul desse mesmo município é circunvizinha de várias freguesias famalicenses. A Paróquia do Divino Salvador de Minhotães viu, no século XX, a sua antiga igreja<sup>139</sup> (Veja-se Anexo 24) ser demolida para no seu preciso lugar ser edificada a atual, numa obra que demorou mais de vinte anos a ser concluída. Iniciadas as obras em 1957<sup>140</sup>, somente em 1978<sup>141</sup> foi inaugurada<sup>142</sup>.

Associada à comemoração das Bodas de Ouro Sacerdotais do Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa, inaugurou-se em Lousado, terra natal do prelado, uma nova matriz, no ano de 1961. A sua edificação foi extremamente rápida quando comparada com a maior parte das obras deste calibre realizadas e que aqui temos apresentado. Assim, deve elucidar-se que as obras da nova igreja iniciaram a 13 de maio de 1960<sup>143</sup> e volvidos

---

<sup>138</sup> Na monografia *Memórias de São Miguel-o-Anio*, pode ler-se que “a «Velha» Capela (1957/8) existente, tornou-se exígua, sem qualquer comodidade para os mais idosos e crianças em geral, e com a sua estrutura arquitectónica a degradar-se de dia para dia” (Ferreira & Fernandes, 2004, p. 33).

<sup>139</sup> Escreveu-se a propósito desta igreja, em 1948, o seguinte: “ao fundo de um pequeno terreiro, que se estende ao nascente da Estrada Nacional, ergue-se a Igreja Paroquial. Cercada de adro (...), é um templo baixo e modesto. Por cima da porta principal tem a data de 1702 (...). Por cima de uma singela rosácea está a imagem do Salvador, sentada. Ao lado direito da fachada levanta-se uma modesta torre com seu relógio, a qual por baixo de uma fresta tem a data – 1859 (...). A capela-mor é forrada a madeira pintada (...). O altar é em talha renascença antiga, parecendo que para aqui veio de outra igreja, sendo reduzido na ocasião da sua adaptação (...). Corre na tradição que esta Igreja esteve primitivamente no lugar da Lagoa, sendo mudada para aqui em data que não posso precisar” (Fonseca, 1948, pp. 252-253).

<sup>140</sup> Do lado norte da fachada da igreja de Minhotães, pode ler-se: “FOI LANÇADA A 1ª / PEDRA DESTA IGREJA / EM 29 DE AGOSTO DE 1957”.

<sup>141</sup> Do lado sul da fachada da igreja de Minhotães, pode ler-se: “FOI SOLENEMEN/TE SAGRADA E INAU/GURADA POR SUA EXCIª REVMA / O SR. D. EURICO DIAS NOGUEIRA / ARCEBISPO PRIMAZ / DE BRAGA EM 12 DE AGOS/TO DE 1978”.

<sup>142</sup> Segundo o *Jornal de Famalicão* (27 de setembro de 1958, p. 5), “Minhotães, freguesia já do concelho de Barcelos mas aqui a menos de meia dúzia de quilómetros da nossa Vila e que sabemos candidata ao nosso concelho, (...) vai viver, mais uma vez, hora de intenso brio bairrista e fervor religioso. Está a levantar – adivinho com que sacrifícios! – a sua casa verdadeiramente comum – a Igreja Paroquial. É uma obra de vastas proporções, linhas sóbrias e elegantes, moderna sem deixar de seguir o estilo tradicional das construções religiosas do nosso Minho cristianíssimo”.

<sup>143</sup> Tal como escrito na reportagem do *Jornal de Famalicão* (21 de maio de 1960, p. 3) “o dia em que a obra teve início ficará memorável como memorável já era o dia no historial da Igreja. O dia 13 de Maio. Começada a obra sob a protecção da Virgem e num dia que a Ela é consagrado, temos grande fé em que a sua protecção jamais lhe faltará”.

onze meses foi sumptuosamente inaugurada, a 23 de abril de 1961<sup>144</sup>. Sabe-se que a nova igreja de Santa Marinha de Lousado não foi edificada no espaço sagrado da antiga<sup>145</sup>, já aqui apresentada e inaugurada em 1903, tendo sido, e à semelhança do que aconteceu, por exemplo, em Joane, edificada em terrenos atrás matriz paroquial anterior.

Como se percebe, muitas das paróquias vizinhas de Vilarinho das Cambas conheceram, no mesmo período, obras que deram origem a edifícios mais amplos, ora ampliando os existentes, ora construindo novos<sup>146</sup>. De seguida analisaremos, com maior detalhe, o que se passou em Vilarinho das Cambas.

## 4.2. O Primeiro Projeto da Nova Igreja Paroquial

“Todavia, a nossa freguesia tem arcade com a construção de uma Nova Igreja, cuja despesa com a mesma já soma aproximadamente a linda quantia de 500.000\$00. Toda a verba foi conseguida à custa de muitos sacrifícios e privações da quase totalidade dos paroquianos da freguesia. Assim, esta freguesia está a escrever as páginas mais brilhantes do seu historial. Bem haja e para a frente é que é o caminho<sup>147</sup>”

O Pe. Augusto Veloso assumiu a paroquialidade de Vilarinho das Cambas em 1942 e, talvez desde aí, tenha sido seu almejo iniciar obras que ditassem a construção de um novo templo na localidade. Em arquivo paroquial, há um primitivo projeto, datado de julho de 1945 e assinado por António Dias Martins(?), com o título de *Projecto da Ampliação duma Igreja*. Nele estão registados os quatro alçados e respetiva planta topográfica de uma possível nova igreja para a freguesia de Vilarinho das Cambas, que em nada tem haver com a obra que, mais tarde, se executou. Seria então, conforme os desenhos remetidos ao Anexo 25, uma igreja de inspiração neoclássica, mas com alguns

---

<sup>144</sup> Na fachada da igreja de Lousado pode ler-se: “O POVO DE LOUSADO COM O AUXÍLIO DA INDÚSTRIA LOCAL / DEDICADAMENTE CONSTRUIU ESTA IGREJA / BENZEU-A / D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA / CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA / FILHO E GLORIA DA FREGUESIA, NO 50.º ANIVERSÁRIO / DA SUA PRIMEIRA MISSA / 23 DE ABRIL DE 1961”.

<sup>145</sup> A reportagem do *Notícias de Famalicão* (15 de julho de 1960, p. 1) refere que “a velha igreja de Lousado, com tão boas recordações para o povo desta bela freguesia do nosso concelho, começou já a ser demolida. Por ela passam de rosto triste os habitantes desta freguesia, como quem vela o cadáver de alguém muito querido. Por detrás da velha igreja vem-se já erguendo esbelta e graciosa a Nova Igreja, que dentro de pouco tempo será uma magnífica realidade”.

<sup>146</sup> Em Apêndice 11, serão apresentadas as obras paroquiais da área até aos finais do século XX.

<sup>147</sup> *Notícias de Famalicão*, 11 de agosto de 1961, p. 2.

traços que remeteriam à antiga matriz, desde a semelhança da planta, à correspondência de alguns dos pormenores dos alçados, como haverá ocasião de expor adiante.

Seria então composta por nave e capela-mor, à qual estava adocada ao frontispício, pelo lado norte, uma torre sineira. Teria um portal de inspiração clássica, com duas grandes colunas a ladear a porta principal, encimada por um frontão triangular. Acima deste, uma grande rosácea que permitiria uma imensa luminosidade colorida no interior do edifício, em virtude do uso dos vitrais que a decorariam. A torre sineira, composta por três nichos voltados a poente para a colocação dos sinos, teria a meio um varandim e, a coroá-la, um coruchéu piramidal, encimado por uma cruz e um cata-vento. Do lado sul do edifício, junto da pilastra direita, teria um nicho que albergaria uma estátua, possivelmente do orago paroquial.

A lateral direita possuiria – na nave – dois grandes janelões em arco e, no meio destes, um portal à semelhança do principal, mas sem as colunas a ladeá-lo, somente com o frontal triangular a encimá-lo. E daqui se depreende um grande aspeto comum à arquitetura do antigo edifício: é que era precisamente o alçado direito da velha matriz que tinha, não só duas janelas, como a porta lateral do templo. Já neste novo projeto, o alçado esquerdo teria então a sacristia adossada ao lado norte, assim como as escadas de acesso ao coro-alto que, por sua vez, levariam ao campanário – mas estas já desenvolvidas internamente, e em espiral. No alçado lateral esquerdo, não estavam projetadas nem janelas, nem portas, à semelhança da antiga igreja. Do alçado posterior, destaca-se a projeção de um grande janelão em arco, no centro da cabeceira da capela-mor, ideia repercutida, mas em muito menor escala, na cabeceira da sacristia; esta última, também num plano inspirado na arquitetura da antiga igreja.

Pela análise dos alçados, percebe-se que a torre sineira teria então nove nichos em arco, uniformemente distribuídos pelos alçados principal, lateral esquerdo e posterior. Do interior, o primitivo projeto não adianta muito, destacando-se, no entanto, as já aludidas escadas em espiral, internas, que fariam a ligação entre o coro-alto e o campanário. Por baixo desta estrutura, na base da torre, pelo piso térreo, estaria o espaço do batistério. Deste corte, igualmente remetido a Anexo 25, destaca-se a estruturação interna dos

telhados, coberturas e paredes. Mas, por algum motivo, este projeto não foi avante e, iniciaram-se os problemas.

### **4.3. Resistências à Demolição da Igreja**

Foi no dia 28 de março de 1945 que chegou à então Direção-Geral dos Monumentos e Edifícios Nacionais uma carta redigida por parte da Junta de Freguesia de Vilarinho das Cambas a expor à entidade o processo de demolição que se adivinhava iniciar. Com o intuito de salvaguardar a antiga matriz da comunidade, a Junta de Freguesia, na pessoa do então Presidente, António Fernandes Ilhão, escreveu o seguinte:

“A Junta de Freguezia de Vilarinho das Cambas (...), no intuito de salvar uma pequenina, mas vetusta parcelo do requissimo património artístico Nacional, bem respeitosa e expôr a V. Ex.<sup>a</sup>. o seguinte: Existe nesta freguesia, no lugar da Igreja, uma antiga Capela, que tem actualmente como orago São João Batista, cuja primitiva edificação data dos fins do século XV, a qual, desde sempre, serviu de Matriz a êste reduzido aglomerado (...).

Decoram os seus interiores um rico altar-mór de talha suscentista e pinturas a óleo de relativo valôr artístico. Tem esta edificação sido visitada, desde sempre, por personalidades de destaque no nosso meio artistico, scientifico e literário, merecendo a tódas elas elogiosas referências a sua simples, mas curiosa, linha arquitetónica, as vetustas pinturas da sua capela-mor, e do seu tecto artezonado, os seus retábulos, etc...

O seu conjunto constitue o único motivo de visita, atracção e turismo desta freguezia, essencialmente agrícola (...).

Sucedem, porém, que ultimamente, o novel pároco, há tres anos encomendado nesta freguesia, vem julgado a propósito de destruir esta secular e artística edificação, para no sitio dela erguer outra moderna e mais ampla, embora contra esta sua ideia se ergam as mais sensatas oposições de todos aqueles que sabem o que são e o que valem estas pedras velhinhas, que aqui tem chamado a visitá-las cultas e autorizadas inteligências do nosso País. Desconhecemos os ignorados motivos desta insensata atitude do nosso pároco, pois, tódas as facilidades lhe dá a freguesia na aquisição de terrenos para a edificação de uma outra igreja, com a condição de se conservar a que durante séculos lhe serviu de Matriz.

Mas, porque nem os concelhos (*sic*), nem as razões dos mais cultos paroquianos conseguem vencer a iconoclasta teimosia do nosso jovem pároco, resolveu esta Junta apelar para V. Ex.<sup>a</sup> (...) mandar estudar urgentemente o valôr artístico desta remota construção, afim de ver se será possível pô-

la sob a valiosa protecção e defeza dessa prestimosa e valiosa Direcção Geral dos Monumentos Nacionais<sup>148</sup>”

Importa aqui explicar que os processos classificativos dos imóveis decorriam na Junta Nacional de Educação, em virtude de ainda não existir o Ministério da Cultura, instituído apenas em 1995. A antiga DGMEN era meramente informada dos monumentos que, ao longo das décadas, iam sendo classificados, guardando nos seus arquivos trocas de correspondência, algumas delas ilustradas com registos fotográficos, como no caso de Vilarinho da Cambas. Ora, os processos de classificação desenvolvidos pela Junta Nacional de Educação, que se acredita serem muito mais extensos e pormenorizados, encontram-se, neste momento, nos arquivos da DGPC. Porém, tal documentação encontra-se ainda fora de consulta. Assim, importa reiterar que as análises que adiante serão expostas baseiam-se não só na correspondência trocada com a DGMEN, como com dados da imprensa local.

Ora, a resposta ao pedido inicial da Junta de Freguesia chegaria mais de um ano depois, somente a 20 de novembro de 1946, expondo que a igreja de Vilarinho das Cambas não reunia as condições necessárias para que lhe fosse atribuída a classificação que a Junta de Freguesia solicitara. No entanto, o mesmo parecer do Arquitecto-Diretor expôs que o edifício merecia ser olhado como de interesse local, dando apoio à opinião da autarquia local, defendendo a sua salvaguarda<sup>149</sup>. Volvidos seis dias, a DGEMN, na pessoa do Engenheiro Diretor-Geral, determinou a organização de um processo que visasse a proposta da classificação da igreja de Vilarinho das Cambas como Imóvel de Interesse Local<sup>150</sup>.

Entretanto, e dado o envio do processo à freguesia, o pároco, Augusto Ferreira Veloso, enviou, a 1 de fevereiro de 1947 uma carta ao Diretor-Geral da DGMEN, perguntando o

---

<sup>148</sup> Arquivo SIPA TXT.01895397, SIPA TXT.01895398; DREMN-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas.

<sup>149</sup> Diz-nos o Arquitecto-Diretor que: “Informo, todavia V. Ex.<sup>a</sup>, de que e muito embora não mereça ser classificada, é todavia uma Igreja de interesse local e bem enquadrada no ambiente que a rodeia. Julga-se que a Junta de Freguesia de Vilarinho, vê o problema com sensatês, contrariando a demolição daquela Igreja conforme pretende o Pároco da freguesia, acrescidas pelas facilidades que a freguesia lhe alvitra, para aquisição de terreno para a construção de uma nova Igreja” (Arquivo SIPA TXT.00089401, DREMN-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas).

<sup>150</sup> Diz-nos o Engenheiro Diretor-Geral que: “Em referencia ao seu *memorandum* datado de 21 de Março do ano findo, tenho a honra de informar V. Ex.<sup>a</sup> de que vai ser proposta para a Igreja dessa Freguesia a classificação de Imóvel de Interesse Local” (Arquivo SIPA TXT.01895402, DREMN-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas).

estado do processo para que percebesse se poderia, ou não, levar o projeto avante em prol obra necessária:

“Pedia o especial favor de me informar, quanto ao ofício E.M.-11,886, de 26 de Novembro de 1946, que recebi dessa Direcção, se a igreja desta freguesia de Vilarinho, concelho de V.ª N.ª de Famalicão, foi ou não classificada. Já procurei resposta por diversas vezes no Porto na respectiva secção e nada me poderam informar. A minha urgência em saber a resposta, provém do facto de a referida igreja, ameaçar ruína e ser necessário repará-la quanto antes. Desculpe V.ª Ex.ª a minha urgência e fico esperando suas gratas ordens<sup>151</sup>”

A resposta foi enviada no dia 6 de fevereiro de 1947, garantindo que a igreja não se encontrava classificada<sup>152</sup>. Mas no ano de 1948, ressurgiu na DGEMN – e desta feita não por influência da autarquia local, nem tampouco do pároco responsável pela paróquia, mas sim num processo interno à instituição – a tentativa de classificação da igreja de Vilarinho das Cambas como Imóvel de Interesse Público, talvez consequente da breve descrição memorial do edifício, datada de 15 de março de 1948:

“A Igreja de Vilarinho das Cambas, do Concelho de Vila Nova de Famalicão, singela construção de pequenas proporções, com uma nave e um pequeno alpendre exterior, muito embora não represente uma peça de valor certo, deve contudo ser considerada de interesse local, não só com o fim de evitar a sua pretendida demolição, mas ainda por ser o único imóvel que naquela povoação apresente algum interêsse.

Interiormente, a nave da Igreja é coberta por um apainelado com pinturas de figura vária, já bastante prejudicadas. Linhas de madeira pintadas definem a estrutura do telhado. O frontal da Capela-mór, profusamente ornado com talha dourada renascentista, empresta ao conjunta uma certa riqueza. A Capela-mór, com painéis laterais emoldurados é coberta por um tecto de madeira pintado<sup>153</sup>”

No entanto, o processo foi novamente declinado, justificando tal reprova pelo facto do edifício não reunir, aos olhos da equipa de então, as características e condições

---

<sup>151</sup> Arquivo SIPA TXT.01895403, DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas.

<sup>152</sup> Conforme a documentação analisada: “Em referencia à sua carta datada de 1 do corrente mês, tenho a honra de informar V. Ex.ª de que a Igreja dessa Freguesia não está classificada” (Arquivo SIPA TXT.01895404, DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas).

<sup>153</sup> Arquivo SIPA TXT.00089409, DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas.

necessárias para que o processo fosse avante. Porém, ressalva novamente a possibilidade de a igreja ser classificada como Imóvel de Interesse Local. Assim, e através do Ministério da Educação Nacional, Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, foi aprovada essa mesma possibilidade na sessão da 1.ª subsecção da 6.ª secção da Junta Nacional da Educação, pelo Vice-Presidente de então, Henrique Gomes da Silva, no dia 14 de maio de 1948; tendo o documento sido assinado do dia 25 do mesmo mês e ano, pelo então Chefe da Repartição do Ensino Superior e das Belas Artes, Mário de Andrade. Este documento encontra-se também disponível no Arquivo da Secretaria-Geral da Educação e Ciência<sup>154</sup>:

“Como aliás em todos os processos enviados à 6.ª Secção da Junta Nacional da Educação pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, é tão boa e elucidativa a documentação fotográfica do edifício em questão e seus pormenores, que evita o exame directo.

E assim, à face das três fotografias juntas, o relator manifesta-se inteiramente de acordo com o parecer do Sr. Director dos Serviços dos Monumentos Nacionais que também faz parte do processo de que a Igreja em questão merece, quanto muito a eventual classificação de Imóvel de Interesse Local<sup>155</sup>”

Entretanto, em Vilarinho, o pároco local, a propósito de todo o processo e num cuidado de ver satisfeitas as necessidades da paróquia que lhe estava confiada, endereçou nova carta à DGMEN. Redigiu-a na tentativa de perceber o ponto de situação do processo de classificação, dado que, segundo ele, a igreja deveria ser intervencionada (ou demolida) o quanto antes. Contudo, dado o decorrer do processo, estava impedido de avançar. Não foram, até ao momento, encontrados mais nenhuns dados que permitissem confirmar o mau estado de conservação do edifício em causa, a não ser as breves linhas escritas pelo Pe. Augusto Veloso, a 9 de Junho de 1949:

“Levo ao conhecimento de V.ª Exc-ª o facto de ter recebido no dia 25-XI-1946-, o ofício N.º 11.886 a informar-me de que ia ser proposta para a Igreja desta freguesia a classificação de Imóvel de Interesse Local, e no dia 6-2-1947 o ofício N.º 1172 a informar-me de que a Igreja não está

---

<sup>154</sup> ASGEC. *Classificação da Igreja de Vilarinho das Cambas, em Vila Nova de Famalicão (1948)*. Disponível a partir de: <https://arquivo-ec.sec-geral.mec.pt/details?id=17848>

<sup>155</sup> Arquivo SIPA TXT.01895408, DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas.

classificada. Depois destas datas continuaram os Dig.mos Engenheiros da Circunscrição do Norte a organizar o processo referido como verifiquei pessoalmente e na Sede.

Como já vai decorrido bastante tempo e são absolutamente necessárias obras de reparação na Igreja que parece ameaçar ruína desejava que me informasse o modo de solucionar o caso visto que estou avisado pelos Engenheiros do Norte para não proceder a qualquer reparação (...) <sup>156</sup>”

Assim, e como resposta ao pedido do pároco, o então Arquitecto-Chefe da Secção portuense, redigiu uma carta, esclarecendo o ponto de situação do processo. Ficamos então informados de que a devida Secção já havia endereçado todo o processo, em duplicado, para a sede da DGMEN, em Lisboa, em março de 1948. Ou seja, mais de um ano antes do pedido de esclarecimento do Pe. Augusto Veloso. Pela análise do mesmo documento, percebe-se ainda que, à data, a secção ignorava o desenrolar do processo e as consequências de salvaguarda inerentes à possível classificação. E como, à data, a igreja não se encontrava classificada, sugeriu o Arquitecto-Chefe de Secção de que o pároco poderia, então, ordenar as obras de reparação que o imóvel necessitava <sup>157</sup>. Volvidos alguns meses, a 20 de fevereiro de 1951, o pároco endereçou nova carta, pedindo outro parecer à Direcção para que, se possível, se procedesse à reparação da igreja, cuja estrutura, segundo o seu parecer, continuava a ameaçar ruína:

“Levo ao conhecimento de V.<sup>a</sup> Exc.<sup>a</sup> o facto de a Igreja Paroquial desta freguesia de Vilarinho das Cambas (...) estar em péssimas condições ameaçando imediata ruína devido ao mau tempo, e perigo eminente para quem ali assiste às solenidades litúrgicas.

Um ofício dessa Direcção, com data de 25 de Novembro de 1946, informou-me de que ia ser proposta para esta Igreja a classificação de Imóvel de Interesse Local, tendo posteriormente visitado esta Igreja os Exc.<sup>mos</sup> Engenheiros do Porto, que organizaram o respectivo processo que tive a ocasião de apreciar, sendo-me comunicado que não se poderiam efectuar ali quaisquer reparações.

---

<sup>156</sup> Arquivo SIPA TXT.01895411, DREMN-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas.

<sup>157</sup> Informou o Arquitecto-Chefe de Secção o pároco nos seguintes termos: “Em referência à O.S. de V. Ex.<sup>a</sup>. nº. 2171, de 14 do corrente mês, tenho a honra de informar essa Exm.<sup>a</sup>. Direcção de que esta Secção já enviou a V. Ex.<sup>a</sup>. acompanhado da Comunicação n.º 93 de 18 de Março do ano findo, o processo, em duplicado, relativo à Igreja de Vilarinho das Cambas (...). Entretanto esta Secção ignora o que se passa quanto à classificação proposta e nestas circunstâncias e no caso daquele Igreja não ter merecido a referida classificação, julgo que o respectivo pároco, poderia efectivar as obras de reparação de que ela carece. Junto tenho a honra de devolver a essa Exm.<sup>a</sup>. Direcção a carta do Pároco Augusto Ferreira Veloso, que acompanhou aquela Ordem de Serviço” (Arquivo SIPA TXT.00089415, DREMN-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas).

Em vista do passado desejava que fizesse o grande favor de me informar se a Comissão Fabriqueira de que sou presidente poderá reparar a referida Igreja ou se é somente essa Direcção que a pode ordenar<sup>158</sup>”

Deve recordar-se que o Pe. Veloso já tinha questionado a possibilidade de intervencionar na igreja duas vezes, sendo que a primeira datava de fevereiro e 1947. Em junho de 1949, e por conta de não ter havido resposta concreta relativa ao assunto, o pároco endereçou nova carta a solicitar o parecer dos peritos. Uma vez que a 2.ª Secção da DGEMN, sediada no Porto, não tinha conhecimento sobre o ponto de situação do processo, acabou o assunto por ficar novamente sem resposta, daí a nova insistência do pároco, desta feita em fevereiro de 1951. Como resposta, o Diretor dos Serviços da 2.ª Secção, em cumprimento do despacho enviado, deu, em março de 1951, o seu parecer positivo relativamente às reparações solicitadas pelo pároco, pelo facto de, à data, o processo classificativo ainda não ter terminado. No entanto, declarou que as mesmas deveriam ser orientadas e fiscalizadas pelos serviços da DGEMN<sup>159</sup>. Meses volvidos, o Arquitecto-Chefe da Secção portuguesa endereçou uma nova carta ao Arquitecto-Chefe da Repartição Técnica da Direcção dos Serviços dos Monumentos Nacionais, garantindo que elucidara devidamente o pároco das obras que se poderiam realizar na matriz paroquial de Vilarinho das Cambas, confirmando que a fiscalização e orientação das mesmas estaria a cargo dos serviços da repartição<sup>160</sup>: “Entretanto aguarda-se que as autoridades locais reúnam os meios financeiros necessários para decidirem sobre a reparação da antiga Igreja<sup>161</sup>”.

A partir de julho de 1951 deixa de haver documentos que elucidem de que modo se iniciaram obras da igreja de Vilarinho das Cambas. Desconhece-se se, realmente, existiram obras de reparação na antiga matriz ou se, até ao ano de 1954, o velho edifício

---

<sup>158</sup> Arquivo SIPA TXT.01895417, DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas.

<sup>159</sup> Foi endereçada uma carta com o seguinte conteúdo: “informo entretanto V. Ex.ª. que e enquanto não tiver efectivação Superior a referida classificação, poderiam ser autorizadas as reparações que o Paroco pretende fazer na Igreja, desde que as mesmas sejam orientadas e fiscalizadas pelos Serviços desta Direcção. Nesta circunstancia esta Direcção aguarda que V. Ex.ª. se digne determinar como entender mais conveniente” (Arquivo SIPA TXT.00089420, DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas).

<sup>160</sup> Tal como comprova a transcrição à frente apresentada: “em referência à O.S. de V. Ex.ª. nº. 853 de 19 de Março do corrente ano, relativa às reparações que o pároco da IGREJA DE VILARINHO DAS CAMBAS, pretende realizar nesta Igreja, tenho a honra de informar V. Ex.ª. de que elucidei devidamente o pároco sobre as obras a realizar, para as quais pode contar com a fiscalização e orientação dos Serviços dessa Exm.ª. Repartição” (Arquivo SIPA TXT.00089423, DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas).

<sup>161</sup> Arquivo SIPA TXT.00089423, DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas.

não foi intervencionado. Talvez os já mencionados arquivos da Junta Nacional de Educação, que estão, de momento, inacessíveis, pudessem dar algumas respostas, já que a imprensa local nada diz. O certo é que a igreja foi sendo demolida e não restaurada como, de facto, a DGMEN tinha pedido que se fizesse (e sob sua supervisão). Do mesmo modo, destaca-se aqui o facto de, na época, nenhum presbítero poder, por si só, ordenar a destruição de qualquer templo paroquial, fosse igreja ou capela, sem a devida licença passada e assinada pelo bispo ou arcebispo local. No entanto, nos arquivos arquidiocesanos nada foi encontrado relativamente às tais licenças “obrigatórias”; o que pode ser de estranhar pois a não apresentação das mesmas poderia resultar em pena canónica e impossibilidade de continuidade do ministério sacerdotal<sup>162</sup>. Não se sabe se, realmente, essa licença arquidiocesana foi passada. No entanto, pelo menos para as igrejas do concelho de Famalicão, não foi encontrado nenhum documento assinado pelo arcebispo que validasse (ou não) a sua destruição<sup>163</sup>.

As obras terão iniciado em 1954. A imprensa local já as mencionava em março, mas nada foi encontrado relativamente a uma eventual cerimónia de bênção de primeira pedra. Nem na imprensa, nem na paróquia, nem nos vários arquivos onde se pesquisou. O que não deixa de ser curioso pois talvez a obra vilarinhense seja das poucas onde não ocorreu tal cerimónia. Além do mais, de referir que o projeto primitivo não foi cumprido e aquele pelo qual se regeu não aparece em arquivo paroquial. No entanto, sabe-se que o seu mestre-pedreiro foi Manuel da Silva Martins, construtor civil de profissão e natural da freguesia de Vilarinho, que anos antes tinha chefiado as obras na atual igreja paroquial de São Félix e Santa Marinha de Gondifelos, freguesia limítrofe à de Vilarinho e pertença do mesmo concelho e arciprestado de Vila Nova de Famalicão. O projeto da igreja de Vilarinho das Cambas foi o mesmo da de Gondifelos, com a particularidade da de Vilarinho ser mais pequena, de um pé direito mais baixo, de menor volumetria e sem a anexação de duas capelas laterais. O de Gondifelos foi um aproveitar quase total do

---

<sup>162</sup> Segundo o Art. VII da *Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa*, 7 de maio de 1940: “nenhum templo, edifício, dependência ou objecto afecto ao culto católico pode ser demolido, ocupado, transportado, sujeito a obras ou destinado pelo Estado e entidades públicas a outro fim, a não ser mediante acordo prévio com a autoridade eclesiástica competente e por motivo de urgente necessidade pública”.

<sup>163</sup> Fui alertado pela diretora do Arquivo que isso não invalida que não tivesse sido passada, até porque, de facto, poderiam ter sido permitidas as aludidas demolições sem documento assinado, somente dado o avale em diálogo informal.

projeto da antiga igreja, datada de 1699, com a ressalva de a edificarem maior, mais alta e de maior volumetria. No entanto, as obras gondifelenses parecem não ter tido o clima conflituoso que existiu em Vilarinho, sendo marcadas não só pela pacatez da sociedade local, como pelas verbas doadas de vários brasileiros de torna viagem, tal como apresentado no ponto 4.1.

Por esta altura, havia ocorrido um grande incêndio no edifício dos antigos Paços do Concelho de Vila Nova de Famalicão, datado de 5 de abril de 1952<sup>164</sup>. Foi neste contexto que o então Presidente da Junta de Vilarinho das Cambas, Presidente do Grémio da Lavoura e membro do Conselho Municipal – António Fernandes Ilhão – o mesmo que já havia feito queixa à DGEMN na tentativa de salvar a igreja de Vilarinho da destruição, deu conta da sua opinião sobre o assunto, já depois de elucidar o jornalista a respeito da demolição das ruínas dos antigos Paços do Concelho<sup>165</sup>:

“Temos uma igreja paroquial da qual se sabe que a sua restauração data de 1733. A sua fundação é desconhecida – perdeu-se na noite dos tempos. Tem o seu valor histórico – tem as suas riquezas. Os seus altares são em talha doirada. Tem os quinze mistérios gravados a ouro no teto da igreja e a glória do Monte Tabor na capela-mór (...). Pois apesar disso a nossa igreja está a demolir-se contra a vontade da boa gente da freguesia. Mais – a profanar-se o adro onde jaz ossadas porque foi ali o antigo cemitério, sem prévia consulta e consentimento das famílias daqueles que ali repousam o sono eterno. E contra tudo isto a freguesia protestou, sobretudo aqueles que tem noção do que é o respeito pelo património da freguesia e pelas ossadas que até de longe nos merecem que a cabeça respeitosamente se descubra. Protestei. Protestamos todos. Contra a opinião da maioria e dos valores mais representativos da freguesia – o crime da demolição está a fazer-se só porque «uma cabeça» - pense bem ou pense muito mal – entendeu que era soberana. Dá sempre este terrível efeito de ferir interesses locais e da comunidade, o facto de um homem desejar ser – sempre! – soberano na sua vontade, intangível nos seus propósitos, contra tudo, contra todos. Dá-se este caso na minha freguesia – dá-se, infelizmente, na sede do Concelho, onde parece que essa «cabeça ôca e demolidora», encontrou quem corroborasse no «crime» que, contra a minha freguesia, se está a cometer, como contra a sede do Concelho se cometerá<sup>166</sup>”

---

<sup>164</sup> Segundo a *Agenda Cultural de Vila Nova de Famalicão – Janeiro '17* (2017, p. 30), “as primeiras causas do incêndio apontavam para uma ponta de cigarro ou para a possibilidade de um curto-circuito, mas mais tarde vir-se-ia a descobrir que teria sido mão criminosa, depois de Francisco da Costa e Silva, antigo jardineiro da Câmara Municipal, ter confessado autoria de fogo-posto”.

<sup>165</sup> O depoimento que António Fernandes Ilhão deu ao *Jornal de Famalicão* (20 de fevereiro de 1954, p. 1): “Famalicão precisa de conservar os prédios que tem. E por isso que sou contra da demolição dos Paços do Concelho”.

<sup>166</sup> *Jornal de Famalicão*, 20 de fevereiro de 1954, p. 4.

Esta entrevista, descrita no semanário, mais tarde, como uma opinião “«talhe de foice», à demolição da histórica igreja matriz da freguesia e à profanação das sepulturas existentes no adro da mesma<sup>167</sup>”, viria a causar rebulição nos visados e sabe-se mesmo que existiu um clima de tensão entre o *Jornal* e a população de Vilarinho. Assim, e até aos finais do mês de agosto de 1954, nada voltou a ser redigido a respeito da obra que se iniciara. No citado mês, os redatores do *Jornal de Famalicão* mostraram a sua indignação a propósito da falta de respostas em relação ao assunto, embora reconheçam que a publicação da opinião de António Ilhão causou agitação e desordem na sociedade famalicense – mas principalmente vilarinhense – em virtude do facto de muitos indivíduos procurarem cancelar sua assinatura do semanário em causa:

“não responderam, calaram-se num mixto de inocência e de indiferença, seráficos por fora e raivosos e diabólicos por dentro (...) «Jornal de Famalicão» apenas reproduziu honesta e lealmente como é função do jornalista, lançarem toda a sua tina mórvida, venenosa, contra este semanário, como ele fosse o culpado dos êrros e dos crimes que ali se cometeram e das afirmações do sr. Ilhão. Estamos, felizmente, imunizados contra estes terríveis bacilos da sociedade, que deprimem e desmoralizam desgraçadamente as corporações a que pertencem e causam público alarme que as desprestigiam por falta de censo comum e dos mais rudimentares princípios que carecem para exercer cargos que constituem verdadeiros sacerdócios (...). E é na sombra também que tramam a campanha ignominiosa contra do nosso jornal, andando de porta em porta, como quem mendiga, a pedir para devolver o «Jornal de Famalicão», que a única culpa que teve foi de publicar a opinião de uma pessoa idónea, e não a sua, não negando as suas colunas a quem quisesse defender-se<sup>168</sup>”

#### **4.4. O Decorrer das Obras e a Mudança de Pároco**

Segundo o parecer das pessoas que ainda possuem memória-viva deste período, a igreja paroquial antiga ia sendo destruída à medida que a nova era edificada, tal como ocorreu, por exemplo, na freguesia de Minhotães e como ilustra o registo fotográfico remetido a Anexo 24. Mas, como já perçetível, do primeiro grande período do início das obras

---

<sup>167</sup> *Jornal de Famalicão*, 28 de agosto de 1954, p. 4.

<sup>168</sup> *Jornal de Famalicão*, 28 de agosto de 1954, p. 4.

poucas foram as informações que resistiram até à atualidade<sup>169</sup>. Sabe-se que foram interrompidas em outubro de 1954<sup>170</sup>, devido ao aproximar do inverno, tendo sido recomeçadas em maio seguinte, já com o início da edificação da torre sineira<sup>171</sup>. No entanto, nesta primeira empreitada, já se adiantava o avanço da obra dado que, na Páscoa de 1955, as celebrações já se realizaram na “Nova Igreja de Vilarinho<sup>172</sup>”, o que induz um início dinâmico e rápido do ponto de vista construtivo. Dinamismo esse comprovado meses depois, quando houve notícia do recomeço das obras na igreja, e da necessidade da contratação de novos trabalhadores para satisfazer os desejos da população que procurava agilizar o processo construtivo<sup>173</sup>. Com a edificação da nave em bom andamento, foi preciso esperar pelo mês de agosto para voltar a haver notícias relativas ao desenvolvimento da torre sineira, adoçada ao frontispício, pelo lado Norte:

“continuam as obras da nossa igreja, que por agora se limitam à torre. É grande a ansiedade dos que desejam ver concluída esta fase da obra para que os sinos possam retomar o seu devido lugar. Esperamos em breve poder anunciar o dia em que sejam colocados nos campanários, que para terem a elegância devida tem de ser altos e por isso mesmo mais dispendiosos, mas que a generosidade das pessoas de bem não permitem que fiquem a destoar do edifício destinado ao culto na nossa freguesia<sup>174</sup>”

As obras tiveram um interregno entre os anos de 1956-1958, até à mudança de pároco<sup>175</sup>. No entanto, destacam-se, neste período, as obras iniciadas pela Junta de

---

<sup>169</sup> Levantam-se aqui duas hipóteses: ou o não muito cuidado na salvaguarda documental por parte do Pe. Veloso, cuidado esse que, mais tarde, marcaria a estadia do Pe. Alcino; ou o facto de, dado o período de instabilidade em que as obras se iniciaram, ter sido conveniente que não sobresssem muitos registos sobre a forma de como se procedeu aos inícios da obra.

<sup>170</sup> A reportagem do *Notícias de Famalicão* (20 de maio de 1955, p. 4) referiu o seguinte: “Dentro em breve os sinos serão colocados no seu definitivo lugar, devido à generosidade daqueles que se sacrificam com esmolas generosas e entre os quais é muito justo destacar a sr.ª D. Rosalina da Silva Barros e o sr. Zeferino do Couto Veloso que embora fossem os principais auxiliares da primeira fase que ficou concluída em Outubro passado, ainda hoje são os mais generosos e dedicados benfeitores desta obra que há tantos anos era necessária para a boa ordem e asseio da casa de Deus”.

<sup>171</sup> A reportagem do *Notícias de Famalicão* (20 de maio de 1955, p. 4) esclareceu que “interrompida pelo Inverno, a obra de ampliação da nossa igreja paroquial, recomeçou com a edificação da torre, cuja falta era muito notada por todos quanto nos visitavam”.

<sup>172</sup> Foi publicado no *Notícias de Famalicão* (15 de abril de 1955, p. 4) que “ao romper do dia, à hora em que o Senhor ressuscitara, a nossa igreja nova regorgitava de fiéis que horas depois receberiam em suas casas o tradicional «Compasso» que entrou em todas as casas e foi recebido com o maior entusiasmo”.

<sup>173</sup> Tal como testemunhou o *Notícias de Famalicão* (15 de julho de 1955, p. 4), “em ritmo vagaroso têm continuado as obras da nossa igreja, embora muitos tenham imenso desejo de as ver concluídas em breve. Satisfazendo dos seus desejos, a Comissão Fabriqueira já ordenou que o número de operários fosse aumentado e assim muito em breve todos verão satisfeitos os seus ardentes desejos”.

<sup>174</sup> *Notícias de Famalicão*, 19 de agosto de 1955, p. 4.

<sup>175</sup> A este respeito, noticiou o *Notícias de Famalicão* (09 de agosto de 1963, p. 4), “foi em Setembro de 1958 que o actual pároco de Vilarinho, Rev. Padre Alcino Azevedo, tomou posse da freguesia e herdou, entre outras, a pesada missão de continuar as obras da nova igreja paralisadas há dois anos por várias circunstâncias”.

Freguesia, encabeçada pelo já aludido António Ilhão, acérrimo defensor da antiga matriz vilarinhense e opositor às obras paroquiais. Segundo notícia de janeiro de 1956, estava prevista a eletrificação da freguesia<sup>176</sup> e a continuidade do melhoramento das estradas e estruturação das suas principais vias de acesso, com destaque para a benfeitoria dos caminhos públicos que ligavam alguns lugares à Estrada Nacional 309 – como o aproximar do núcleo central da comunidade à Estrada Nacional 14, “encurtando assim a distância entre Vilarinho, Calendário e Lousado<sup>177</sup>”.

Data também de 1956 aquela que é a primeira fotografia identificada que dá conta das obras e respetivo ponto de situação. A mesma surge a ilustrar as notícias relativas às festas sanjoaninas da comunidade, descritas no semanário *Estrela do Minho*, procurando conjugar um convite aos leitores não só para assistirem ao *Auto de São João*, como também para admirarem a obra aquando da sua visita à freguesia<sup>178</sup> (Veja-se Anexo 26). Pela observação daquele registo fotográfico, dá-se conta da total edificação da nave e torre sineira. No entanto os trabalhos da capela-mor ainda não deveriam ter sido iniciados em virtude de a sua existência não aparecer no registo. Pouco depois, as obras pararam. Talvez um período de dificuldades financeiras ou instabilidade social, para o qual contribuiu, e muito, a morte de um dos grandes benfeitores da obra paroquial vilarinhense, o Sr. Zeferino Ferreira do Couto Veloso, falecido a 25 de maio de 1957. Deste período, o grande destaque vai para a aquisição e entronização da nova imagem de Santo António, em substituição da antiga (e perdida) imagem. Trata-se de uma escultura com cerca de um metro de altura, esculpida em madeira pelo célebre escultor J. Vieira da Fonseca, tendo custado 2.200\$00<sup>179</sup>.

Será então preciso esperar mais de um ano para que haja novas notícias a sair na imprensa relativamente à freguesia e às suas obras. Como já referido, foi em setembro

---

<sup>176</sup> O semanário local *Notícias de Famalicão* (06 de janeiro de 1956, p. 7) noticiou: “nisso anda empenhada a digna Junta de Freguesia, que rem a presidi-a um homem inteligente e enérgico, que sabe pedir e até impor-se para que a sua terra seja olhada com a consideração que merece”.

<sup>177</sup> *Notícias de Famalicão*, 06 de janeiro de 1956, p. 7.

<sup>178</sup> A este propósito, publicou o *Estrela do Minho* (24 de junho de 1956), “admirar-se-á também a nova igreja da freguesia, de que damos imagem, e que para a prosperidade representará a comparticipação da freguesia nas comemorações Marianas, graças ao entusiasmo inquebrável do seu pároco, Rev.º Padre Augusto Ferreira Veloso, à cooperação que encontrou num valoroso grupo de paroquianos com que a quase totalidade da freguesia recebeu a sua iniciativa”.

<sup>179</sup> “Despesa (...) Nova imagem de S.º António – 2.200\$00” (APDSVC, Documentos Avulsos, *Ano Económico de 1957 – Divino Salvador de Vilarinho das Cambas*, p. 3).

de 1958 que se procedeu ao movimento eclesiástico no Arciprestado de Vila Nova de Famalicão, que resultou no afastamento do Pe. Veloso da freguesia de Vilarinho e ingresso na comunidade do Pe. Alcino Azevedo. Foi então o primeiro encomendado à freguesia de onde era natural, São Tiago d’Antas e o Pe. Alcino, natural da vizinha freguesia de Ribeirão, deixou a comunidade de São Martinho de Freixieiro de Soutelo, onde serviu de pároco durante dois anos, permanecendo depois em Vilarinho quase cinquenta anos, até 2007.

No entanto, e apesar das polémicas relativamente às obras da igreja, que poderão até ter estado na origem na mudança de pároco, na imprensa local surgem vários os elogios à personalidade e dinamismos do Pe. Veloso:

“Chega-nos a notícia, aliás muitíssimo agradável e com a qual inteiramente nos regozijamos, de que o Rev. Padre Augusto Veloso foi nomeado pároco de Antas (...). O Rev. Padre Augusto Veloso, que durante 14 anos<sup>180</sup> foi pároco daquela freguesia, deixa hoje uma obra notável: a nova igreja. Com uma vontade enérgica e uma constância louvável, pôs em execução o seu sonho e a pouco e pouco conseguiu levar a cabo a quase construção daquele templo, absolutamente capaz para a freguesia e onde os fiéis podem comodamente tomar parte nos actos religiosos<sup>181</sup>”

Com a chegada do Pe. Alcino dá-se uma nova onda de dinamismo em prol da continuidade das obras da igreja, que não estariam tão adiantadas quanto a notícia acima transcrita parecia indicar. Assim, e em prol da aquisição de fundos, foi organizado um cortejo de oferendas para o dia 9 de novembro de 1958<sup>182</sup>, à qual esteve associada uma “Festa das Colheitas”. A imprensa local aludiu à presença, em massa, dos habitantes da terra, com algum despique entre as aldeias da freguesia no sentido do

---

<sup>180</sup> A bem dizer, seriam por volta de 16 anos até porque ingressou na comunidade em 1942.

<sup>181</sup> Continuou a reportagem referindo: “(...) Esta foi a sua obra material. Mas foi mais além e reorganizou totalmente a vida paroquial, deu vida às associações religiosas, expurgou as festas de muitos abusos e deu-lhes nova orientação, como por exemplo a festa de S. João. Conseguiu novas imagens e paramentos para a igreja, dotou-a com um harmónio e os paroquianos aumentaram na frequência dos sacramentos. Mas o Rev. Padre não limitou a sua acção à paróquia. Dedicado auxiliar dos párocos vizinhos, como por exemplo, de Ribeirão e de Fradelos, esteve ano e meio a paroquiar a última, onde nunca faltou às suas obrigações (...). O seu amor pela música religiosa e profana levou-o a ser um dos reorganizadores do Orfeão Famalicense (...) e é ainda professor de canto coral no Externato Camilo C. Branco, onde tantas simpatias tem conquistado pela sua dedicação. E os párocos do nosso arciprestado têm sempre encontrado no Rev. Padre Veloso a melhor das colaborações, não só para ensaiar os vários grupos corais, como também para os acompanhar ao harmónio (...).” *Notícias de Famalicão*, 12 de setembro de 1958, p. 1.

<sup>182</sup> *Notícias de Famalicão*, 07 de novembro de 1958, p. 3.

entusiasmo e elegância, que resultou num total de 15.455\$50<sup>183</sup> arrecadados em favor da obra paroquial.

Na semana seguinte, nova reportagem aludiu não só ao término da cúpula da capela-mor da igreja, como também deu nota dos melhoramentos realizados nas artérias da freguesia, o que resultou, naturalmente, numa melhor acessibilidade não só ao centro da freguesia, onde estava a ser construída a igreja paroquial, como também no melhoramento das ligações de Vilarinho com as freguesias circunvizinhas<sup>184</sup>. O dinamismo teatral iniciado na freguesia pelas mãos do Pe. Veloso continuou a trazer receita em prol das obras, desta feita já sob orientação do seu sucessor<sup>185</sup>. Mas uma vez que o dinheiro adquirido nesta espécie de eventos e peditórios não era muito, foi necessário reunir, ainda mais, a população, na expectativa de se conseguirem as receitas necessárias à continuidade da obra. Assim, com o auxílio da Confraria do Santíssimo Sacramento<sup>186</sup>, procedeu-se ao *Leilão das Prendas para o Menino Jesus*, que ocorreu no dia 11 de janeiro de 1959. Semanas volvidas, nova reportagem foi publicada no semanário *Notícias de Famalicão*, a dar conta do fim dos trabalhos de pintura da capela-mor, perspetivando, em paralelo, o almejado início da edificação da sacristia que, em maio do mesmo ano, já se encontrava em andamento<sup>187</sup>.

“Em bem pouco tempo muito se tem feito e muito mais ainda se continuará a fazer, visto a freguesia ter na sua posse um pároco activo e cheio de boa vontade que luta com afinco, para que as obras possam continuar, contribuindo assim para o contentamento geral dos seus paroquianos os quais anseiam por ver edificada a obra que tem sido alvo dos maiores trabalhos e cuidados<sup>188</sup>”

Para fazer face aos custos das obras, a Comissão Fabriqueira decidiu vender a talha da antiga igreja matriz. No entanto, e antes que isso ocorresse, recorreu a mesma Comissão aos serviços da *Casa de Arte Cristã* | *J. Vieira da Fonseca* solicitando um orçamento

---

<sup>183</sup> *Notícias de Famalicão*, 21 de novembro de 1958, p. 2.

<sup>184</sup> *Notícias de Famalicão*, 28 de novembro de 1958, p. 2.

<sup>185</sup> O *Notícias de Famalicão* (02 de janeiro de 1959, p. 2) publicou: “esperemos então com ansiedade tais espectáculos e, como sabemos, toda a receita será destinada às obras da igreja”.

<sup>186</sup> Encabeçada, à época, por Jaime dos Santos Costa, Augusto Veloso de Araújo e Henrique Fernandes Mesquita da Silva; juiz, tesoureiro e secretário, respetivamente, conforme publicado no *Notícias de Famalicão* (09 de janeiro de 1959, p. 2).

<sup>187</sup> Tal como testemunhado pelo *Notícias de Famalicão* (08 de maio de 1959, p. 2): “recomeçaram as obras da Igreja, duma maneira especial a sacristia, que já via ficando edificada de pedreiro”

<sup>188</sup> *Notícias de Famalicão*, 06 de março de 1959, p. 2.

quanto à possibilidade de reconstruir um altar-mor aproveitando-se a talha dourada existente na freguesia. Tal restauro e adaptação custaria entre 16.500\$00 a 18.500\$00, sem contar com a execução de alguns pormenores artísticos e a estadia do(s) trabalhador(es) até quinze dias.

“Custa a reconstrução de um altar-mór aproveitando todas as peças entalhadas existentes da antiga capela-mór da igreja paroquial, consertadas todas as peças necessárias, sua adaptação à proporção do altar-mór, dentro do arco indicado no desenho que incluso, nas medidas aproximadas de 6,20 x 4,20, trabalho nas devidas condições de segurança e acabamento | arranjo da cúpula existente no sacrário com duas colunas para formar um baldaquino de linhas simples, cerca de Esc ... 16.500\$00 a 18.500\$00.

O transporte das peças de talha para as minhas oficinas, será de minha conta. Neste preço não está incluído a execução das portas laterais da parede do arco e seus adornos; supedâneo em pinho e escadas de acesso à placa do camarim; execução da placa em cimento para assentar o camarim e altar-mór e algum barrotamento de eucalipto ou carvalho para fixação do altar; alimentação e dormida durante a montagem, cerca e 12 a 15 dias a um operário<sup>189</sup>”

Datam do mesmo dia outros orçamentos e descrições, cuja total transcrição foi remetida a Apêndices 12 a 14, que projetavam todo o arranjo artístico da capela-mor. A estes não estão associados desenhos, tal como a leitura do orçamento sugeria<sup>190</sup>, mas dadas as características descritas, percebe-se qual o objetivo daquele que terá sido o primeiro projeto para a capela-mor: aproveitar a talha da antiga matriz. Mas, talvez dados os valores apresentados de um orçamento que não dava conta da totalidade das despesas, possibilitando a ainda duplicação das importâncias em virtude do decorrer da obra<sup>191</sup>, optou o Pe. Alcino por solicitar o parecer da Cúria Arquiepiscopal de Braga, no mês de julho seguinte:

“Padre Joaquim Alcino de Azevedo, pároco da freguesia de Vilarinho das Cambas (...), andando a construir a Nova Igreja e havendo nesta freguesia a talha da tribuna e dos dois altares da igreja

---

<sup>189</sup> APDSVC, Documentos Avulsos, *Orçamento de Reconstrução de um Altar-Mor*, 06 de abril de 1959.

<sup>190</sup> Vejam-se os Apêndices 12 a 14.

<sup>191</sup> Conforme escrito numa carta: “quanto à pintura e douramento não indiquei qualquer orçamento visto que só depois da construção puderia fornecer e calcular mais exacto, embora na prática seja calculado cerca de outra tanta despesa para os lisos em pintura e a talha a ouro fino mordente, porém entendo mais justo apresentar orçamento quando construído” (APDSVC, Documentos Avulsos, Carta da Casa de Arte Cristã, 07 de abril de 1959).

antiga, demolida, encontrando-se a talha tãda desmantelada e num estado de completa ruína, e parecendo-lhe mais razoável vender tãda essa talha e o produto dela ser aplicado em tribuna e altares completamente novo, visto o produto ser de setenta contos, a maior oferta até hoje feita pelos antiquários, inclusive, dos antiquários de Lisboa, talha vista pelo Rev.mo Snr. Cónego Luciano, no tempo do meu antecessor (...). Pede a Sua Ex.cia e Rev.ma se digne emitir o seu parecer e caso concorde se digne autorizar a venda da talha existente nesta freguesia, pois a sua restauração é impossível para as posses da freguesia<sup>192</sup>”

No final do aludido mês, foi enviada à Paróquia de Vilarinho um *Termo de Juntada e de Vista* em resposta ao pedido requerido pelo Pe. Alcino, levantando uma série de questões. Assim, a Arquidiocese pretendeu perceber não só o parecer da Comissão Fabriqueira em prol da sua concordância com a alienação, como também a opinião dos paroquianos, para que este processo não causasse indignação na comunidade. Do mesmo modo, levantou questões relacionadas com a possibilidade de os antigos retábulos poderem, ou não, ser aproveitados em prol da ornamentação da nova igreja. Por fim, e para que se pudesse dar continuidade ao processo, caso não houvesse oposições à alienação, foram sugeridas pelo menos duas análises de peritos em arte, que garantissem o valor artístico dos retábulos<sup>193</sup>.

A resposta paroquial foi enviada à Arquidiocese de Braga no dia 14 de setembro de 1959, garantindo que a Corporação Fabriqueira, nas pessoas do Pe. Alcino, o seu secretário, Bernardino Fernandes Mesquita e o seu tesoureiro, João Moreira da Costa, concordava com a proposta da venda da talha, uma vez que as despesas do seu restauro seriam, no seu entender, inoportáveis para os fundos da Paróquia, assomado pelo facto de as estéticas pelas quais a obra se regia destoarem por completo da estética renascentista e barroca que caracterizava os retábulos.

“a Corporação Fabriqueira concorda com a alienação da talha da tribuna da igreja antiga e dois altares por se não ver possibilidades de restauração, visto a despesa ser excessivamente elevada,

---

<sup>192</sup> AAB, Processo n.º 13/59, *Autos em que o Rev.º P.e JOAQUIM ALCINO DE AZEVEDO pede licença para vender a talha da tribuna e dois altares da igreja antiga, recentemente demolida*, f. 2.

<sup>193</sup> “junte documentos dum membro da Comissão de arte sacra ou pelo menos de dois peritos de coisas antigas sobre o valor (...) dessas cisas e se têm valor artístico” (AAB, Processo n.º 13/59, *Autos em que o Rev.º P.e JOAQUIM ALCINO DE AZEVEDO pede licença para vender a talha da tribuna e dois altares da igreja antiga, recentemente demolida*, f. 3).

pelo lado do material e ficar desproporcionada pelo lado da estética; (...) Nesta altura, pois já lá vão cerca de seis anos que a talha e os dois altares foram retirados dos seus verdadeiros lugares, e, por conseguinte, a aguardarem a solução mais indicada, creio que a admiração e o escândalo estão em não alienar a talha da tribuna e a dos dois altares o mais urgentemente possível; (...)

Quanto à adaptação dos dois altares, dizem os entendidos, que seria possível fazer uma composição, mas ficaria sempre a destoar, em virtude da pequenez dos mesmos, além de se saber de antemão que a freguesia não tem possibilidades de arcar com tais despesas; (...) não se fez a alienação por ocasião da demolição por haver quem não concordasse, ainda que em pequeno número; disseram-me que foram cerca de uns tres senhores que não concordaram com a venda. Todavia, nunca pensaram a sério na venda nem na alienação, embora aparecessem alguns antiquários a fazerem ofertas que não foram além de quarenta contos por tudo, dando actualmente cerca de setenta contos.

Portanto, na minha opinião, e na opinião da freguesia, representada nos elementos da Corporação Fabriqueira, julgo que o ideal seria vender e, com o produto, fazer tudo novo, até onde chegar o dinheiro<sup>194</sup>”

O parecer foi pedido ao cónego Graciano Afonso dos Santos, entendedor arquidiocesano em arte cristã, que lamentou o facto de o ver os retábulos destruídos e danificados, o que induz um mau cuidado por parte da equipa que os desmontou e retirou dos seus primitivos lugares. Assim, e dado o parecer do cónego, seria então conveniente proceder à venda da talha nos seguintes termos:

“são obras dos princípios do séc. XVIII, de real valor artístico, pelo que é de lamentar que tivessem sido destruídas ou danificadas. Não é de aconselhar o seu restauro, pois ficaria muito caro e todas estas peças destoariam da nova igreja. Reconheço, pois, que é conveniente vendê-las, contanto que o seu preço não seja inferior a 80.000\$00 (oitenta mil escudos) e não sejam alienadas as imagens que ainda se encontram expostas ao culto nos velhos altares<sup>195</sup>”

Dada a continuidade do processo, a licença para a alienação dos retábulos foi emitida a 19 de outubro de 1959, por parte do então Conselho Administrativo da Arquidiocese de Braga, que voltou a frisar o facto de os mesmos não poderem ser vendidos por uma

---

<sup>194</sup> AAB, Processo n.º 13/59, Autos em que o Rev.º P.e JOAQUIM ALCINO DE AZEVEDO pede licença para vender a talha da tribuna e dois altares da igreja antiga, recentemente demolida, f. 4.

<sup>195</sup> AAB, Processo n.º 13/59, Autos em que o Rev.º P.e JOAQUIM ALCINO DE AZEVEDO pede licença para vender a talha da tribuna e dois altares da igreja antiga, recentemente demolida, f. 5.

quantia inferior aos já apresentados a oitenta mil escudos<sup>196</sup>. Relembre-se aqui, igualmente, o facto de não poderem ser vendidas as imagens que eram veneradas na comunidade, naqueles que eram os altares da antiga matriz da paróquia. Mas o certo é que, algumas, desapareceram, como a antiga imagem do Sagrado Coração de Jesus<sup>197</sup>, com cerca de um metro de altura, bem como as antigas e pequenas imagens de Santo António<sup>198</sup>, Nossa Senhora da Paz e Santo Amaro.

Findo o processo, depreende-se então a alienação dos retábulos. Mas, em nenhum momento, se consegue perceber qual foi o seu paradeiro. Segundo algumas informações no tópico das *Observações* da ficha de inventário relativamente à igreja de Vilarinho das Cambas realizada pelo SIPA, chega-se à conclusão de que a talha da antiga matriz foi vendida a um particular de Guimarães, sem outras informações. No decorrer da nossa investigação foram encontrados, no arquivo paroquial, uma série de pequenos cartões com contactos de vários antiquários, nomeadamente das cidades de Lisboa, Porto, Braga e Guimarães. Aquele que se destaca é, naturalmente, o de Guimarães. O aludido cartão remete a José da Silva, um sargento reformado que, na época, era vendedor e comprador de antiguidades. Era residente em Fermentões, mais concretamente no Bairro Damião. Não parece que quer a igreja paroquial de Fermentões, como a capela de São Sebastião da mesma localidade, tenham acolhido a talha dourada de Vilarinho das Cambas podendo. Desconhece-se, pois, o uso que a talha teve naquela altura.

Ao longo deste processo, e durante as semanas que compreenderam os finais do mês de julho aos meados do mês de agosto, foram sendo publicados no semanário *Notícias de Famalicão*, o nome de todos os paroquianos que iam contribuindo para as obras, e

---

<sup>196</sup> Foi emitida a licença nos seguintes termos: “Vista e examinada a petição da Corporação Fabriqueira da freguesia de Vilarinho das Cambas, arceprelado de Vila Nova de Famalicão, colhidos os pareceres dos Rev. Peritos do Mt. Ilustre Cabido da Sacramenta Basílica Primacial Bracarense e do Conselho Administrativo Arquidiocesano, concedemos a licença necessária para a alienação dos dois altares e a talha da tribuna da Igreja antiga da dita freguesia, por quantia nunca inferior 80.000\$00, que será aplicada no acabamento da Nova Igreja” (AAB, Processo n.º 13/59, *Autos em que o Rev.º P. e JOAQUIM ALCINO DE AZEVEDO pede licença para vender a talha da tribuna e dois altares da igreja antiga, recentemente demolida*, f. 9).

<sup>197</sup> Segundo o depoimento do entrevistado D, no dia 14 de junho de 2023: “Essa imagem desapareceu. Vou-te contar essa história: quando eles fizeram a igreja nova puseram um taipal no arco porque não tinha a capela-mor (...). E eles taparam o arco com madeira (...). E então, o Sagrado Coração de Jesus estava encostado a esse taipal e um dia veio assim uma ventania grande e o Sagrado Coração de Jesus caiu abaixo e partiu, todo.”

<sup>198</sup> Segundo o depoimento do entrevistado C, no dia 08 de junho de 2023: “ouvi falar numa imagem de Santo António que tinha uma cruz em prata (...). Ouvi falar que desapareceu, que não se sabia dela. Agora não sei se foi vendida, se foi roubada ou que aconteceu.”

respetivas quantias, cujo mapeamento foi remetido a Apêndice 15. Destas breves descrições, destaca-se o profundo agradecimento do redator, apesar da não contribuição de todos em virtude da oposição de algumas famílias à obra. Num discurso de agradecimento, moldado pelas referências religiosas que caracterizavam algum do jornalismo da época, são tecidos elogios à caridade do povo vilarinhense que, unido, procurava agilizar o término do processo iniciado cinco anos antes<sup>199</sup>. Paralelamente, à medida que a igreja paroquial ia sendo construída, as artérias que faziam ligação à mesma eram intervencionadas, alargadas e melhoradas e procurava-se que a eletricidade chegasse, finalmente, à freguesia – situação que demorou a acontecer, tal como descrito numa reportagem datada de 31 de julho de 1959<sup>200</sup>.

O ano de 1959 termina com um dos acontecimentos mais importantes de toda a obra: a abertura da capela-mor e respetiva tribuna, inaugurada na Missa do Galo, à meia-noite, do dia 25 de dezembro de 1959. Para isso, descreve um dos semanários locais, todos os esforços se reuniam para que, para a data prevista, se procedesse à inauguração do retábulo-mor da igreja<sup>201</sup>. E, de facto, aconteceu. Reserva-se em cartório paroquial a fatura que dá conta da aquisição das imagens que ladeiam a tribuna da igreja de Vilarinho, adquiridos na já aludida *Casa de Arte Cristã / J. Vieira da Fonseca*, precisamente no dia 24 de dezembro de 1959. A maestria das imagens do Divino Salvador e de São José, esculpidas em madeira de cedro brasileiro, está atribuída ao célebre escultor bracarense J. Vieira da Fonseca e custaram 3.120\$00 e 3.500\$00,

---

<sup>199</sup> Publicou o *Notícias de Famalicão* (14 de agosto de 1959, p. 3), o seguinte agradecimento: “a todos agradecemos, profundamente, as ofertas que nos quiseram oferecer para a continuação da Obra, que ficará a testemunhar aos nossos vindouros, a fé, trabalho e sacrifício com que todos lutamos para que este Novo Templo de Deus fosse edificado. Cada oferta será um cheque, mediante o qual Deus nos compensará, segundo o nosso merecimento e a Sua Justiça, no Céu. Pena é, que nem todos possam receber essa recompensa das mãos de Deus, porque não nos quiseram receber e, se nos receberam, foi de má vontade e não contribuíram. Mas também a estes, que Deus os proteja e afaste do caminho largo”.

<sup>200</sup> A notícia foi publicada pelo *Notícias de Famalicão* (31 de julho de 1959, p. 3) nos seguintes termos: “muito se tem falado e muito tempo se tem perdido com o fim de alcançar a electrificação desta freguesia. Já se torna ridículo falar neste assunto, pois, por mais que se peça menos se obtêm, por mais que se trabalhe menos se consegue. Mas a electricidade e o progresso não são um direito dos povos? (...) Ora a satisfação de um direito é exigência de justiça e não uma obra de misericórdia”.

<sup>201</sup> Segundo o *Notícias de Famalicão* (25 de dezembro de 1959, p. 4): “As obras vão aceleradas tendo-se em vista que estejam concluídas para a festa do Natal, no que diz respeito à capela mor e tribuna (...). É realmente de destacar a boa vontade e o grande desejo que tem o Pároco, em ver concluída metade ou quase metade da igreja. Muitas preocupações tem passado, trabalhos e sofrimentos, se bem que ele não chega a dar por isso, porque tudo faz em ordem ao elevado sentimento sobrenatural de bem servir a Deus e a freguesia. Não podemos exigir mais a quem tudo dá. Honra lhe seja dada pelo muito que tem feito do bem pouco que poderia fazer”.

respetivamente<sup>202</sup>. Destaca-se, naturalmente, a imagem do orago que foi esculpida à semelhança da antiga e pequena imagem, com a particularidade de ser significativamente maior e reger-se pelas diretrizes e estética artística dos santeiros do século XX.

Inicia-se o ano de 1960 com uma reportagem publicada no *Notícias de Famalicão* a dar conta do ansiado momento da inauguração da tribuna da nova igreja paroquial de Vilarinho, cujas principais linhas agora se transcrevem:

“Como tínhamos pedido, efectuou-se na Noite do Natal a inauguração da Tribuna da Nova Igreja e uma sineira, inauguração essa que se revestiu das maiores galas a que, em resumo, passamos a descrever: Cerca da meia noite, houve missa solene, celebrada pelo Rev. Pároco, Padre Joaquim Alcino de Azevedo, sendo acolitada pelo Rev. Padre Miguel, do Instituto Missionário de S. Tiago. A referida missa foi cantada pelo orfeão misto desta freguesia, sendo organista o antigo Pároco desta freguesia Rev. Padre Augusto Ferreira Veloso.

A homilia este a cargo do Rev. Padre Miguel, que (...) parou uns momentos a deleitar a vista pela tão encantadora tribuna e continuando deu os maiores parabéns a todos os presentes pela obra realizada. Exaltou o Pároco e paroquianos e terminou com votos sinceros de no final do Novo Ano, que vai começar, ter-se já concluída, ou pelo menos em vias disso, a nova Igreja.

É realmente digna de louvor a obra levada a cabo – Tribuna e Sineira – que são como um espelho de cristal, no qual podemos avaliar os talentos de quem a dirigiu e trabalhou. Sem dúvida, a obra é grande e bela, mas maior ainda é o coração generoso deste povo que fez com que ela assim fosse e que seria capaz de mais ainda, se isso fosse necessário<sup>203</sup>”.

O altar-mor parece ter sido uma das grandes inovações realizadas nas obras paroquiais da região, no século XX. Pelo menos é o que se depreende através das reportagens que mencionam a curiosidade de personalidades que, vindas de espaços vizinhos, se abeiravam daquele novo templo paroquial ainda inacabado, de modo a observarem as suas linhas arquitetónicas<sup>204</sup>. Assim, deixando de lado um primitivo projeto de

---

<sup>202</sup> Conforme informação disponibilizada na fatura: “Uma imagem de S. José c/ Menino ao colo, esculpida em madeira cedro brasileiro, trabalho artístico, finíssima pintura e ricas decorações a ouro fino mordente, em alto-relevo c/ pedras imitação, altural total de 1,25 modelo refª 38 Esc 3.500\$00 / Idem, do Divino Salvador, de 1,25 incluindo aro e tarracha de ferro aplicada (...) 3.120\$00” (APDSVC, Documentos Avulsos, *Fatura de São José e Divino Salvador – Casa de Arte Cristã*, 24 de dezembro de 1959).

<sup>203</sup> *Notícias de Famalicão*, 01 de janeiro de 1960, p. 2.

<sup>204</sup> Tal como noticiou o *Notícias de Famalicão* (03 de junho de 1960, p. 2): “Interiormente, ficará a rivalizar com qualquer igreja que modernamente se tenha feito. Têm sido muitas a visitas de pessoas estranhas á (sic) freguesia, que vêm observar e, até estudar, os problemas das suas igrejas em ordem de orientar os trabalhos das mesmas. Na verdade, a construção da tribuna e o altar-mór,

adaptação da talha dourada dos retábulos da antiga matriz – tal como ocorreu, por exemplo, na freguesia de Joane – procurou executar-se um novo retábulo, desenvolvido em tijolo e cimento, com apontamentos, frontões e motivos eucarísticos a dourado, sendo coroado pelo Pelicano Eucarístico e dois Anjos adoradores, tudo em pedra ançã, obra do pedreiro Guilhermino de Almeida Ferreira, cuja empresa homónima se sediava na Rua do Falcão, na cidade do Porto. Já as colunas da tribuna – seis no seu total – bem como a primitiva mesa de altar pré-Concílio Vaticano II (Veja-se Anexo 27) e outros pormenores em mármore foram colocados na tribuna pela equipa da Marmoraria Artística e Oficina Mecânica de J. Gomes Pereira, com oficina e sede no Largo Soares dos Reis, também na cidade do Porto.

A paleta cromática, em tons rosados e azulados, foi aplicada em todo o retábulo-mor<sup>205</sup>, bem como na pintura do teto da nave e respetivos caixotões e rosetas, pintados ao longo do ano de 1961 com douramento dos florões a ouro fino<sup>206</sup> em trabalhos realizados pela já tantas vezes aludida *Casa de Arte Cristã*<sup>207</sup>. Ladeiam a tribuna as imagens do Orago Paroquial, o Divino Salvador, e São José, à semelhança do que acontecia na antiga e demolida matriz (Veja-se Anexo 28).

“É perante a peça maior deste templo, o altar-mor – êxtase místico de singeleza – que os joelhos se dobram numa reverência admirativa (...). O âmago do altar-mor deixa-se afundar em profundidade, formando uma espaçosa concavidade onde se resguarda, junto à base, o Santíssimo Sacrário envolto por quatro magníficos castiçais. Mais acima, sob um retábulo marmóreo ergue-se numa pirâmide de arredondados degraus contornados por seis ecléticas colunas, um altíssimo Crucifixo impregnado de uma comovente autenticidade, capaz de abrir a fonte lacrimal do mais encardido coração (...) Nas alas do altar-mor, surgem ainda os altares do Divino Salvador, à esquerda, e de S. José, à direita; estas duas humaníssimas imagens encontram-se inseridas num

---

obedeceram a linhas diferentes dapuelas (*sic*) que tradicionalmente nos habituamos a seguir (...). Assim, dentro de alguns meses teremos a felicidade de alcançar mais uma vitória, em vermos o nosso grande sonho traduzido em plena realidade: Constituída a Nova Igreja de Vilarinho”.

<sup>205</sup> Atualmente, e desde 2010, a paleta cromática do retábulo-mor da igreja de Vilarinho das Cambas é branca e dourada. Da mesma forma, a tribuna do altar-mor, foi tapada, estando, desde então, inutilizada (Esteves, 2010).

<sup>206</sup> O *Notícias de Famalicão* (26 de agosto de 1960, p. 3) comentou: “O tecto do corpo da Igreja ficou de uma harmonia de linhas surpreendente. Numa palavra, o conjunto é admirável, valendo a pena a visita”.

<sup>207</sup> Conforme informação no orçamento: “Tecto do Corpo da Igreja. Custa a pintura do tecto, em pintura a plástico, nos coloridos a combinar, sendo as molduras em tom marfinado e patinado nos fundos, douramento dos florões a ouro fino mordente patinado, cerca de Esc 2.360\$00” (APDSVC, Documento Avulsos, *Orçamento de pintura do teto do corpo da Igreja – Casa de Arte Cristã*, 09 de março de 1961).

pequeno nicho de tons de dourado, possuindo cada um, dois perfilados pilares de coloração azul com incrustações douradas alegóricas ao Mistério da Consubstanciação Cristã” (Mesquita, 2007, p. 242).

Mas as obras da tribuna não estavam totalmente terminadas aquando da sua inauguração, em virtude da falta de alguns pormenores artísticos que foram adicionados mais tarde. Elementos esses que serviriam de embelezamento e atribuição de valor artístico ao retábulo que ia sendo profundamente elogiado na imprensa<sup>208</sup>. Assim, referir que os motivos eucarísticos das espigas e uvas, colocadas sobre as pilastras que ladeiam as imagens do Divino Salvador e São José foram igualmente executadas pela *Casa de Arte Cristã* | *J. Vieira da Fonseca*. Foram esculpidas em madeira de castanho e douradas a ouro fino, tendo a sua colocação ocorrido no último trimestre de 1960.

Entretanto, houve também espaço para a fundição de novos sinos, quatro ao todo. É certo que, na antiga matriz, existiam dois cuja datação é, de momento, impossível de identificar em virtude terem sido entregues à Fábrica de Sinos *Rebello da Silva*, sediada em Braga. No entanto, e apesar de serem desconhecidas as datações dos mesmos, é sabido o seu peso, em virtude de a entrega dos mesmos ter sido uma forma de diminuir a dívida paroquial na aquisição dos quatro novos sinos. Assim, o sino maior pesava 257 quilos, ao passo que o menor, 161 quilos; tendo então valido 13.080\$00. Os novos, de tamanhos distintos, custaram, na sua totalidade, 42.000\$00, aos quais estiveram associados custos relativos ao badalos e ferragens e outros elementos de funcionamento, o que resultou numa despesa de 46.260\$00, paga em parte pelos já referidos 13.080\$00. Os sinos poente, norte e sul têm gravadas as datas de 1960. No entanto, o sino voltado a nascente data somente de 1997, segundo a inscrição existente no mesmo.

Três meses depois, em junho de 1960, chegou o elemento mais importante de qualquer igreja, e talvez um dos mais ansiados: o seu sacrário! Noticiou-se então que foi oferta

---

<sup>208</sup> Testemunhado no *Notícias de Famalicão* (26 de agosto de 1960, p. 3), “na verdade, a nossa Igreja, na medida em que se aproxima do fim, mais nos envaidece, pois vai-se traduzindo em realidade o grande sonho da nossa querida freguesia. A tribuna, em linhas simples e fora do tradicional, mais liturgicamente construída, é um encanto, ainda que não esteja actualmente, pintada e dourada, o que sucederá nos meados do próximo mês”.

de Martinho Ferreira da Silva, emigrante na Venezuela e que na Páscoa anterior havia vindo a Portugal com a sua família<sup>209</sup>. O tabernáculo custou 8 000\$00 e foi executado na já tantas vezes mencionada *Casa de Arte Cristã*, tendo a sua colocação estado a cargo da mesma empresa<sup>210</sup>.

O último trimestre do ano de 1960 foi um pouco conturbado para as obras vilarinhenses, dado o prejuízo causado por uma tempestade datada de 24 de setembro<sup>211</sup>, que abalou a estrutura da cúpula da torre sineira. É também no final desse ano de 1960 que se anuncia também o início da eletrificação da freguesia, embora se desconheça quando foi concluído<sup>212</sup>.

Entretanto, as obras da igreja terão ficado um pouco paradas que pouco mais se fez na igreja. Recomeçaram, pelo que se sabe, em junho de 1961, com a reconstrução da cúpula da torre sineira que havia sido totalmente abalada pela referida tempestade de setembro de 1960. Talvez por esse mesmo motivo veio a ser instalado, em julho de 1961, um para-raios no topo da mesma torre:

“Após estes trabalhos restará construir os dois altares laterais, o lambrim do corpo da igreja, e a respectiva pintura com douramento dos florões. Além destes trabalhos de primeira necessidade, outros se seguirão como a porta de grade de ferro para Baptistério, reposteiros para as portas e as cortinas para as janelas<sup>213</sup>”

Os altares laterais, consagrados a Nossa Senhora da Paz e São João Baptista, foram ofertados por Fernando Mesquita, António da Costa Martins, Maria Emília Costa Reis, viúva que ficara daquele que foi um dos grandes custeadores da obra paroquial, nos primeiros tempos da sua edificação, Zeferino Ferreira do Couto Veloso. Talvez o facto de serem consagrados às devoções que presidiram, durante séculos, os altares laterais da ainda igreja matriz revele o facto de que houve um cuidado na construção da nova

---

<sup>209</sup> *Notícias de Famalicão*, 15 de abril de 1960, p. 2 e *Notícias de Famalicão*, 16 de setembro de 1960, p. 3.

<sup>210</sup> A este propósito foi publicado no *Notícias de Famalicão* (24 de junho de 1960, p. 2): “temos realmente recebido esmolas satisfatórias e duma maneira muito especial devemos exaltar a figura ilustre na pessoa do Sr. Martinho Ferreira da Silva, que quis oferecer o coração da Igreja, ou seja o Sacrário. Esta oferta brilhou em oito contos”.

<sup>211</sup> Segundo o *Notícias de Famalicão* (23 de junho de 1961, p. 2) a “cápsula da torre, (...) inteiramente abalada por três faíscas, no dia 24 de Setembro, do ano de 1960”.

<sup>212</sup> *Notícias de Famalicão*, 23 de dezembro de 1960, p. 3.

<sup>213</sup> *Notícias de Famalicão*, 23 de junho de 1961, p. 2

igreja com pequenos sinais que recordassem o pequeno e antigo edifício que, durante séculos, serviu a comunidade nos seus preceitos cristãos. Não só os titulares dos altares laterais, mas também o facto de, no retábulo-mor, presidirem como na antiga, o Divino Salvador e o São José, bem como o teto em caixotões, destinado certamente a receber pinturas representativas de mistérios da vida do orago – tal como na antiga matriz – mas que até hoje, passados sessenta anos, ainda continuam por “acabar”, esperando que, talvez um dia, possa ser concluído o seu “embelezamento”. Mas no que toca ao titular do altar lateral do lado do Evangelho, sabe-se que pouco depois, e não se conseguem aqui estabelecer balizas cronológicas, passou a ser consagrado a Nossa Senhora de Fátima (Veja-se Anexos 29 e 30).

Do ano de 1962, nada foi encontrado nos periódicos que auxilie a compreender o estado das obras de Vilarinho. Porém, destaca-se um dos grandes acontecimentos vividos na comunidade com grande entusiasmo e recordado com saudosismo: a entronização da imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e instituição local da Arquiconfraria homónima (Veja-se Anexo 31). A bem dizer, o culto à Virgem do Perpétuo Socorro iniciou-se na comunidade como fruto da conjugação de dois fatores. O primeiro, a devoção particular do Pe. Alcino de Azevedo à qual foi associada a Santa Missão da Ordem dos Redentoristas que teve lugar nesta freguesia nos primeiros quinze dias do mês de abril de 1961. No dia 5 de abril, naquele que foi o terceiro dia de pregação, foi entronizado o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, padroeira da Congregação do Santíssimo Redentor e, conseqüentemente, das missões realizadas pelos padres redentoristas. Volvidos cerca de onze meses foi almejo do pároco a entronização da uma imagem e, por essa mesma razão foram pedidos pelo menos dois orçamentos. Um deles à *Casa Santa Catarina*, no Porto, e outro à *Casa Arte Cristã*, em Braga. Assim, a imagem esculpida em madeira de cedro brasileiro, em Braga, com o seu respetivo raiado com anjos e coroas, com uma altura de cerca de 1,40m, custou cerca de 6 000\$00. Desde a sua entronização, foi colocada numa mísula lateral, do lado da Epístola, junto do arco-cruzeiro<sup>214</sup>. Na mísula do lado do lado do Evangelho foi entronizada a imagem do

---

<sup>214</sup> Atualmente, encontra-se à veneração sobre a pedra do púlpito.

Sagrado Coração de Jesus, ofertada à comunidade paroquial a 11 de agosto de 1956, pela benfeitora Rosalina da Silva Barros<sup>215</sup>, embora se saiba que esta não foi a primeira imagem do Sagrado Coração de Jesus que a paróquia venerou.

A primeira referência a esta devoção em Vilarinho das Cambas data de 1907. O auto da revisão do inventário paroquial dá conta de que, na parede lateral direita da nave da antiga igreja, era venerado um quadro com a estampa do Sagrado Coração de Jesus<sup>216</sup>. Durante o processo de classificação da igreja, procedeu-se ao registo fotográfico do imóvel pelo que aparece como titular do altar do lado da Epístola uma imagem, com cerca de um metro de altura, do Sagrado Coração de Jesus que não é a que, atualmente, se venera na paróquia. Da datação dessa primitiva imagem nada se sabe, embora se perceba que é posterior a 1907. No estandarte da Confraria do Sagrado Coração de Jesus, sita na igreja paroquial de Vilarinho das Cambas, estão gravadas as datas de “1933-1963” (Veja-se Apêndice 5), pelo que se pode deduzir que, talvez, a primitiva imagem desta devoção poderá datar de 1933. A atual foi esculpida nas oficinas da *Casa de Arte Cristã/ J. Vieira da Fonseca* e as mísulas onde, inicialmente, estas imagens estiveram apoiadas foram colocadas pela empresa *Revestimentos “Petri” | Guimarães, Cruz & C.ª, L.ª*, sita na cidade do Porto. Foram instaladas durante o primeiro semestre do ano de 1963 (Veja-se Anexo 32), assim como os antigos altares laterais, pela mesma empresa, embora atualmente já não se encontrem na igreja em virtude do restauro de 2010. Referir que estes eram compostos por blocos de mármore, conforme as imagens remetidas a Anexo 29 e 30, e os sacrários que os compreendiam eram obra da *Casa de Arte Cristã*<sup>217</sup>. Presidia o altar do lado do Evangelho a imagem de Nossa Senhora da Paz, sendo ladeada pelas imagens de Santo Isidro e São Bento: estas duas últimas chegadas à paróquia nos anos sessenta e oitenta, respetivamente e ambas esculpidas na já tantas vezes aludida *Casa de Arte Cristã*. Ainda se reserva a antiga imagem de São Bento,

---

<sup>215</sup> À imagem está associada uma pequena placa de prata com a seguinte inscrição: “Oferta de Rosalina da Silva Barros | Vilarinho – Famalicão | 11-8-1956”.

<sup>216</sup> APDSVC, *Auto de revisão d’inventário*, 1878, f. 10v.

<sup>217</sup> Custou cada altar, segundo os orçamentos, cerca de 5.000\$00.

datada do século XVII e que até à chegada da sua “imagem substituta”, estava colocada no altar de Nossa Senhora da Paz.

Do lado oposto estava a imagem de Nossa Senhora de Fátima, a titular do altar, embora, e como já exposto, durante os primeiros tempos tenha sido dedicado a São João Baptista (Veja-se Anexo 32). Eram precisamente a imagem de São João Baptista e também a (nova) imagem de Santo António, adquirida em 1957, que ladeavam a imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Acredita-se que depois da execução dos altares poucos mais pormenores tenham sido assomados à obra até ao ansiado dia da inauguração oficial da nova igreja paroquial de Vilarinho das Cambas, que ocorreu a 11 de agosto de 1963, aquele que foi o domingo posterior à solenidade litúrgica do orago da paróquia, ocorrida anualmente a 6 de agosto.

#### **4.5. A Inauguração da Igreja**

O domingo da inauguração da nova igreja foi um dia de grande festa (chegando mesmo a ser apelidado de “o dia maior” da história da freguesia que, ao fim de um esforço coletivo, via, finalmente, a sua igreja ser inaugurada (veja-se Apêndice 16 e Anexo 33)<sup>218</sup>. Para trás ficavam os climas de tensão e os muitos períodos de interregno. O esforço e dinheiro investidos davam, finalmente, fruto. Segundo os registos, as ruas estavam ornamentadas com simplicidade para a ocasião, que incluiu a receção ao bispo auxiliar de Braga, D. Francisco Maria da Silva (1910-1977). Marcou também presença o então Presidente da Câmara, Amadeu Mesquita, a quem coube cortar a fita da inauguração. Junto dele, o então Arcipreste de Vila Nova de Famalicão e seu secretário particular, bem como diversos párocos, nomeadamente os párocos de Santa Leocádia de Fradelos e Santo André de Parada, que acolitaram à eucaristia. A cerimónia foi presidiada pelo cônego Rodrigues de Azevedo e o turiferário – isto é, aquele leva o incensório – foi o então pároco de São Cristóvão de Cabeçudos. Marcou também presença o Pe. Augusto

---

<sup>218</sup> *Notícias de Famalicão*, 16 de agosto de 1963, pp. 1 e 4.

Veloso, iniciador das obras, e que direcionou o grupo coral. Naturalmente marcou igual presença o seu substituto e então pároco de Vilarinho das Cambas, o Pe. Joaquim Alcino de Azevedo. Durante a cerimónia foi administrado, pelo bispo auxiliar, o sacramento da confirmação, conforme escrito num dos livros de assentos da Paróquia: “Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> Senhor D. Francisco Maria da Silva, Venerando Bispo Auxiliar de Braga, em visita pastoral a esta freguesia, administrou o Santo Crisma a 84 pessoas do sexo masculino, 101 pessoas do sexo feminino<sup>219</sup>”.

Terminada a cerimónia, foi tempo de convívio e alguns discursos. As primeiras atenções recaíram sobre o Pe. Veloso, que recordou o período inicial das obras, com destaque para o casal benfeitor, António José Barros de Faria e da sua esposa, Rosalina Azevedo. Posteriormente, foi tempo de ser o Pe. Alcino a proferir algumas palavras, agradecendo a generosidade dos paroquianos e gratulando ao Presidente da Câmara a eletrificação da freguesia. O último a discursar foi o Sr. Bispo Auxiliar que parabenizou os párocos Veloso e Alcino pelo trabalho realizado em prol da construção do edifício e, claro está, a benfeitora maior da obra, Rosalina Azevedo<sup>220</sup>.

Posteriormente, em 1968, foi ainda inaugurado o relógio carrilhão-eletrónico, cuja reportagem, escrita pelo Pe. Alcino, foi enviada a um dos semanários locais (veja-se Apêndice 17).

#### **4.6. A Classificação da Igreja, já depois de demolida**

Inaugurada a nova igreja ainda, não havia ainda uma decisão final do processo classificativo iniciado em 1945. É certo que desde 1951 que deixou de haver registos escritos sobre o assunto. Desconhece-se se chegou a haver trocas de correspondência, ao longo das décadas que se sucederam, em especial durante o período em que as obras decorriam. E importa aqui recordar que, segundo do SIPA, era a já aludida Junta Nacional de Educação quem procedia à classificação dos imóveis.

---

<sup>219</sup> APDSVC, *Livro de Assentos de Baptismo (1953-1963)*.

<sup>220</sup> A transcrição das notícias e reportagens relativas ao assunto foram remetidas a Apêndice 16.

O certo é que este processo de classificação terminou, somente, em 1974, pelo que se depreende que, talvez, a DGMEN não tenha sido informada, até essa data, da demolição do edifício que viria a ser classificado já depois de não existir! Assim, foi endereçada uma carta ao então Diretor-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, datada de 16 de outubro de 1974, que dava conta do seguinte:

“Tenho a honra de comunicar a V. Exa. que, por despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado dos Assuntos Culturais e Investigação Científica, de 12 de Setembro último, sobre proposta da 4.ª Subsecção da 2.ª Secção da Junta Nacional de Educação, foi determinada a classificação como valor concelhio da Igreja de Vilarinho das Cambas, no concelho de Vila Nova de Famalicão.

O imóvel fica sujeito às disposições do art.º 19.º do Decreto n.º 46 349, de 22 de Maio de 1965 (corpo do artigo e números 1.º, 3.º e 4.º do § 1.º)<sup>221</sup>”

Devem aqui ser entendidos o aludido Decreto-Lei, bem como os artigos aos quais, a partir daquela data, a igreja de Vilarinho das Cambas ficaria sujeita. Assim, o Decreto n.º 46 349, publicado em Diário da República a 22 de maio de 1965, I.ª Série – Número 114, visava o *Regimento da Junta Nacional da Educação*. Era constituída esta Junta, conforme descrito no § 1.º do Art. 2.º, por uma 2.ª secção que visava – entre outros – a salvaguarda arqueológica, de coleções de arte e a proteção e conservação de monumentos e obras artísticas (descritos nos aludidos números 1.º, 3.º e 4.º do § 1.º). Pressupõem-se assim que a antiga igreja de Vilarinho das Cambas tinha, aos olhos da legislação portuguesa, interesses arqueológicos e artísticos, cuja proteção e conservação seria essencial<sup>222</sup>.

A notícia da classificação terá chegado à freguesia somente no ano seguinte, pois no arquivo paroquial está preservada a cópia de uma carta redigida pelo pároco a dar conta da sua surpresa relativamente à classificação da antiga igreja de Vilarinho (Veja-se Apêndice 18). O Pe. Alcino terá obtido a informação da classificação da igreja quando

---

<sup>221</sup> Arquivo SIPA TXT.01895425, DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas.

<sup>222</sup> “A 2ª Secção compreende cinco subsecções: / 1.ª – Arqueologia (pré-história; arqueologia oriental e clássica; arqueologia medieval; numismática e epigrafia); / 2.ª – Artes Plásticas (arte medieval; arte do Renascimento e do maneirismo; arte barroca e rococó; arte neoclássica; arte moderna); / 3.ª – Museus e coleções de arte; / 4.ª - Protecção e conservação de monumentos e obras de arte; / 5.ª - Música e teatro” (Decreto n.º 46 349, Artº 2º, § 1.º).

leu os editais de interesse público que eram afixados pelas Câmaras Municipais, conforme disposto no n.º 2 do art.º 3 do Decreto-Lei n.º 181/70, de 28 de abril<sup>223</sup>.

Posteriormente, e em nome da Comissão Fabriqueira Paroquial, redigiu uma carta dirigida ao Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão a dar conta do sucedido, revelando que desconhecia a importância do imóvel destruído e que a atual igreja paroquial era um edifício totalmente novo. Da mesma forma, revelou que, aquando da sua chegada à paróquia, já as obras decorriam, pelo que foi seu dever continuá-las. Recordou que a talha da antiga matriz foi vendida para o auxílio do pagamento das despesas. No mesmo sentido, alertou que, caso achasse por bem investigar as origens da obra paroquial, alguns paroquianos estariam disponíveis para lhe esclarecer qualquer aspeto que ele pudesse não ser sabedor, em consequência de não ter sido ele o iniciador das obras da nova igreja. Terminou o seu discurso com um convite de visita à igreja para que o mesmo pudesse comprovar que nada justificava a classificação atribuída!

Em virtude desta mesma carta, que certamente terá chegado à DGMEN, foi redigido novo ofício por parte do Ministério da Educação ao Diretor-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais a dar conta da demolição do imóvel e que, a partir de então, já nada justificava a classificação atribuída em outubro transato.

“Em referência ao meu ofício (...) tenho a honra de comunicar que, por despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado da Cultura e Educação Permanente, foi homologado o seguinte parecer da 4.ª. Subsecção da 2.ª. Secção da Junta Nacional de Educação:

«Considerando que a antiga Igreja de Vilarinho das Cambas no concelho de Vila Nova de Famalicão foi demolida para no seu preciso lugar ser construída outra, já inaugurada, facto deveras lamentável por reduzir o inestimável património artístico nacional, a 4.ª. Subsecção da Junta Nacional da Educação é de parecer que já não se justifica a classificação atribuída<sup>224</sup>»”

---

<sup>223</sup> “1. A câmara municipal, no prazo de vinte dias, dará publicidade à comunicação recebida e convidará os interessados a apresentar quaisquer reclamações no prazo de trinta dias. / 2. Para esse efeito, a câmara promoverá a afixação de editais nos lugares de estilo e a publicação de correspondente aviso num dos jornais publicados no concelho ou, na sua falta, num dos mais lidos na área. / 3. A entidade competente para a constituição da servidão reembolsará a câmara municipal da despesa feita com a publicação do aviso” (Decreto-Lei n.º 181/70, Art. 3.º).

<sup>224</sup> Arquivo SIPA TXT.01895427, DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas.

Conseguiu aqui apresentar-se tudo quando foi encontrado em arquivo paroquial, cruzando as informações relativas à classificação dos arquivos do SIPA e as essenciais reportagens que, ao longo dos anos, iam sendo publicadas nos semanários locais. Claro que podem ter existido lacunas e tópicos não tão desenvolvidos em virtude de alguma falta de informação, mas tudo quanto foi apresentado foi fruto do já aludido cruzamento de dados.

Abaixo, na Figura 7, vemos a igreja paroquial de Vilarinho das Cambas, em 2023.



**Figura 7** – Igreja Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas.  
Fonte: Diogo Cardoso, 2023.

## Capítulo 5 – Vilarinho das Cambas entre História e Memória

Ao acompanharmos a evolução histórica da freguesia de Vilarinho das Cambas, bem como as questões relacionadas com o processo da demolição da sua sede paroquial e construção da atual igreja, não poderíamos deixar de completar estas informações com as memórias da comunidade local. O que é transmitido relativamente à história da localidade? Terá existido um mosteiro nesta freguesia? De que forma decorreram as obras paroquiais no século passado e como é que a comunidade viveu este período? Estas foram algumas das perguntas que formaram o fio condutor das entrevistas realizadas e cujo questionário-tipo foi remetido a Apêndice 19. Aproveitando o facto de ainda existirem pessoas com memória-viva do período em que ocorreram as obras da igreja, reuniram-se os seus testemunhos, de modo que se consiga ter uma noção daquilo que vem sendo transmitido, geracionalmente, a respeito da história desta comunidade. Assim, neste ano de 2023, em que a igreja paroquial de Vilarinho das Cambas comemora o seu 60.º aniversário, foram recolhidos seis testemunhos de paroquianos naturais desta freguesia, com idades a rondar os 75 anos. Dado que a construção da igreja demorou, sensivelmente, nove anos a ser concluída, significa que os habitantes que a recordam devem encontrar-se dentro dessa faixa etária. As respostas dos entrevistados apresentam diversos temas e acontecimentos que se repetem, o que auxilia a traduzir a veracidade dos factos, muitos deles já analisados ao longo dos capítulos anteriores. Deve ser recordado que nada do que será descrito adiante resultará em julgamento alheio como consequência das opiniões (algumas delas bem vincadas) que foram dadas ao longo das entrevistas. Além do mais, preservar-se-á totalmente o anonimato dos depoimentos, no sentido da opinião livre e espontânea que cada um procurou expor. A memória mais antiga, transmitida geracionalmente, é a de ter existido no espaço da paróquia, durante a Idade Média, um mosteiro beneditino, abandonado em prol do Mosteiro de São Simão da Junqueira, pelo facto do primeiro se ter arruinado. Embora, até ao momento, não se tenham descoberto documentos que atestem a sua existência, preparamos um estudo onde tentaremos analisar, detalhadamente, todos os elementos

encontrados que abordem esta possibilidade, numa tentativa de mapear os factos por detrás desta tradição.

A primeira dificuldade surge ao não conseguirmos enquadrar cronologicamente este mosteiro, a ter existido, e qual terá sido o seu desenvolvimento. Um outro entrave é o facto de ter sido regido pela regra beneditina, ao passo que o da Junqueira – na sua inegável existência – seguir a cãnone agostiniana. Assim, de momento, reunimos dados para uma reflexão sobre as questões monacais no território do Vale do Ave, que permitam perceber não só as possíveis realidades monásticas em Vilarinho, como também uma breve caracterização do panorama cenóbio-monacal à escala local.

Ainda que não haja registos escritos que comprovem a existência, em determinada época, de uma “igreja românica”, a verdade é que tal ideia vai sendo passada de geração em geração. Se, por um lado, um testemunho garante que ficava situada nas imediações da antiga residência do pároco<sup>225</sup>, nas proximidades do salão paroquial, outros acreditam que a sua verdadeira localização seria na parte norte da estrada, a par de um antigo caminho público que lá existia:

“O meu pai falava que havia, ali onde é a casa dos Vigairos, havia uma igreja velha que lá existiu (...) falava que era ali no fundo do Caminho da Barras que vai para o Juncaínho. E o meu pai dizia que falavam, o pai dele e outros, que a igreja velha que era ali. Depois, claro, começaram a cultivar e destruíram aquilo tudo (...). O salão fica do lado direito e a igreja era do lado esquerdo. Depois da casa do Vigairo havia ali um caminhito (...). Segundo o que o meu pai contava havia lá restos e assim. No tempo do meu pai e do meu avô, falavam nos restos. Eles conheceram os restos dessa igreja velha<sup>226</sup>”.

Será a este edifício que se refere Manuel Monteiro, em 1906, a propósito de uma menção a uma igreja românica em Vilarinho das Cambas? Terá o monografista conhecido este edifício para, ao longo da sua obra, ter mencionado tantos pormenores em relação a esta igreja românica? Terão os seus vestígios desaparecido depois da

---

<sup>225</sup> Segundo o depoimento do entrevistado A, no dia 29 de maio de 2023: “Dizia o meu falecido pai – que eu nunca a vi – ele dizia: «a nossa igreja matriz era ali naquela entrada que dá para a vinha». Essa igreja foi destruída porque começou a cair (...) o Governo tirou, às paróquias, parte do passal. Os passais eram bastante grandes e eles retiraram parte dos passais. E então esse foi dos que foi vendido a outros”.

<sup>226</sup> Depoimento do entrevistado D, no dia 14 de junho de 2023.

nacionalização dos bens da Igreja no período da Primeira República? É que o mais curioso é o facto de o entrevistado A, mencionar a questão dos bens arrolados em 1911<sup>227</sup> e o facto de, durante cerca de trinta anos, os passais e bens paroquiais terem sido pertença do Estado português<sup>228</sup>. Terá a igreja românica desaparecido nesse período? Será esta a primitiva igreja?

Se da hipotética igreja românica não há testemunhos vivos, o mesmo não se passa com a igreja demolida no século passado e o processo de construção de uma nova. O entrevistado A, tal como a primitiva queixa à DGEMN – datada de 1945 – refere-se a aquele edifício não como antiga igreja paroquial, mas como capela de São João<sup>229</sup>. Poderá isto querer dizer que, efetivamente, a igreja românica terá existido nas imediações da antiga residência paroquial, tendo sido transferido o seu culto para a referida capela que, desde então, passou a ser a sede paroquial? Aliás, será este o edifício que aparece mencionado como capela instituída pelo padre Joaquim de Sá, mencionada no *Livro dos Usos e Costumes de Villarinho das Cambas*, datado de 1707<sup>230</sup>? Ou será esta capela, como menciona o *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, “uma venda deixada em testamento, para a celebração de missas em oratórios ou igrejas, da responsabilidade de uma instituição e do seu administrador, a cargo de quem ficava a obrigatoriedade de zelar pela celebração das mesmas” (Costa, 2000a, p. 154)?

Mas analisemos as memórias sobre a forma de como se procedeu à demolição da antiga igreja paroquial. Tal como já descrito, no capítulo 4, a obra começou por influência do antigo pároco, Augusto Ferreira Veloso. Terá sido influenciado pela corrente de “igrejas novas” que se faziam sentir nas proximidades? Terá achado, a certa altura, que o espaço

---

<sup>227</sup> Segundo o depoimento do entrevistado A, no dia 29 de maio de 2023, “essa igreja foi destruída porque começou a cair que depois (...) o Governo tirou às paróquias, parte do passal. Os passais eram bastante grandes e eles retiraram parte dos passais. E então esse foi dos que foi vendido a outros (...). Aquilo acabou, limparam tudo. Até ainda hoje lhe chamam, mas não sei se está nas escrituras deles ou não, «Vinha da Igreja»”.

<sup>228</sup> De referir que, por curiosidade, os bens arrolados em 1911 foram devolvidos à comunidade através do “auto de entrega” datado de 8 de março de 1944 (ABDMF, 1944).

<sup>229</sup> Segundo o depoimento do entrevistado A, no dia 29 de maio de 2023, “muitas entraves naquilo porque a igreja não devia ser colocada ali para não deitar a igreja velha abaixo, a capela – que era a capela de São João – para não deitar a capela abaixo, fazer noutra lugar a igreja”.

<sup>230</sup> No *Livro dos Usos e Costumes* figura a seguinte informação: “Paga o Cappitam Paulo Camello de Oliveira ou seu filho Luis Camello de Saa; como administrador da Cappella que instituhio o Rev. Joachim de Saa Abbade que foi desta Igreja; por vinte medidas que pagam pera a dita Cappella Antonio Gomes da Costa; e elle dito administrador paga a esta Igreja cada anno em dinheiro sento e sessenta e seis reis e meio” (APDSVC, *Livro dos Usos do Salvador de Villarinho Cambas*, 1707, f. 3v).

da igreja não era suficiente para a acomodação dos fiéis no seu interior<sup>231</sup>? Estaria, efetivamente, a igreja a precisar de obras de restauro ou manutenção? Ou terá sido influência de algum grupo de paroquianos que o impulsionaram? Ao longo das entrevistas realizadas, foram várias as hipóteses levantadas a respeito do surgimento da ideia, mas o certo é que todos comentaram as dificuldades na concretização da obra, não só económicas, como também sociais que resultaram, por exemplo, na não contribuição de todos os paroquianos e na mudança do pároco.

Sucedeu que, na tentativa de “salvar” o velho edifício matriz desta comunidade, chegou a ser equacionada a construção de uma nova igreja noutra local, tal como referido na primeira carta endereçada à DGMEN, em 1945<sup>232</sup>. Procuraram-se, inclusive, lugares mais centrais na freguesia do ponto de vista geográfico, atendendo à repartição do povoamento, dado o carácter disperso que o mesmo assume<sup>233</sup>. Por essa mesma razão, ponderou-se edificá-la no lugar do Outeiro mas, ocorrendo divergências na partilha dos terrenos com a comunidade paroquial, acabou mesmo por ser edificada no local da antiga, resultando – por isso – na sua demolição, já depois de iniciadas as obras da nova igreja<sup>234</sup>, tal como ocorreu na freguesia de Minhotães, por exemplo. Segundo o testemunho do entrevistado D, a família Ilhão, que na pessoa de António Fernandes Ilhão acusou o Pe. Veloso à então DGMEN por estar a “condenar” a igreja de Vilarinho à demolição, chegou a levantar a possibilidade de oferecer um terreno contíguo à sua quinta para que se procedesse à edificação da nova igreja. Terá ocorrido essa negociação na casa da Quinta do Outeiro, numa reunião onde estiveram presentes, segundo o seu testemunho, para além de alguns membros da família, o Pe. Veloso e o então Bispo

---

<sup>231</sup> Segundo o depoimento do entrevistado D, no dia 14 de junho de 2023, “eles não deitaram a igreja abaixo pelo facto de dizer que ela que era pequena. Porque se vires aí a estrutura da igreja, ela ocupava – mais ou menos – a mesma área. Porque eles não tinham por onde alargar. Eles encurteceram o adro da igreja mas o muro da Rosalina é o mesmo que existia. Isso de dizer que ela era pequena foi uma desculpa para deitar a igreja abaixo”.

<sup>232</sup> Veja-se o depoimento descrito na primeira carta endereçada à DGMEN, em 1945, transcrito acima, no ponto 4.3.

<sup>233</sup> Segundo o depoimento do entrevistado C, no dia 08 de junho de 2023: “o que ouvi contar foi que o Padre Veloso nunca quis destruir a igreja antiga e andou à procura de terrenos, até mais centrais na paróquia. Na altura, a igreja estava quase no extremo da paróquia, em termos populacionais. Porque para o lado nascente e sul não havia construções, nem habitações. Hoje isso é diferente, há muita habitação e, sobretudo, indústria e comércio. Mas, na altura, não existia nada. Então, ele pretendia construir a igreja numa zona mais central e que, fez tudo, por tudo, para que fosse ali na zona do lugar do Outeiro. E andou, tentou, mas não conseguiu terreno junto dos proprietários pois aquilo pertencia à Quinta do Outeiro (...) esteve quase a conseguir-se mas, à última da hora, não se conseguiu. Então, a partir daí é que se resolveu construir no sítio da antiga”.

<sup>234</sup> Segundo o depoimento do entrevistado A, no dia 29 de maio de 2023: “ficou a velha no meio e fez-se as paredes do lado. E a outra depois foi demolida”.

Auxiliar, D. Francisco Maria da Silva: “O bispo esteve reunido lá em cima (...) com o padre Augusto, e combinaram que a igreja não ia abaixo. E deitaram a igreja abaixo, logo no dia seguinte. Eles escaparam por pouco porque senão, não lhe podiam tocar<sup>235</sup>”.

A igreja de Vilarinho das Cambas não terá tido, na opinião do entrevistado C, um projeto inicial, talvez dado este conflituoso contexto e troca de pareceres com a então DGMEN. No entanto, deve ser aqui recordado o projeto de 1945, já mencionado no ponto 4.2., e encontrado do arquivo paroquial que, em nenhum momento, foi desenvolvido. Assim, e novamente pela opinião do entrevistado C:

“a nossa igreja nunca teve um projeto inicial. Iam visitando igrejas aqui ao redor da paróquia de Vilarinho e iam tirando ideias. E, à medida que iam tirando ideias, o grande impulsionador – que foi o Padre Augusto Ferreira Veloso – com um desenhador sem curso, com a 4.ª classe naquela altura, que era o Sr. António da Silva Martins, que depois ia desenhando as peças principais – a estrutura principal, os arcos, as portas, as padieiras e as medidas da construção. E o construtor cingia-se às medidas e também, à medida que iam construindo, iam acertando: ampliando, diminuindo; conforme. E o construtor foi (...) Manuel da Silva Martins<sup>236</sup>”.

Parece, tal como nos descrevem os entrevistados e a imprensa coeva, que o início das obras foi bastante dinâmico, principalmente pelas doações por parte dos Srs. Zeferino Veloso e Rosalina Barros, confrontantes com os terrenos circundantes da igreja paroquial. Recordam-nos alguns dos entrevistados poesias cantadas nos diversos cortejos que se realizaram para a obtenção de fundos para a obra. Se, por um lado, o entrevistado B, recorda uma quadra animada e gentil para com os maiores benfeitores<sup>237</sup>, o entrevistado D recorda outras com um carácter menos positivo para aqueles que se recusasse a contribuir<sup>238</sup>. Acusações à parte, o certo é que a igreja nova se foi construindo à medida que o processo classificativo se desenvolvia. Questionados

---

<sup>235</sup> Referia-se à classificação da igreja como imóvel de interesse local.

<sup>236</sup> Depoimento do entrevistado C, no dia 08 de junho de 2023.

<sup>237</sup> Segundo o depoimento do entrevistado B, no dia 01 de junho de 2023: “tinha uma canção: «Ó Senhora Rosalina / e Senhor Veloso também / venham daí com a Cruz / que nos deu Jesus / lá do Céu. Amém». É, cantavam isso nos cortejos. Lembro-me dessas canções...”

<sup>238</sup> Segundo o depoimento do entrevistado D, no dia 14 de junho de 2023: “ali os de Espido com os cortejos faziam uns versos que diziam, nas cantigas: «que aqueles que não dão, quando morrer que o levem». Fizeram assim muitas canções para aqueles que não contribuíram”.

a respeito da licença dada pelo arcebispo para demolição do edifício, em nenhum momento foi levantada a hipótese de não ter existido<sup>239</sup>.

Todas estas polémicas, que ajudaram na mudança de pároco, em 1958, aliada à morte de um dos maiores benfeitores da obra e a falta de um maior número de entusiastas que procuravam acelerar o processo construtivo, resultaram num atraso na conceção da capela-mor. Inspirada em várias igrejas<sup>240</sup> que, nos anos 40-50 se desenvolviam em núcleos populacionais próximos, a capela-mor da igreja de Vilarinho das Cambas – e o facto de poder ser olhada como desproporcional em relação ao tamanho da nave – deve-se ao facto de não ter havido cedência de terrenos da parte nascente, tal como opina o entrevistado D<sup>241</sup>. E foi neste período de nova instabilidade que se chegou ao processo de venda da talha da antiga matriz<sup>242</sup>, aprovado pelo Arcebispo de Braga, em 1959, e cuja receita muito auxiliou na construção do presbitério.

Mesmo ainda sem capela-mor, a nave do edifício estava já coberta, pelo que as cerimónias litúrgicas realizavam-se nesse espaço sem grandes problemas<sup>243</sup>. O arco-cruzeiro era já delimitativo dos espaços da nave e presbitério, mesmo sem a existência do último. Para que as celebrações fossem desenvolvidas comodamente, instalou-se um painel de madeira que procurava não só proteger a igreja em construção, como toda a população que dela se abeirava. Assim, o altar-mor estava disposto na frontaria desse mesmo painel caiu, e segundo o testemunho D, resultou na destruição de alguns bens materiais, nomeadamente a antiga imagem do Sagrado Coração de Jesus que, nos últimos anos em que a igreja antiga esteve de pé, era venerada no altar lateral, do lado do Evangelho.

---

<sup>239</sup> Segundo o depoimento do entrevistado C, no dia 08 de junho de 2023: “o que me consta é que foi deitada abaixo, mas com autorização prévia da diocese, do Senhor Bispo. Não foi à revelia das leis canónicas, das leis da Igreja”.

<sup>240</sup> Depoimento do entrevistado B, no dia 01 de junho de 2023.

<sup>241</sup> No parecer do entrevistado D, no dia 14 de junho de 2023: “eles para fazer a capela-mor viram-se à rasca porque a Sra. Rosalina não deu nem mais um palmo de terra para trás”.

<sup>242</sup> A “capela-mor esteve muitos anos sem ser construída, porque eles não tinham espaço para alargar e a capela-mor foi construída depois de venderem a talha da igreja velha: arcas, o teto todo pintado, venderam aquela madeira toda” (Depoimento do Entrevistado D, no dia 14 de junho de 2023).

<sup>243</sup> Segundo o depoimento do entrevistado C, no dia 08 de junho de 2023, “muito cedo, logo que a igreja ficou coberta, com o teto, já se praticava o culto na igreja. Eu lembro-me de que ainda se andava a construir o teto interior, aquele gesso, penso que é em gesso e já se celebrava”.

E a esse respeito deve então ser recordada a preservação, como já descrito, de alguma da imaginária. Mas qual dela é que sobrevive na memória dos vilarinhenses? Que pormenores destacam eles da antiga matriz? Quais as suas invocações, festas e detalhes? Os nomes mais recordados passam, efetivamente, por algumas das devoções de maior destaque na freguesia, nomeadamente a de Nossa Senhora da Paz, São João Baptista, Mártir São Sebastião e Nossa Senhora de Fátima. Curiosamente, imagens de maior dimensão quando comparadas a outras que “sobreviveram”, mas que não foram recordadas pelos inquiridos. Assim, invocações como São José, Santo António<sup>244</sup>, Santo Amaro ou Nossa Senhora das Dores, e até mesmo do Divino Salvador<sup>245</sup> – o orago – não foram lembrados pelos interpelados, à exceção do Crucifixo que preside o altar-mor e que outrora presidiu igualmente a tribuna da antiga igreja.

No que respeita à memória das festividades vilarinhenses, a mais consensual é a de São João, recordada pelos entrevistados como algo muito importante na comunidade, principalmente pelo Auto de São João<sup>246</sup>, tradição única no país e que traduz a popularidade do santo através do contar da sua hagiografia em teatro amador, desenvolvido sobre um carro agrícola rudimentar puxado por bois. Paralelamente, foram igualmente recordadas as festas do Santíssimo Sacramento<sup>247</sup>, associadas ao culto do Orago com o Lausperene Paroquial e a procissão eucarística, mas que só se terá começado a festejar, com maior destaque, no século XX. Um dos inquiridos referiu as festividades em honra de Nossa Senhora da Paz<sup>248</sup>, apesar de não se recordar do período em que era celebrada. Outro recordou as novenas em honra de São Sebastião<sup>249</sup>, que se realizavam não só na igreja antiga, como na atual.

---

<sup>244</sup> Testemunha o entrevistado C, no dia 08 de junho de 2023, o seguinte: “ouvi falar numa imagem de Santo António que tinha uma cruz em prata (...). Ouvi falar que desapareceu, que não se sabia dela. Agora não sei se foi vendida, se foi roubada ou que aconteceu”.

<sup>245</sup> Invocações que figuram nos inventários paroquiais de 1878 e 1907.

<sup>246</sup> Segundo o entrevistado A, no dia 29 de maio de 2023, “antigamente faziam a festa de São João, mas vinha uma banda de música só para o carro. Tocava uma peçita no sábado à noite; ficava depois aqui, arranjava-se aqui um salão para eles dormir aqui e ficavam cá. E depois, no domingo, fazia-se um ensaio do Carro de São João e à tarde, acompanhavam a procissão”.

<sup>247</sup> O entrevistado D, no dia 14 de junho de 2023, testemunhou: “era o São João e o Santíssimo Sacramento. Eram as duas festas importantes da terra! (...) havia, às vezes, o 13 de maio e assim mas era pouca coisa. Festa mesmo da igreja com procissão e o Santíssimo vir cá para fora só mesmo no São João e do Santíssimo Sacramento”.

<sup>248</sup> Recordou o entrevistado C, no dia 08 de junho de 2023: “e também a festa [pausa] era a Senhora da Paz, que falavam. Era, era a Senhora da Paz”.

<sup>249</sup> Recordou o entrevistado C, no dia 08 de junho de 2023 que “havia uma devoção muito grande a São Sebastião. Até se faziam as novenas a São Sebastião. Mas festa, festa, nunca ouvi falar (...) a imagem de São Sebastião durante muito tempo, que me lembre, não estava na igreja, só vinha na altura das novenas e colocavam-na em cima de um altar lateral”.

Paralelamente aos cultos que tanto caracterizam a comunidade vilarinhense, destacam-se agora os pormenores que ao longo das entrevistas foram recordados pelos inquiridos e auxiliam a (re)imaginar o espaço demolido. Do exterior da igreja são lembrados na memória dos vilarinhenses, não só os sinos e o acesso aos mesmos, como também o cabido sobranceiro à porta principal<sup>250</sup> e as sepulturas que ainda iam sobrevivendo no local, recordando aquele espaço como reservado ao antigo cemitério paroquial, até à abertura do atual, em 1925:

“No adro da nossa igreja antiga, tinha ali sepulturas (...). Isto, as que estavam com a lousa em cima. Mas depois quando se demoliu aquilo e andou-se ali a trabalhar, houve quem dissesse que do outro lado também tinha e que até ao fazer o alargamento do caminho (...) as máquinas ainda cortaram para lá umas urnas, aquelas urnas chumbadas (...). E houve ali uma que tiveram problemas com ela<sup>251</sup>”.

Quanto ao interior, o que os inquiridos mais destacam é o teto da igreja e o facto deste ser pintado com motivos religiosos que se traduziam em colorido, riqueza e harmonia<sup>252</sup>. Na maioria dos casos, não se recordam com precisão das imagens que constituíam estes painéis, mas parece ser consensual a beleza dos mesmos e a sua contribuição na conceção do imaginário vilarinhense. Aliás, foi ainda comentado o facto de a atual igreja estar inacabada em virtude da falta dos painéis de representações cristológicas, outrora prometidas à comunidade e que resultariam num certo “revivalismo histórico”, que auxiliaria a que uma das principais características da antiga matriz de Vilarinho não desaparece totalmente:

“No teto faltam pinturas. Ele falava que devia ser pintado. Havia uma ideia de ser pintado, com imagens; imagens ou, até penso que a ideia era reproduzir os mistérios da igreja antiga. E aliás, foi

---

<sup>250</sup> Recordou o entrevistado D, no dia 14 de junho de 2023: “lembro-me das escadas que eram exteriores, para a torre (...). E tinha esse cabido muito bonito que eu agora me estou a lembrar. Tinha umas colunas em pedra (...). A porta da igreja está mais ou menos situada no mesmo lugar da outra. Porque eles fizeram, precisamente, a igreja no lugar da outra. Só tiveram problemas para fazer a capela-mor porque não tinha espaço. Mas a igreja ocupou o lugar da velha”.

<sup>251</sup> Depoimento do entrevistado A, no dia 29 de maio de 2023.

<sup>252</sup> Recordou o entrevistado B, no dia 01 de junho de 2023: “era bonito as tábuas, tinha lá os Santos. Era, do arco para baixo era tudo desenhado”.

desenhada já para esse efeito. Os quadrados ou retângulos são precisamente para isso, para serem representados ali os mistérios<sup>253</sup>”

Também os antigos altares merecem aqui destaque dadas as características da sua talha, alvo de saudosos elogios por parte dos inquiridos<sup>254</sup> e que comungam totalmente com as opiniões dos especialistas da DGEMN<sup>255</sup> no decorrer do processo da sua classificação e já elogiados no século XIX, desta feita por Pinho Leal (Pinho Leal, 1886, p. 1337). Mas um dos maiores destaques nas entrevistas prende-se com o testemunho D que descreve, com precisão, a igual harmonia e beleza que, na sua opinião, caracterizava a sacristia da igreja:

“Lá havia muita coisa em prata – objetos em prata (...). Tinha, (...) uma pia em pedra, logo à entrada (...). E o chão da sacristia era em pedra. A sacristia era muito bonita! (...). Tinha uns nichos na parede com Santos. Uns Santos pequeninos que também foram, segundo a minha família me contava e as pessoas da altura, foi tudo. Tinha muitos Santos a igreja! (...) havia um que estava em cima de onde o padre se paramentava que era um bispo. Era a figura de um bispo, em madeira (...). E depois tinha os castiçais das velas, tinha tudo trabalhado, tudo em madeira. Os altares tinham muitos castiçais, todos em madeira. Desapareceu tudo! (...). Tinha uma coisa muito rica aquela igreja, em peças de Santos e arte sacra. Tinha coisas muito importantes<sup>256</sup>”

Em duas das entrevistas foi mencionado o facto de a soleira da porta estar partida e este facto recuar, segundo os seus pareceres, ao terramoto de 1755<sup>257</sup>, facto já mencionado no *Portugal Antigo e Moderno*<sup>258</sup>. No entanto, a memória paroquial de Vilarinho das Cambas, datada de 1758, garante que a freguesia “nam padeceo ruina alguma por cauza

---

<sup>253</sup> Depoimento do entrevistado C, no dia 08 de junho de 2023.

<sup>254</sup> Segundo o depoimento do entrevistado D, no dia 14 de junho de 2023: “Era tudo dourado, já velho. Mas não patine. Era mesmo dourado, muitos velhos (...). Na capela-mor era o que destacava era o altar-mor; era muito bonito, todo em talha e, tinha nessa talha, os Serafins.”

<sup>255</sup> Recorde-se aqui um dos documentos acima apresentados e que figuram no processo classificativo da (antiga) igreja de Vilarinho das Cambas: “Interiormente, a nave da Igreja é coberta por um apainelado com pinturas de figura vária (...). Linhas de madeira pintadas definem a estrutura do telhado. O frontal da Capela-mór, profusamente ornado com talha dourada renascentista, empresta ao conjunta uma certa riqueza” (Arquivo SIPA TXT.00089409, DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas).

<sup>256</sup> Depoimento do entrevistado D, no dia 14 de junho de 2023.

<sup>257</sup> Recordou o entrevistado C, no dia 08 de junho de 2023: “até me recordo de uma coisa que ele falou que o meu pai já estava esquecido que era da soleira da porta estar estalada. E eu recordo-me que ele falou que estalou no terramoto de 1755”. Já o entrevistado D, no dia 14 de junho de 2023, recordou: “o meu pai contava que a padieira da porta estava rachada e diziam que tinha sido do terramoto de 1755. De resto, tinha um adro muito bonito, com umas sepulturas e isso foi tudo destruído; foi tudo de lá para foram”.

<sup>258</sup> Foi publicado em 1886 que, “por ocasião do grande terramoto de 1750 (*sic*) estalou a soleira da porta principal da matriz d’esta parochia e ainda se conserva fendida” (Pinho Leal, 1886, p. 1338).

do Terramoto a Deos grasas<sup>259</sup>” pelo que a dúvida relativamente a esta questão ainda persistirá. Ou as informações de Pinho Leal, nem sempre seguras, tiveram localmente divulgação?

Por fim, relativamente ao processo classificativo, apercebemo-nos que os entrevistados não o recordam como tendo acontecido tardiamente, isto é, em 1974, mas sim na época em que a igreja ia sendo construída, ou seja, entre 1954 e 1963. Neste ponto se destacam os depoimentos dos entrevistados A e D, por um lado, quando comentam a viagem do pároco de então a Lisboa, possivelmente à sede da DGMEN, de modo a dar continuidade à almejada construção<sup>260</sup> e, por outro, ao referirem novamente a reunião do bispo auxiliar, com o pároco e alguns paroquianos, na tentativa de salvar o imóvel<sup>261</sup>... Ao longo das entrevistas, perceberam-se as mágoas relativamente ao assunto da demolição da antiga igreja e crê-se que houve espaço, em algumas delas, para ocultar pormenores que poderiam resultar em “condenações” ou juízos de valor relativamente às famílias e seus descendentes. Todos os inquiridos responderam que foi muito mau terem demolido o antigo centro de culto paroquial, chegando mesmo a ser este episódio apontado como “crime”.

“Culpas” à parte, o certo é que Vilarinho trabalhou em prol da construção do seu espaço paroquial, mas lamenta o facto de a velha igreja ter deixado de existir. Parece, segundo o parecer do entrevistado C, que ainda procuraram ampliar a igreja em vez de demoli-la, mas o facto de não haver área suficiente, fez com que destruíssem a existente<sup>262</sup>. Restam somente as memórias, algumas delas resgatadas e apresentadas aqui, para que a sua salvaguarda auxilie a percepção de como a paróquia viveu este período – um

---

<sup>259</sup> ANTT, Dicionário Geográfico, Vilarinho de Cambas, Vermoim, vol. 41, n.º 323, f. 1948.

<sup>260</sup> Segundo o entrevistado A, no dia 29 de maio de 2023: “o padre Veloso ainda teve de ir para Lisboa porque o Presidente da Junta, que era o Ilhão, colocou a nossa igreja nos Monumentos Nacionais. Não se podia bulir. Mas ele foi para lá e deu a volta aquilo (...) sei que a retirou. Retirou para poder construir, senão não podia deitá-la abaixo”.

<sup>261</sup> Comentou o entrevistado D, no dia 14 de junho de 2023: “recorda-me que qualquer coisa que ela foi quando foi abaixo poucos dias antes de ser classificada como monumento local, se não me engano. Poucos dias antes de demolirem, isto contava a família, quando eles se aperceberam que aquela igreja ia ser considerada um monumento local, foi quando eles deitaram abaixo – logo no dia seguinte à tal conversa com o bispo. O bispo teve reunido (...) com o padre Augusto e combinaram que a igreja não ia abaixo. E deitaram a igreja abaixo, logo no dia seguinte. Eles escaparam por pouco porque senão, não lhe podiam tocar”.

<sup>262</sup> Testemunhou o entrevistado C, no dia 08 de junho de 2023: “o ampliar a antiga parece que pensaram nisso mas não encaixava, nem se enquadrava muito bem, nem havia espaço – área suficiente. Então tentaram construir noutra sítio, não foi possível. Derrubaram um monumento!”

período de dificuldades, é certo, mas que culminou com a bênção e sagração do seu espaço no dia 11 de agosto de 1963.

## Considerações Finais

O desejo de uma nova igreja em Vilarinho das Cambas terá começado ainda no século XIX, com o Pe. José de Sá Felgueiras: “este deu-se ao trabalho de fomentar em todos os paroquianos a ideia de se dar início à igreja, mas bem depressa tudo se apagou no subconsciente do povo o qual receava a dificuldade financeira<sup>263</sup>”. Porém, só com o Pe. Augusto Veloso as obras foram iniciadas. A queixa à DGMEN, por parte da Junta de Freguesia, resultaria, como exposto, na classificação do imóvel, num processo que demorou mais de 29 anos a ficar concluído. Na época era, como já apresentado, a Junta Nacional de Educação que procedia à classificação dos imóveis e que, posteriormente, comunicava a decisão à então DGMEN. É provável que o processo relativamente a Vilarinho das Cambas esteja, como outros, nos arquivos da DGPC, mas que – de momento e segundo o parecer o SIPA – estão inacessíveis. A sua consulta seria certamente frutífera para se esclarecer as razões e a forma de como a igreja foi demolida. Isto porque, recorde-se, a DGMEN, em março de 1951, permitiu que fossem realizadas obras de reparação, com supervisão de especialistas, em virtude de o processo classificativo não estar, à época, concluído. Inclusive, houve, segundo uma das ordens de serviço analisadas, espaço para que o pároco fosse elucidado sobre a forma de como se procederiam as obras, fiscalizadas e orientadas pelos serviços da DGMEN. Mas então, por que razão foi este edifício totalmente demolido? Não estiveram as obras sob orientação da DGMEN? Terá havido a tal deslocação do pároco a Lisboa para conseguir levar avante a pretendida obra, tal como garante o testemunho A? Esta e outras questões talvez sejam respondidas depois de os arquivos da DGPC ficarem disponíveis e neles for encontrado o processo classificativo da antiga matriz de Vilarinho das Cambas.

Talvez a origem da obra paroquial do século XX tenha sido resultado de um aumento demográfico significativo ou do mau estado em que – presumivelmente e se recordarmos a correspondência trocada – se encontraria. Fatores aos quais se assomou

---

<sup>263</sup> *Notícias de Famalicão*, 09 de agosto de 1963, p. 3.

uma troca labiríntica de correspondência com a DGEMN e um longo atraso no processo classificativo do imóvel. De que valeu a sua classificação como imóvel de interesse concelhio, onze anos depois da inauguração da atual igreja? A talha parece estar em paradeiro incerto. A arte que nela existia e alguma da imaginária tomou o mesmo destino. A sua história parece, aos poucos, estar a desaparecer, desvanecendo-se na penumbra daqueles que, saudosos, ainda a recordam. Mas o que ocorrerá quando essas memórias se perderem? Neste caso específico, houve motivação na tentativa de perceber que período foi este e que histórias ainda existem, daí terem sido realizadas entrevistas. Mas terão outras comunidades o mesmo empenho? Desaparecerão os edifícios demolidos do imaginário comunitário com o avançar das gerações?

Aluda-se à extrema dificuldade no encontro dos registos – sejam documentais ou fotográficos – das igrejas e capelas demolidas ao longo do século XX na área em estudo. Que dirão da história da igreja de Minhotães? Por que razão se demoliu a igreja de Brufe? O que motivou o desaparecimento da antiga capela de Santa Luzia, em Requião? Se a igreja de Fradelos foi construída num terreno traseiro à antiga, por que razão se demoliu um edifício de raízes seiscentistas? Que dirão da nova igreja de Lousado, se a antiga ainda não havia completado 60 anos desde a sua reedificação? Estas e outras questões devem ser levantadas, no sentido de perceber o que motivou estas construções e consequentes demolições. É que, com a dificuldade na aquisição de registos, resta reunir os testemunhos que viveram estes períodos na primeira pessoa e cujas declarações são essenciais para que a história das comunidades não desapareça e as gerações vindouras saibam reconhecer as suas origens e os consequentes esforços coletivos, por forma a valorizarem aquilo que lhes é deixado por herança. É imperativa a valorização do passado histórico do património, o seu legado e a sua importância na construção de uma sociedade consciente.

Contudo, devem ser igualmente recordados alguns fatores essenciais à conceção da obra de Vilarinho das Cambas e o empenho das suas gentes na sua edificação. As análises dos semanários locais dão conta das múltiplas atividades nas quais a comunidade se uniu em prol do concluir das suas obras – cortejos etnográficos, teatros amadores, peditórios coletivos. Tudo servia para, aos poucos, se ir evoluindo na arte de

construir uma igreja robusta, edificada com muito do aproveitar das pedras da antiga matriz. Era almejo terminar este projeto paroquial, ao mesmo tempo que a freguesia se modernizava: os caminhos iam, aos poucos, dando lugar a ruas; os acessos à freguesia eram melhorados e a eletricidade, que demorou a chegar, impulsionou a modernidade. Se há palavras que descrevem a história recente desta comunidade devem remeter ao campo lexical do progresso, dinamismo e ação. A marca rural ainda caracteriza o núcleo da freguesia, mas a industrialização de alguns dos espaços – maioritariamente limítrofes – auxilia a que a freguesia se destaque no mapa, não só do município, como da região. Lamenta-se, é certo, o total desaparecimento da antiga igreja, mas é imperativa a valorização da atual e a comemoração do 60.º aniversário da sua inauguração poderá resultar na consciência de que, esta obra em específico, acima de toda a polémica que em torno dela se levantou (e continua a levantar), foi resultado de um esforço comunitário que, mesmo sem muitos fundos – e também daí a demora na sua concretização – lutou para que, naquele dia 11 de agosto de 1963, a paróquia se coroasse de brio e esplendor para a bênção e sagração do seu único templo local. Evolui-se no tempo e também o espaço foi adaptado a novas realidades. A igreja paroquial é o resultado de uma união em prol de um bem maior. Muito mais do que um espaço de reunião semanal ou dominical, é o centro de culto de uma comunidade. É nela que se celebram grande parte dos sacramentos, iniciados numa fonte batismal que continua com a mesma função desde tempos antigos. Analisando a sua copa artisticamente, recuamos, pelo menos, ao século XI, revelando que – aquela pedra em específico – é a testemunha da antiguidade da paroquialidade de Vilarinho. Neste caso, a(s) igreja(s) até pode(m) ter mudado ao longo dos tempos, mas a fonte batismal possui um legado quase milenar. E em vez de ser olhado como um mero pormenor, deve auxiliar no testemunho paroquial que, mesmo com tantas polémicas, ainda persiste. O início deste projeto foi bastante mais ambicioso do que os resultados que, chegados ao final, conseguimos apresentar. Por razões diversas não foi possível desenvolver alguns tópicos, nomeadamente as festividades em honra de São João, com a particularidade do Auto do Carro das Heras, tradição única no país (Cardoso, 2022) ou

até algumas das suas lendas, como a do Penedo da Moura<sup>264</sup>. Outros aspetos que não foram aqui devidamente desenvolvidos, embora tenham sido objeto de grande atenção e pesquisa no decorrer desta investigação, são as hipotéticas ligações desta paróquia a alguns mosteiros e, sobretudo, a lendária existência de um mosteiro em Vilarinho, no lugar da Junqueira que, segundo a tradição local, terá dado origem ao hagiotopónimo São Simão da Junqueira, no vizinho concelho de Vila do Conde. As antigas ligações entre ambas as comunidades estão documentadas, pelo menos, desde o século XIII, tal como comprovam as Inquirições Gerais D. Afonso II, datadas de 1220<sup>265</sup>. Mais tarde, o próprio *Tombo de São Salvador de Vilarinho das Cambas*, datado de 1723, não só nos dá conta dessa mesma relação<sup>266</sup>, como das ligações desta comunidade aos Mosteiros de Santa Maria d’Almoester<sup>267</sup> e Santa Maria de Salzedas<sup>268</sup>, nos concelhos de Santarém e Tarouca, respetivamente. Porém, e como perceptível, a ligação mais afamada, pelo carácter lendário e tradicional que lhe está associado, é mesmo com o Mosteiro de São Simão que resultou, por exemplo, na sua eternização no mural encomendado pela Junta de Freguesia, em 2011. Na verdade, em várias freguesias de Vila Nova de Famalicão e arredores, há quem acredite que as suas comunidades surgiram em torno de primitivos

---

<sup>264</sup> Reza a lenda que ao crepúsculo, uma moura saía do penedo onde morava para ir pedir azeite a uma velhinha que morava ali perto, levando consigo um bonito objeto de prata. Após entrar no penedo, só voltava a sair ao anoitecer do dia seguinte. Certo dia, terá a velhinha questionado a razão pela qual lhe dava tão rico material para que nele fosse colocado o líquido pedido, ao qual a moura terá respondido que aquele era o objeto mais pobre que possuía. Diz-se que ao corajoso que, numa noite de lua cheia, ler o livro de São Cipriano – de trás para a frente – sem mostrar o mínimo de receio, a moura recompensará e abrir-lhe-á o penedo, ofertando-lhe a riqueza que nele contém. Lenda ou não, o certo é que parece, na frente do penedo, estar gravado um retângulo que se diz ser a porta de entrada para um mundo de riquezas. No concelho de Vila Nova de Famalicão são quatro, os apelidados de Penedo(s) da Moura e estão situados nas freguesias do Calendário, Mogege, Vermoim e, claro está, Vilarinho das Cambas.

<sup>265</sup> Transcreveu Alexandre Herculano: “Sancto Salvatore de Vilarino (...) jurati dixerunt quo dista ecclesia habet vii casalia. Hospitale i. casale. Sanctus Tirsus i. casale. Sanctus Jacobus de Antis ii. Casalia. Sanctus Simeon i. casale et vi<sup>8</sup>. Sanctus Christophanus medium casale” (Herculano, 1888, p. 253).

<sup>266</sup> Descreve-nos o Tombo Paroquial de 1723: “Os Padres Cruzios de Sam Simam da Junqueira Senhorinhos Dominicães de outra quebrada de que elles mesmo cazeiros erão emphyteutas, e era direito senhorio o Thenente General do Castello de Matozinhos Manoel da Sylva Mallafaia do Casal do Lameiro de que he emphyteuta Joam Francisco morador no dito lugar do Lameiro deste freiguezia, e Domingos Manoel, e Bernardino da Costa cazeiros emphyteutas de casaes foreiros a este Igreja e logo pollo R.do Tombante foi mais requerido a este R.do Doutor Juiz do Tombo que para a mediçam, apegaçam e demarcaçam e confrontaçam, da dita quebrada do esteiro foreira a esta Igreja vinham citados os sobreditos confrontantes como eu escrivam daria por minha fee em que os citara que os mandasse apregoar (...) e sendo elles apregoados, e nam aparecendo (...)” (ADB, *Tombo de S. Salvador de Vilarinho de Cambas*, 1723, f. 116).

<sup>267</sup> O Tombo de 1723 refere que: “D. Guiomar de Menezes, D. Abadessa deste Real Mosteiro de S. Bernardo de Almoester (...) fazemos nosso procurador (...) P.º Frei Francisco de Castro, Dom Abbade do Mosteiro de Bouro da Ordem de Nosso Padre São Bernardo pera que em nosso nome possa mandar assistir ao Tombo que pertende mandar fazer o R.º Manoel Ferreira da Cruz, Abbade do Salvador de Vilarinho, Arcebispo de Braga, nos bens, terras e propriedades de que he juiz o R.º Douttor João Rodrigues de Mattos na qual freguezia tem este Mosteiro o direito dominical de alguãs propriedades pera cujo efeito damos poder” (ADV, *Tombo da Igreja do Salvador de Vilarinho das Cambas*, 1723, f. 47).

<sup>268</sup> O mesmo Tombo ainda refere: “D. Madre Thereza Angelica Ferreira de Sousa, (...) dos cazais que possuimos neste freguezia de que lhes direito senhorio o Mosteiro das Salzedas” (ADB, *Tombo da Igreja do Salvador de Vilarinho das Cambas*, 1723, f. 135).

mosteiros ou eremitérios, mas dos quais parece não haver registos. No entanto, foi feito um levantamento exaustivo dessas tradições, mas que certamente serão pontos de partida para futuras investigações sobre o assunto. Talvez outras ciências, como a arqueologia, possam vir a dar resposta quando ao possível e perdido mosteiro de São Salvador de Vilarinho.

Mas não só sobre este assunto há lacunas documentais. Recorde-se, por isso e como apresentado, o facto dos arquivos das paróquias limítrofes não disporem de manuscritos antigos das suas confrarias ou irmandades, o que faz com que não consigamos ter, de momento, certezas se, de facto, Vilarinho das Cambas foi, ou não, sede de algum clamor ou festividade, tal como o cabido e púlpito exterior que existiam na igreja antiga podiam induzir. Do mesmo modo se esclarece, também, que a listagem das igrejas e capelas que, ao longo do século XX foram aumentadas, demolidas ou reconstruídas pode não estar totalmente completa ou aprofundada, dada a falta de partilha de informação dos párocos ou juntas de freguesia (entidades prévia e atempadamente contactadas em prol do desenvolvimento deste projeto, mas cuja resposta não chegou, mesmo depois de algumas insistências).

Por fim, esclarecer que este é um projeto que toma como tema principal a história de Vilarinho das Cambas, mas cujas atenções não se voltam, exclusivamente, para esta freguesia, uma vez que explora tópicos comuns às comunidades paroquiais de todo o Entre-Douro-e-Minho, abrindo um vasto leque de outras investigações que daqui poderão advir, seja no sentido da exploração cultural das comunidades vizinhas, seja por uma investigação histórica no sentido da evolução das igrejas e capelas que ao longo do século XX sofreram profundas obras de reestruturação (e a forma de como estas comunidades viveram esses períodos), ou ainda pela forma de como vem sendo transmitido geracionalmente a existência de pequenos mosteiros nas freguesias, abandonados em tempos incertos e dos quais parecem não restar vestígios documentais ou arqueológicos (apesar de as comunidades acreditarem piamente na sua existência pela transmissibilidade das suas tradições através das gerações).

Chegamos assim ao final deste trabalho, com a certeza de que há edifícios desaparecidos, há controvérsias, há legados que se perderam com a passagem do

tempo, mas há também histórias para contar, há acontecimentos a investigar e há bens a preservar. O São João continua a ter morada no coração dos vilarinhenses e os seus festejos completam a génese lúdico-devocional da comunidade. A Senhora da Paz ainda é vista como um legado devocional singular pelo qual a paróquia tem particular cuidado. O Divino Salvador continua a olhar – do alto do seu altar – para a comunidade que lhe está confiada desde os alvares da paroquialidade deste espaço geográfico e cuja história se procurou aprofundar ao longo de todo este estudo que, de momento, se conclui.

## Referências Bibliográficas

### Bibliografia Geral

- Abreu, Leonídio de (1956). *Silva Minhota*. Braga: [s. n.].
- Abreu, Paulo & Teles, Sílvia (2009). *A Igreja Paroquial do Divino Salvador de Bente*. Braga: IHAC – Instituto de História e Arte Cristãs da Arquidiocese de Braga.
- Agenda Cultural de Vila Nova de Famalicão – Janeiro '17* (2017). Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.
- Almeida, Carlos Alberto Ferreira de (1970). Algumas notas sobre o processo da romanização da zona de entre Douro e Ave. *Separata das Actas das I Jornadas Arqueológicas*. [S.]; s.n.].
- Almeida, Carlos Alberto Ferreira de (1978). *Arquitectura Romanica de Entre-Douro-e-Minho, Volume II*. Dissertação de Mestrado em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto | Porto.
- Almeida, Fortunato de (1967). *História da Igreja em Portugal, Volume 1*. Porto: Portucalense Editora.
- Almeida, Luís Gonzaga Cardoso de (2013). *Santiago de Outiz e sua anexa São Miguel de Gemunde*. Vila Nova de Famalicão: Junta de Freguesia de Outiz.
- Amorim, José Carlos de Castro (2021). Três retábulos da "Sala da Capela de Delães" do Museu de Santa Maria de Lamas: memória, sob forma de talha dourada, da demolida Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães (Vila Nova de Famalicão). *Boletim Cultural – Vila Nova de Famalicão – V.ª Série*, N.º 12/13 (2018/2020), pp. 248-278.
- Andrade, José António Arantes (1996). *Igreja Paroquial de Santa Cristina de Cerzedelo*. Braga: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia de Braga.
- Araújo, António de Sousa (2004). *Tibães e a Ermida de S. Gens*. Braga: [s. n.].
- Araújo, Manuel Ferreira (2008). *S. Adrião de Macieira, Barcelos*. Barcelos: Edição de Autor.
- Barreira, João (1951). *Arte Portuguesa – Arquitetura e Escultura*. Lisboa: Edições Excelsior.
- Barroso, José Carlos Campos (1992). *Arte Cristã: [sobre a igreja paroquial de S. Martinho de Vale, Famalicão]*. Braga: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia de Braga.
- Bastos, Maria do Rosário Costa (1996). *Santa Maria de Oliveira | um domínio monástico de Entre-Douro-e-Minho em finais da Idade Média*. [Dissertação de Mestrado em História Medieval, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório.

*Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, N.º 1, Série 2.ª, Tomo V* (1886). Consultado a partir de: [https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia\\_historia/serie\\_2/Tomo\\_V/s2\\_tomo\\_V\\_Bol1.pdf](https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia_historia/serie_2/Tomo_V/s2_tomo_V_Bol1.pdf)

*Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, N.º 9, Série 2.ª, Tomo V* (1887). Consultado a partir de: [https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia\\_historia/serie\\_2/Tomo\\_V/s2\\_tomo\\_V\\_Bol9.pdf](https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia_historia/serie_2/Tomo_V/s2_tomo_V_Bol9.pdf)

Braga, Alberto Vieira (1993). *Influência de S. Tiago da Galiza em Portugal*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

Capela, José Viriato & Ferreira, Ana da Cunha (2002). *Braga triunfante ao tempo das Memórias Paroquiais de 1758*. Braga: [s.n.].

Capela, José Viriato (coord.) (2005). *As Freguesias do Concelho dos Arcos de Valdevez nas memórias paroquiais de 1758 | Alto Minho: memória, história e património*. Monção: Câmara Municipal de Monção.

Capela, José Viriato (coord.) (2005a). *História de Vila Nova de Famalicão*. Vila Nova de Famalicão: Quasi.

Cardoso, Diogo (2022). O Auto de S. João em Vilarinho das Cambas. *Boletim Cultural – Vila Nova de Famalicão* – VI.ª Série, N.º 2, pp. 86-100.

Cardoso, Luís (1995). *Descrição do concelho de Santo Tirso: contida no Dicionário Geográfico de Portugal*. Porto: [s. n.].

Cardoso, Luís Gonzaga (2015). Alguns Tesouros de Arte Famalicense. *Boletim Cultural – Vila Nova de Famalicão* – IV.ª Série, N.º 8/9 (2014/2015), pp. 384-407.

Cardoso, Luís Gonzaga (2021). Inquérito ao Arciprestado de Vila Nova de Famalicão de 1845. *Boletim Cultural – Vila Nova de Famalicão* – V.ª Série, N.º 12/13 (2018/2020), pp. 280-345.

Cardoso, Pe. Luiz (1751). *Diccionario Geografico, ou Noticia Historica de todas as Cidades, Villas, Lugares, e Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal e Algarve, com todas as cousas raras, que nelle se encontraõ, assim antigas, como modernas*. Lisboa: Regia Officina Sylviana e da Academia Real.

Carneiro, Deolinda Maria Veloso (2006). *As Procissões na Póvoa de Varzim (1900 – 1950). Imaginário Religioso e Piedade colectiva – Volume 3 | Apêndices*. Dissertação de Mestrado em Estudos Locais e Regionais, Faculdade de Letras da Universidade do Porto | Porto. Consultado a partir de:

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14978/4/tesemestprociissoes03000075628.pdf>

Carvalho Correia, F. (2001). *Burgães, Elementos para uma Monografia. Volume II (do séc. XVII a XIX)*. Burgães: Paróquia de Burgães.

Carvalho Correia, F. (2003). *A Freguesia de Areias do Concelho de Santo Tirso, Vol. I*. Santo Tirso: Junta de Freguesia de Areias e Conselho Económico da Paróquia de Areias.

Carvalho Correia, F. (2005). *A Freguesia de Areias do Concelho de Santo Tirso, Vol. II/1*. Santo Tirso: Junta de Freguesia de Areias e Conselho Económico da Paróquia de Areias.

Carvalho Correia, F. (2010). *A freguesia da Lama concelho de Santo Tirso | Elementos para uma monografia*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso.

Carvalho da Costa, Pe. António (1706). *Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal, com as noticias das fundações das cidades, villas, & lugares, que contem; varões illustres, geologias das familias nobres, fundações de conventos, catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observaçoens. Tomo primeyro*. Lisboa: Officina de Valentim da Costa Deslandes. Consultado a partir de: [https://purl.pt/434/4/hg-1065-v/hg-1065-v\\_item4/hg-1065-v\\_PDF/hg-1065-v\\_PDF\\_24-C-R0150/hg-1065-v\\_0000\\_capa-534\\_t24-C-R0150.pdf](https://purl.pt/434/4/hg-1065-v/hg-1065-v_item4/hg-1065-v_PDF/hg-1065-v_PDF_24-C-R0150/hg-1065-v_0000_capa-534_t24-C-R0150.pdf)

Carvalho, Bruno Filipe Azevedo (2022). *Valorização da Geodiversidade no Projeto da “Paisagem Protegida Local das Pateiras do Ave” e no “Trilho das Minas” (Vila Nova de Famalicão)* – Mestrado em Geociências, Património Geológico e Geoconservação. Universidade do Minho | Escola de Ciências. Consultado a partir de: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/83181>

Carvalho, Vasco César de (2005). *Aspectos de Vila Nova: a Justiça*. Vila Nova de Famalicão: Quasi Editora.

Carvalho, Vasco de (1936). *Freguesia de (S. Julião) de Calendário de Vila Nova de Famalicão*. Acessível na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, Vila Nova de Famalicão, Portugal, BMCCB/EVC.02398. Consultado a partir de: <https://famalicaopub.bibliopolis.info/OPAC/Register/Index/4a976535-521d-47f3-909b-ee2bcd6eb4e9>

Carvalho, Vasco de (1955). *Delães* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, Vila Nova de Famalicão, Portugal, BMCCB/EVC.00533. Consultado a partir de: <https://famalicaopub.bibliopolis.info/OPAC/Register/Index/11808cd7-a365-4ab8-9501-58cfcdfb8fbc>

Carvalho, Vasco de (1955a). *Gondifelos* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, Vila Nova de Famalicão, Portugal, BMCCB/EVC.00538. Consultado a partir de:

<https://famalicaopub.bibliopolis.info/OPAC/Register/Index/0ce588c3-ebf1-4903-8bc6-636fcd5b0be1>

Carvalho, Vasco de (1955b). *Jesufrei* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, Vila Nova de Famalicão, Portugal, BMCCB/EVC.00539. Consultado a partir de: <https://famalicaopub.bibliopolis.info/OPAC/Register/Index/ee862c21-aca4-4375-b427-dfe75e5acd52>

Carvalho, Vasco de (1955c). *Lousado* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, Vila Nova de Famalicão, Portugal, BMCCB/EVC.00545. Consultado a partir de: <https://famalicaopub.bibliopolis.info/OPAC/Register/Index/8f096764-fada-44cf-a0f9-2d6845f6a70c>

Carvalho, Vasco de (1955d). *Ribeirão* [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, Vila Nova de Famalicão, Portugal, BMCCB/EVC.00566. Consultado a partir de: <https://famalicaopub.bibliopolis.info/OPAC/Register/Index/5ca4f3f0-268a-4fee-ad93-0238b18ee5af>

*Catalogo de todas as Igrejas, Commendas, & Mosteiros que havia nos Reinos de Portugal, & Algarves pelos annos 1320, e 1321, com a lotação de cada hu[m]a dellas. – Lisboa, 11 de Janeiro de 1746.* Consultado a partir de: <https://purl.pt/38172>

Counce, Stephen (1994). *Oral History and the Local Historian*. London: Longman.

Costa, Manuela Pinto da (2000a). Ermidas e Capelas. In Azevedo, Carlos Moreira (Dir.). *Dicionário de História Religiosa de Portugal, vol. 2 C-I*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Costa, Pe. Avelino Jesus Costa (1997). *O bispo D. Pedro e a organização da Arquidiocese de Braga | Volume I*. Braga: Irmandade de S. Bento da Porta Aberta.

Costa, Pe. Avelino Jesus Costa (2000). *O bispo D. Pedro e a organização da Arquidiocese de Braga | Volume II*. Braga: Irmandade de S. Bento da Porta Aberta.

Cruz, Pe. João Francisco da (1883). *Folhetim. Duas palavras acerca da freguesia de S. Pedro de Pedome*. Acessível na Biblioteca Municipal Camilo Castelo Branco, Vila Nova de Famalicão, Portugal, BMCCB/EVC.003983. Consultado a partir de: <https://famalicaopub.bibliopolis.info/OPAC/Register/Index/9d9c308f-0a1c-4e5d-ab63-ad36fe1912d5>

Cruz, Prof. Dr. Sebastião (1951). *S. Gens de Cidai – como nasceu a ideia e como se vai realizando a obra*. Braga: Tipografia da Livraria Cruz.

- Gomes, Manuel Saturnino (2001). Vigário. In Azevedo, Carlos Moreira (Dir.). *Dicionário de História Religiosa de Portugal, vol. 4 P-V*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Dias, Eduardo Rocha (1903). *Noticias Archeologicas, extrahidas do «Portugal Antigo e Moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações bibliographicas – Tomo I*. Lisboa: Typ. Lallemand.
- Dias, Geraldo J. A. Coelho (1996). D. Sancho I, peregrino e devoto de Santa Senhorinha do Basto. *História: Revista Da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XIII*, pp. 63-70. Consultado a partir de: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8240/2/2155.pdf>
- Dias, Geraldo J. A. Coelho (2000). Os Beneditinos em Braga e sua Arquidiocese. *Bracara Augusta – Vol. XLIX, n.º 103 (116) – Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga*, pp. 247-263.
- Dias, Geraldo José Amadeu Coelho (2003). Os Beneditinos, Tibães e o Barroco. Entre o esplendor da arte e a emoção religiosa. *Barroco: Actas do II Congresso Internacional*, pp. 291-306. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Consultado a partir de: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7437.pdf>
- Dinis, Juvenal Francisco Ferreira (2000). *A Igreja de São Cristóvão de Selho*. Braga: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia de Braga.
- Duocastella, Rogelio (1965). *Cómo Estudiar una Parroquia*. Barcelona: Editorial Nova Terra-
- Espírito Santo, Moisés (1990). *A Religião Popular Portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim, Cooperativa Editora e Livreira.
- Esteves, Francisco Marcelino Monteiro (1999). *Igreja Nova | S. Pedro de Lomar*. Braga: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia de Braga.
- Fernandes, A. de Almeida (1997). *Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas*. Arouca: Câmara Municipal de Tarouca.
- Fernandes, José Maria Martins (1994). *S. Pedro de Pedome e sua Igreja*. Braga: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia de Braga.
- Ferreira, Alcídio Pedro Monteiro & Fernandes, Manuel Sanches (2004). *Memórias de S. Miguel-o-Anjo*. Calendário: [s.n.]
- Ferreira, C. (2004). *Cadernos Culturais X – Santuário de S. Gens no Monte de Cidai*. Trofa: Município da Trofa.
- Ferreira, José & Gonçalves, José (2005). *Outeiro Maior*. Outeiro Maior: Junta de Freguesia de Outeiro Maior.
- Ferreira, José (2015). *Página da História de Bagunte – Volume I*. Bagunte: Edição do Autor.

- Ferreira, José (2016). *Página da História de Bagunte – Volume II*. Bagunte: Edição do Autor.
- Ferreira, Monsenhor (1913). *A Igreja e o Estado nos Quatro Primeiros Séculos | Santo Agostinho e o Mosteiro da Junqueira*. Póvoa de Varzim: Livraria Povoense de José Pereira de Castro.
- Foddy, William (1996). *Como Perguntar: Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*. Oeiras: Celta Editora
- Fonseca, Teotónio da (1948). *O Concelho de Barcelos Aquém e Além-Cávado | II – Além Cávado*. Barcelos: Companhia Editora do Minho.
- Fontes, Luís (2006). *A Basílica Sueva de Dume e o Túmulo dito de São Martinho*. Braga: Núcleo de Arqueologia da Universidade do Minho. Consultado a partir de: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/16895>
- Gomes, Paulino (1996). *Famalicão: Terras de Vila Nova*. Paços de Ferreira: Anégia Editores.
- GRC, Grupo Regional de Cavalões «Os Dragões de S. Martinho» (1991). *Cavalões – uma terra e um povo! Comemorações dos 733 anos de foral de D. Afonso III a Cavalões em 16 de Maio de 1258*. Vila Nova de Famalicão: [s.n.].
- Guimarães, António da Costa (1980). *A Igreja Paroquial de Requião: resenha histórica, geográfica e apreciação litúrgica*. Braga: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia de Braga.
- Herculano, Alexandre (1864). *Portugaliae Monvmenta Historica a saecvlo octavo post Christvm vsque ad qvintvmdecimvm – Leges et Consuetvdines | Volvmen I | Fascicvlvs IV*. Olispone: Typis Academicis – pp. 582-583. Consultado a partir de: <https://purl.pt/12270/4/cg-2698-a-9/cg-2698-a-9 item4/cg-2698-a-9 PDF/cg-2698-a-9 PDF 24-C-R0150/cg-2698-a-9 0000 capa-capacapa t24-C-R0150.pdf>
- Herculano, Alexandre (1869). *Portugaliae Monvmenta Historica a Saecvlo Octavo post Christvm vsque ad qvintvmdecimvm – Diplomata et Chartae | Volvmen I | Fascicvlvs II*. Lisboa: Typis Academicis. Consultado a partir de: <https://purl.pt/12270/4/cg-2698-a-2/cg-2698-a-2 item4/cg-2698-a-2 PDF/cg-2698-a-2 PDF 24-C-R0150/cg-2698-a-2 0000 capa-capacapa t24-C-R0150.pdf>
- Herculano, Alexandre (1871). *Portugaliae Monvmenta Historica a Saecvlo Octavo post Christvm vsque ad qvintvmdecimvm – Inquisitiones | Volvmen I | Pars II | Fascicvlvs IX*. Lisboa: Typis Academicis. Consultado a partir de: <https://purl.pt/12270/4/cg-2698-a-7/cg-2698-a-7 item4/cg-2698-a-7 PDF/cg-2698-a-7 PDF 24-C-R0150/cg-2698-a-7 0000 capa-capacapa t24-C-R0150.pdf>
- Herculano, Alexandre (1888). *Portugaliae Monvmenta Historica a Saecvlo Octavo post Christvm vsque ad qvintvmdecimvm – Inquisitiones | Volvmen I | Fascicvli I & II*. Lisboa: Typis Academicis.

Consultado a partir de: [https://purl.pt/12270/4/res-1800-a/res-1800-a\\_item4/res-1800-a\\_PDF/res-1800-a\\_PDF\\_24-C-R0150/res-1800-a\\_0000\\_capa-cap\\_a\\_t24-C-R0150.pdf](https://purl.pt/12270/4/res-1800-a/res-1800-a_item4/res-1800-a_PDF/res-1800-a_PDF_24-C-R0150/res-1800-a_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf)

Inglês Fontes, João Luís; Andrade, Maria Filomena & Rodrigues, Ana Maria S. A. (2020). Mosteiros e Conventos no Portugal Medieval. *SVMMA. Revista de Culturas Medievais*, Núm. 15, pp. 8-34.

Consultado a partir de: <https://revistes.ub.edu/index.php/SVMMA/article/view/31799>

Juntas de Freguesia de Vila do Conde (2011). *Conhecer... Vila do Conde*. [S.l.]: Conhecer.

Leão, Frei (1644). *Benedictina Lusitana dedicada ao grande patriarcha S. Bento | Tomo I*. Na oficina de Diogo Gomes de Loureiro.

Lencart, Joana (1996). O Quotidiano Monástico Beneditino nos Séculos XII e XIII. *2.º Congresso Histórico de Guimarães*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães.

Lira, Sérgio (2001). *O Mosteiro de S. Simão da Junqueira. Vol. 1: Dos primórdios a 1300*. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde.

Lira, Sérgio (2002). *O Mosteiro de S. Simão da Junqueira. Vol. 2: Coleção documental*. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde.

Lopes, Dinis da Silva (2002). *Capela e Culto a São Félix*. Póvoa de Varzim: Edição de Autor.

Machado, José Pedro (coord.) (1981). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa – Volume I*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.

Machado, José Pedro (coord.) (1981a). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa – Volume II*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.

Machado, José Pedro (coord.) (1981b). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa – Volume III*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.

Machado, José Pedro (coord.) (1981c). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa – Volume IV*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.

Machado, José Pedro (coord.) (1981d). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa – Volume V*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.

Machado, José Pedro (coord.) (1981e). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa – Volume VI*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.

Machado, José Pedro (coord.) (1981f). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa – Volume VII*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.

Machado, José Pedro (coord.) (1981g). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa – Volume VIII*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.

- Machado, José Pedro (coord.) (1981h). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa – Volume IX*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.
- Machado, José Pedro (coord.) (1981i). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa – Volume X*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.
- Machado, José Pedro (coord.) (1981j). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa – Volume XI*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.
- Machado, José Pedro (coord.) (1981k). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa – Volume XII*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.
- Machado, José Pedro (coord.) (1988). *Dicionário da Língua Portuguesa – Actualização*. Lisboa: Amigos do Livro Editores.
- Marques de Oliveira, Fernando (2005). *Vila das Aves: elementos para uma monografia* [s.l.; s.n.].
- Marques, José (1990). O Monacato Bracarense em fase de mudança (Séculos XI-XII). *IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga | Congresso Internacional | Actas | Separata*. Braga: [s.n.].
- Martins Vieira, A. (2000). *As Capelas no Concelho de Vila Nova de Famalicão*. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.
- Martins Vieira, António (2006). Freguesia e Paróquia de Gondifelos. *Boletim Cultural – Vila Nova de Famalicão, 2006. – III.ª Série, N.º 2, pp. 21-54*. Maia: SerSilito.
- Martins, António & Faria, Emília Nóvoa (2009). Mosteiro de Santa Maria de Landim | Fundação. *A Igreja e Mosteiro de Santa Maria de Landim*. Braga: Instituto de História e Arte Cristãs – Museu Pio XII.
- Martins, Rui Cunha (1990). O espaço paroquial da diocese de Braga na Alta Idade Média (Séculos VI-XI), Um estado de questão. *IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga | Congresso Internacional | Actas | Volume I. O Bispo D. Pedro e o Ambiente Político-Religioso do Século XI*. Braga: Tipografia Barbosa & Xavier, Lda.
- Mateus, Pe. Leopoldino Rodrigues; Ferreira, José (compil.) (2018). *Noticiários Balasarenses das Décadas de 1930 e 1940*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor.
- Mattoso, António (1964). *A Paróquia, sua Evolução Histórica e Influência Civilizadora*. Lisboa: Separata da Revista Lumen.
- Mattoso, José (1969). A Cultura Monástica em Portugal (711-1200). *Arquivos de História da Cultura Portuguesa, Vol. III, n.º 2*. Lisboa: [s.n.]. Consultado a partir de: <https://www.mgh-bibliothek.de/dokumente/a/a131589.pdf>

- Mattoso, José (1976). *A introdução da Regra de S. Bento na Península Ibérica*. Separara da Revista BRACARA AUGUSTA, Tomo XXX – Fasc. 69 (81). Braga: Ofic. Gráf. da Livraria Cruz.
- Mesquita, Teresa (2007). *Memórias de Famalicão*. Santa Maria da Feira: Rainho & Neves, Lda.
- Monteiro, Alcino (2005). S. Vicente do Bairro. *Gavião Real – Revista de Informação e Cultura. Ano IX n.º 9*. Gavião: Junta de Freguesia de Gavião.
- Monteiro, M. (1905). *S. Pedro de Rates com uma introdução acerca da Architectura romanica em Portugal*. Porto: Imprensa Portuguesa – Anselmo de Moraes, Successores.
- Neiva, Manuel Albino Penteado (2009). *Vale (S. Cosme) | Memórias de um Passado*. São Cosme do Vale: Junta de Freguesia de Vale (S. Cosme) e Fábrica da Igreja de Vale (S. Cosme).
- Nunabre (2005). *Meta à vista*. Viana do Castelo: Gráfica Casa dos Rapazes.
- Oliveira, Pe. Miguel de (1950). *As Paróquias Rurais Portuguesas – sua origem e formação*. Lisboa: União Gráfica.
- Oliveira, Pe. Miguel de (1994). *História Eclesiástica de Portugal*. Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- Pereira, Domingos Joaquim (1867). *Memória Histórica da Villa de Barcelos, Barcellinhos e Villa Nova de Famalicão*. Vianna: Typ. De André J. Pereira & Filho.
- Pereira, Esteves & Rodrigues, Guilherme (1915). *Portugal | Diccionario Historico, Chorographico, Biographico, Bibliographico Heraldico, Numismatico e Artístico – Vol. VII – T.Z*. Lisboa: João Romano Torres & C.ª – Editores.
- Peretz, Henri (2000). *Métodos em Sociologia: para começar*. Lisboa: Temas e Debates.
- Pinho Leal, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de (1874a). *Portugal antigo e moderno: Diccionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias – Volume Segundo*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.
- Pinho Leal, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de (1874b). *Portugal antigo e moderno: Diccionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias – Volume Terceiro*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.
- Pinho Leal, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de (1874c). *Portugal antigo e moderno: Diccionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias – Volume Quarto*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.

- Pinho Leal, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de (1886). *Portugal antigo e moderno: Dicionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias – Volume Décimo Primeiro*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.
- Pinho Leal, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de (1890). *Portugal antigo e moderno: Dicionario Geographico, Estatistico, Chorografico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias – Volume Décimo Segundo*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia.
- Pinto, Manuel (1995). Notas sobre Fradelos. *Boletim Cultural – Vila Nova de Famalicão – Nº 12* (1994/1995), pp. 63-67.
- Rodrigues, Fabiel Gonçalves (2014). *A Influência da Arquitetura Cisterciense na Arquitetura Religiosa Contemporânea*. [Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Universidade da Beira Interior]. Repositório. Consultado a partir de: <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/5384>
- Rodrigues, Silva (1997). *Em redor da Igreja de Touguinhó: subsídios para a sua história*. Vila do Conde: Câmara Municipal de Vila do Conde.
- Romero-Pose, Eugénio (2000). San Martín de Dumio y la unidad de Europa. *Bracara Augusta, Vol. 49, n.º 103*. Braga: Ofic. Gráf. da Livraria Cruz.
- Rosário, A. do (1973). *Falam Documentos | 2.ª Edição do II e III Ano (N.ºs 31 a 66)*. Braga: Tip. da Empresa do Diário do Minho.
- Sá, António Costa e (1997). Por Terras de Vermoim (actual concelho famalicense). *Separata do Boletim Cultural 14 da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão*. [S.l.; s.n.].
- Sá, António da Costa (1982). *S. Cristóvão de Cabeçudos (Monografia) – Subsídios para uma monografia geral do concelho de Vila Nova de Famalicão*. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.
- Salgado, Padre Benjamim (2005). *Vila Nova entre dois forais*. Vila Nova de Famalicão: Edições Quasi.
- Salgado, Padre Benjamim (2008). *A Igreja do Divino Salvador de Joane: apontamentos para a sua história*. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.
- Santa Maria, Frei Agostinho de (1712). *Santuário Mariano e história das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, que se venerão em o Arcebispado Primás de Braga, & nos Bispados seus sufragâneos – Tomo Quarto*. Lisboa: Na Officina de Antonio Pedrozo Galram.
- Santos, Eng.º Joaquim Ribeiro dos (1982). Do Românico no Concelho de Vila Nova de Famalicão. *Boletim Cultural – Vila Nova de Famalicão, n.º 4*, pp. 27-41.

- Santos, Firmino (2008). *Vila de Ribeirão: uma terra, um povo e a sua história*. [s. l.].
- Santos, João & Dinis, António (1997). Capela de São Sebastião das Carvalheiras. *SIPA, Sistema de Informação para o Património Architectónico*. Consultado a partir de: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1729](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1729)
- Santos, João & Dinis, António (1998). Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas / Igreja do Divino Salvador. *SIPA, Sistema de Informação para o Património Architectónico*. Consultado a partir de: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=30](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=30)
- Sequeira, Gustavo de Matos (1936). *Auto de S. João*. Lisboa: [s.n.].
- Serrano, Isabel (1994). *Mosteiro de São Simão da Junqueira*. Consultado a partir de: [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=5388](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5388)
- Silva, Armando Coelho Ferreira da (2007). *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.
- Silva, Bernardino Areal (2008). *Vila do Conde e as freguesias do seu concelho nas Memórias Paroquiais de 1758*. Guidões: [s.n.].
- Silva, Ilídio Jorge Costa Pereira da (2021). *Princípio, fundação, união, reformação e progresso – o discurso dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho portugueses na arquitetura cenobítica (1128-1833). Volume I*. [Tese de Doutoramento em Arquitetura/Cultura Arquitetónica, Universidade do Minho]. Repositório. Consultado a partir de: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/76183>
- Silva, J. da (1888). Explicação da Estampa N.º 57. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, N.º 1, Série 2.ª, Tomo V*.
- Soares, Franquelim Neiva (1987). *Monografia de S. Pedro de Esmeriz*. Vila Nova de Famalicão: Edição da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.
- Sousa, Daniela Sofia Matos (2016). *Reflexões sobre o Património Destruído: A Igreja do Divino Salvador de Joane*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho – Escola de Arquitectura]. Consultado a partir de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/44247>
- Sousa, Maria Clementina Pires de Lima Tavares de (1946). S. João de Landim. *Monografia das festas ao São João em Portugal*. Porto: Tip. Costa Carregal (pp. 24 -27).
- Teles, Nídia Raquel Pereira (2017). *A Capela de São Frutuoso de Montélios*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto]. Repositório. Consultado a partir de: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/115451>
- Vasconcelos, Flório de (1972). *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo.

Veloso, José Carlos Fonseca (1993). *Igreja Paroquial de Santa Leocádia de Fradelos, Vila Nova de Famalicão*. Braga: Universidade Católica Portuguesa. Faculdade de Teologia de Braga.

Vieira, José Augusto (1887). *O Minho Pittoresco – Tomo II*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira – Editor.

Vila Nova de Famalicão. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira – Volume XXXV* (pp. 637-647). Lisboa: Editorial Enciclopédia.

Vilarinho de Cambas. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira – Volume XXXV* (pp. 902-904). Lisboa: Editorial Enciclopédia.

Yow, Valerie Raleigh (2005). *Recording Oral History – A Guide for the Humanities and Social Sciences*. Walnut Creek: Altamira Press.

## Artigos Periódicos

*A Alvorada: publicação mensal auxiliada por escriptores distinctos e de elevado merito litterario e scientifico*, ano de 1885-1891.

*Diário do Minho*, ano de 1954 a 1963.

*Estrella do Minho*, anos de 1903 a 1963.

*Jornal de Famalicão*, anos de 1949 a 1974.

*Notícias de Famalicão*, anos de 1935 a 1987.

Jornal Público (2016, 05 de agosto). *Obras em igreja de Famalicão, revelam necrópole do século XII* [Consulta Online]. Consultado a partir de: [https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/obras junto a igreja romanica famalicao revelam necropole do seculo xii](https://www.cmjornal.pt/cm-ao-minuto/detalhe/obras_junto_a_igreja_romanica_famalicao_revelam_necropole_do_seculo_xii)

Município de Famalicão (2013, 29 de janeiro). *Estação Arqueológica de Perrelos classificada como sítio de Interesse Público* [Consulta Online]. Consultado a partir de: <https://www.famalicao.pt/estacao-arqueologica-de-perrelos-classificada-como-sitio-de-interesse-publico>

Município de Famalicão (2016, 05 de agosto). *Obras na envolvente da Igreja de Antas revelam antiga necrópole do Séc. XII* [Consulta Online]. Consultado a partir de: <https://www.famalicao.pt/obras-na-envolvente-da-igreja-de-antas-revelam-antiga-necropole-do-sec-xii>

## Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)

ANTT, Livro 1 de Inquirições de D. Afonso IV, f. 291v – PT-TT-FC-2-23\_m0406 & f. 292 – PT-TT-FC-2-23\_m0407.

ANTT, Livro 5 de Inquirições de D. Dinis, f. 70 – PT-TT-FC-2-17\_m0140.

ANTT, Livro 9 de Inquirições de D. Afonso III, f. 19 – PT-TT-FC-2-12\_m0043.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Abade, Vermoim, vol. 1, n.º 6, ff. 71-72, PT/TT/MPRQ/1/6.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Antas, Neiva, vol. 13, n.º 5, ff. 25-28, PT/TT/MPRQ/13/5.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Avidos, Vermoim, vol. 5, n.º 59, ff. 893-904, PT/TT/MPRQ/5/59.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Bagunte, Faria, vol. 6, n.º 4, ff. 17-26, PT/TT/MPRQ/6/4.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Bougado, Maia, vol. 7, n.º 52, ff. 1079-1086, PT/TT/MPRQ/7/52.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Bougado, Maia, vol. 7, n.º 53, ff. 1087-1098, PT/TT/MPRQ/7/53.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Brufe, Vermoim, vol. 7, n.º 80, ff. 1279-1280, PT/TT/MPRQ/7/80.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Cabeçudos, Vermoim, vol. 8, n.º 15, ff. 89-94, PT/TT/MPRQ/8/15.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Calendário, Vermoim, vol. 8, n.º 45, ff. 271-276, PT/TT/MPRQ/8/45.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Cavalões, Vermoim, vol. 10, n.º 231, ff. 1549-1552, PT/TT/MPRQ/10/231.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Couto de Arentim, Braga, vol. 12, n.º 422, ff. 2889-2900, PT/TT/MPRQ/12/422.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Delães, Vermoim, vol. 13, n.º 11, ff. 61-64, PT/TT/MPRQ/13/11.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Esmeriz, Vermoim, vol. 14, n.º 59, ff. 421-423, PT/TT/MPRQ/14/59.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Ferreiró, Faria, vol. 15, n.º 55, ff. 359-366, PT/TT/MPRQ/15/55.

ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Fradelos, Penafiel de Barcelos, vol. 16, n.º 141, ff. 901-904, PT/TT/MPRQ/16/141.

- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Gemunde, Vermoim, vol. 17, n.º 32, ff. 171-172, PT/TT/MPRQ/17/32.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Gondifelos, Faria, vol. 17, n.º 72a, ff. 389-390, PT/TT/MPRQ/17/72a.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Joane, Vermoim, vol. 18, n.º 169, ff. 193-198, PT/TT/MPRQ/18/169.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Junqueira, Faria, vol. 18, n.º 189, ff. 303-306, PT/TT/MPRQ/18/189.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Landim, Barcelos, vol. 19, n.º 53, ff. 413-418, PT/TT/MPRQ/19/53.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Lousado, Vermoim, vol. 21, n.º 154, ff. 1327-1330, PT/TT/MPRQ/21/154.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Minhotães, Faria, vol. 42, n.º 188, f. 91, PT/TT/MPRQ/42/188.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Outiz, Vermoim, vol. 42, n.º 262, f. 124, PT/TT/MPRQ/42/262.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Requião, Vermoim, vol. 31, n.º 70, ff. 385-400, PT/TT/MPRQ/31/70.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Ribeirão, Vermoim, vol. 32, n.º 106, ff. 627-630, PT/TT/MPRQ/32/106.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, São Cosme, Vale, Vermoim, vol. 38, n.º 78, ff. 421-424, PT/TT/MPRQ/38/78.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, São Martinho, Vale, Vermoim, Barcelos, vol. 38, n.º 79, ff. 425-429, PT/TT/MPRQ/38/79.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Vermoim, Barcelos, vol. 39, n.º 142, ff. 823-830, PT/TT/MPRQ/39/142.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Vila Nova de Famalicão, vol. 40, n.º 238, ff. 1431-1433, PT/TT/MPRQ/40/238.
- ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Vilarinho de Cambas, Vermoim, vol. 41, n.º 323, ff. 1947-1948, PT/TT/MPRQ/41/323.

## Arquivo Distrital de Braga (ADB)

*Carta de venda, doação e instrumento de posse da ermida de São Bento (1595).* Consultado a partir de:

<http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1245313>

*Censual de Dom Frei Baltazar Limpo (1551).* Disponível a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1312162>

*Escritura à fábrica da Capela de Santa Bárbara, pelos moradores do lugar da Povoação, da freguesia de Santa Leocádia de Fradelos, termo da vila de Barcelos (1678).* Consultado a partir de:

<http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1251799>

*Obrigação à Fábrica da Ermida de Santa Ana sita na freguesia de São Mamede de Ribeirão (1560).*

Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1311005>

*Obrigação à Fábrica da Ermida de São Sebastião sita em Santa Maria Madalena de Vila Nova de Famalicão (1577).* Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1311028>

*Obrigação que fazem os fregueses da igreja de São Martinho de Brufe, à fábrica da capela de São João Evangelista, sita na dita freguesia. (1625).* Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1255865>

*Papéis pertencentes à ermida de Santa Catarina, sita na freguesia de Fradelos, a favor de António Goncalves e sua mulher, moradores na freguesia de Fradelos, termo de Barcelos (1616).* Consultado a partir de:

<http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1249356>

Paróquia de Vilarinho das Cambas | Batismos, Livro 1 | 1678-1713. Consultado a partir de:

<http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1020360>

Paróquia de Vilarinho das Cambas | Batismos, Livro 2 | 1714-1755. Consultado a partir de:

<http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1020361>

Paróquia de Vilarinho das Cambas | Batismos, Livro 3 | 1755-1811. Consultado a partir de:

<http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1020362>

Paróquia de Vilarinho das Cambas | Batismos, Livro 4 | 1811-1842. Consultado a partir de:

<http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1020363>

Paróquia de Vilarinho das Cambas | Batismos, Livro 5 | 1842-1868. Consultado a partir de:

<http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1020364>

Paróquia de Vilarinho das Cambas | Batismos, Livro 6 | 1868-1895. Consultado a partir de:

<http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1020365>

Paróquia de Vilarinho das Cambas | Batismos, Livro 7 | 1896-1911. Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1020366>

*Provisão da freguesia de Fradelos, onde esta situada a Capela do Espírito Santo, para que se possa benzer e nela se dizer missa (1721).* Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1262280>

*Provisão de aprovação de Estatutos da confraria de Nossa Senhora do Rosário, da freguesia de Santa Leocádia de Fradelos, novamente eleita (1724).* Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1265541>

*Provisão para se unir a Confraria do Santíssimo Coração de Jesus à das Almas, da freguesia de São Mamede de Ribeirão, a favor dos moradores e confrades da Confraria do Coração de Jesus, da referida freguesia (1787).* Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1301121>

*Registo de confirmação de Estatutos da Confraria das Almas, de que é padroeira Nossa Senhora da Guia, sita na freguesia de São Miguel de Gemunde, a favor dos oficiais da dita confraria (1735).* Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1286315>

*Registo de Estatutos da Confraria das Almas da Paroquial Igreja de Santa Lucrecia da Ponte de Louro, a favor do Abade e mais devotos da dita Confraria (1763).* Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1277144>

*Registo de Estatutos da Congregação do Coração de Jesus, instituída na paroquial igreja de São Mamede de Ribeirão, a favor do Reitor da dita igreja (1745).* Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1288495>

*Registo de Provisão de licença a favor do juiz e mais devotos do Glorioso Santo António, de Vila Nova de Famalicão, para o Reverendo Pároco da mesma freguesia benzer a Capela de Santo António (1775).* Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1283456>

*Registo de provisão para erecção de uma Confraria das Almas, a favor de João Barbosa de Faria, Abade da Igreja de São Martinho de Cavalões, onde se encontra a Capela de São Gonçalo, com dois altares onde existe um painel com as Almas (1758).* Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1276862>

*Tombo da Igreja do Salvador de Vilarinho das Cambas (1547).* Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1310897>

*Tombo da Igreja do Salvador de Vilarinho das Cambas (1723).* Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1311050>

*Tombo da igreja de São Miguel de Custóias e sua anexa São Julião de Calendário (1540)*. Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1310655>

## **Arquivo e Biblioteca Digital do Ministério das Finanças (ABDMF)**

### **Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais (1911)**

*Arrolamento dos bens culturais da freguesia de Delães, distrito de Braga, concelho de Vila Nova de Famalicão, constando de: Igreja Matriz de Delães; Capela de São Miguel*. Liv. 18, fl. 78-82, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ARROL/014. Consultado a partir de: <https://purl.sgmf.gov.pt/131750>

*Relação dos bens arrolados na Igreja Matriz d'esta freguesia de Cavallões*. Liv. 18, fl. 65-70, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ARROL/012. Consultado a partir de: <https://purl.sgmf.gov.pt/131748>

*Arrolamento e inventário de todos os bens pertencentes á Egreja Parochial da freguesia de Ferreiró*. Liv. 76, fl. 49-55v, PT/ACMF/CJBC/PTO/VDC/ARROL/008. Consultado a partir de: <https://purl.sgmf.gov.pt/147395>

*Relação dos bens arrolados na Igreja matriz d'esta freguesia de Vilarinho das Cambas*. Liv. 18, fl. 229-236, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ARROL/049. Consultado a partir de: <https://purl.sgmf.gov.pt/131785>

### **Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais (1942)**

*Entrega de bens na freguesia de Vilarinho das Cambas*. Cx. 265, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ADMIN/032. Consultado a partir de: <https://purl.sgmf.gov.pt/131638>

### **Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais (1920)**

*Pedido de cedência de "Horta das Cavadas" em Vilarinho das Cambas*. Cx. 171, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ADMIN/093. Consultado a partir de: <https://purl.sgmf.gov.pt/131699>

## **Arquivo Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas (APDSVC)**

[Arquivo sem descrição arquivística e ordenado por ordem alfabética].

*Ano Económico de 1957 | Divino Salvador de Vilarinho das Cambas*

*Auto de revisão d'inventário, 1878*.

*Cadastro ou Rol da Desobriga da freguesia de Vilarinho das Cambas: 1947-1950*.

*Cadastro ou Rol da Desobriga da freguesia de Vilarinho das Cambas: 1877-1889, 1891-1896, 1898-1918, 1920-1922, 1925, 1927, 1938*.

*Carta da Casa de Arte Cristã, 07 de abril de 1959*.

*Carta dirigida pelo Pe. Joaquim Alcino de Azevedo ao Sr. Eng. António Pinheiro Braga, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara de V. N. de Famalicão, 1975*.

*Estatutos da frg.<sup>a</sup> do Salvador de Vilarinho das Cambas, 1688*.

Esteves, A. Geraldo Monteiro (2010). *Memória Descritiva e Justificativa – Requalificação da Tribuna, Vilarinho das Cambas, Famalicão*.

*Factura n.º 6268*. Revestimento “Petri”, Guimarães, Cruz e C.ª, L.ª, 06 de maio de 1963.

*Fatura de objetos fornecidos para a nova Igreja*. Guilhermino de Almeida Ferreira, 30 de agosto de 1960.

*Fatura de São José e Divino Salvador*. Casa de Arte Cristã, 24 de dezembro de 1959.

*Orçamento 63/10*. Revestimento “Petri”, Guimarães, Cruz e C.ª, L.ª, 12 de janeiro de 1963.

*Orçamento da imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*. Casa de Arte Cristã, 08 de março de 1962.

*Orçamento da imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*. Casa Santa Catarina, 17 de março de 1962.

*Orçamento de mármore (...) para o altar e capela-mor da nova igreja de Vilarinho – Famalicão*.

Marmoraria Artística e Oficina Mecânica de J. Gomes Pereira, 11 de novembro de 1959.

*Orçamento de pintura do teto do corpo da Igreja*, Casa de Arte Cristã, 09 de março de 1961.

*Orçamento de Reconstrução de um Altar-Mor*, 06 de abril de 1959.

*Orçamento dos Sinos*. Fábrica de Sinos Rebelo da Silva, 05 de março de 1960.

Paróquia do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas, *Livro de Assentos de Baptismo* (1953-1963).

*Projecto da Ampliação duma Igreja*, julho de 1945.

## **Arquivo SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico)**

DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA).

## **Arquivo Arquidiocesano de Braga (AAB)**

*Processo n.º 13/59 | Autos em que o Rev.º P.e JOAQUIM ALCINO DE AZEVEDO pede licença para vender a talha da tribuna e dois altares da igreja antiga, recentemente demolida*, 1959.

## **Arquivo da Secretaria-Geral da Educação e Ciência (ASGEC)**

*Classificação da Igreja de Vilarinho das Cambas, em Vila Nova de Famalicão* (1948). AHME, proc. 096, cx. 251. Disponível a partir de: <https://arquivo-ec.sec-geral.mec.pt/details?id=17848>

## **Instituto Nacional de Estatística (INE)**

Direcção Geral da Estatística – Censo da População de Portugal no 1º de Dezembro de 1911. Lisboa: Imprensa Nacional, 1913 (6 vol.). Consultado a partir de: <https://www.ine.pt/xurl/pub/73210860>

Instituto Nacional de Estatística – **VIII Recenseamento geral da população no continente e ilhas adjacentes em 12 de dezembro de 1940**. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1947. Consultado a partir de: <https://www.ine.pt/xurl/pub/66774710>.

## Legislação

Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa (1940). Consultado a partir de:

[https://www.vatican.va/roman\\_curia/secretariat\\_state/archivio/documents/rc\\_seg-st\\_19400507\\_santa-sede-portogallo\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19400507_santa-sede-portogallo_po.html)

Decreto n.º 46 349, de 22 de maio (1965). Diário do Governo n.º 114/1965: Série I de 1965-05-22, pp. 711-718. <https://files.dre.pt/1s/1965/05/11400/07110718.pdf>

Decreto-Lei n.º 181/70, de 28 de abril (1970). Diário do Governo n.º 99/1970: Série I de 1970-04-28, pp. 522-523. <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/181-1970-225986>

## Anexos

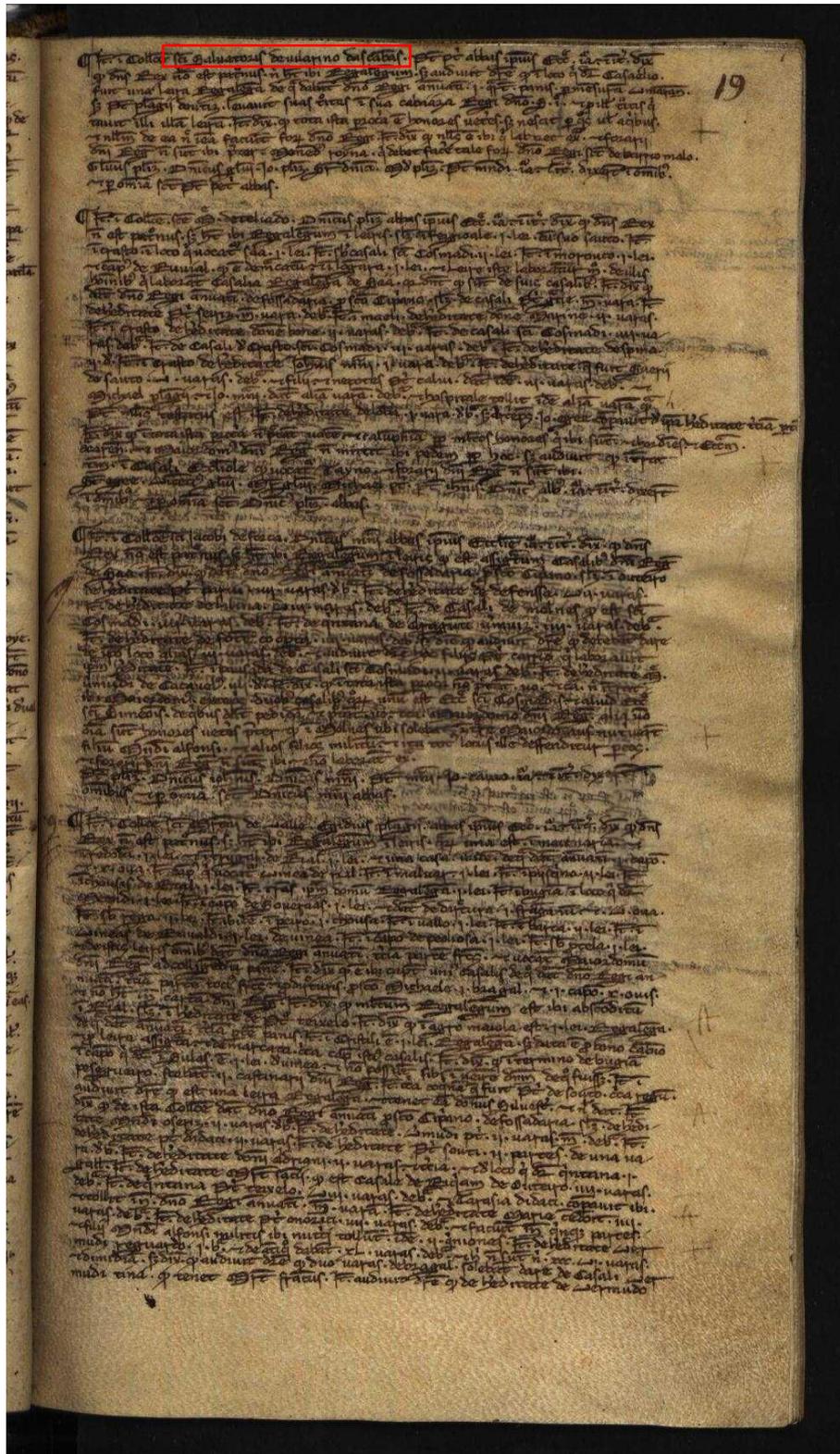
Anexo 1 – Sancto Salvator de Vilarino | Censual do Bispo D. Pedro

The image shows a page from a medieval manuscript, likely a census or inventory. It contains a list of names and their corresponding values or quantities. The text is written in a Gothic script. The entry 'v̄s saluator d̄ vilarino' is highlighted with a red box. The values are often followed by a period and a number, such as '1. ōj.', '11. q̄r', or '11. legones'.

v̄s marino d̄ pado	
v̄s marino d̄ amil	
v̄s marino d̄ iano	
v̄s marino d̄ dary	
v̄s lagona	
v̄s nandun	
v̄s xpoforo d̄ cabeno	
v̄s petro d̄ rmetiz	1. ōj.
v̄s iuliam d̄ mata mala	
v̄s stephano d̄ natal	1. ōj.
v̄s iacobi d̄ anjal	1. ōj.
v̄s xp̄mo d̄ oual	11. q̄r
v̄s iacobi d̄ caua	11. ōj.
v̄s adrian d̄ villa noua	1. ōj.
v̄s martin d̄ berufi	1. ōj.
v̄s iuliano d̄ custo d̄ as	1. ōj.
v̄s michele d̄ monco	1. ōj.
v̄s marina d̄ lausado	11. ōj.
v̄s manice d̄ ribolo ariã	1. ōj.
<b>v̄s saluator d̄ vilarino</b>	11. legones
v̄s peligio d̄ paretel ruual	11. legones
v̄s gualfr	11. legones
v̄s rodo d̄ louisacelo	1. ōj.
v̄s simon	1. ōj.
v̄s michele	1. ōj.
v̄s bogone	1. ōj.
v̄s martin	1. ōj.
v̄s pardo	1. ōj.
v̄s manice d̄ argada	1. ōj.
v̄s maritima	1. ōj.
v̄s marino d̄ ualones	1. ōj.
v̄s iacobi d̄ ouici	1. ōj.
v̄s logria	1. ōj.
v̄s iacobi d̄ nio q̄n	1. ōj.
v̄s saluator d̄ leuen	1. ōj.
v̄s nerymo d̄ peera fita	1. ōj.
v̄s maria d̄ perrelos	1. ōj.
Et s̄nt numero 2. vi. ōj. 1. vii. q̄r d̄ m̄s	
v̄s saluator d̄ vilarino	11. legones

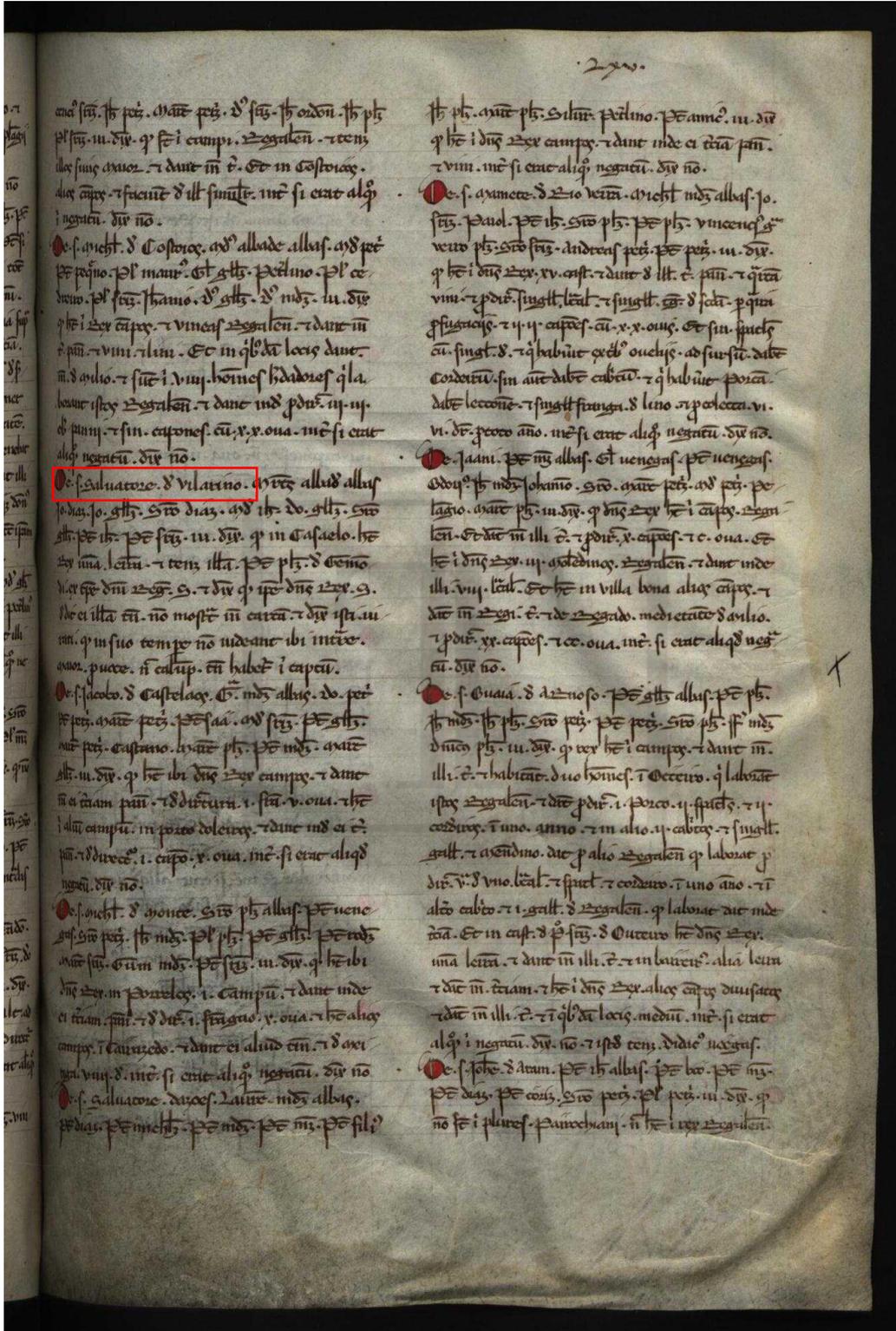
Fonte: (Costa, 1997, Est. 13).

Anexo 2 – Sancti Salvatoris de Vilarino das Cambas | Inquirições de 1258

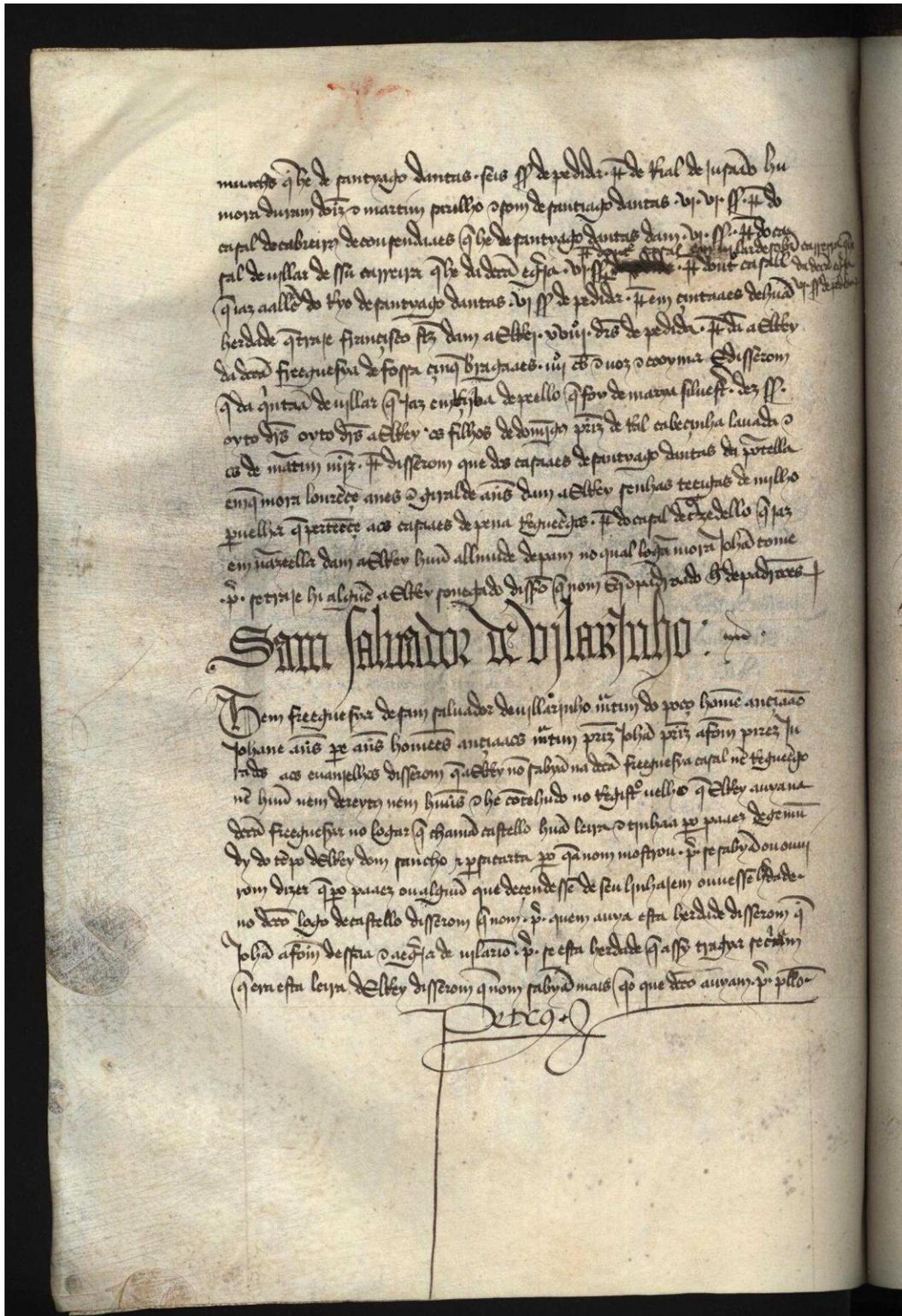


Fonte: ANTT, Livro 1 de Inquirições de D. Afonso III, f. 19 (front.) – PT-TT-FC-2-12\_m0043.

Anexo 3 – S. Salvatore de Vilarino | Inquirições de D. Dinis



Fonte: ANTT, Livro 5 de Inquirições de D. Dinis, f. 70 (front.) – PT-TT-FC-2-17\_m0140.



pedra de esta dizeção que era de pedreiros.

### Santa marinha da louçada

Dem fizeo fizeo de santa marinha da louçada pedreiros loureço domingos  
loureço pires domingos ditz mariz pires p caluo freud nitz freud da louca. puz  
aos euauellos dizeção q' elley uom hu hu captaes mas dizeção q' em anse  
de onello q' he de um fizeo fizeo ha herdade d'auis. E da de fossa. v. b'raguac  
o meo o xeta uos o coorm. e he orehud no p'q'ist que dan huud alu da  
mel. p. que mel p'aga de elley dizeção q' se auet com o moor d'umo saas  
uezes p'ca u' l'ra o saas uezes mais o meos. p. se auia hu elley mais d'ez  
tas ou fozes dizeção q' uom.

### San mouede de ryo uayraui

Dem fizeo fizeo de san mouede de ryo uayraui. tohant ano p' ditz loureço pires  
domingos b'raguacella. afoim ditz martin nitz domingos nitz. talho u' fillueft p'z  
jurdas aos euauellos dizeção q' aldea de lileco q' he de d'auis fizeo fizeo ha e  
h'ey r'ay captaes. Com r'ed beico no hu outo captaes feno de elley. p' d'isso  
q' em p'edes thinas q' he auia de fizeo fizeo de ryo uayraui ha elley dez capi  
aos meo q' oledete com d'izmas. co p'uz u' a'ca'fa de uayraui d'oz captaes.  
o meo q' hu hu mais q' estes obedece a fizeo fizeo de santa locava. d' p'ard ra  
f'oz na fizeo fizeo de santa locava. Estes o meo q' u'ed p'oz em ryo uay  
ra dan q' elley otto d'oz de h'ida. d'oz at'oupe oquato d'oz u'p'lo aquato o  
huud r'eyra de messe p' fogaca o huud f'udom o d'ous captaes dez onos huud  
b'ragal de p'uno huud p'adca de noue cofras. cada capal huud coideyo b'raeo  
Espeo no d'ou huud caburo o ped no ou u'iz d'oz de ryo de p' do mouede.

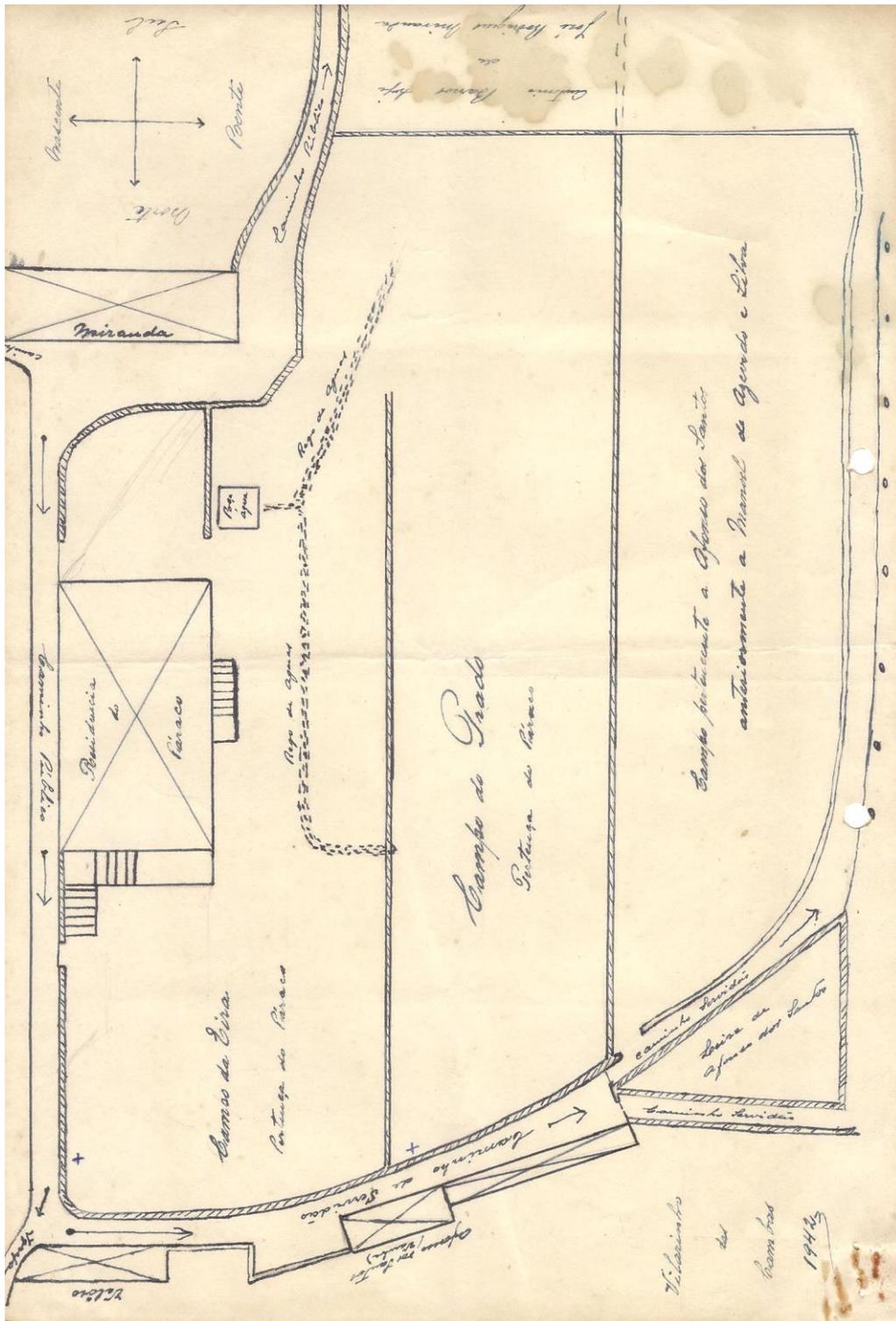
etc.

**Anexo 5 – Estampa n.º 57 | Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes**



Fonte: Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, N.º 1, Série 2.ª, Tomo V (1886). *Explicação da Estampa N.º 57.*

**Anexo 6 – Planta da Antiga Residência Paroquial de Vilarinho das Cambas**



Fonte: Arquivo Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas

**Anexo 7 – Alçado nascente da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas**



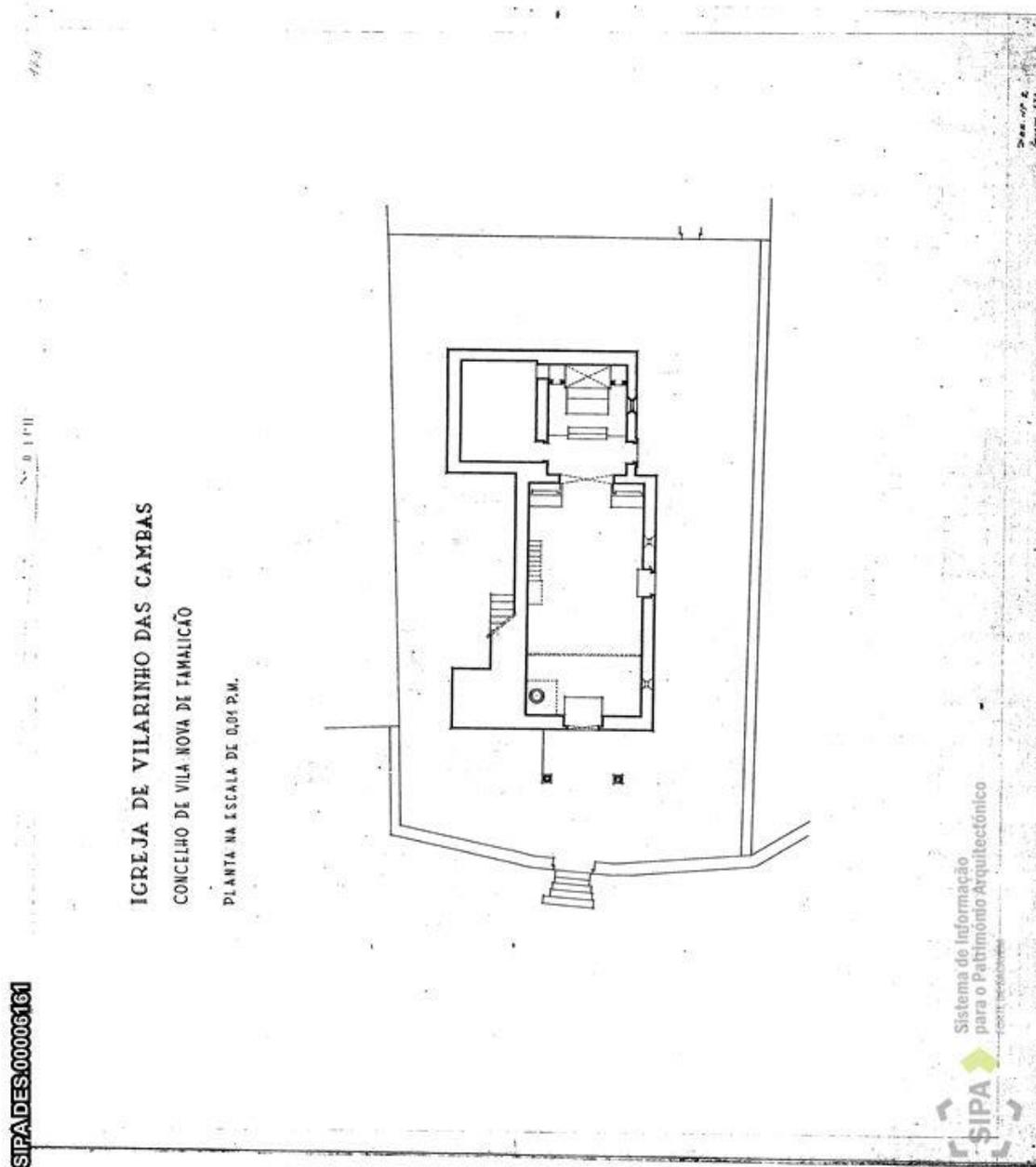
Fonte: SIPA | DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas | FOTO.00041347

## Anexo 8 – Alçado sul da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas



Fonte: SIPA | DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas | FOTO.00041348

## Anexo 9 – Planta da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas



Fonte: SIPA | DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas | DES.00006161

**Anexo 10 – Alçado norte da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas**



Fonte: SIPA | DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas | FOTO.00041340

## Anexo 11 – Pormenor do teto da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas



Fonte: SIPA | DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas | FOTO.00041345

## Anexo 12 – Interior da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas



Fonte: SIPA | DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas | FOTO.00041344

**Anexo 13 – Fachada da antiga Igreja Paroquial de Vilarinho das Cambas**



Fonte: SIPA | DREM-4491-20 Igreja de Vilarinho de Cambas | FOTO.00041338

## Anexo 14 – Auto de São João de Vilarinho das Cambas



Fonte: <https://www.facebook.com/SAOJOAOemVilarinho/>

## Anexo 15 – Textos do Auto de São João de Vilarinho das Cambas

**Romeiro** (*trajado à moda clássica - hábito, chapéu de abas, bordão e cabaças - sobe ao estrado, vindo da esquerda, como de viagem, guiado por um ermitão*).

A tempo aqui sou.  
Louvores ao Senhor por ter chegado!  
Foram certos os rumores  
que iam representantes  
representar neste estrado  
um auto feito ao divino  
ou obra de devoção  
ornada por um hino  
em honra de São João

Santo grande e pequenino. Li a obra.  
Estou a par de toda a sua matéria  
e venho-a aqui explicar  
porque sendo de fulgar  
vos juro que é muito séria.  
Fala das coisas do Céu,  
toca nos mistérios da graça,  
com que Virgem concebeu  
e um Anjo até nela passa,  
dizendo o que Deus lhe deu.

Para dizer vejam lá  
se não foi bom que eu viesse.  
Assim tudo se esclarece  
e o que adiante se virá  
mais ajustado parece.

Ora a obra principia  
por um milagre que houve na Judeia, certo dia,  
e que acaba como devia,  
por outro que Deus aprouve.

Esse prodígio ides ver  
como é simples de contar  
e doce de perceber.

O Anjo que o vem dizer,  
aparece como luar,  
rompendo as nuvens, depois  
Se eu vou contá-lo, esbarro na obra  
os autos são dois  
e não é justo que o carro adiante dos bois.

Basta o que disse  
decerto não é defeito por ser cauto  
Vou-me sentar aqui perto  
para ver convosco alto  
e segui-lo com acerto

Povo e honrados senhores,  
que me quiseram escutar,  
a todos os meus louvores,  
o auto vai começar...

Entraí representantes...

**Pastores**

*(a cantar)*

Celebrai Nações e Povos  
do Baptista, o Nascimento.  
Nossas canções, nossos hinos,  
Nossas canções, nossos hinos,  
Nossas canções, nossos hinos,  
Sobem até ao firmamento

**Zacarias**

*(Zacarias ajoelha-se  
quando o Anjo estiver  
no alto)*

Ouvi, Senhor, as nossas súplicas  
dai a paz, serenos dias,  
aos vossos servos fiéis,  
Isabel e Zacarias.  
Dai-nos um filho da bênção,  
talhado por Vossas Mãos,  
raro exemplo de virtude  
e aos povos consolação.  
Assim o esperamos, Senhor,  
p'la Vossa Bondade e Amor.

**Anjo**

Deus te salve Zacarias,  
tua oração foi ouvida,  
terás fruto abençoado,  
da tua esposa querida!  
João, será o seu nome,  
nome pelo seu mandado,

que dum pólo a outro pólo,  
será sempre festejado.

E será o percursor  
do Divino Salvador.

**Zacarias**

Por onde conhecerei e eu  
as verdades destas coisas,  
porque eu estou velho  
e minha mulher avançada em anos?

**Anjo**

Eu sou Gabriel que assisto diante do Senhor,  
fui mandado dar-te estas boas novas.  
E agora ficarás mudo e não poderás falar,  
até ao dia em que essas coisas se sucedam,  
visto que não deste crédito às minhas palavras,  
que se hão de cumprir a seu tempo.

**Pastores**

*(a cantar)*

Grande Deus da Piedade  
que nos dai a paz, um gozo.  
Sois um Deus misericordioso,  
bendita a Vossa Bondade.  
Sois um Deus misericordioso,  
bendita a Vossa Bondade.

Grande Deus Onnipotente  
E dos pastores desejado,  
O Baptista nos mostrais  
Nesse Penedo sagrado  
O Baptista nos mostrais  
Nesse Penedo sagrado

Nesse penedo sagrado  
E com prazeres de alegria,  
O Baptista desejado,  
o filho de Zacarias.

O Baptista desejado,  
o filho de Zacarias.

Grande Deus, grande Senhor,  
Prostrados adoraremos,  
nesse penedo sagrado,  
o Baptista coroaremos.  
Nesse penedo sagrado,  
o Baptista coroaremos.

*(São José aproxima-se de Zacarias e cumprimenta-o)*

**São José** O Senhor esteja convosco,  
Encha as vossas almas,  
da Sua Divina Graça.  
Aí vos vem visitar,  
a vossa parente, Senhora.

**Anjo** Eu vos saúdo ó cheia de graça.  
*(Anjo sabe)* O Senhor é convosco,  
Bendita sois vós entre as mulheres.

**Senhora** Eis aqui a Serva do Senhor,  
*(fala no sítio onde está e depois aproxima-se de Santa Isabel)* faça-se em mim, segundo a vossa palavra!  
*(Anjo desce)*

**Santa Isabel** Deus te salve, prima Senhora!  
Bendita és tu entre as mulheres,  
bendito é o fruto do teu ventre.  
Donde me veio a felicidade,  
visitar a mãe do meu Senhor?  
Quando apenas ouvi a voz da tua saudação,

logo o menino exultou de prazer no meu ventre.

És bem-aventurada porque creste,  
porque hão de cumprir-se  
todas as coisas que o Senhor te disse.

**Senhora**                   Minh'alma engrandece o Senhor,  
e eu e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador,  
Porque fez em mim grandes coisas que é poderoso,  
cujo nome, é Santo!

**Anjo**                       Eis aí o homem, *(João pequeno sai do Penedo, Anjo aponta para um menino)*  
*(a cantar)*               por Deus mandado...  
Quem celebrar o seu nome,  
João chamado!

**Santa Isabel**           Um filho! Que formosura da menino,  
*(Santa Isabel pega no São João pequeno ao colo)*   outro não vi de tanta graça e candura!  
olhei como ele sorri.

**Senhora**               E que engraçada a postura das suas mãos  
reparai no carinho que ele tem:  
os olhos, são os do pai; rosto também lhe sai;  
mas o sorriso é da mãe!

**São José**               E as faixas todas lavradas

**Santa Isabel**           Foi Maria...

**Senhora**               Este menino devia tê-las dobradas  
E com estrelas esmaltadas  
a rubis e ouro fino.  
*(Santa Isabel pousa o menino)*

**Santa Isabel**           Suas vigílias levou a bordá-las a tal jeito,

e que santa a roupa ficou,  
de tanto que lhe tocou  
e lá andou junto ao peito.

**Senhora** Eu só te ajudei nada mais, dava-me gosto de fazê-las.

**Santa Isabel** As agulhas e os dedais até riam no devê-lo de fazer tantos sinais.

**Senhora** Este menino, é o que há de vir  
pregar a nova lei, dizer ao mundo a verdade,  
anunciar a divindade. O Anjo o disse...

**Santa Isabel** Eu sei...

**São José** Que não lhe pões?  
De Abias ou da sua estirpe veio.

**Pastora** Razão o é, conforme creio que se chame Zacarias como seu pai...

*(Pastora põe-se de pé)*

**Santa Isabel** É tão feio, Zacarias.

**Pastora** Dizei então!

**Senhora** João, será como quereis não é verdade?

**Santa Isabel** João...  
*(conformada)*

**Pastora** Que estranho nome!  
Sabeis de alguém com tal graça?

**São José** Não, nunca ouvi!

**Santa Isabel** Meu esposo amado, se tu falasses!...

**Pastora** Que tome uma tábua e escreva  
*(Pastora pega na tábua e leva a Zacarias)*

**Santa Isabel** Deus louvado!

*(fala quando Zacarias  
escreve na tábua)*

**Pastora** João será o seu nome!

*(a ler)*

**Santa Isabel** Milagre, já ouvi!

**Zacarias** E falo...

**Santa Isabel** O Senhor vela por nós!

**Zacarias** Senti cá dentro um abalo e desprende-se-me a voz!

**Santa Isabel**  
*(ajoelhada)* Grande Deus, eu vos dou graças por tão feliz concepção,  
Já não sou mulher estéril, nem aos povos da nação!  
Este formoso menino, que dos Céus nos foi mandado,  
faz hoje minhas delícias, meu consórcio abençoado,  
Por tantas graças e louvores, bendito seja o Senhor!

**Zacarias**  
*(ergue o braço e clama)* Bendito seja o Senhor, Deus de Israel,  
que visitou e fez a redenção do Seu Povo  
Lucitou o Seu Salvador poderoso  
na casa de Seu servo, David.  
E tu, ó menino, tu que serás chamado Profeta do Altíssimo  
irás diante da face do Senhor, a preparar os Seus Caminhos,  
para se dar ao Seu Povo o conhecimento da Salvação,  
a fim de que recebam, o perdão dos seus pecados!  
*(Senhora e São José voltam aos seus lugares)*

**Anjo**  
*(a cantar)* A Memória de João,  
Por vós tanto engrandecida...  
Permita ao Céu que é neste dia,  
Seja sempre enriquecida.  
Seja sempre enriquecida!

*(Pastores olham um pouco para trás e levantam-se)*

**Pastores**  
*(a cantar)* Entre as mulheres,  
jamais nasceram  
tão caros infantes,  
à Terra e ao Céu...  
à Terra e ao Céu...  
à Terra e ao Céu...  
Entre as mulheres,

jamais nasceram.

Espressas trevas  
vem dissipar,  
a luz do mundo  
nos vem mostrar  
nos vem mostrar  
nos vem mostrar  
Espressas trevas  
vem dissipar.

Com seu dedinho  
e manso cordeiro,  
ao longe aponta  
O Deus verdadeiro  
O Deus verdadeiro  
O Deus verdadeiro  
Com seu dedinho  
e manso cordeiro.

Caminho Santo  
vem preparar  
o homem Deus  
menção salvar  
menção salvar  
menção salvar  
Caminho Santo  
Vem preparar!

Altos mistérios  
nos vem revelar  
O homem Deus  
Testemunhar  
Testemunhar  
Testemunhar

Altos mistérios  
nos vem revelar

Erguei-lhe um trono  
De míseros e louros  
onde repousam  
ricos tesouros  
ricos tesouros  
ricos tesouros  
Erguei-lhe um trono  
De míseros e louros

*(os Pastores  
espalham flores e  
trocam de lugar entre  
si)*

Todo por o monte  
Espalhai flores  
Gérmes e rosas  
das lindas cores  
das lindas cores  
das lindas cores  
Todo por o monte  
Espalhai flores

Nós vamos todos  
com atenção  
render-lhe culto  
beijar a mão  
beijar a mão  
beijar a mão.

*(os Pastores levam-  
lhe uma coroa de  
flores e colocam-na  
na cabeça)*

Nós vamos todos  
com atenção  
Vamos levar-lhe  
esta capela  
à luz da frente  
coroar com ela  
coroar com ela  
coroar com ela

*(os Pastores levam-  
lhe a Bandeirinha)*

Vamos levar-lhe  
esta capela

Com seu triunfo

tão singular,  
a bandeirinha  
lhe vamos dar  
lhe vamos dar  
lhe vamos dar

*(os Pastores levam-  
lhe um carneirinho)*

Com seu triunfo  
tão singular.

Este Carneiro  
da cor do arminho  
se oferece à gente  
de Vilarinho  
de Vilarinho  
de Vilarinho

Este Carneiro  
da cor do arminho  
Tudo está pronto,  
caros Pastores,  
mostrai também  
vossos primores  
vossos primores  
vossos primores  
Tudo está pronto,

*(São João menino  
abençoa, de pé)*

caros Pastores,

Abençoi

com atenção  
a todo o povo  
desta função  
desta função  
desta função

Abençoi  
com atenção

Abençoi

Mostrai carinho

a todo o povo

de Vilarinho

de Vilarinho

de Vilarinho

Abençoi

Mostrai carinho

Digamos todos:

“Viva João!”

Que nos vem dar

A salvação

A salvação

A salvação

Digamos todos:

“Viva João!” (os pastores ajoelham-se e batem com os cajados no chão)

*(os pastores levantam-se e sentam-se nos bancos).*

*(os pastores quando entregam a oferta ao menino, pegam-lhe com a sua mão esquerda na mão direita do menino, beijam-na e o menino dá uma sapatadinha na cara e abençoa)*

*(menino é retirado para o Penedo)*

**Romeiro**

A era que César nomear, de Cristo agora é,

E dela os anos foram correndo... Trinta se passaram.

Lutas sem fim, trabalhos mil, insanos,

e o menino, milagre da ternura, fez-se homem entre os humanos!

Cresceu a haste da Terra pura,

brotara pela graça protegida;

Fez-se tronco, enramou-se de verdura.

E já dá flor, e fruto, e sombra à vida,

com Ele, João homem se fez.

Agora podeis vê-los os dois,  
e de seguida, pelo trilho de Deus,  
buscando a árvore primeiro no deserto,  
onde não há água e a sede nos devora.  
Nem há vinho, nem seara que se monde,  
apenas sol, areia e o sopro ardente,  
que a terra queimam e o alto Céu esconde.

Depois no vale tépido e silente,  
onde corre Jordão, Rio de Luz,  
dos salgueiros à sombra viridente,  
Ides vê-los os dois: João e Jesus; *(João sai do penedo)*  
um a caminho de uma crua espada,  
outro na senda da Divina Cruz

*(noutro tom)*

Vai começar a última jornada!

#### **São João Baptista**

Eu sou a voz que clama no deserto!

Endireitai os caminhos do Senhor, como dizia o profeta Isaías.

Jesus, o filho de Deus, passou obra de trinta anos retirado em Nazaré, mas chegado era o tempo de aparecer em público como Salvador do Mundo; por isso, ordenou o Senhor a mim, que vivia no deserto, que dispusesse o povo de Israel a receber dignamente do Salvador.

Eu, João Baptista, obedecendo à vontade divina, apresentei-me nas vizinhanças do Jordão.

Trazia um vestido de pele de camelo, era-me por cinto uma correia e a comida, eram gafanhotos e mel silvestre.

Eu, João Baptista, clamava: fazei penitência que é chegado o Reino de Deus! E então, abalou-se Jerusalém e Judeia em peso. De todas as terras e ribeirinhas do Jordão, vinham todos a mim, pedindo que os batizasse no Jordão; confessavam os seus pecados e até os Saduceus e os Fariseus vinham ouvir as minhas prédicas, aos quais disse eu com severidade: “Raça de Víboras, quem vos há de preservar da ira de Deus que vai chegar?” Fazei dignos frutos de penitência, iluminai os que vivem na sombra da morte e não vos contenteis em dizer: «temos Abraão por nosso pai», porque eu vos declaro que Deus das mesmas pedras pode tirar a filhos de Abraão. Está um machado à raiz das árvores, e assim, toda árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo eterno.

Jesus, aos 30 anos de idade, foi também ao Jordão para ser batizado por mim mas eu, João Baptista, cheio de profundo respeito para com o Salvador resisti-lhe dizendo: “Eu é que devo ser batizado por vós e vindes a mim?”

Mas Jesus me atalhou dizendo:

*(Jesus sai do penedo)*

- Cristo** Deixa por agora que, eu e tudo com estas palavras, cumpremos toda a justiça!
- São João Baptista** Eu, João Baptista, fiz com estas prédicas tal impressão nos ouvintes que muitos cuidavam bem que eu era o Messias, mas para os retirar dessa ideia disse: “Eu não sou o Cristo, mas no meio de vós alguém há mais poderoso do que eu, a quem não sou digno de desatar a correia das Suas Sandálias.
- Cristo** João, batiza-me!
- São João Baptista** Senhor, aqui me tendes!  
*(João ajoelha-se e Cristo batiza-o e vice-versa)*
- Cristo** Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!
- São João Baptista** Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!
- Cristo** João, qual de nós os dois ficou mais bem batizado, tu ou eu?
- São João Baptista** Fui eu, Senhor, porque fui batizado por Vós!
- Cristo** Pois olha, João, tão bem batizado ficaste tu como eu, ficamos ambos iguais!
- São João Baptista** Eis que os Céus se abriram e o Espírito Santo desceu em forma de pomba, pousou sobre Jesus e dos Céus se ouviu uma Voz que dizia: “Este é o meu Filho muito amado, em quem a pôs toda a minha complacência...”  
  
Eu batizo com água, mas Ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo; traz um crivo na mão, com que limpará a Sua eira e juntará o trigo no celeiro e a palha queimar-se-á em Fogo Eterno!
- Romeiro** Milagres vão na Galileia!  
  
Caifás e Anás como assombrados,  
  
vão combatendo a pura ideia  
  
com centuriões e com soldados.  
  
Ante os sinais miraculosos,  
  
os corações de todos palpitam,  
  
Curam-se chagas e leprosos  
  
E até aos mortos ressuscitam...

Não compreende tal prodígio  
César, Tibério, alheio Deus;  
Mas Roma quero o seu prestígio  
E manda João aos fariseus.

É este o quadro que começa:  
ameaça trágica e completa,  
sobre essa pálida cabeça  
de Percursor e de Profeta.

*(segue-se a Dança dos Pastores, com os chapéus postos)*

Os pastores quando começam a dança estão com os paus em baixo. Ao sinal da música levantam o pau, dão uma volta ao carro e param no mesmo lugar e quando começaram. De seguida, fazem a ponte e passam uns por debaixo dos paus dos outros parando no mesmo sítio onde começaram.

A seguir inclinam (\) os paus e ao som da música avançam e ao passar uns pelos outros batem com o pau todos ao mesmo tempo. De seguida, fazem a grade e rodam meia-volta e voltam ao mesmo sítio.

A seguir, fazem a pinha e rodam meia-volta e voltam à mesma posição. De seguida, unem as pontas dos paus (^) e rodam meia-volta e voltam ao mesmo sítio. Para terminar, dão uma volta ao carro com o pau ao alto e param no mesmo sítio, depois viram-se para a frente e, ao som da música, baixam o pau e terminam ajoelhados – ao mesmo tempo batem o pau no chão.

\*Todos os movimentos são sempre feitos ao som da música.

Anexo 16 – Programa Festivo do SS. Sacramento de Vilarinho das Cambas  
(1967)

Programa

para a Festa do Santíssimo Sacramento, promovida pela Confraria do mesmo nome, a realizar no dia 26 do mês de Agosto de 1967, em Vilarinho das Cambas, Vila Nova de Famalicão:

Dia 9-8-1967 - Início do Tríduo Preparatório - A. e P.  
Dia 10-8-1967 - Às 6 horas da manhã e às 2,1 horas - Pregação.  
Dia 11-8-1967 - » » » » » » » » - »  
Dia 12-8-1967 - » » » » » » » » - »  
- Das 9 horas às 13 horas - Banquete geral.  
Dia 13-8-1967 - Missa Solene cantada pelo grupo coral Adoração e Lembrão  
Confraria do Santíssimo Sacramento

Vilarinho das Cambas, 22 de Julho de 1967.  
~ A Direcção ~  
O Padre - José da Silva Ribeiro  
O Secretário - José Araújo de Sá e Silva  
O Tesoureiro - Camilo Ferreira da Silva

---

Padre Joaquim Heine de Aguiar, pároco da freguesia de Vilarinho das Cambas, concelheiro e arcebispo de Vila Nova de Famalicão, confirmou a realização da festa em honra do Santíssimo Sacramento cujo programa supra o aprova inteiramente.  
Por ser verdade o assinamos

**Anexo 17 – Antiga Igreja Paroquial de Santa Marinha de Lousado (1917)**



Fonte: Arquivo Paroquial de Santa Marinha de Lousado

**Anexo 18 – Antiga Capela de Santo António, Vila Nova de Famalicão**



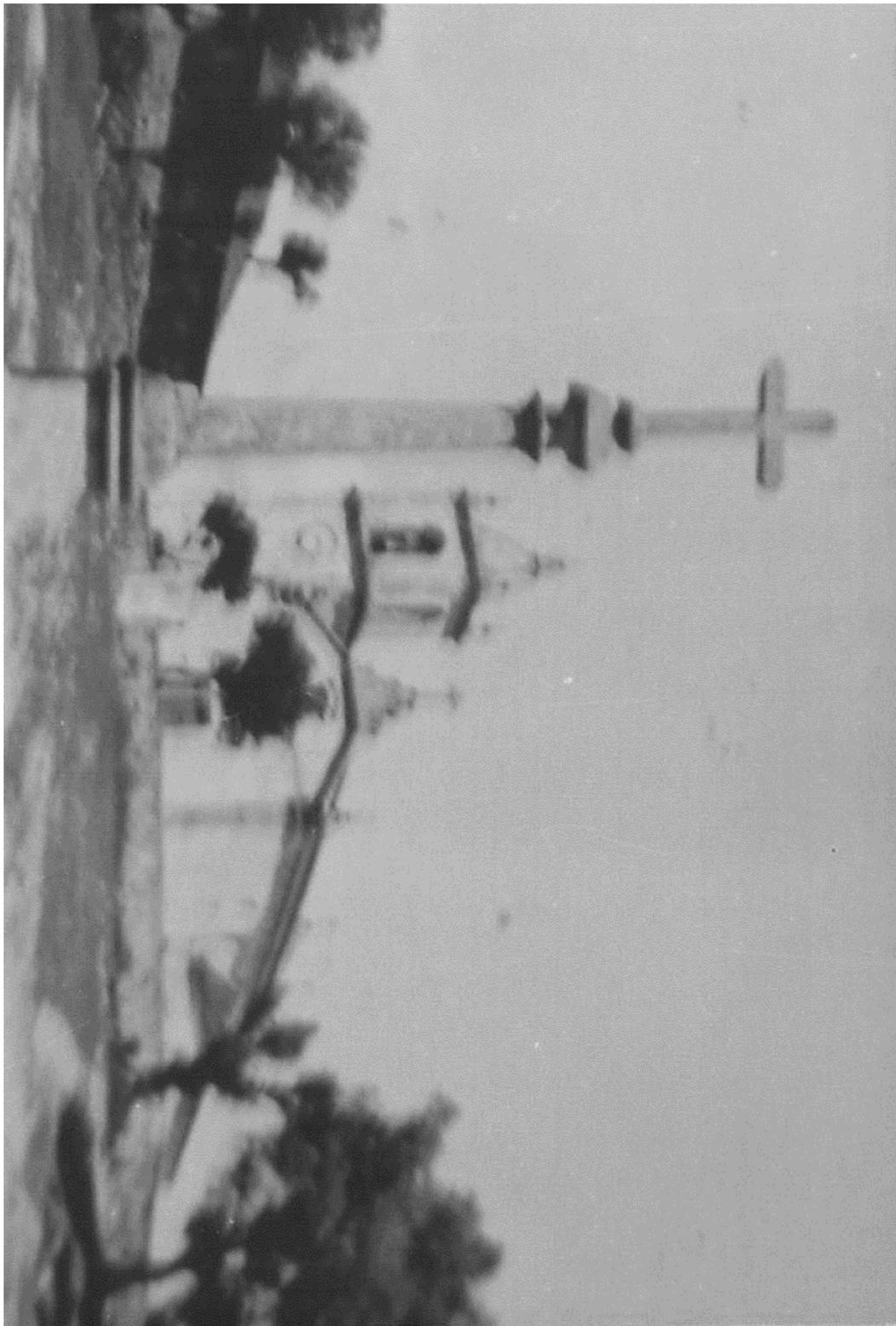
Fonte: <https://www.facebook.com/municipiodevnfamalicao/posts/3081745895201541/>

**Anexo 19 – Antiga Igreja do Divino Salvador de Delães (1955)**



Fonte: <https://famalicaopub.bibliopolis.info/OPAC/Register/Index/8916660c-517a-4704-8458-0f56ab4edffe>

**Anexo 20 – Antiga Igreja de São Félix e Santa Marinha de Gondifelos**



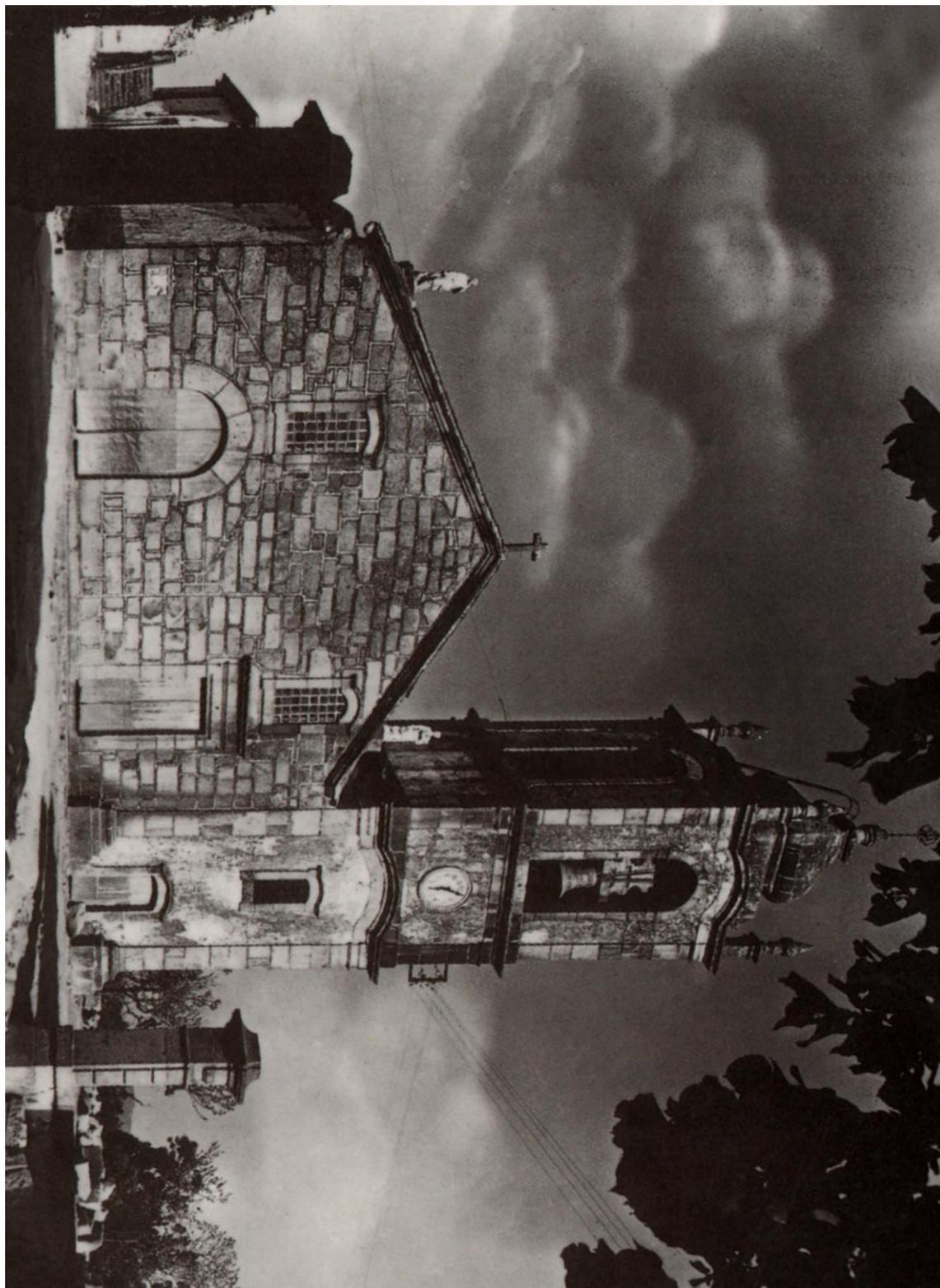
Fonte: (Martins Vieira, 2006, p. 46).

**Anexo 21 – Pormenor da Antiga Igreja de São Miguel de Jesufrei**



Fonte: Arquivo da União de Freguesias de Lemenhe, Mouquim e Jesufrei.

## Anexo 22 – Antiga Igreja do Divino Salvador de Joane



Fonte: <https://famalicaooid.org//inweb/ficha.aspx?ns=215000&id=2327>

**Anexo 23 – Antiga Capela de São Miguel, Calendário (1957)**



Fonte: <https://famalicaopub.bibliopolis.info/OPAC/Register/Index/c5740a61-1200-4e74-8746-bbd16cf362bd>

**Anexo 24 – Antiga Igreja do Divino Salvador de Minhotães**

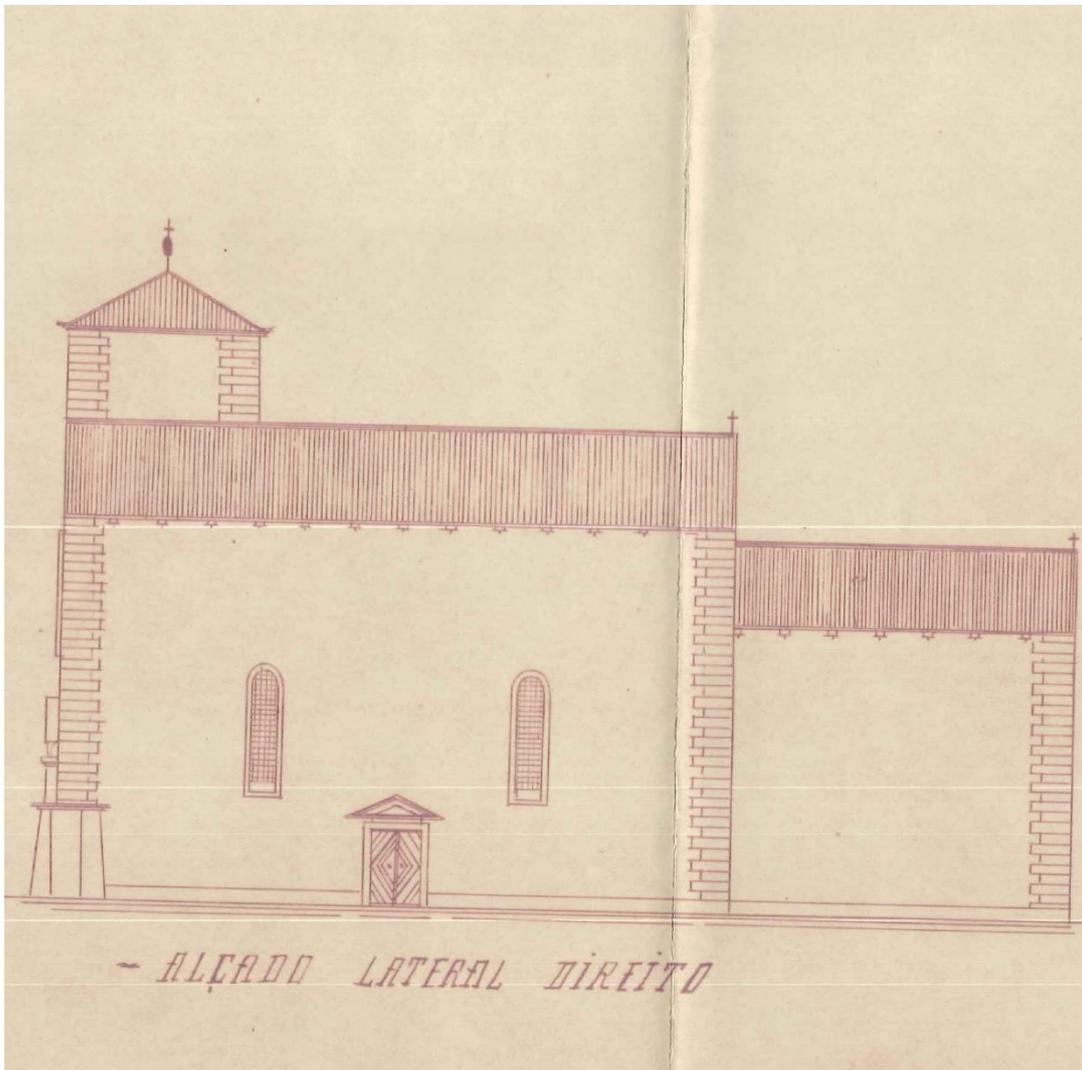


Fonte: Paroquiano de Minhotães.

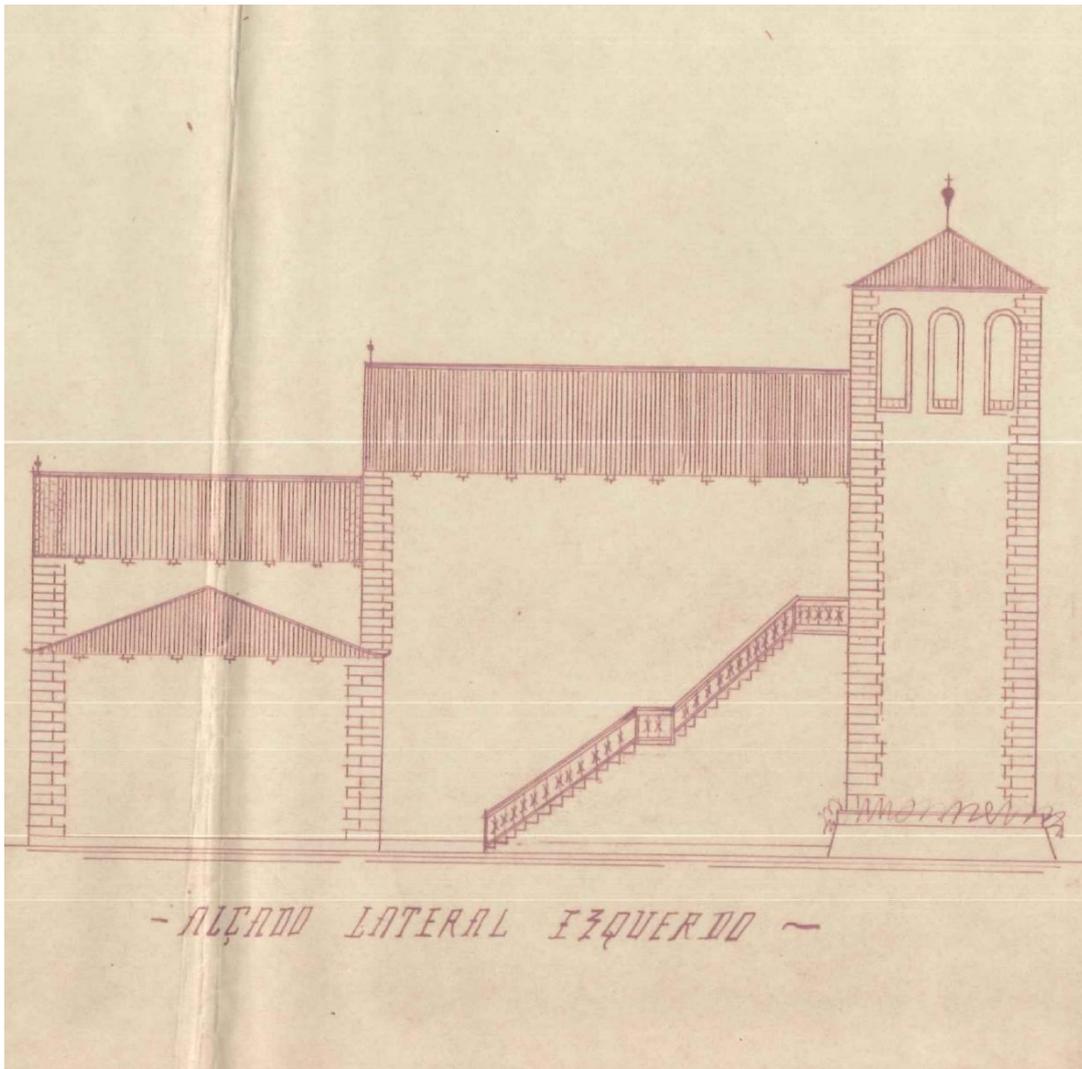
## Anexo 25 – Primeiro Projeto para a Igreja de Vilarinho das Cambas



Fonte: Arquivo Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas



Fonte: Arquivo Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas



Fonte: Arquivo Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas

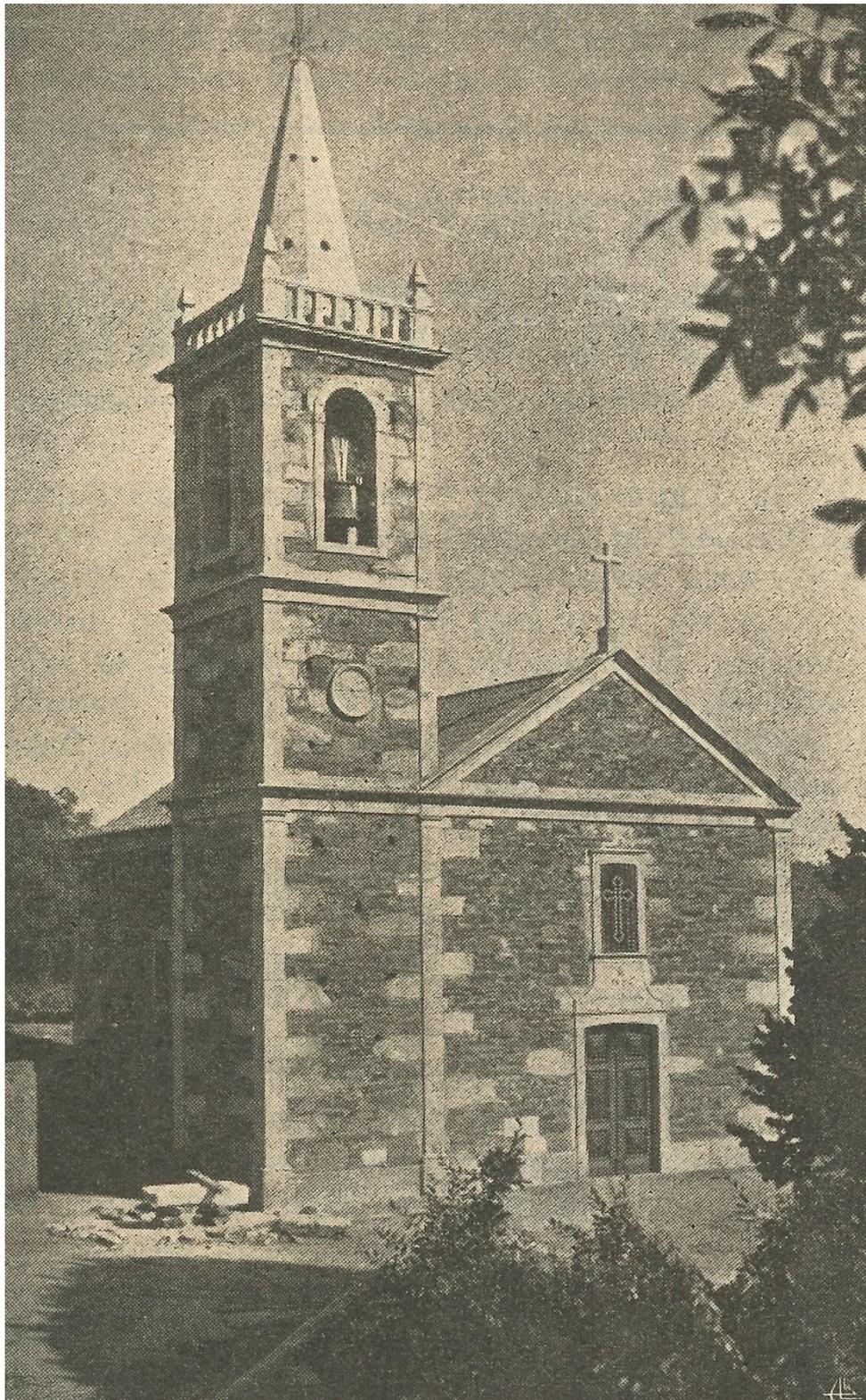


Fonte: Arquivo Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas



Fonte: Arquivo Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas

**Anexo 26 – Igreja de Vilarinho das Cambas (1956)**



Fonte: 1956, S. João em Vilarinho. Estrela do Minho, 24 de junho de 1956, p. 2.

**Anexo 27 – Altar-Mor da Igreja de Vilarinho das Cambas, pré Concílio Vaticano II**



Fonte: Arquivo Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas

**Anexo 28 – Altar-Mor da Igreja de Vilarinho das Cambas (anos 1960)**



Fonte: Arquivo Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas

**Anexo 29 – Altar Lateral de Nossa Senhora da Paz (1998)**



Fonte: Arquivo Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas

**Anexo 30 – Altar Lateral de Nossa Senhora de Fátima (1998)**



Fonte: Arquivo Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas

**Anexo 31 – Procissão da Sra. do Perpétuo Socorro, na sua chegada à Paróquia (1962)**



Fonte: Arquivo Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas

**Anexo 32 – Panorama do Interior da Igreja de Vilarinho das Cambas (1963)**



Fonte: Arquivo Paroquial do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas

**Anexo 33 – Igreja de Vilarinho das Cambas na altura da sua inauguração**



Fonte: *Notícias de Famalicão*, 02 de agosto de 1963, p. 1

## Apêndices

## Apêndice 1 – População da freguesia de Vilarinho das Cambas

<i>Ano</i>	<i>População</i>
1758	176
1845	307
1864	324
1878	317
1890	389
1900	374
1911	386
1920	402
1930	478
1940	637
1950	599
1960	701
1970	707
1981	969
1991	1 184
2001	1 319
2011	1 366
2021	1 485

## Apêndice 2 – Estudo Toponímico de Vilarinho das Cambas

Designação	Localização conhecida?	Tombo de 1547	Assentos de Batismo	Tombo de 1723	Portugal Antigo e Moderno (1873)	Chorografia Moderna (1875)	Minho Pittoresco (1887)	Róis da Desobriga Paroquial	Ruas da Freguesia Correspondentes	Coordenadas
<b>Agra</b>	Sim	X	X	X	-	-	-	-	Rua da Agra + Travessa do Sobral + Rua Vale-Barrinho	≈41.388584, -8.570098
<b>Altinho</b>	[dedutível]	-	-	-	-	-	-	X	-	≈41.389060, -8.566850
<b>Aldeia de Vilarinho de Cima</b>	Não	-	X	-	-	-	-	-	-	-
<b>Barranhas</b>	Sim	-	X	-	X	X	X	X	Rua das Barranhas + Rua Camilo Castelo Branco	≈41.390940, -8.563539
<b>Barreiro</b>	Não	X	X	X	-	-	-	-	-	-
<b>Barrinho</b>	Sim	X	X	X	X	X	X	X	Rua do Barrinho + Travessa de Montelhão + Travessa de Santo António	≈41.389523, -8.566529
<b>Bouça</b>	Sim	-	X	-	X	X	X	X	Rua Fonte da Bouça	≈41.388639, -8.565510
<b>Cancela</b>	Não	-	X	X	X	X	X	X	-	-
<b>Cano</b>	[dedutível]	-	-	-	-	-	-	X	-	≈41.391955, -8.544745
<b>Casanova</b>	Não	-	X	-	-	-	-	-	-	-
<b>Casermo</b>	[dedutível]	-	X	X	X	-	-	-	-	≈41.390843, -8.564675
<b>Castanhal</b>	Sim	-	-	-	-	-	-	-	Rua do Castanhal	≈41.386906, -8.568037
<b>Carvalho</b>	Não	-	X	X	-	-	-	-	-	-
<b>Cavada</b>	[dedutível]	X	X	-	-	-	-	-	Rua da Saudade	≈41.385185, -8.555365

<b>Cerca</b>	Sim	-	-	X	-	-	-	-	Rua Padre Alcino de Azevedo + Rua da Cerca	≈41.374682, -8.557174
<b>Cimo da Vila</b>	Não	X	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Chãos/ Chões</b>	[dedutível]	X	X	X	X	X	X	X	-	≈41.393279, -8.560170
<b>Costa</b>	Sim	X	X	X	-	-	-	-	Monte da Costa	≈41.384334, -8.559435
<b>Cruz</b>	Não	X	X	X	X	X	X	X	.	-
<b>Cumeeira</b>	Sim	X	-	X	-	-	-	X	Rua da Cumeeira	≈41.382105, -8.571082
<b>Eirado(s)</b>	[dedutível]	-	X	-	X	X	X	X	-	≈41.389242, -8.567388
<b>Eiras</b>	[dedutível]	-	-	-	X	X	X	X	-	≈41.392086, -8.553242
<b>Espido</b>	Sim	X	X	X	X	X	X	X	Rua de Espido + Travessa de Espido + Travessa do Pinhal	≈41.396016, -8.572377
<b>Estrada Nova</b>	Não	-	-	-	-	-	-	X	-	-
<b>Felgueiras</b>	Sim	-	-	-	-	-	-	X	Rua de Felgueiras	≈41.389626, -8.563222
<b>Fontela</b>	Sim	X	-	X	-	-	-	-	Rua da Fontela	≈41.392962, -8.575546
<b>Igreja</b>	Sim	X	X	X	X	X	X	X	Rua da Igreja + Rua Divino Salvador + Rua António José Barros de Faria + Rua António Vinhas + Rua da Saudade + Rua D. Jorge Ortiga + Travessa das Oliveiras	≈41.384529, -8.554754
<b>Juncaínho</b>	Sim	X	-	X	-	-	-	-	Rua Henrique Barbosa	≈41.386174, -8.544406
<b>Junqueira</b>	Sim	X	-	X	-	-	-	-	Rua da Junqueira	≈41.387302, -8.562028
<b>Lagoa(s)</b>	Sim	-	X	X	X	X	X	X	Monte da Costa	≈41.379969, -8.561339
<b>Lameiro</b>	[dedutível]	-	X	X	X	X	X	X	-	≈41.388397, -8.564628
<b>Meães</b>	Sim	-	-	-	-	-	-	-	Rua de Meães + Rua Roederstein + Rua Urbanização Navio +	≈41.378093, -8.543596

									Travessa das Andorinhas + Avenida D. Afonso Henriques	
<b>Mina</b>	Sim	-	X	-				X	Rua da Mina	≈41.384433, -8.563431
<b>Moinhos</b>	Não	X	X	-	-	-	-	-	-	-
<b>Monte</b>	Sim	-	X	-	X	X	X	X	Rua do Monte + Travessa do Monte + Travessa Manuel Campos Silva	≈41.388459, -8.554375
<b>Monte Maninho</b>	-	X	-	X	-	-	-	-	-	-
<b>Nasce-Água</b>	Sim	X	X	X	X	X	X	X	Rua Nasce-Água + Travessa da Pedreira	≈41.391642, -8.552390
<b>Outeirinho</b>	Não	-	X	-	X	X	X	X	-	-
<b>Outeiro</b>	Sim	X	X	X	X	X	X	X	Rua do Outeiro	≈41.389166, -8.559736
<b>Paço</b>	Não	-	X	-	X	X	X	X	-	-
<b>Padrão</b>	Sim	X	-	X	X	-	-	X	Rua do Padrão + Rua do Sol	≈41.393331, -8.546816
<b>Parada(s)</b>	Sim	X	-	X	-	X	X	X	Rua das Paradas + Rua da Indústria + Rua Gonçalves Novo + Rua do Comércio + Rua do Progresso + Avenida Manuel Simões Nogueira + Rua 29 de setembro	≈41.378511, -8.550036
<b>Pedra d'Anta</b>	Não	X	-	X	-	X	X	-	-	-
<b>Pena</b>	Sim	-	X	-	X	X	X	X	Rua da Pena + Rua do Penedo da Moura	≈41.387458, -8.563956
<b>Pinheiro</b>	Não	-	X	-	-	-	-	-	-	-
<b>Pombarinho</b>	Sim	-	X	X	-	X	X	X	Rua do Pombarinho + Travessa do Pombarinho + Rua dos Louseiros + Rua da	≈41.392372, -8.566930

									Aldeia + Travessa da Aldeia + Rua do Pinhal	
<b>Santo</b>	Não	-	-	-	-	-	-	-	-	-
<b>Sardoal</b>	Sim	-	X	X	-	-	-	-	Travessa do Sardoal	≈41.385779, -8.556824
<b>Sobreiro</b>	Não	-	X	-	-	-	-	-	-	-
<b>Souto</b>	[dedutível]	-	X	X	-	X	X	X	-	[Castanhal (?)]
<b>Terra Negra</b>	Sim	-	-	-	-	-	-	X		[Meães]
<b>Valboa</b>	Não	-	-	-	-	-	-	X		-
<b>Valdemar</b>	Sim	X	-	-	-	-	-	-		≈41.394285, -8.554441
<b>Varziela</b>	Sim	X	-	X	-	-	-	-		≈41.399568, -8.562737
<b>Venda</b>	[dedutível]	-	X	-	X	X	X	X	-	≈41.389319, -8.569221
<b>Vessadinha</b>	Sim	X	X	X	X	X	X	X	Rua do Pombarinho	≈41.390767, -8.566152
<b>Vigia</b>	[dedutível]	-	-	-	X	-	-	X	-	≈41.394438, -8.551704

### Apêndice 3 – Capela de Santa Catarina, Vila do Conde



Capela de Santa Catarina | Vila do Conde

Fonte: Diogo Cardoso, 2023.

## Apêndice 4 – Pedra com inscrição | 1713



Pedra com inscrição 1713. Medidas: 95cm x 42cm x 20 cm

Fonte: Diogo Cardoso, 2023.

## Apêndice 5 – Estandarte da Confraria do Sagrado Coração de Jesus



No estandarte está escrito: "Venha a nós o Vosso Reino" / "Vilarinho | 1933-1963"

Fonte: Diogo Cardoso, 2021.

## Apêndice 6 – Capela do Santo do Monte, Louro



Capela do Santo do Monte, Monte de São Barnabé | Louro, Vila Nova de Famalicão, Fonte: Diogo Cardoso, 2023.



Imagem de São Pedro Gonçalves Telmo, Capela do Santo do Monte | Louro, Vila Nova de Famalicão

Fonte: Diogo Cardoso, 2023



Imagem de Santo Ovídio, Capela do Santo do Monte | Louro, Vila Nova de Famalicão

Fonte: Diogo Cardoso, 2023

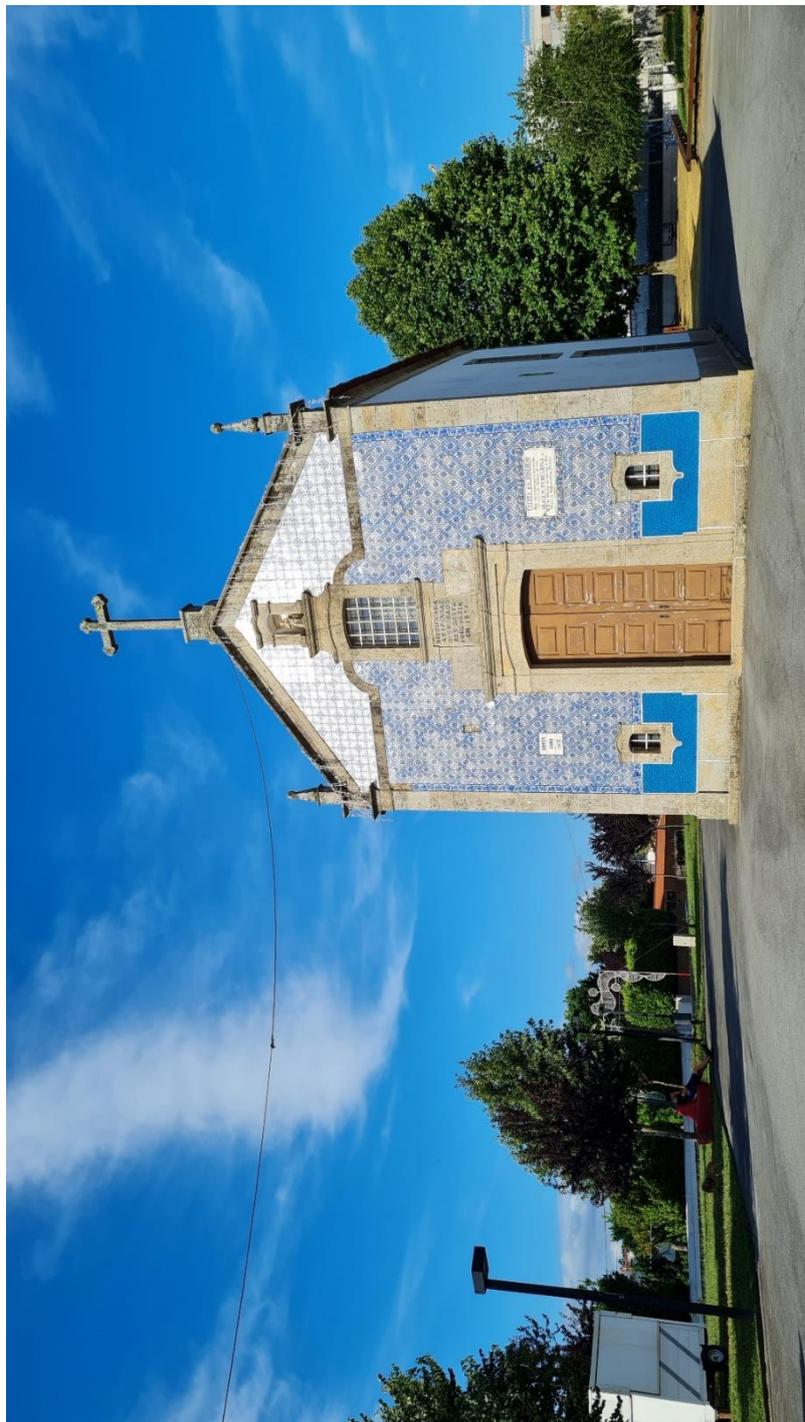
## Apêndice 7 – São Marçal, Esmeriz



Imagem de São Marçal | Esmeriz, Vila Nova de Famalicão

Fonte: Diogo Cardoso, 2023.

## Apêndice 8 – Capela de Santa Ana, Ribeirão



Capela de Santa Ana | Ribeirão, Vila Nova de Famalicão, Fonte: Diogo Cardoso, 2023.



Santa Ana | Ribeirão, Vila Nova de Famalicão

Fonte: Diogo Cardoso, 2023.

## Apêndice 9 – Mártir São Sebastião, Vilarinho das Cambas



Mártir São Sebastião | Vilarinho das Cambas, Vila Nova de Famalicão

Fonte: Diogo Cardoso, 2023.

## Apêndice 10 – Obras Paroquias da área de Vila Nova de Famalicão e arredores

Período	Espaço	Obra	Foi preservada a anterior?	Edificada noutra local?	Notas	Concelho
1901-03	Igreja de Santa Marinha de Lousado	Edificação de uma nova Igreja	Não	?	Não existe na atualidade.  Na fachada da torre sineira podia ler-se: “FOI REEDIFICADA ESTA EGREJA POR BENEMÉRITOS E PAROCHIANOS DESTA FREGUEZIA EM 1901   LOUZADO”	Vila Nova de Famalicão
1904-08	Igreja de São Mamede de Ribeirão	Edificação de uma nova Igreja	Não	Sim	Na fachada do edifício, está a seguinte inscrição: “RIBEIRÃO. TEMPLO EDIFICADO / A ESPENSAS DO BENEMERITO EX.MO SNR. / JOÃO JOSÉ DA SILVA. VILLA LIBÓRIO / E / DE PARTE DOS MORADORES DESTA FREGUEZIA / POR INICIATIVA DO CONEGO ABBADE MANOEL MARIA / TEIXEIRA, CAPELLÃO DA CASA REAL. / INAUGURADO EM 1908”	Vila Nova de Famalicão
1905	Igreja de São Cosme e São Damião do Vale	Reforma na estrutura da Igreja	Sim	Não	Na fachada do edifício, está a seguinte inscrição: “REFORMADA A EXPENSAS E / CUIDADOS DO ABB. F. M. F. LOUREIRO / 1905”	Vila Nova de Famalicão
1906	Igreja de São Tiago de Outiz	Edificação da torre sineira na retaguarda da Igreja	Sim	Não	Na torre sineira pode ler-se: “FOI MANDADA CONSTRUIR PELO / INSIGNE BENEMERITO O EX.MO / SÑR COMMENDADOR / BERNARDINO DA COSTA / E SÁ DE SANTO THYRSO / INDELEVEL GRATIDÃO DO POVO / DE OUTIZ EM 1906”	Vila Nova de Famalicão
1907-10	Igreja de Santa Eulália de Balasar	Edificação de uma nova Igreja	Não	Sim	A antiga igreja estava edificada no sítio onde agora está o cemitério. As pedras do antigo templo foram aproveitadas para a obra da Igreja. Está a data de “1907” gravada na pedra do friso da porta principal.	Póvoa de Varzim
1916	Igreja de São Martinho de Bougado	Aumento da Igreja e avanço da fachada	Sim	Não	A igreja data, possivelmente, de 1780.	Trofa

<b>1918</b>	Capela de Santa Catarina, Cabeçudos	Reconstrução da Capela	Não	Não	Sobre a porta principal, está a seguinte inscrição: “O BEM FEITOR DESTA CAPELA / O SNR DOMINGOS PEREIRA / E SUA ESPOSA / D. FELECIDADE DE OLIVEITA / 1918”	Vila Nova de Famalicão
<b>1919</b>	Capela de Santa Ana, Oliveira (São Mateus)	Reedificação da Capela	Não	Não	Sobre a porta principal, está a seguinte inscrição: “1919 / REEDIFICADA / PELO EX. <sup>MO</sup> S. <sup>NR</sup> / JOZÉ PEREIRA SILVA”.  Na lateral esquerda, lê-se sobre o seu restauro: “A PARÓQUIA AGRADECIDA / EM JULHO DE 1961 FOI RESTAURADA / ESTA CAPELA A EXPENSAS / DA SENHORA / D. EVA DA SILVA MACHADO GUIMARÃES / EM MEMÓRIA DE SEU SAUDOSO PAI / JOSÉ PEREIRA DA SILVA”	Vila Nova de Famalicão
<b>1920 ≈</b>	Igreja de São Mateus de Oliveira	Edificação da Torre Sineira	Sim	Não	Esta igreja, por conta da edificação de uma nova matriz nos anos 70, passou a ser reconhecida como igreja de Nossa Senhora da Conceição por ser o “palco” das festividades marianas anuais no dia 8 de dezembro. No lintel lateral esquerdo pode ler-se: “1797-1897 / A 19 DE SETEM-/BRO DE 1897 FES/TEJOU-SE O 1. <sup>º</sup> / CENTENÁRIO DA / EDIFICAÇÃO / DESTA EGREJA”.  Já sobre a porta principal do templo, está a datação: “ANNO / MDCCXCVII”.	Vila Nova de Famalicão
<b>1922</b>	Igreja de São Tiago de Amorim	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	A antiga igreja data do séc. XVI (1595), tendo sido aumentada ao longos dos séculos seguintes, até ao séc. XX	Póvoa de Varzim
<b>1924</b>	Capela de Santo António, Antas	Demolição da Capela, em Famalicão, e edificação da atual em terreno que já	Não	Sim	A capela antiga que advinha do século XVII foi demolida entre dezembro de 1921 e março de 1922.	Vila Nova de Famalicão

		pertence à freguesia de Antas				
<b>1926-30</b>	Igreja de São Pedro de Bairro	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	<p>Sobre a porta principal está a seguinte inscrição: "INAUGURADA / EM / XXIX-VI-MCMXXX".</p> <p>Nas laterais, pode ler-se: "A MEMÓRIA DO P.<sup>E</sup> CARLOS LACERDA / GRANDE OBREIRO DA CONSTRUÇÃO / DESTA IGREJA E FUNDADOR DOS / ORGANISMOS LOCAIS A.C. / HOMENAGEM DA J.O.C / J.O.C.F. / 30.9.1962"</p> <p>"O RESTAURO E SAGRAÇÃO DESTA / IGREJA MATRIZ FOI PRESIDIDA / POR SUA EXCELÊNCIA / REVERENDÍSSIMA D. EURICO DIAS / NOGUEIRA ARCEBISPO PRIMAZ / DE BRAGA / BAIRRO, 21 DE DEZEMBRO DE 1997"</p>	Vila Nova de Famalicão
<b>1936</b>	Igreja de São Paio de Seide	Edificação da Torre Sineira	Sim	Não	-	Vila Nova de Famalicão
<b>1940</b>	Igreja de São Romão do Coronado	Construção da torre sineira adossada ao lado Sul da Igreja	Sim	Não	-	Trofa
<b>1940-48</b>	Igreja de São Pedro de Pedome	Edificação de uma nova Igreja	Não	?	-	Vila Nova de Famalicão
<b>1940-50</b>	Igreja de São Pedro de Riba d'Ave	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Não	<p>A antiga igreja foi preservada e trasladada para junto do Hospital da Misericórdia. A nova igreja foi encomenda e custeada por Narciso Ferreira. Na torre sineira estão as seguintes inscrições: "CONSTRUÍDA EM MEMÓRIA DE / EVA ROSA D'OLIVEIRA FERREIRA / NARCISO FERREIRA / MCMXL";</p>	Vila Nova de Famalicão

					<p>“INAUGURADA EM 2 DE JULHO DE 1950 / POR SUAS EMINÊNCIAS CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA - CARDEAL ARCEBISPO DE LOURENÇO / MARQUES - ARCEBISPO PRIMAZ DE BRAGA / BISPO DE VILA REAL E BISPO DE BRAGANÇA / ANO SANTO 1950”</p> <p>“1895 – CONDE DE RIBA DE AVE – 1974 / POR MOR DE DEUS E DA IGREJA - FES DA TERRA ONDE NASCEU / O SEU ALTAR E O SEU BRASÃO”</p>	
1947	Igreja de São Paio de Ruílhe	Edificação de uma nova Igreja	Não	Sim	<p>Na fachada da igreja há duas placas comemorativas: “AO INSIGNE BENEMÉRITO / P.E DAVID OLIVEIRA MARTINS / REALIZADOR DAS OBRAS DESTA IGREJA, / DO CRUZEIRO E DA RESIDENCIA PAROQUIAL / E A TODOS OS BEMFEITORES QUE O COADJUARAM / JUSTA HOMENAGEM / DA / FREGUESIA AGRADECIDA / 5-10-1947”</p> <p>“NO DIA 28 DE JULHO DE 1985 SUA EXCELÊNCIA / REVERENDÍSSIMA O SENHOR D. EURICO DIAS NOGUEIRA / VENERANDO (sic) ARCEBISPO PRIMAZ DE BRAGA BENZEU E / INAUGUROU ESTA IGREJA QUE UM INCÊNDIO DESTRUIU / EM 23 DE JULHO DE 1963. / AO REV. PADRE NARCISO CARNEIRO FERNANDES / GRANDE IMPULSIONADOR DO RESTAURO, A HOMENAGEM / DA COMUNIDADE CRISTÃ DE RUILHE”</p> <p>O edifício ardeu em 23.07.1983. Depois o restauro, foi inaugurada a 28.07.1985.</p>	Braga

1950	Igreja de Santa Maria de Bagunte	Aumento da Igreja	Sim	Não	A data “1950” está gravada no tímpano sobre a porta da entrada principal.	Vila do Conde
1950	Igreja de São Tiago de Rebordões	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	A data “1950” está gravada no tímpano sobre a porta da entrada principal.	Santo Tirso
1950	Igreja de Santa Lucrecia do Louro	Edificação de uma sineira	Sim	Não	Numa placa comemorativa da igreja pode ler-se: “SUA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA O SENHOR ARCEBISPO PRIMAZ D. ANTÓNIO BENTO MARTINS JUNIOR INAUGUROU A TORRE DESTA IGREJA NO DIA 1 DE OUTUBRO DO ANO SANTO DE 1950   OFERTA DO FILHO DILECTO DESTA TERRA COMENDADOR ARTHUR CUPERTINO DE MIRANDA HOMENAGEM DO POVO DA FREGUESIA DO LOURO – ANO MCML”	Vila Nova de Famalicão
1950-51	Capela de São Gens de Cidai, São Tiago de Bougado	Edificação da Capela	-	-	Uma tradição antiquíssima local afirmava que, no topo do monte de Cidai teria existido uma ermida dedicada a São Gens. Em 1920, foi publicada num semanário local esta mesma tradição e, anos mais tarde, um grupo de escuteiros encaminhou-se ao monte na busca de vestígios arqueológicos. E encontraram-nos. Organizada uma comissão de obras, rapidamente se iniciou um projeto que visava a edificação de uma ermida dedicada a São Gens, devolvendo aquele lugar um espaço de culto. Rapidamente a devoção para com o Mártir rejuvenesceu de tal forma que, poucas décadas depois, teve este espaço de ser aumentado, dada a afluência dos fiéis que o veneram como o Santo da Verdadeira Alegria.	Trofa
1950-54	Igreja de São Félix e Santa Marinha de Gondifelos	Edificação de uma nova Igreja	Não	Não	A antiga igreja demolida serviu de total inspiração para o edifício atual.  Na fachada da igreja pode ler-se: “DO SEU ZELOSO PÁROCO / R. P. JOAQUIM DA SILVA CARVALHO / A FREGUESIA DE GONDIFELOS / GRATAMENTE RECONHECIDA / 20-4-1894 – 20-4-1964”	Vila Nova de Famalicão

<b>1950-63</b>	Igreja do Divino Salvador de Delães	Edificação de uma nova Igreja	Não	Não	A talha da antiga Igreja encontra-se exposta no Museu de Lamas, Santa Maria da Feira.  Na fachada do edifício pode ler-se: "INAUGURADA / POR SUA EX. <sup>a</sup> Re. <sup>MA</sup> / D. FRANCISCO MARIA DA SILVA / ADMINISTRADOR APOSTOLICO / DA ARQUIDIOCESE / 8-9-1963"	Vila Nova de Famalicão
<b>1951</b>	Igreja de São Jorge de Selho e Paraíso (Pevidém)	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	A antiga igreja data de 1758 e é, atualmente, conhecida como igreja de São Brás por conta das festividades em honra deste Santo que neste espaço se realizam no fim-de-semana seguinte ao dia 3 de fevereiro.	Guimarães
<b>1952</b>	Igreja de São Martinho do Vale	Edificação de uma torre sineira adoçada ao lado Norte da Igreja	Sim	Não	-	Vila Nova de Famalicão
<b>1952-62</b>	Igreja de N. Sra. Boa Viagem de Aguçadoura	Edificação de uma nova Igreja	Não	Sim	Foi preservada a fachada da antiga igreja, que tinha sido inaugurada em 1874, aumentada em 1908 e cuja torre sineira data de 1904.  Dentro da igreja há uma placa com a seguinte inscrição: "COMEMORAÇÃO DO CINQUENTENÁRIO DA 1. <sup>a</sup> / EUCARISTIA CELEBRADA NESTA IGREJA AINDA EM / CONSTRUÇÃO, PELO BISPO D. DANIEL JUNQUEIRA, / EM MARÇO DE 1957, DATA EM QUE ABRIU AO CULTO. / ESTA IGREJA FOI CONSTRUÍDA EM MEADOS DO / SÉCULO XX, COM O CONTRIBUTO E SACRIFÍCIO DE / TODO O POVO DESTA FREGUESIA E A INICIATIVA E / EMPENHO DO REV. <sup>o</sup> PÁROCO, PADRE AUGUSTO SOARES. / INÍCIO DAS OBRAS – MARÇO DE 1951 / FIM DAS OBRAS – OUTUBRO DE 1961 / AGUÇADOURA, MARÇO DE 2007"	Póvoa de Varzim

1954-55	Igreja de São Miguel de Jesufrei	Edificação de uma nova Igreja	Não	?	Na fachada da igreja, sobre a porta principal, está a seguinte inscrição: “ESTA IGREJA FOI CONSTRUÍDA / PELO POVO DESTA FREGUESIA / 1954-1955 / FOI INAUGURADA EM 10-06-1969 / POR / S. EX.ª REV.MA D. ANTÓNIO RIBEIRO / BISPO AUXILIAR DE BRAGA”	Vila Nova de Famalicão
1954-63	Igreja do Divino Salvador de Vilarinho das Cambas	Edificação de uma nova Igreja	Não	Não	Edificada a par da destruição da antiga igreja, datada, sensivelmente, dos séculos XVI-XVII.  Na fachada da igreja, sobre a porta principal, a seguinte inscrição: “ANO MARIANO / 1954”  No seu interior, pode ler-se numa placa comemorativa: “INAGURADA EM 11-8-1963 / POR / D. FRANCISCO MARIA DA SILVA / BISPO AUXILIAR DE SUA EX.ª REV.ª / SENHOR ARCEBISPO DE BRAGA / REMODELADA EM 2010-2011”	Vila Nova de Famalicão
1954-68	Igreja do Divino Salvador de Joane	Edificação de uma nova Igreja	Não	Sim	A antiga igreja tinha raízes românicas e duas naves. Foi preservada a torre sineira do séc. XVIII.	Vila Nova de Famalicão
1955	Capela de Santo Amaro, Carreira	Edificação de uma torre sineira adoçada ao frontispício da Capela	Sim	Não	A construção da torre sineira deveu-se à ação da Confraria do Bom Jesus, sita na mesma capela.	Vila Nova de Famalicão
1957	Capela de Santa Filomena, Mouquim	Edificação da Capela	-	-	A edificação de uma capela em honra de Santa Filomena, em Mouquim, começou a ser pensada em 1954, após a oferta de uma imagem da Santa à igreja paroquial de Mouquim. As obras iniciaram em janeiro de 1957 e, em agosto seguinte, foi inaugurada. Pelo fenómeno devocional que ali ocorreu, o apeadeiro de Mouquim passou a chamar-se de “Mouquim-Santa	Vila Nova de Famalicão

					Filomena”, para que os peregrinos oriundos de terras distantes, inclusive de Lisboa e do Porto, soubessem pela indicação do nome do apeadeiro, o sítio onde teriam de sair para se poderem deslocar à capela de Santa Filomena. O culto publico a esta Virgem e Mártir foi extinto pela Igreja Católica em 1961 e, aos poucos, o edifício foi sendo menos frequentado. Acabou totalmente demolido em março de 1992.	
<b>1957-58</b>	Capela de São Miguel-o-Anjo, Calendário	Edificação de uma nova Capela	Não	Sim	Não foi preservada a antiga capela (séc. XVII) e algumas das suas pedras serviram para a construção de uma das capelas mortuárias da freguesia.	Vila Nova de Famalicão
<b>1957-78</b>	Igreja do Divino Salvador de Minhotães	Edificação de uma nova Igreja	Não	Não	<p>Edificada a par da destruição da antiga igreja, datada, sensivelmente, dos séculos XVII-XVIII.</p> <p>Na fachada da igreja, podem ler-se as seguintes inscrições: “FOI LANÇADA A 1ª / PEDRA DESTA IGREJA / EM 29 DE AGOSTO DE 1957”</p> <p>“FOI SOLENEMEN/TE SAGRADA E INAU/GURADA POR SUA EXCIª REVMª / O SR. D. EURICO DIAS NOGUEIRA / ARCEBISPO PRIMAZ / DE BRAGA EM 12 DE AGOS/TO DE 1978”.</p> <p>Dentro da igreja, junto do presbitério, as seguintes inscrições: “ESTA IGREJA FOI CONSTRUÍDA A / EXPENSAS DO POVO DE MINHO/TÃES, DOS AMIGOS DAS FREGUE/SIAS CIRCUNVIZINHAS INDELÉVEL / GRATIDÃO DO POVO DE MINHO/TÃES. A TODOS NOMEADAMENTE / AO ARTÍFICE PROMOTOR DESTA / OBRA REV. PADRE ALBINO RODRI/GUES PEREIRA SALVADOR / PÁROCO DESTA FREGUESIA / 12-VIII-1978”</p>	Barcelos

					“AOS BENEMÉRITOS BENFEITORES / DESTA IGREJA PADRE MANUEL A. / MARQUES DA SILVA, LUDOVINA DA C. MARQUES DA SILVA E / JOAQUIM A. MARQUES DA SILVA. O POVO DE MINHOTÃES / AGRADECIDO”.	
<b>1958</b>	Igreja do Divino Salvador de Monte Córdova	Edificação de uma nova Igreja	Não	Não	Sobre a porta principal do templo, está a data: “1958”	Santo Tirso
<b>1960</b>	Igreja de São Pedro de Esmeriz	Edificação de uma torre sineira adoçada ao frontispício da Igreja	Sim	Não	Sobre a porta principal do templo, está a data: “1960”	Vila Nova de Famalicão
<b>1960</b>	Igreja de São Martinho de Pousada de Saramagos	Edificação de uma torre sineira adoçada ao lado Este da Igreja	Sim	Não	-	Vila Nova de Famalicão
<b>1960-61</b>	Igreja de Santa Marinha de Lousado	Edificação de uma nova Igreja	Não	Sim	Edificada a par da destruição da antiga igreja, datada do início do século XX (1901-1903).  Na fachada da igreja de Lousado pode ler-se: “O POVO DE LOUSADO COM O AUXÍLIO DA INDÚSTRIA LOCAL / DEDICADAMENTE CONSTRUIU ESTA IGREJA / BENZEU-A / D. MANUEL GONÇALVES CEREJEIRA / CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA / FILHO E GLORIA DA FREGUESIA, NO 50.º ANIVERSÁRIO / DA SUA PRIMEIRA MISSA / 23 DE ABRIL DE 1961”.	Vila Nova de Famalicão

1962	Igreja de São Mamede do Coronado	Edificação de uma torre sineira adoçada ao lado norte da Igreja	Sim	Não	Na torre está a seguinte inscrição: "IN COMEMORATIONE CONCILII OECUMENICI VATICANI II / XI OCTOBRIS MCMLXII / UNUM OVILE ET UNUS PASTOR / A PONTÍFICE MÁXIMO: PAPA JOANNE XXIII"	Trofa
1968	Igreja de São Cristóvão de Rio Mau	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	A antiga igreja, em estilo Românico, foi classificada – em 1910 – como Monumento Nacional. Da sua história, destaca-se o facto de ter sido a Igreja de um mosteiro agostiniano até ao século XV.  Na fachada da igreja "nova", podem ler-se as seguintes inscrições: "ESRA IGREJA FOI INAUGURADA / POR SUA EX. <sup>CIA</sup> REV. <sup>MA</sup> O SENHOR / D. FRANCISCO MARIA DA SILVA / ARCEBISPO PRIMAZ / 1-9-1968";  "GRATIDÃO DA PARÓQUIA AO / INSIGNE BENEMÉRITO / MANUEL GONÇALVES MANDIM / 1-9-1968 / E GUILHERMINA LOPES BALAZEIRO / DOADORA DO TERRENO"	Vila do Conde
1968-70	Igreja de Santa Lucrecia do Louro	Restruturação e aumento da Igreja	Sim	Não	No piso da capela-mor está a seguinte inscrição: "BENZIDA EM 11.8.1968 / POR D. FRANCISCO MARIA DA SILVA AR/CEBISPO DE BRAGA / ESTA É A PRIMEIRA / PEDRA DA IGREJA MAN/DADA EDIFICAR PELO / COMENDADOR ARTHUR / CUPERTINO DE MIRANDA / E SUA ESPOSA D. ELZIRA CELESTE MAYA / CUPERTINO DE MIRANDA"  À entrada da igreja, as seguintes inscrições: "TEMPLO DO / SENHOR / AQUI SE ENCONTRAM / A ALEGRIA DA VIDA E A / PAZ DO CORAÇÃO / PRINCÍPIO E FIM DO CAMINHO DO CÉU / COM AMOR O OFERECEMOS AO POVO / DO LOURO / ELZIRA E ARTHUR / CUPERTINO DE MIRANDA / 1970"	Vila Nova de Famalicão

					“ESTE TEMPLO FOI BENZIDO POR SUA / EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA DOM / FRANCISCO MARIA DA SILVA, ARCEBISPO / PRIMAZ DE BRAGA NO DIA 28 DO MÊS DE/ JUNHO DO ANO DE 1970, SENDO PÁROCO / DA FREGUESIA O REVERENDO PADRE / GONÇALO ARAÚJO ABREU PINHEIRO”	
<b>1969</b>	Igreja de São Mateus de Oliveira	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	A antiga igreja, preservada no lugar de Soalhães, data de 1797, e é atualmente conhecida, como apresentado acima, como igreja de Nossa Senhora da Conceição.  Na fachada da igreja pode ler-se: “A FREGUESIA / DE SÃO MATEUS DE OLIVEIRA / CELEBROU OS VINTE E CINCO ANOS / DA / SAGRAÇÃO DESTA IGREJA / 23-06-69   23-06-94”   “A PARÓQUIA / DE SÃO MATEUS DE OLIVEIRA / CELEBROU OS CINQUENTA ANOS / DA / SAGRAÇÃO DESTA IGREJA / 23-06-69   23-06-19”	Vila Nova de Famalicão
<b>1969-85</b>	Igreja de São Martinho de Outeiro Maior	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	Na fachada da igreja pode ler-se: “O POVO DE OUTEIRO MAIOR / REJUBILA PELA CONSTRUÇÃO DESTA IGREJA FEITA COM / DEDICAÇÃO E SACRIFICIO / E REGISTA / ARQUITETA d. MARIA JULIA CORTE REAL E ENGENHEIRO / EÇA GUIMARÃES / BENÇÃO DA 1ª PEDRA / EM 7-9-1969 PELO REV PRIOR / DE VILA DO CONDE / PE PORFIRIO ALVES / SAGRAÇÃO E INAUGURAÇÃO / 22-9-1985 POR SUA EX <sup>CIA</sup> / REV <sup>MA</sup> D. EURICO DIAS NOGUEIRA / ARCEBISPO PRIMAZ DE BRAGA / SENDO PAPA SUA SANTIDADE / JOÃO PAULO II”	Vila do Conde
<b>1970</b>	Igreja de São Tiago da Carreira	Restruturação e aumento da Igreja	Sim	Não	-	Vila Nova de Famalicão

1971	Igreja de São Pedro de Pedome	Reestruturação e aumento da Igreja	Sim	Não	-	Vila Nova de Famalicão
1971-78	Igreja de Santa Leocádia de Fradelos	Edificação de uma nova Igreja	Não	Sim	Na fachada da igreja pode ler-se: "A COMUNIDADE CRISTÃ DE FRADELLOS / CONSTRUIU COM AMOR E DEDICAÇÃO ESTA IGREJA / E REGISTA COM JUBILO AS DATAS MAIS IMPORTANTES / BENÇÃO DA PRIMEIRA PEDRA 24-10-1971 / POR SUA EXª REV D. FRANCISCO MARIA DA SILVA / ARCEBISPO PRIMAZ / SAGRAÇÃO E INAUGURAÇÃO 24-10-1978 / POR SUA EXª REV D. EURICO DIAS NOGUEIRA / ARCEBISPO PRIMAZ"	Vila Nova de Famalicão
1973	Igreja de São Miguel da Lama	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	A antiga igreja, que foi preservada, data sensivelmente do século XV.  Sobre a porta principal da igreja "nova", está da data: "1973"	Santo Tirso
1974	Igreja de Santa Cristina do Couto	Edificação de uma nova Igreja	Não	?	Na fachada da nova igreja estão assinaladas várias datas: "1727" / "1862" / "1876" / "1974"	Santo Tirso
1974	Capela de São Vicente, Gavião	Demolição da Capela, em Famalicão, e edificação da atual em terreno que já pertence à freguesia de Gavião	Não	Sim	A capela antiga que advinha dos finais do século XIX foi demolida por conta do alargamento da Estrada Nacional 14.	Vila Nova de Famalicão
1974-80	Igreja de São Martinho de Pousada de Saramagos	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	A antiga igreja data de 1747 e é, atualmente, conhecida como capela de Santa Apolónia, por conta das festividades em sua honra que nela se realizam no domingo a seguir à Páscoa.	Vila Nova de Famalicão

<b>1975-81</b>	Igreja de Santa Maria de Nine	Reestruturação e aumento da Igreja	Sim	Não	<p>Junto à porta principal do templo há uma inscrição que data “1879” talvez o período em que a igreja se fez de novo. O ano de “1975” está inscrito na porta principal.</p> <p>No seu interior, numa placa comemorativa lê-se: “ESTE TEMPLO, AMPLIADO E RESTAURADO, / FOI BENZIDO POR SUA EXCELÊNCIA / REVERENDÍSSIMA DOM EURICO DIAS NOGUEIRA, / ARCEBISPO PRIMAZ, NO DIA 24 DE MAIO / DE 1981, SENDO PÁROCO DA FREGUESIA O / REV.º PADRE CARLOS ALBERTO DO REGO”</p>	Vila Nova de Famalicão
<b>1976</b>	Igreja de Santa Maria de Arnoso	Reestruturação e aumento da Igreja	Sim	Não	-	Vila Nova de Famalicão
<b>1976-78</b>	Capela de Santa Luzia, Requião	Edificação de uma nova Capela	Não	Não	<p>Na fachada da capela, há uma placa comemorativa onde se pode ler: “O ESPIRITO MAGNANIMO DO POVO DE DEUS DE / REQUIÃO LANÇOU OS ALICERCES DESTA CAPELA DA VIRGEM E MARTIR SANTA LUZIA / EM 23 DE OUTUBRO DE 1976 / A SUA BÊNÇÃO SOLENE E SAGRAÇÃO DO ALTAR / TIVERAM LUGAR NO DIA 1 DE OUTUBRO DE 1978 / SENDO OFICIANTE SUA EX.ª REV.ª O SENHOR / ARCEBISPO PRIMAZ D. EURICO DIAS NOGUEIRA”.</p>	Vila Nova de Famalicão
<b>1976-78</b>	Igreja de São Tiago de Gavião	Reestruturação e aumento da Igreja	Sim	Não	-	Vila Nova de Famalicão
<b>1976-78</b>	Igreja de Santa Eulália de Balasar	Restauro e aumento da Igreja	Sim	Não	Está a data de “1978” gravada na pedra do friso da porta principal.	Póvoa de Varzim
<b>1979</b>	Capela de Nossa Senhora do Alívio, Rio Mau	Edificação de uma nova Capela	Sim	Sim	<p>Na fachada do edifício pode ler-se: “CAPELA NOVA / DE / NOSSA SENHORA DO ALÍVIO / SEIXO RIO MAU / INAGURADA / POR / SUA EXª VERª SENHOR D. MANUEL / FERREIRA CABRA / BISPO AUXILIAR DE BRAGA / 1-7-1979”.</p>	Vila do Conde

					Já na fachada do edifício primitivo, está a seguinte inscrição: “NOSSA SENHORA / DO ALÍVIO Mandada / erigir por J. L. B. 1883”	
<b>1979-80</b>	Capela de Santo António do Ameal, Castelões	Reabilitação e aumento da Capela	Sim	Não	Por ocasião dos 300 anos da instituição da Confraria de Santo António de Castelões, o interior da capela foi alvo de intervenções. Assim, para além de ter sido retirado do antigo altar-mor, foi recuada uma das paredes da antiga sacristia, construindo-se uma nova.	Vila Nova de Famalicão
<b>1980</b>	Igreja de São Simão de Novais	Reestruturação da Igreja e construção da Torre Sineira separada do complexo da Igreja e unida a ela por um passadiço	Sim	Não	A data de 1720 gravada na ombreira da porta lateral norte indica, possivelmente, a reconstrução da igreja, alterada em 1980, conforme datação inscrita.	Vila Nova de Famalicão
<b>1980-93</b>	Igreja de Santo Adrião de Vila Nova de Famalicão	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	A antiga matriz de Vila Nova de Famalicão, do século XIX, foi restaurada entre 2014-2017.	Vila Nova de Famalicão
<b>1981-88</b>	Igreja do Divino Salvador de Gandarela	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	Foi preservada a antiga igreja, datada sensivelmente do século XIX.	Guimarães
<b>1982</b>	Igreja de São Martinho do Vale	Reestruturação e aumento da Igreja	Sim	Não	-	Vila Nova de Famalicão
<b>1982</b>	Igreja do Divino Salvador de Arentim	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	-	Braga
<b>1982</b>	Igreja de São João Baptista de Airão	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	A antiga matriz é atualmente reconhecida por capela de Nossa Senhora das Dores, por conta das festividades que em sua honra se fazem em torno deste templo.	Guimarães

					No interior da igreja pode ler-se: “NO ANO DA GRAÇA DE 1982 / AOS 18 DIAS DO MÊS DE SETEMBRO / SENDO SUMO PONTÍFICE O PAPA / JOÃO PAULO II / ARCEBISPO DE BRAGA / DOM EURICO DIAS NOGUEIRA E / PÁRACO (sic) DE SÃO JOÃO DE AIRÃO / JOAQUIM FERREIRA DE FARIA / FOI ESTA IGREJA SOLENEMENTE / BENZIDA POR DOM ANTÓNIO DE / CASTRO XAVIER MONTEIRO / ARCEBISPO-BISPO DE LAMEGO / E ILUSTRE FILHO DESTA TERRA”	
<b>1982</b>	Igreja de São João Baptista de Gondar	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	Foi preservada a antiga igreja, datada sensivelmente do século XVII e aumentada no século XVIII	Guimarães
<b>1982-87</b>	Igreja do Divino Salvador de Lemenhe	Restruturação e aumento da Igreja	Sim	Não	-	Vila Nova de Famalicão
<b>1982-88</b>	Igreja de São Martinho de Brufe	Edificação de uma nova Igreja	Não	Sim	<p>A igreja antiga datava dos séculos XVII-XVIII. A torre sineira foi preservada.</p> <p>Dentro da igreja pode ler-se: “DEDICAÇÃO DESTA IGREJA / 8 DE MAIO 1988 / POR / D. EURICO DIAS NOGUEIRA / ARCEBISPO DE BRAGA / E / D. JORGE ORTIGA / BISPO AUXILIAR”</p> <p>Na sacristia, há um quadro com as informações relativas à bênção da primeira pedra: “Aos nove do mês de Maio do ano de mil e novecentos e oitenta e dois, foi benzida a primeira pedra da NOVA IGREJA desta Paróquia de S. Martinho de Brufe do concelho de Vila Nova de Famalicão, Arquidiocese de Braga. Presidiu Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz, D. Eurico Dias Nogueira, estando também presentes o Senhor Presidente da Câmara, Antero Alexandre Martins; o Senhor Arcipreste, Cónego Joaquim</p>	Vila Nova de Famalicão

					Fernandes, assim como o Senhor Dr. Horácio Trovisqueira Jácome, a quem a Paróquia agradece a generosa oferta do terreno. Presentes ainda as Comissões da IGREJA NOVA e o Reverendo Padre Arquitecto Manuel Rodrigues Gonçalves, autor do projecto, assim como a quase totalidade dos Paroquianos, destacando-se o Grupo Coral e os grupos dos “Mais Novos” e dos “Jovens” que colaboraram na Celebração, bem como o Pároco, Padre Joaquim da Silva Lopes”.	
<b>1983</b>	Igreja de São Martinho de Sequeirô	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	Na fachada da igreja pode ler-se: “ESTA IGREJA FOI BENZIDA / E INAUGURADA EM 31-7-1983 / POR SUA EXA. REV. D. / EURICO DIAS NOGUEIRA / ARCEBISPO PRIMAZ DE / BRAGA”	Santo Tirso
<b>1983-90</b>	Igreja do Divino Salvador de Bente	Edificação de uma nova Igreja	Não	Sim	A antiga igreja datava de 1887.  Na placa comemorativa pode ler-se: “SAGRAÇÃO E BÊNÇÃO / 5-8-90 / P/ D. EURICO DIAS NOGUEIRA / ARCEBISPO PRIMAZ”	Vila Nova de Famalicão
<b>1984</b>	Capela do Senhor dos Passos, Arnoso (Santa Maria)	Edificação da Capela	-	-	Edificou-se após a instituição da Confraria do Senhor dos Santos Passos, em 1982.  Junto da capela, está uma placa onde se pode ler: “HOMENAGEM DA PARÓQUIA DE ARNOSO / SANTA MARIA A AIRES PINTO BARBOSA DE / FARIA PELA DOAÇÃO DO TERRENO PARA / A EDIFICAÇÃO DESTE CALVÁRIO. A MANUEL / OLIVEIRA FARIA PRIMEIRO IMPULSIONADOR / DAS SOLENIDADES DO SENHOR DOS PASSOS / NESTA PARÓQUIA”	Vila Nova de Famalicão
<b>1986-87</b>	Capela de Nossa Senhora do Desterro, Santiago de Bougado	Reestruturação e aumento da Capela	Sim	Não	-	Trofa

<b>1988</b>	Igreja de São Cristóvão de Selho	Edificação de uma nova Igreja	Não	Não	A antiga, edificada no século XVIII, sofreu um incêndio que destruiu, por completo, o seu interior, datado de 11 de outubro de 1934. O culto passou então, cerca de um ano depois, para a capela da Casa do Ribeiro (capela de São Domingos), até ao ano de 1954, altura em que conseguiram, finalmente restaurar a igreja. Mas o aumento populacional, associado à sensível estrutura paroquial que não permitia um aumento digno, resultou na demolição do edifício e edificação do atual.	Guimarães
<b>1988-92</b>	Igreja de São Martinho de Dume	Aumento da Igreja	Sim	Não	O traço primitivo da igreja é maneirista, embora tenha sido aumentada e reestruturada no século XVIII. Debaixo do edifício, está o núcleo museológico de São Martinho de Dume, que tem posto a descoberto as ruínas da primitiva Basílica edificada no local cujo traço primitivo data, sensivelmente, do século VI.	Braga
<b>1989-91</b>	Igreja de Santa Cristina de Serzedelo	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	-	Guimarães
<b>1990 ~</b>	Capela de Santa Tecla, Oliveira (Santa Maria)	Edificação de uma nova Capela	Não	Sim	A antiga capela dataria do século XVIII.	Vila Nova de Famalicão
<b>1990</b>	Capela de Nossa Senhora da Livração, Santiago de Bougado	Restruturação e aumento da Capela	Sim	Não	-	Trofa
<b>1992</b>	Igreja de São Cosme e São Damião da Vale	Aumento da Igreja	Sim	Não	-	Vila Nova de Famalicão
<b>1993</b>	Igreja de São Martinho de Bougado	Edificação de uma nova Igreja	Sim	Sim	-	Trofa
<b>1995</b>	Igreja da Santíssima Trindade, Ferreiró	Aumento da Igreja	Sim	Não	A igreja matriz de Santa Marinha de Ferreiró, esteve em ruínas desde finais do século XIX até meados dos anos 60 do século XX. Por ser um templo pequeno, serviu-se a população da capela da Santíssima Trindade que	Vila do Conde

					<p>atualmente, e desde a entrada no estado de ruínas da igreja matriz, serve de espaço paroquial por excelência. A igreja matriz está restaurada, mas com culto pontual e não semanal como a igreja da Santíssima Trindade.</p> <p>Na fachada da igreja da Trindade, sobre a porta principal podem ler-se as seguintes inscrições: “1870 / S. S. TRINDADE / MUSTEIRO MANDADO EDEFICAR POR / ANTONIO JOSE DA COSTA LIAL / Filho d’esta freguezia e falecido no Paraty, / Imperio do Brazil, e ampliada pela freguezia em 1995”.</p> <p>“SENDO ESTA IGREJA AMPLIADA / E ACTUALIZADA FOI SOLENEMENTE / BENZIDA POR SUA EX. REV.ª SNR. / DR. EURICO DIAS NOGUEIRA ARCEBISPO / PRIMAZ DE BRAGA AOS / 17-09-1995 / FERREIRÓ AGRADECIDO.”</p>	
<b>1996</b>	Capela de Santa Eufémia, Alvarelhos	Restruturação e aumento da Capela	Sim	Não	Sobre a porta principal da capela pode ler-se: “REFORMADA 1899 / AMPLIADA 1996 / OBRAS DOS DEVOTOS DE AMOR E GRASA / QVE SANTA HVFEMIA PAGA 1728”	Trofa
<b>1996</b>	Capela de São Gens de Cidai, Santiago de Bougado	Restruturação e aumento da Capela	Sim	Não	A capela foi primitivamente edificada entre 1950-51 e aumentada devido à afluência de fiéis devotos.	Trofa
<b>1997-98</b>	Igreja de São Mamede de Ribeirão	Aumento da Igreja	Sim	Não	No interior do templo, há uma placa comemorativa onde se pode ler: “ESTA IGREJA DE S. MAMEDE DE RIBEIRÃO, / AMPLIADA E RESTAURADA COM A PARTICIPAÇÃO / GENEROSA DOS PAROQUIANOS, FOI DEDICADA POR / D. EURICO DIAS NOGUEIRA, ARCEBISPO PRIMAZ / EM 29 MARÇO DE 1998, SENDO O PÁROCO / O PADRE MANUEL JOAQUIM CARVALHO FERNANDES”	Vila Nova de Famalicão

1999-2003	Igreja de São Miguel-o-Anjo, Calendário	Edificação de uma nova Igreja	Não	Não	Na fachada do edifício pode ler-se: "Esta Igreja foi dedicada a S. Miguel-O-Anjo, / no dia 20 de Setembro de 2003, / por Sua Excelência Revmo. Senhor D. Jorge Ortiga, / Digníssimo Arcebispo Primaz de Braga."	Vila Nova de Famalicão
-----------	--	----------------------------------	-----	-----	---	---------------------------

## Apêndice 11 – As Obras Paroquias da área (anos 1970-1990)

A freguesia de Oliveira (São Mateus) contribuiu também para que, no século XX, fosse edificada uma nova igreja paroquial. No entanto, preservou a antiga, no lugar de Soalhões, nome pelo qual foi, durante séculos, conhecida esta comunidade. Quanto à antiga matriz, atualmente reconhecida como igreja de Nossa Senhora da Conceição<sup>269</sup>, diz-se ter sido edificada no ano de 1767 por conta da gravação no lintel da porta principal<sup>270</sup>. No entanto, e fruto desta investigação, aponta-se mais esta data como ano de início de construção, uma vez que a provisão para a bênção desta mesma igreja data já de 1799<sup>271</sup>. De qualquer das formas, é uma igreja do século XVIII<sup>272</sup>. Quanto à nova obra, de referir que se insere num conjunto de diversas infraestruturas edificadas na freguesia nos finais dos anos 60 e princípios dos anos 70 por iniciativa de Raul Ferreira (1895-1974)<sup>273</sup>, Conde de Riba d’Ave, que cedeu duas quintas de sua propriedade à freguesia de São Mateus para que nesses terrenos fosse traçada uma nova urbanização – o Bairro do Quinteiro<sup>274</sup>.

Nos anos 70, foi tempo de ser a freguesia de Fradelos edificar a sua nova igreja paroquial. Para isso, foi escolhido um novo local, num terreno situado naquela que era a retaguarda da antiga igreja (Veja-se Figura 1) e aí iniciaram as obras de acordo com um projeto de Adérito de Barros e Pedro Bernardes. Projeto esse iniciado na década anterior, plausível pela reportagem do *Notícias de Famalicão* de 28 de abril de 1961 que apresentava já a *Maquette da Igreja Nova de Fradelos*<sup>275</sup>. No entanto, o antigo centro de culto de Fradelos só foi totalmente demolido depois de ser possível celebrar na nova,

---

<sup>269</sup> É reconhecida como igreja de Nossa Senhora da Conceição por ser em sua honra que se celebram, nesse mesmo local, as festividades do dia 8 de dezembro com missas e procissão em honra da Imaculada Conceição da Virgem.

<sup>270</sup> Na pilastra sudeste do edifício está a seguinte inscrição: “1797-1897 / A 19 DE SETEM/BRO DE 1897 FES/TEJOU-SE O 1.º / CENTENÁRIO DA / EDIFICAÇÃO / DESTA EGREJA”

<sup>271</sup> Arquivo Distrital de Braga – *Provisão para bênção da Igreja de São Mateus de Oliveira, a favor de Mateus Moreira, da dita freguesia (1779)*. Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1293035>

<sup>272</sup> A torre sineira é mais tardia, tendo sido erguida nos anos 20 do século XX (Martins Vieira, 2000, p. 132).

<sup>273</sup> Raul Ferreira era filho de Narciso Ferreira (1862-1933), um dos mais célebres empresários portugueses e impulsor das instalações têxteis no Vale do Ave. Ao passo que o seu pai foi um dos grandes custeadores da obra paroquial de São Pedro de Riba d’Ave, já aqui apresentada; Raul cedeu terrenos e custeou grande parte das obras de São Mateus – tanto da urbanização, como da igreja.

<sup>274</sup> “Segundo notícia recente publicada neste jornal, vão construir-se alguns bairros nos terrenos cedidos generosamente pelo Sr. Conde de Riba de Ave aos seus empregados, levantando-se ao lado uma nova igreja” – Costa, Pe. Avelino Jesus da (1958). *A Freguesia de S. Mateus de Oliveira foi criada em 1085*. Notícias de Famalicão, 22 de agosto de 1958, p. 1.

<sup>275</sup> 1961. *Maquette da Igreja Nova de Fradelos*. Notícias de Famalicão, 18 de abril de 1961.

e atual igreja; embora se saiba que as obras dos espaços adjacentes se tenham prolongado pelos anos seguintes<sup>276</sup>.

“No ano de 1981 foi demolida após a construção da nova Igreja. As razões da sua demolição foram a falta de um estilo definido, sendo bastante inestética (...). Após a hipótese de a transformar em Salão Paroquial, optou-se pela sua demolição, aproveitando tudo o que tivesse de valor. As pedras em granito foram aproveitadas para fazer a capela do Senhor dos Passos, para a frente do novo Salão Paroquial e levantar um muro à volta do Adro” (Velo, 1993, p. 13).



**Figura 1** – Antiga Igreja Paroquial de Santa Leocádia de Fradelos  
Fonte: Serafim Sá

Os anos 70 foram ainda marcados, por exemplo, pela transladação da capela de São Vicente, em Famalicão, para a freguesia de Gavião, por conta do alargamento da Estrada Nacional 14 proposto para aquela mesma área<sup>277</sup>. Desta década destaca-se ainda a

---

<sup>276</sup> “Após a sagração da Igreja Nova, as obras continuaram. Os anexos ainda não estavam terminados. E, ao longo dos anos seguintes, continuaram as obras, embora dentro da Igreja se dessem por terminadas (...). As forças da Paróquia, após a sagração, voltavam-se todas para a construção do Salão Paroquial” (Velo, 1993, p. 19).

<sup>277</sup> No ano de 2005, Alcino Monteiro entrevistou o antigo Arcipreste de Vila Nova de Famalicão, Monsenhor Joaquim Fernandes a respeito da mudança da capela; e da sua entrevista destaca-se o parecer o presbítero: “Quando eu fui para a paróquia de Santo

edificação da nova capela de Santa Luzia<sup>278</sup>, em Requião, cuja devoção remonta – pelo menos – ao século XVII, dado que os clamores que em torno desta ermida se rezavam aparecem já referenciados como ritual antigo em 1706, pela *Corografia Portuguesa* do Pe. Carvalho da Costa<sup>279</sup>, e novamente documentados na memória paroquial de 1758<sup>280</sup>. A par desta, e sem que demolições ocorressem, enfatiza-se a construção da nova igreja de São Martinho de Pousada de Saramagos. À antiga, que data do século XVIII<sup>281</sup>, tinha sido adossada uma torre sineira em 1960; mas dada a exígua área do edifício setecentista, com cada vez mais dificuldades em dar resposta às necessidades demográficas da freguesia, houve a necessidade de edificar uma nova e mais ampla igreja, inaugurada a 8 de dezembro de 1980<sup>282</sup>.

Mas houve também casos em que as igrejas paroquiais foram aumentadas, como é o caso da freguesia de Vale (São Martinho). Da primitiva, presume-se que tenha sido edificada nos finais do século XVII, dado que no umbral da porta principal do templo se vê a inscrição de “1699”. Mas em razão do aumento demográfico constante que esta freguesia sofreu, como outras, no século XX, houve a necessidade de intervir arquitetonicamente no templo, derrubando as paredes laterais da nave e estendendo as áreas onde os fiéis se reúnem<sup>283</sup>.

---

Adrião, em Janeiro de 1946, realizava-se ali, no S. Vicente da Bandeirinha, uma grande festa e foi por isso que teve que se mudar a capela. Vinha-se em procissão da antiga Igreja Matriz, com o andor, para o S. Vicente e ao chegar ali havia missa. Como a capelinha era muito pequenina, a missa era celebrada no exterior e o povo atrancava a estrada Porto-Braga toda. Então as autoridades começaram a pegar comigo dizendo que não podíamos interromper a estrada (...). Quando anunciaram que tinham que alargar a estrada eu disse que ia estudar o problema e ver o que é que se ia fazer (...). A solução era a transferência de local” (Monteiro, 2005, p. 10).

<sup>278</sup> Sobre ela se escreveu: “num gesto de respeito pela capela antiga, o soco da nova foi feito com as pedras da antiga capela” (Guimarães, 1980, p. 11).

<sup>279</sup> Nos princípios do século XVIII, o Pe. Carvalho da Costa referiu que a paróquia de Requião: “tem huma Capella de Santa Luzia, a que as Freguesias vizinhas vem por voto antigo com clamores nas Ladainhas de Mayo” (Carvalho da Costa, 1706, p. 328).

<sup>280</sup> A memória paroquial de Requião elucida-nos que “a capella de Sancta Luzia antiguíssima (...) tem três romagens de grande concurso de povo, huma no dia da Sancta a treze de Dezembro, outra na primeira Oitava do Natal a vinte e sei do mesmo, em que há feira somente de ourives, tendas e chapéos e outra em véspera da Ascenção de Nosso Senhor, que hé a maior romagem a que concorrem em procissão todas as freguezias vezinhas e circunvizinhas e algumas de mais de huma légoa” (ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Requião, Vermoim, vol. 31, n.º 70, ff. 392-393).

<sup>281</sup> ADB, *Provisão e mais requerimentos para se benzer a igreja da freguesia de São Martinho de Pousada, a favor dos moradores da dita freguesia (1744)*. Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1287635>

<sup>282</sup> A antiga é agora (re)conhecida como capela de Santa Apolónia, por conta de ser este o espaço devocional por excelência daquela que é uma das maiores festividades do concelho famalicense, que ocorrem anualmente no fim-de-semana seguinte ao domingo de Páscoa.

<sup>283</sup> Tal como escrito num trabalho de José Carlos Barroso: “em 1982, sofreu uma considerável transformação com um conseqüente e significativo aumento de espaço e de dignidade do templo, sendo architecto o Dr. Manuel Gonçalves. Foram obras de ampliação, restauro e remodelação. Para a implantação das obras utilizaram-se terrenos do adro (...). Na organização dos espaços interiores, conseguiu-se uma maior aproximação da assembleia litúrgica dos polos de celebração, pela remoção de duas paredes, que transformou o comprimento do antigo templo em largura do actual” (Barroso, 1992, p. 3).

O caso muda de figura quando nos debruçamos nas obras de São Martinho de Brufe, cuja igreja de arquitetura tradicional, balizava-se cronologicamente entre os séculos XVI-XVII (Figura 2). A torre sineira – a única estrutura da antiga igreja que “sobreviveu” à obra – foi edificada numa época posterior e é obra de meados do século XIX. Caso semelhante aconteceu, como já descrito, na freguesia de Joane, sendo a torre sineira da antiga igreja o único elemento não demolido nas obras, que passou então a ser tido como um local de memória, tal como em Brufe. A bênção da primeira pedra ocorreu em 1982 e, decorridos seis anos, foi solenemente inaugurada em 1988<sup>284</sup>.



**Figura 2** – Antiga Igreja Paroquial de São Martinho de Brufe

Fonte: <https://famalicaopub.bibliopolis.info/OPAC/Register/Index/83d55799-bc2b-413e-ba40-cbf9a08e4717>

Também no vizinho concelho de Guimarães se realizou, nos anos 80, uma sumptuosa obra que culminaria na inauguração da nova igreja de São Cristóvão de Selho. A antiga,

---

<sup>284</sup> No interior da igreja de São Martinho de Brufe há uma placa comemorativa onde está inscrito: “DEDICAÇÃO DESTA IGREJA / 8 DE MAIO 1988 / POR / D. EURICO DIAS NOGUEIRA / ARCEBISPO DE BRAGA / E / D. JORGE ORTIGA / BISPO AUXILIAR”.

que advinha do século XVIII<sup>285</sup>, sofreu um incêndio a 11 de outubro de 1934<sup>286</sup>. Desde aí, serviram-se de uma capela privada para os ofícios litúrgicos, enquanto reuniam esforços para restaurar a igreja; o que conseguiram cerca de vinte anos depois, em 1954. Mas, mais uma vez dado o avanço demográfico, “começou-se a pensar então em ampliar a Igreja (...). Mas, o parecer dos técnicos foi peremptório afirmando que: as paredes calcinadas não ofereciam a devida resistência para qualquer ampliação, nem à volta da igreja existiam grandes espaços livres, nem possibilidade de os adquirir” (Dinis, 2000, p. 15). Sendo assim, a antiga matriz de São Cristóvão foi demolida e, nos terrenos adjacentes, foi edificada a atual, inaugurada a 18 de setembro de 1988.

Quanto à freguesia de Bente, já novamente no concelho de Vila Nova de Famalicão, sabe-se que a anterior igreja datava de 1887 e que, ao redor desta, se desenvolvia o cemitério paroquial. Não chegou a comemorar, sequer, um centenário pois, nos anos 80, foram iniciadas as obras que acabariam por demolir o edifício e, no seu preciso lugar, edificar uma nova igreja, mais alta e mais ampla; embora se saiba que o propósito inicial passaria apenas por uma remodelação da matriz paroquial (Abreu & Teles, 2009, p. 17). A nova igreja foi sagrada e benzida, conforme informação da placa comemorativa, no dia 5 de agosto de 1990<sup>287</sup>, véspera do dia do Padroeiro, o Divino Salvador.

Como obra dos anos 90 do século passado, nos arredores de Vila Nova de Famalicão destacam-se, sinteticamente, quatro: a edificação da nova capela de Santa Tecla, o aumento da capela da Santíssima Trindade, em Ferreiró, a inauguração da igreja de Santa Cristina de Serzedelo e o aumento da Capela de São Gens de Cidai. Assim, explicar que as freguesias envolventes a Oliveira (Santa Maria) veneram, pelo menos desde o século XVIII, Santa Tecla no alto do monte homónimo. Isto porque data de 1755, a provisão para a bênção da capela<sup>288</sup> dedicada àquela que é tida como a protomártir

---

<sup>285</sup> A este propósito, descrever que Juvenal Dinis, através do seu estudo sobre São Cristóvão de Selho, chegou a um documento datado de 1842 que garante “A igreja desta freg<sup>ª</sup> foi reedificada ha 56 anos no m.<sup>mo</sup> sítio da antiga” (Dinis, 2000, p. 13), o que nos permite auferir que a Igreja dataria, sensivelmente de 1786.

<sup>286</sup> Sobre este assunto escreveu o mesmo Juvenal Dinis: “ficaram apenas as paredes, completamente calcinadas, a mostrar que tinha sido erguida em épocas sucessivas e que não havia qualquer estilo característico” (Dinis, 2000, p. 14).

<sup>287</sup> Na placa comemorativa pode ler-se: “SAGRAÇÃO E BÊNÇÃO / 5-8-90 / P/ D. EURICO DIAS NOGUEIRA / ARCEBISPO PRIMAZ”

<sup>288</sup> ADB, *Registo de Provisão de bênção de licença a favor do Padre Prior do Mosteiro de São Vicente de Fora, unido ao de Santa Maria de Oliveira, para se benzer a Capela de Santa Tecla, sita na freguesia de Santa Maria de Oliveira (1755)*. Consultado a partir de: <http://pesquisa.adb.uminho.pt/details?id=1274354>

entre as mulheres. Continua a ser alvo de grande devoção; no entanto, é em honra do Senhor dos Santos Passos que se desenvolve uma das maiores, mais emotivas e mais concorridas procissões do concelho de Vila Nova de Famalicão. Dada a importância devocional deste local e a incapacidade de acolher as centenas de devotos que, bianualmente, participam nas Solenes Procissões dos Passos nesta paróquia, houve a necessidade de reedificar a capela.

Já no concelho de Guimarães, na freguesia de Serzedelo, que confronta a oeste com freguesias famalicenses, foi tempo de se procurar edificar uma nova igreja que pudesse dar resposta às necessidades espirituais e demográficas da crescente freguesia. Assim, e uma vez que a igreja de Santa Cristina, monacal e românica, foi classificada como monumento nacional em 1927, não podiam – de forma alguma – “desfazer-se” do importante edifício. Serviram-se, então, de um terreno adjacente e inauguraram uma nova matriz no dia 22 de dezembro de 1991. Daqui se ressalva um aspeto arquitetónico interessante, dado que houve um cuidado na “relação com a igreja românica, a fim de não destruir a sua «escala» e a sua envolvente” (Andrade, 1996, p. 15).

Na freguesia de Santa Marinha de Ferreiró, já no concelho de Vila do Conde, mas geograficamente muito próxima da área sul do município famalicense, ocorreram duas grandes obras que merecem destaque neste trabalho. Sabe-se que a igreja matriz desta freguesia, datada sensivelmente do século XVII<sup>289</sup>, entrou em ruínas no último quartel do século XIX<sup>290</sup>. Abandonada a igreja, serviu-se a comunidade da capela da Santíssima Trindade, cuja devoção local já existia, pelo menos, desde o século XVIII, dada a referência encontrada na memória paroquial de 1758<sup>291</sup>. No entanto, o traço

---

<sup>289</sup> Segundo a memória paroquial de 1758, a descrição devocional da igreja era a seguinte: “Tem o Altar Mayor com a Imagem da Padroeira e da parte direita a do Milagrozo Santo Antonio, e da Esquerda a do Milagroso São Francisco Xavier. Tem dous altares colaterais e da parte direita tem a Imagem da Senhora do Rozario e da Esquerda a do Martir S. Sebastião” (ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Ferreiró, Faria, vol. 15, n.º 55, f. 360).

<sup>290</sup> Isto porque o Inquérito ao Arciprestado de Vila Nova de Famalicão, em 1845, garante que a igreja estava “segura e decente” (Cardoso, 2021, p. 304). No *Arrolamento e inventário de todos os bens pertencentes á Egreja Parochial da freguesia de Ferreiró*, datado de 1911, pode ler-se na página 2: “egreja em estado de ruinas com um pequeno adro, sita no logar da Egreja”

<sup>291</sup> Refere a memória paroquial de Ferreiró que “tem esta freguezia huma Capella com as Imagens da Santissima Trindade (...) faz-se sermão e missa cantada no seu dia, não acodem a ella romagens fora do tal dia” (ANTT, Memórias Paroquiais, Dicionário Geográfico, Ferreiró, Faria, vol. 15, f.º 55, p. 360).

arquitetónico atual data do século XIX, mais concretamente de 1870<sup>292</sup>. O certo é que, nos anos sessenta, e por iniciativa do Pe. Alceu Carlos da Silva, a igreja matriz de Ferreiró<sup>293</sup> foi totalmente restaurada<sup>294</sup>. Porém, e dadas as características limitadas do espaço, o culto paroquial continuou reservado à capela da Santíssima Trindade, aumentada a expensas da freguesia no ano de 1995<sup>295</sup>. O curioso deste aumento é o facto de o frontispício da nave ter sido avançado alguns metros para a frente, justificando-se assim o desalinhamento em relação à torre sineira. Caso semelhante já tinha ocorrido na antiga matriz de São Martinho de Bougado, em 1916, ou na circunvizinha igreja de Santa Maria de Bagunte, em 1950.

Por fim, e já no vizinho concelho de Trofa, deve ser referido que foram várias as obras paroquiais que se desenvolveram no século XX, mas a que aqui se destaca é a obra de São Gens, situada no topo do monte de Cidai, em cujo panorama se observam várias freguesias da área mais sul do concelho de Vila Nova de Famalicão, com destaque para Ribeirão, Fradelos, Vilarinho das Cambas, Lousado ou Esmeriz. O lugar de Cidai, na freguesia de Santiago de Bougado, era marcado por uma tradição antiquíssima que garantia que, no topo daquele monte, tinha existido uma ermida dedicada ao mártir, São Gens. Por conta desse legado transmitido geracionalmente e que alguns documentos da Época Moderna dão conta, foi publicada – em 1920 – uma notícia no jornal *O Trofense* relativa à antiquíssima ermida de São Gens que outrora tinha existido no alto do Monte de Cidai. Anos mais tarde, e dado que a reportagem publicada garantia que existiam vestígios arqueológicos que ajudavam a comprovar a existência da antiga ermida, os Escuteiros de São Martinho de Bougado, reuniram um grupo que, nas suas investigações, descobriu fragmentos de telhão romano que, certamente, havia servido

---

<sup>292</sup> Sobre a porta da principal do templo da Santíssima Trindade pode ler-se: “1870 / S. S. TRINDADE / MUSTEIRO MANDADO EDEFICAR POR / ANTONIO JOSE DA COSTA LIAL / Filho d’esta freguezia e falecido no Paraty, / Imperio do Brazil, e ampliada pela freguezia em 1995”.

<sup>293</sup> Para o local foi trasladado o Retábulo das Almas, oriundo daquele espaço, mas que havia sido levado para a Santíssima Trindade, bem como alguma imaginária, com destaque para as imagens de Santa Marinha e Coração de Maria, imagens do século XVII.

<sup>294</sup> Na sacristia da igreja de Santa Marinha, há um quadro com a fotografia do Pe. Alceu onde está escrito “Padre Alceu Carlos da Silva – último pároco que residiu nesta Freguesia de Ferreiró desde 01.10.1961 a 30.01.1971 (Ad Perpetuam Memoriam)”.

<sup>295</sup> Na fachada principal do templo da Santíssima Trindade há uma placa comemorativa onde se pode ler: “SENDO ESTA IGREJA AMPLIADA / E ACTUALIZADA FOI SOLENEMENTE / BENZIDA POR SUA EX. REV.ª SNR. / DR. EURICO DIAS NOGUEIRA ARCEBISPO / PRIMAZ DE BRAGA AOS / 17-09-1995 / FERREIRÓ AGRADECIDO”.

de cobertura à antiga ermida<sup>296</sup>. A partir daí, compôs-se uma comissão de obras que visava reedificar a ermida perdida. Assim, a 21 de maio de 1950, realizou-se solenemente a bênção da primeira pedra daquela que viria a ser apelidada de capela-monumento e, volvidos cerca de dezasseis meses, foi solenemente inaugurada a 23 de setembro de 1951 pelo Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. Manuel Cerejeira – já aqui mencionado por ter igualmente inaugurado a igreja de Santa Marinha de Lousado, sua terra natal. O sucesso da obra fez renascer a devoção a São Gens, não só na área daquele que viria a ser o concelho da Trofa, mas também nos municípios vizinhos, principalmente em Vila Nova de Famalicão, dedutível pelas dezenas de notícias e reportagens publicadas nos semanários locais que iam descrevendo o avanço das obras, tecendo os mais formosos elogios ao empenho das gentes na estruturação da capela de São Gens (Figura 3).

“S. Gens de Cidai!... Quem diria que após tantos e longos anos de ausência, se voltaria a erguer, neste lugar, uma linda capelinha da sua invocação! Quem diria que este local viria a ser o ponto de concentração de muitos milhares de pessoas que anualmente sobem o monte e vê depositar aos pés do Santo da Alegria, do Advogado das doenças perigosas, desse grande Mártir, as suas flores, que mais não são que orações, votos, e, quantas vezes, lágrimas!...”<sup>297</sup>

“Cidai, a mais antiga povoação dos arredores (...) orgulha-se, de possuir, no seu meio, o mais humilde dos Santuários, mas também a melhor joia que jamais conhecemos no nosso lindo Portugal”<sup>298</sup>

---

<sup>296</sup> “Lá no alto do monte acabariam por descobrir fragmentos de «telhão romano», um material normalmente usado para cobertura. E logo ficaram com a quase certeza de que aquele pedaço de cerâmica teria pertencido à tal ermida desaparecida” (Ferreira, 2004, p. 23).

<sup>297</sup> *Jornal de Famalicão*, 19 de setembro de 1953, p. 4.

<sup>298</sup> *Jornal de Famalicão*, 20 de setembro de 1952, p. 2.



**Figura 3** – Capela de São Gens de Cidai aquando da sua inauguração (1951).

Fonte: (Ferreira, 2004, p. 90)

Mas o que aqui se quer destacar é, não só a obra inicial que trouxe consigo o ressurgimento do culto ao mártir, mas as obras de ampliação que a capela sofreu nos anos 90 do século passado. Deveu-se à ação do Pe. Armindo Gomes, antigo pároco de Santiago de Bougado, a evolução da obra. Foi ele o responsável pelo restauro e ampliação da capela, em 1996, que cada vez mais se mostrava exígua para dar resposta aos fiéis que deste edifício se serviam para assistirem às cerimónias do culto divino, festividades e romagens em honra do São Gens de Cidai. Posteriormente, e de modo a engrandecer o Santuário, encomendou ainda o escadório e cruzeiros da Via-Sacra, em 1998.

## **Apêndice 12 – Orçamento do Altar-Mór com aproveitamento da talha (1959)**

Casa Arte Cristã | J. Vieira da Fonseca, Braga  
Pinturas, Douramentos e Obras de Talha

Braga, 6 de Abril de 1959

Rev.mo Snr. Pe Joaquim Alcino de Azevedo

Vilarinho das Cambas

### ORÇAMENTO

Custa a reconstrução de um altar-mór aproveitando todas as peças entalhadas existentes da antiga capela-mór da igreja paroquial, consertadas todas as peças necessárias, sua adaptação à proporção do altar-mór, dentro do arco indicado no desenho que incluso, nas medidas aproximadas de 6,20 x 4,20, trabalho nas devidas condições de segurança e acabamento | arranjo da cúpula existente no sacrário com duas colunas para formar um baldaquino de linhas simples, cerca de Esc ... 16.500\$00 a 18.500\$00.

O transporte das peças de talha para as minhas oficinas, será de minha conta.

Neste preço não está incluído a execução das portas laterais da parede do arco e seus adornos; supedâneo em pinho e escadas de acesso à placa do camarim; execução da placa em cimento para assentar o camarim e altar-mór e algum barrotamento de eucalipto ou carvalho para fixação do altar; alimentação e dormida durante a montagem, cerca e 12 a 15 dias a um operário.

Fico aguardando as muito prezadas ordens de V<sup>ª</sup> Rev.

Muito Atentamente e Obrg<sup>º</sup>.

Luís Filipe Fonseca

## **Apêndice 13 – Primitivo Projeto para o Altar-Mor (1959)**

Casa Arte Cristã | J. Vieira da Fonseca, Braga

Pinturas, Douramentos e Obras de Talha

Braga, 6 de Abril de 1959

Rev.mo Snr. Pe Joaquim Alcino de Azevedo

### Vilarinho das Cambas – Famalicão

#### EXECUÇÃO DO ALTAR-MÓR E SEU ARRANJO NA CAPELA-MÓR, PAVIMENTO E ADORNOS

1 – Incluso a planta da capela-mór na escala de 1/20, a área da capela-mór é de 8,15 x 7,00, excepto a espessura do arco-cruzeiro que indiquei naquela planta, aproximada com 0,40, bem como o fecho do mesmo, mas que nada influe (*sic*) para a composição da capela-mór, visto que já está executado e se pode verificar-se no local.

2 – O pavimento poderá ser em soalho, tacos ou outra matéria a combinar. Junto ao arco-cruzeiro, poderia levar um degrau na altura aproximada de 0,18 de altura em pedra ou madeira, mas elevará o pavimento e as soleiras das portas já ficam mais baixas, neste caso teriam um degrau á saída das portas da sacristia e de acesso dos homens, que era o próprio pavimento mais elevado; pondo de parte o degrau, no arco-cruzeiro desaparece este pormenor.

3 – Entre a janela e as portas teremos três degraus, a toda a largura da capela-mór, também executados em pedra, mármore ou madeira, dicando a nascer além do apilarado da porta cerca de 0,28; cada degrau terá 0,25 a 0,28 de fundo por 0,18 de alto, ficando assim o segundo plano do pavimento a 0,54 de altura, do primeiro, mas este poderá ter um pequeno desnível entre os degraus e o arco para o escoamento das águas quando da limpeza.

4 – O espaço entre o altar (excepto a mesa) aos lados para a celebração da missa solene, é de cerca de 1,80 a 2,00.

5 – Entre a parede do fundo da capela-mór e os degraus, levará uma parede em tijolo formando um novo arco que vai indicando no desenho em papel vegetal, ficando desviado da parede cerca de 1,60, junto à abertura do arco levará em cimento um apilarado c/ soco e cornija na espessura e largura proporcionada com o técnico melhor entender, contudo as proporções aproximadas vai indicado no referido desenho que segue a escala de 1/20. Aos lados terá duas aberturas para a colocação das portas de acesso ao trono, de 2,00x0,60 excepto a largura dos apilarados. A execução das portas ficará a cargo dessa freguesia.

6 – Pelo m/ encarregado de marcenaria quando da colocação do altar-mór será necessário a construção de uma placa de cimento para a montagem do camarim onde assenta quási todo o altar, conforme indicação a fornecer e fica a cargo dessa freguesia.

## **Apêndice 14 – Projeto para o Altar-Mor (1959)**

Casa Arte Cristã | J. Vieira da Fonseca, Braga

Pinturas, Douramentos e Obras de Talha

Braga, 7 de Abril de 1959

Rev.mo Snr. Pe Joaquim Alcino de Azevedo

### Vilarinho das Cambas – Famalicão

Rev.mo Senhor e Ex.mo Amigo.

Os meus mais respeitosos cumprimentos.

Peço desculpa de tanta demora, porém uma gripe que nos vem apoquentando não me tem permitido dar eficiência aos meus serviços e deste modo o atrazo no envio da planta e desenho, que, nesta dará fiz seguir como amostra pelo correio, e que submeto à apreciação.

Também incluso uma nota descritiva da composição da capela-mór em que menciono algumas medidas principais, contudo no caso da execução e conforme expus seria conveniente num dia a indicar por V<sup>a</sup> Rev. juntar os artistas de cada especialidade e ali assentarmos em definitivo quanto a pormenores, antes de dar qualquer princípio para que não surjam dificuldades de qualquer parte. Segue também o desenho do arco para a construção da parede em tijolo onde o altar-mór ficará introduzido; tanto este como a planta-baixa, seguem em escala de 1/20.

Junto o orçamento para a execução da marcenaria e talha, descriminando qual a parte que ficará de conta dessa freguesia, para o altar-mór; quanto à pintura e douramento não indiquei qualquer orçamento visto que só depois da construção puderia fornecer e calcular mais exacto, embora na prática seja calculado cerca de outra tanta despesa para os lisos em pintura e a talha a ouro fino mordente, porém entendo mais justo apresentar orçamento quando construído.

Se mais algum esclarecimento fôr necessário prestarei na volta do correio, ficando desde já muito grato pelas muito prezadas ordens.

De V<sup>a</sup> Rev. Muito Atentamente e Obrg./ Luís Filipe Fonseca

## Apêndice 15 – Reportagens sobre os Peditórios (1959)

Notícias de Famalicão, 31 de julho de 1959, p. 3.

### Vilarinho | *Obras da Igreja*

Estando a efectuar-se uma campanha, entre os paroquianos generosos e de boa vontade, para a recolha de donativos com o fim da continuação das obras da Nova Igreja, iniciaremos de hoje para o futuro a publicação das receitas que cada um contribuiu.

Como ainda não se fez essa campanha em todas as aldeias, de tal maneira que pudéssemos saber já quanto cada um dava, vamos publicando consoante terminarmos com os peditórios em cada aldeia. E assim temos o lugar do **MONTE**:

Abílio da Silva, 100\$; Amadeu Ferreira de Sousa, 75\$; António Miranda de Oliveira, 200\$; Bernardino Fernandes de Mesquita e Júlio Antunes Ribeiro, 1.000\$; Bernardino Martins da Silva, 200\$; Bernardino José de Oliveira, 500\$; Constantino Ferreira da Costa, 600\$; Henrique da Silva Cardoso, 50\$; Joaquim de Azevedo Ferreira, 50\$; Joaquim de Oliveira e Silva, 100\$; José Fernandes da Silva, 30\$; José Bernardino da Silva, 30\$; Jorge Delfim Baptista, 500; Lucinda de Oliveira e Silva, 50\$; Manuel Alves de Azevedo, 50\$; Angelina Fernandes Azevedo, 150\$; Manuel Fernandes de Azevedo, 50\$; Manuel Gonçalves de Castro, 300\$; Manuel Joaquim de Figueiredo, 50\$; Manuel Mesquita Domingues da Silva, 200\$; Manuel da Silva, 75\$; Maria da Conceição Pereira de Matos, 50\$; José da Silva Barbosa, 150\$; Olívia da Silva Araújo Campos, 50\$ e Américo de Oliveira e Silva, 20\$.

Total 4 230\$00. A todos o nosso muito obrigado.

Notícias de Famalicão, 07 de agosto de 1959, p. 2.

### Vilarinho | *Continuação da campanha a favor das obras da Igreja*

#### Lugar da Igreja

Padre Joaquim Alcino de Azevedo, 500\$; António de Araújo e Silva, 150\$; Alberto Correia de Campos, 50\$; António Ferreira do Couto Veloso, 1 000\$; António Gomes Ferreira da Silva, 250\$; António Moreira dos Santos, 1 000\$; António Gomes (Paradas), 50\$; António Joaquim Meira, 50\$; Armindo Gomes Ribeiro, 300\$; Delfim Baptista, 150\$;

Delfim da Costa Machado, 1.500\$; Elísio da Costa Martins, 500\$; Alfredo da Silva Cardoso, 50\$; Joaquim Alves de Azevedo, 500\$; Joaquim Raimundo da Silva Martins, 100\$; José Alves de Azevedo, 300\$; José António da Silva, 500\$; José Ribeiro da Costa, 500\$; Manuel da Costa Pereira, 1.000\$; Manuel da Silva Martins, 1 000\$; Joana de Jesus e Silva, 1.000\$

Total 10 450\$00.

Além deste total, há a senhora, Rosalina Alves de Azevedo, que custeava a despesa da Tribuna, sendo o seu custo muito elevado.

### **Lugar da Pena**

Abílio de Oliveira Meneses, 50\$; António Alves de Azevedo, 300\$; Celestino Veloso (promessa), 1 050\$; Henrique Ferreira Barbosa, 50\$; Joaquim de Azevedo Ferreira, 100\$; Joaquim Ruas da Costa, 150\$; Joaquim de Sousa Meira, 250\$; José Alves de Azevedo, 300\$; José da Silva Cardoso, 100\$; Luís Alfredo Gonçalves Macedo, 50\$; Manuel Gomes da Costa Fernandes, 50\$; Manuel Lopes de Oliveira, 100\$; Manuel da Silva Lages, 40\$.

Total 2.590\$00

Transporte da última publicação 4.230\$00.

10.090\$00.

Total recebido até hoje 16.910\$00.

Continuamos a agradecer a maneira tão gentil como todos nos têm recebido e fazemos votos para que essa gentileza não acabe, a fim de chegarmos ao fim profundamente reconhecidos.

*Notícias de Famalicão, 14 de agosto de 1959, p. 3.*

Vilarinho | *Continuação da campanha a favor das obras da Igreja*

### **Lugar de Barranhas**

Abílio Antunes Ribeiro, apenas 200\$; Abílio Domingues da Silva, 300\$; António da Costa Martins, 1.000\$; António Dias da Silva, 50\$; Eduardo da Costa, 1.000\$; Fernando

Mesquita, 500\$; Florinda Joaquina Lopes, 300\$; Gabriel da Costa Fontes, 100\$; Ilídio da Costa Martins, 500\$; Joaquim Moreira dos Santos, 500\$; José Joaquim Macedo da Silva, 200\$; Manuel Moreira da Costa, 100\$; Secundino Francisco da Silva, 500\$; Joaquim da Costa Martins, 250\$; José da Silva Martins, 200\$; Amadeu da Costa e Silva, 150\$; Manuel Moreira dos Santos, 600\$.

Total 6.650\$00.

### **Lugar de Barrinho**

Adelaide de Sá Costa, 50\$; Agostinho Moreira da Costa, 300\$; Amadeu da Silva Martins, 1.000\$; António de Sá e Silva, 500\$; Augusto Veloso de Araújo, 400\$; Cristino Domingues dos Santos, 300\$; Cristino José Ferreira e Manuel da Costa Ferreira, 1.000\$; Custódio da Silva Pires, 50\$; Henrique Fernandes Mesquita e Silva, 500\$; Horácio dos Santos Silva, 250\$; Jaime dos Santos Costa, 150\$; Joaquim de Araújo Costa, 100\$; Joaquim Fernandes Mesquita e Silva, 200\$; Manuel da Costa Pereira, 300\$; Maria Rosa Ribeiro, 500\$; Manuel Mesquita Martins, 100\$; Zeferino Alves de Azevedo, 300\$; Reinaldo da Silva Martins, 200\$

Total 6.900\$00.

### **Lugar do Outeiro – «Non habet pecunia»**

#### **Lugar de Felgueiras**

Camilo de Oliveira e Silva, 200\$; Joaquim da Costa e Silva, 300\$; Maria Emília Moreira, 100\$.

#### **Lugar da Cumieira**

Armindo dos Santos Azevedo, 50\$; Constantino Machado de Azevedo, 50\$; Domingos de Oliveira e Silva, 100\$; Manuel da Cruz Reis, 200\$; Joaquim Ruas da Costa (Castanhal), 150\$.

Total 550\$00.

**Lugar de Espido**

António Fernandes, 150\$; António Moreira dos Santos, 1.000\$; Blandina da Costa e Silva, 100\$; Hilário Gomes Martins, 50\$; Manuel Fernandes da Costa e Silva, 30\$; Teresa Ferreira Veloso, 100\$

Total 1.430\$00.

**Lugar do Pombarinho**

Maria da Glória Marques Campos, 20\$; Artur Cardoso, 50\$; Bernardino Santos Costa, 400\$; Joaquim Correia da Silva e sua filha Luzia, 50\$; José Pereira de Campos, 100\$; Manuel Correia da Silva, 100\$; Zeferino Correia da Silva, 50\$; João Moreira da Costa, 500\$; António Ferreira de Campos, 40\$;

Total 1.260\$00.

Total das últimas publicações 16.910\$00.

17.390\$00.

Rendimento total colhido na subscrição feita por toda a freguesia, exceptuando os mais abastados que não deram 37 300\$00.

## Apêndice 16 – Reportagens sobre a Inauguração da Igreja (1963)

Notícias de Famalicão, 02 de agosto de 1963, pp. 1 e 4.

### A Igreja Nova de Vilarinho será inaugurada no dia 11 do corrente

Num rápido relance pela história da nossa freguesia, ficaremos cientes daquilo que muitos dos naturais nunca conheceram nem viriam a conhecer se não houvesse quem se entregasse à labuta de compilar um mínimo de apontamentos, embora fragmentados, mas que constituem uma curiosidade e despertam um vivo interesse em todos quantos se presam de conhecer e saber aquilo que foi, é e será este pequeno aglomerado populacional que é VILARINHO DAS CAMBAS. E então, orientado pelo mais acrisolado amor à terra que me serviu de berço e a deixar expandir o entusiasmo que vibra dum coração que de velho se faz jovem, eis-me a descrever realidades que outrora outros experimentaram e nós, presentes, recontinuamos.

A palavra VILARINHO é formada de Vilar... Vilar pequeno; fracção de Vilar (sentido territorial – agrário antigo), De Vilar e o sufixo inho diminutivo. Tem como Orago S. Salvador. A Toponímia desta paróquia prova que o povoamento nela é, não só anterior ao século XII, mas de épocas pré-históricas, como se vê do topónimo (*sic*) Pedra d'Anta, com o termo «Anta» alusivo a uma edificação de tipo dolmético, pelo menos. Também Pena poderá ter interesse arqueológico (*sic*), embora menos crível; no século X-XII ainda era o nome dado a fortificações, às vezes moradas, alicerçadas na rocha ou «Pena». O elemento Cambas do topónimo principal não existia inicialmente, pois era simplesmente Vilarinho até ao século XVII – ou XVIII. Além dos topónimos acima referido, a toponímia pouco interesse histórico e até linguístico oferece: - Assim, Barranhas e Barrinho, de sentido geológico, derivam de Barro. Espido, que deve ser desnasalação de Spindo, de um termo romanção espinhosa; do latim, spinitu, talvez seja possível recuar ao próprio étimo, aludindo à vegetação espinhosa que cobria o local na

época remota da colonização. Felgueiras, derivado de felga, do latim fílica, assim veio dar o nome Felgueiras semelhante ao Espido. Igreja é substituição do antigo e próprio Vilarinho, hoje denominação geral por fenómeno comum. Parada, que significa um local ou propriedade sujeita ao tributo medieval, especialmente eclesiástico (*sic*), da «parada» ou «jantar» de acordo com as possessões de «ordens» - mosteiros e igrejas no século XII-XIV, na paróquia.

Esta freguesia era abadia da mitra em 1706 e rendia 120 mil réis; pertencia então ao Julgado de Vermoim, comarca e ouvidoria de Barcelos. Em 1768, chamava-se Vilarinho de Cambas e era abadia da apresentação da mitra; contava 52 fogos e recebia 300 mill réis; O censo de 1878 deu-lhe 77 fogos e 317 habitantes, lista da Estação dos Caminhos de Ferro 4 quilómetros, 5 de V. N. de Famalicão, 5 para a margem direita e esquerda dos rios Ave e Este respectivamente N. e S.E., 18 de Vila do Conde, 26 de Braga, 37 do Porto e 374 de Lisboa.

É constituída pelas seguintes aldeias: Vilarinho das Cambas, sede da paróquia, Igreja, Monte, Nasce-Água, Padrão, Eiras, Eirado, Vigia, Casermo, Barranhas, Paço, Chãos, Venda, Cruz, Espido, Santo, Cancela, Outeiro, Outeirinho, Bouça, Barrinho, Lagoas, Pena, Vessadinha, Parada, Pedra d'Anta, Pombarinho, Souto e Lameiro. Produções dominantes: Milho, Vinho Verde e madeira de pinho.

As festas principais são as de S. João a 24 de Junho e Nossa Senhora da Paz no dia da Assunção. Foi muito importante nesta freguesia a Indústria da engorda de bois para a Inglaterra; mais tarde vendia o seu bom vinho a alto preço para a França, nomeadamente para Bordéus.

*Notícias de Famalicão, 09 de agosto de 1963, p. 3.*

## Memórias de Vilarinho

*(continuação do número anterior)*

É muito antiga esta paróquia como o provam, além da toponímia a que já nos referimos, as sepulturas e ossadas aparecidas no Campo da Junqueira que pertenceu à Quinta do

Outeiro. Diz a tradição que houve um convento antiquíssimo de frades bentos, que o abandonaram e se transferiram para o de

S. Simão da Junqueira, próximo de Vila do Conde. Era o dito Campo foreiro ao mencionado convento pelo que em 1834, sendo extintas as ordens religiosas, passou aquele foro para a Fazenda Nacional, e em 2 de Outubro de 1857 o Governo o pôs em hasta pública e o comprou pela quantia de 68 mil réis António Fernandes Ilhão, dono da mencionada Quinta do Outeiro. Diz-se que o convento beneditino depois Cruzio de S. Simão da Junqueira, foi primitivamente fundando no dito campo, mas nem a Beneditina Lusitana, nem a crónica dos cónegos Regrantes dizem coisa alguma a tal respeito. Existem jazigos de ferro e carvão nesta paróquia como o demonstram as águas ferruginosas em terreno em partes muito escuro e noutras avermelhado que brotam do solo.

Por decreto de 31 de Agosto de 1878, foram reconhecidos como proprietários legais de uma mina de ferro, sita na aldeia de Espido, Sebastião Maria dos Santos, Francisco José de Oliveira, João Gomes Ferreira e o Padre António da Silva Ferreira, mas não chegaram a dar início à exploração.

Teve na antiguidade vários abades, que se distinguiram no ensino na cidade do Porto e nas casas feudais. O primeiro pároco foi Manuel Dias em 1542; até 1590 – Francisco Soares, que foi também cónego da Sé do Porto; até 1612 – P.<sup>e</sup> Estêvão da Costa; até 1648 – P.<sup>e</sup> Gaspar de Figueiredo; até 1685 – P.<sup>e</sup> Joaquim de Sá; até 1714 – P.<sup>e</sup> Luís de Sá; até 1736 – P.<sup>e</sup> Manuel Ferreira da Cruz; Até 1776 – P.<sup>e</sup> José Ferreira da Costa; até 1813 – P.<sup>e</sup> Inácio Ribeiro de Queirós; até 1845 – P.<sup>e</sup> Pedro Inácio da Costa, este como visitador; até 1850 – P.<sup>e</sup> Joaquim Pereira Carneiro; até 1852 – até P.<sup>e</sup> António José de Carvalho e P.<sup>e</sup> Joaquim Alves da Silva.

E, finalmente, seguiu-se um período em que paroquiaram a freguesia vários párocos, em espaços de tempo, para alguns muito limitados, como:

P.<sup>e</sup> Francisco Pereira Castinho; P.<sup>e</sup> José de Sá Felgueiras Abreu; este deu-se ao trabalho de fomentar em todos os paroquianos a ideia de se dar início à igreja, mas bem depressa tudo se apagou no subconsciente do povo o qual receava a dificuldade financeira; P.<sup>e</sup> Firmino dos Santos; P.<sup>e</sup> Manuel da Costa Carneiro; P.<sup>e</sup> Zeferino José de Sampaio; P.<sup>e</sup>

António da Silva Leitão; P.<sup>e</sup> João Augusto da Silva; P.<sup>e</sup> Augusto Ferreira Veloso e P.<sup>e</sup> Joaquim Alcino de Azevedo que é o actual.

Notícias de Famalicão, 09 de agosto de 1963, pp.1 e 4.

## A NOVA IGREJA DE VILARINHO

será benzida e inaugurada

no próximo domingo

PELO SR. BISPO AUXILIAR

Por toda a parte se verificam inaugurações das mais variadas e de maior ou menor projecção no campo social, económico e intelectual (*sic*). Assim, são inaugurações de escolas, onde a humanidade aprende as primeiras letras e se prepara para a vida; são inaugurações de estradas e de ponde, que servem de elo de comunicação entre os povos; são inaugurações de hospitais, apetrechados com as mais perfeitas aparelhagens, em ordem a prolongarem a existência dos internados; são as inaugurações das casas do povo, onde o mesmo se pode recrear e cultivar, além dos benefícios assistenciais, para os menos protegidos da sorte; são inaugurações de centro paroquiais, onde se pretende atingir o homem em toda a sua actividade, orientando o mesmo para o seu destino eterno, formando-o natural e sobrenaturalmente; são as inaugurações de Câmaras, Palácios de Justiça e seu correlativos, Bairros económicos, todas elas a realçar o bem geral e social. A Inauguração, porém, de uma Igreja reveste de um significado particular, visto exceder as demais finalidades, ou seja, um fim espiritual, não só da freguesia, mas também de toda a sociedade. É que uma Igreja é a casa de Deus, na Terra, onde está corporalmente presente, para receber as homenagens das Suas criaturas; para confortar todos os que necessitam de auxílio e de alívio nas horas difíceis da vida; para alimentar a todos os famintos, e somos todos, que peregrinam pelo mundo em demanda da eternidade feliz. Assim encontramos, resumidamente, a importância de uma Inauguração de Igreja. Ali nos fazemos cristãos,

filhos dilectos de Deus, herdeiros do Céu. Entramos para a família de Deus. Na Igreja nos fazemos soldados corajosos de Cristo, recebendo a necessária fortaleza para as investidas dos inimigos, que nos seduzem e perdem. Aí, encontraremos alguém, que, em nome do Senhor, nos restituirá a paz de consciência. A Igreja é o local, ou pedacinho do Céu, na terra, onde se selam os destinos mais santos e a entrega mais sublime dos nossos corações respectivamente, nos sacramentos do Matrimónio e da Ordem. Ali onde se houve a falar mais intensamente da santa Doutrina que nos dá paz de consciência e nos possibilita de vivermos mais cristãmente com o próximo. É nesse edifício, diferente dos demais, que as almas se vão refrescar para o prosseguimento da luta, contra todos os inimigos da verdadeira felicidade, sempre acesa e terrível de dominar. É, realmente, a Inauguração de uma igreja acontecimento notável, sòmente repetível de séculos a séculos. Razão, por isso, há para ser um acontecimento extraordinário e de uma repercussão, não só paroquial mas até nacional, pelo bem que daí advém. É esse acontecimento que se vai realizar no próximo dia 11 de Agosto na pequena freguesia de Vilarinho das Cambas, pequena me população mas grande nas suas obras.

Foi em Setembro de 1958 que o actual pároco de Vilarinho, Rev. Padre Alcino Azevedo, tomou posse na freguesia e herdou, entre outras, a pesada missão de continuar as obras da nova igreja paralisadas há dois anos por várias circunstâncias não sendo alheia o falecimento dum dos mais entusiastes, sr. Zeferino Ferreira do Couto Veloso.

Era necessário, porém, continuar a obra que ficaria na história desta freguesia tal qual como a que hora demolida que contava cerca de 300 anos.

A semente foi lançada e apareceram as primeiras dádivas sendo de destacar a oferta do altar-mor pela sr.a D. Rosalina de Barros, que entusiasmou e inflamou de tal forma que outras se seguiram.

A primeira fase compreendia a construção do corpo da igreja e sua cobertura, as paredes da capela-mor e a torre, e foi realizada de 1954 a 1958 sendo pároco o Rev. Padre Augusto Veloso.

Congregaram-se novas vontades, fizeram-se novos estudos e orçamentos e a segunda fase iniciou-se, começando por cobrir a capela-mor. Construíram-se depois as sacristias e um pequeno salão em toda a extensão das mesmas, transferindo o culto para a capela-mor deu-se início à colocação do tecto da igreja e revestimento das suas paredes.

A última fase foi o revestimento externo das paredes e a reconstrução das cúpulas da torre em virtude de terem sido destruídas por descargas eléctricas.

Novas ofertas surgiram para os altares laterais algumas das quais de paroquianos chegados do estrangeiro.

Além as ofertas dos srs. Fernando Mesquita e Fernando da Costa e Silva há a registar a oferta dum paroquiano ausente na Venezuela, o sr. Martinho Ferreira da Silva e esposa D. Júlia de Azevedo, que contribuiu com oito mil escudos para o sacrário e sempre apoiou as iniciativas do progresso desta freguesia.

Outros ausentes se subscreveram com mil escudos numa afirmação de presença.

Os altares laterais foram oferecidos pelos srs. Fernando Mesquita, António da Costa Martins e D. Maria Emília Costa Reis, viúva de Zeferino Ferreira do Couto Veloso e outras pessoas que desejam ficar no anonimato.

Não se podem esquecer, nesta hora de louvores, todos aqueles que foram os braços direitos dos párocos para se atingir a finalidade ambicionada. São eles: Delfim da Costa Machado, Elísio da Costa Martins, Amadeu da Silva Martins, Armindo Antunes Ribeiro, Augusto Veloso de Araújo, Bernardino Fernandes Mesquita, Bernardino Santos Costa, António da Costa Martins, Ilídio da Costa Martins, João Moreira da Costa, Joaquim de Sousa Meira, José Alves de Azevedo, Manuel da Costa Pereira, Manuel Gonçalves de Castro, Manuel da Silva Martins e Secundino Francisco da Silva.

#### *Os párocos de Vilarinho que lançaram a nova igreja*

Se a nova igreja de Vilarinho se deve ao esforço de todos os paroquianos, presentes e ausentes, e a outras pessoas estranhas à freguesia sem dúvida alguma que os principais obreiros foram os Rev. Padres Augusto Veloso e Alcino Azevedo.

Foi em 1954 que o Rev. Padre Augusto Veloso lançou a ideia da nova igreja e a demolição da antiga principiou pouco tempo depois, iniciando-se então a construção da actual.

Mas em 1958 foi nomeado pároco de S. Tiago d'Antas sendo substituído pelo actual pároco Rev. Alcino Azevedo que continuou a obra e teve a felicidade de a ver completada. A eles, pois, se deve todo o entusiasmo e dedicação que souberam imprimir a esta grandiosa realização de Vilarinho.

*Notícias de Famalicão, 16 de agosto de 1963, pp.1 e 4.*

## VILARINHO em dia de glória

São estas as primeiras palavras que afloram aos nossos lábios e aos de todos os que se deslocaram a esta sertaneja freguesia no último domingo.

É que o acontecimento a realizar era dos que ficam sempre a marcar uma data histórica em qualquer paróquia.

Nada mais, nada menos, ia ser solenemente benzida a nova igreja, edifício totalmente construído com os donativos e esmolas de particulares, de quase todos, e de alguns amigos desta paróquia. Neste sentido não podemos esquecer os donativos dos bons vizinhos Ribeirenses avaliados em mais de cinco mil escudos e da também vizinha freguesia de Calendário.

Assim esta paróquia de Vilarinho viveu o dia maior da sua história.

Escusado será esclarecer que o programa foi inteiramente cumprido. Depois de atravessarmos os arruamentos bem ornamentos, com simplicidade mas com requintes de bom gosto, fomos caminhando para o local da concentração a fim de assistirmos à recepção ao sr. Bispo Auxiliar que se fazia acompanhar do sr. Arcipreste e de seu secretário particular.

Aí recebemos os cumprimentos dos srs. Presidente da Câmara, Amadeu Mesquita, Jorge Reis, grande benfeitores (*sic*) da nova igreja, pároco da freguesia e demais clero, tendo o sr. Celestino da Costa Santos dirigido uma saudação a Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> em nome de quase todos os habitantes desta paróquia.

Duas crianças, vestidas de branco, ofereceram um Ramalhete Espiritual e um lindo ramo de cravos.

Organizou-se então a procissão até junto da porta principal da nova igreja a qual se encontrava fechada e onde Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> se paramentou para presidir à cerimónia litúrgica.

A fita da inauguração foi cortada pelo sr. Presidente da Câmara e após o primeiro cerimonial abriram-se as portas da nova igreja.

À direita da entrada liam-se as seguintes palavras gravadas em letras douradas numa lápide de mármore: «Inaugurada em 11-8-63 por D. Francisco Maria da Silva, Bispo Auxiliar do sr. Arcebispo primaz de Braga».

Dentro do novo templo prosseguiram as cerimónias tendo então o pároco, acolitado pelos párocos de Fradelos e Parada celebrado a Santa Missa, sendo cerimoniário o Rev. Cónego Rodrigues de Azevedo e turiferário o pároco de Cabeçudos.

Foi depois administrado o Santo Crisma a cerca de 200 crianças e alguns adultos e feito o interrogatório da doutrina cristã respondendo todas, muitíssimo bem, às perguntas do sr. Bispo, Arcipreste e pároco.

Finalmente seguiu-se o cântico do «Te Deum», executado pelo grupo coral sob a regência do Rev. Padre Augusto Veloso, pároco antecessor do actual, terminando todas as cerimónias pela bênção do Santíssimo Sacramento.

No copo de água servido a todos os convidados foram proferidas algumas afirmações muito oportunas.

Falou em primeiro lugar a Rev. Padre Augusto Veloso, antecessor do actual pároco e que historiou todas as primeiras diligências para que esta nova igreja se iniciasse recordando a generosa dádiva de cinquenta mil escudos do casal António Barros de Faria e sua esposa D. Rosalina Azevedo.

Fez algumas referências elogiosas ao sr. Presidente da Câmara vendo nele a pessoa compreensível e justa do falecido presidente, sr. Álvaro Marques.

Seguiu-se o actual pároco, Rev. Padre Joaquim Alcino de Azevedo, que em palavras muito sinceras saudou os srs. Bispo Auxiliar, Presidente da Câmara, Amadeu Mesquita,

Jorge Reis e Arcipreste, expondo algumas das necessidades mais prementes da freguesia, e agradecendo ao sr. Presidente da Câmara o inapreciável benefício da electrificação. Por último referiu-se à grande benfeitora, sra. D. Rosalina de Azevedo (Barros) pelo seu extraordinário contributo de 130 mil escudos para a nova igreja, ao Rev. Padre Augusto Veloso, iniciador desta obra e a todos os benfeitores agradecendo todas as generosidades.

Em nome da Comissão usou da palavra o sr. Celestino Costa Santos para agradecer a presença de tão distintos convidados.

O sr. Eng. José Pinto de Oliveira, presidente da Câmara, agradeceu as referências feitas à sua pessoa e prometeu todo o auxílio possível dentro das actuais circunstâncias.

Finalmente o sr. D. Francisco Maria da Silva endereçou os seus parabéns aos dois párocos, à sr.<sup>ª</sup> D. Rosalina Azevedo pela sua grande generosidade, agradecendo ainda ao sr. Presidente da Câmara as amáveis referências que lhe fizera.

E assim terminou um dia de glória em Vilarinho que para sempre ficará registado nos anais da freguesia.

## **Apêndice 17 – Documento Paroquial sobre os Sinos**

### *Vilarinho*

Foi no passado dia 21 de Abril que as forças vivas desta freguesia procederam à Inauguração de mais um melhoramento, e este de grande alcance e utilidade pública: um Relógio Carrilhão-Electrónico com a música do “Avé de Fátima”. Usou da palavra do Pároco da freguesia que teve o ensejo de manifestar a sua gratidão a todos quantos contribuíram e irão contribuir com as suas dádivas para o pagamento total deste inapreciável melhoramento. Disse: é com imensa satisfação e indescritível alegria que hoje e nesta histórica hora que vos dirijo a palavra, a propósito da Inauguração de mais um melhoramento de interesse social e espiritual. Faço-o por um imperioso de justiça e de gratidão. Sim, porque nesta freguesia não se sabe parar nos loiros conquistados. Ainda há poucos anos se concluiu a construção da nossa Nova Igreja, cuja Inauguração se realizou no dia 11 de mês de Agosto do ano de 1963 e, jamais se parou na consecução de melhoramentos, embora de pouco vulto, e na renovação e aquisição de paramentos e de tudo quanto se tornava necessário para o brilhantismo da vida litúrgica, que, não é outra coisa senão, a vida da Igreja. Basta citar para amostra, e por ser mais recente, a oferta de seis contos e tal da grande benemérita desta freguesia, embora não seja natural desta, salienta-se, para um conjunto de jarras, castiças e automáticas, estante grande e pequena em metal dourado e quatro vasos dourados. Tudo oferta da Snr.<sup>a</sup> Rosalina Barros que nunca será demais enaltecer o seu espírito compreensivo e generoso em favor de tudo quando estiver relacionado com a Igreja. Em todas as freguesias, e também nesta, há pessoas generosas e desapegadas dos bens deste mundo e que procuram amealhar no Banco do Céu, onde não entra a ferrugem e nem há desvio pelos ladrões.

Assim nesta hora de euforia pretendo lembrar e enaltecer o brio e a compreensão daqueles paroquianos que têm correspondido ao apelo para os melhoramentos desejados. Tenho para mim que um homem que preza esse nome deve tender sempre para o progresso, deve desejar sempre mais e melhor, porque para isso e que Deus dotou-o com uma inteligência. Quando não há progresso não há vida, é sinal de morte.

Seguindo este princípio esta freguesia não quer dar sinais de morte, esforçando-se por conseguir aquilo que mais lhe falta faz. Algo faltava na nossa Igreja. Dava a impressão que estava por acabar. Lá estava o local do mostrador à espera do mesmo. Chegou, contudo, a hora e a altura de se concretizar a ideia, de tornar realidade o sonho de tantos briosos vilarinhenses, encontrando-os na disposição de fazer mais um sacrifício em prol de bem comum e próprio. Organizadas as comissões saíram para o terreiro em busca de apoio e de donativos para a concretização de mais este extraordinário melhoramento. E assim devido à generosidade de alguns ricos, com o sacrifício dos remediados e com o necessário dos pobres podemos hoje e nesta hora saborear a felicidade de inaugurarmos oficial e familiarmente este benefício de extraordinário alcance social e religioso. Ficaré a recordar a todos os vindouros, pobres e ricos, a grandes e a pequenos, a generosidade dos actuais habitantes desta freguesia. Fica também a indicar a todos, que, na vida, tem de haver horas para tudo. Mais. Relembra todos que é necessário chegar a tempo e horas não só aos locais de trabalho mas mormente aos actos religiosos a realizar na casa do Senhor, que é, como sabem, a Igreja Paroquial.

Fica a assinalar também o nosso amor a Deus apresentado por intermédio da Santíssima Virgem que desceu do Céu à Cova da Iria, ficando a comemorar data tão grata para o coração dos portugueses. Eis o que significa o cântico mavioso do “A 13 e Maio”, cuja música o Relógio Carrilhão-Electrónico executa em cada hora do dia. Ficaré a apontar a todos o nulo valor das coisas terrenas, em comparação com as celestes, quando não forem usadas para a glória de Deus. Ficaré a lembrar a brevidade da vida de cada um, pois assim como aos minutos se sucedem as horas e as estas os dias, assim também nós havemos de partir à vez, uns após os outros, deste vale de lágrimas para a viagem eterna, a fim de receber a felicidade plena que Deus reserva a todos os lutadores, e só a estes, das boas e santas causas.

A última, e que devia ser a primeira, palavra será para expressar publicamente a todos quantos contribuíram e irão contribuir para a aquisição e pagamento total deste melhoramento. Aos ausentes uma recordação muito especial de profunda gratidão por mais uma vez responderem à chamada e ao apelo feito pela Comissão Pró-Relógio, e que embora longe e distantes da terra que lhes deu berço, não a esqueceram. À própria

firma fornecedora “Serafim Jerónimo”, de Braga, o nosso reconhecimento sincero pelo carinho e esforço feito em ordem de nos servir bem e, estou certo, que ainda irão melhorar mais dentro das possibilidades humanas. Finalmente, à Comissão que meteu ombros a este importante empreendimento um abraço muito sentido de agradecimento e de eterna gratidão. Não esmoreçam nos vossos esforços para tornar Vilarinho maior e porque também novos melhoramentos aguardam o vosso trabalho e influência. Que Deus vos proteja e abençoe (*sic*) as vossas canseiras.

### *Vilarinho (para a outra semana)*

Vilarinho agradecido. Desde o dia 20 de Maio passado esta freguesia passou a beneficiar da distribuição domiciliária do C.T.T. Já há tanto tempo se ansiava por este benefício uma vez que se encontra bastante pessoal ausente da terra e, naturalmente, a correspondência aumentou consideravelmente. Assim queremos em nomes do pessoal e em nome das pessoas gratas da freguesia endereçam, destas colunas, um sentido agradecimento a quem de direito. Não queremos nesta hora esquecer o alto sentido de bem servir ao Ex.mo Snr. Nelson, Chefe do C.T.T de Famalicão, que desde a primeira hora manifestou interesse especial em ser útil e verificar que era apenas uma justiça em atender esta freguesia na distribuição ao domicílio. Ao nosso conterrâneo Celestino C. Santos, operador dos C.T.T., uma especial referência pela ajuda prestada na consecução deste benefício. Doravante, sem trabalho e sem preocupações aparecerá nas nossas casas a correspondência de cada um, podendo-se fazer registos, adquirir selos e tudo mais relacionado com o correio, sem haver necessidade de nos deslocar-nos a sede, para cima de 4 Kms, para fazer tal trabalho. A todos quantos deram a sua quota em ordem à consecução deste benefício mais uma vez a nossa sentida gratidão.

## **Apêndice 18 – Parecer do Pároco relativamente à Classificação da Igreja**

Ex.mo Senhor Engenheiro António Pinheiro Braga, Presidente da Comissão  
Administrativa da Câmara de V. N. de Famalicão

Respeitosos cumprimentos. Há dias passei uma vista de olhos pelo local onde se colocam os editais de interesse público e, observei um que continha o seguinte:

«Faz público que, de harmonia com o disposto no n.º 2 do art.º 3.º e do Decreto-Lei n.º 181/70, de 28 de Abril, por despacho ministerial, proferido sobre a proposta da 4ª subsecção da 2.ª Secção da Junta Nacional da Educação foi determinada a classificação com valor concelho da Igreja de Vilarinho das Cambas, deste concelho. O referido imóvel abrangido por esta classificação fica sujeito às disposições legais em vigor do art.º 19 do Decreto n.º 46.349, de 22 de Maio de 1965 (corpo do artigo e número 1.º, 3.º e 4.º do seu § 1.º)».

Devo esclarecer V. Ex.cia que este Edital, como o seu conteúdo, me surpreendeu deveras, pois, nunca julguei que esta igreja fosse tão importante. No entanto, depois de ponderar resolvi esclarecer V. Ex.cia, visto estar convencido a ver em tudo isto um grande equívoco. É que a igreja existente é totalmente nova, construída a expensas, na sua totalidade, do Povo de Deus desta freguesia, construção ocorrida entre o ano de 1954 e 1963, data em que foi solenemente inaugurada a 11-8-. Apenas 3 casas não contribuíram, com nenhum donativo, para a construção da mesma Igreja o que leva a pensar é que, no meu modo de ver, não vejo nada de especial que justifique a dita Igreja a ser abrangida pelo citado decreto. A construção é mais rudimentar. Construção tradicional. Quanto ao valor artístico, histórico, arqueológico e paisagístico também não manifesta essas características. Daí a minha surpresa. Disse que deve haver um enorme equívoco. Porquê? É que, segundo informações dos paroquianos, anterior é que tinha uma tribuna e dois altares laterais de estilo Renascença e uma pintura dos mistérios, no tecto, do século 18. No entanto, tudo foi vendido para ajuda da construção da nova

igreja. Quando entrei nesta paróquia, em setembro de 1958, já a igreja se encontrava em construção, mais ou menos a meio, e por isso não sei como se processou a demolição da anterior. Contudo, ainda vivem pessoas dessa altura que poderão fornecer mais esclarecimentos se forem necessários. Por tudo isto que acabo de expôr, segundo o meu parecer, sujeito a correção, não me parece acertada a classificação que desejam atribuir “como valor concelhio”. Mais uma vez esclareço: nada justifica tal medida. Se persistirem ainda dúvidas é fazerem uma visita de análise e, com certeza, chegarão à mesma conclusão. Reiterando cumprimentos subscreve-se em nome da

Comissão Fabriqueira, o presidente

P.º Joaquim Alcino de Azevedo

Vilarinho das Cambas, 10 de Março de 1975

## **Apêndice 19 – Questionário-Tipo que serviu de base às entrevistas**

1. Qual é para si o episódio que destaca na história de Vilarinho?
2. Quais as histórias da nossa freguesia que lhe foram transmitidas?
3. Tem alguma informação em relação ao Mosteiro que possa ter existido no Campo da Junqueira?
4. Lembra-se da Antiga Igreja?
5. Como se procedeu à demolição e edificação da nossa Igreja?
6. Há algum pormenor que consiga destacar da Antiga Igreja? Tinha talha? Tinha imagens, azulejos, pinturas?
7. Lembra-se a quem foi vendida a talha da nossa Igreja?
8. Qual a sua opinião relativamente à demolição da antiga Igreja?
9. Sobre a existência de outras igrejas ou capelas na freguesia... Já ouviu falar sobre o assunto?
10. Para si que importância tem o Auto de São João?
11. Falar da história da nossa terra é falar de...